PLAYBOY

EDITORA ABRIL
Nº 41 DEZEMBRO 1978
Cr$ 40,00

Que festa de Natal!!!

AS 20 MELHORES MULHERES DO ANO
Entre elas:
BETTY FARIA, SÔNIA BRAGA E LENILDA "TE CONTEI?"

AS CHACRETES, TIRANDO A ROUPA PELA PRIMEIRA VEZ

A PANTERA FARRAH FAWCETT (AQUI NA CAPA E EM MAIS 5 PÁGINAS REVELADORAS)

JOHN TRAVOLTA, NUMA ENTREVISTA MUITO FRANCA: "COMO ME TORNEI UM SÍMBOLO SEXUAL"

UMA NOVA CIÊNCIA DEMONSTRA POR QUE DEVEMOS TRAIR AS MULHERES

AS DRAMÁTICAS AVENTURAS DOS TERRORISTAS MAIS FAMOSOS DO MUNDO

E AINDA: UMA CEIA DE NATAL DIFERENTE E UMA LISTA DE PRESENTES FORA DE SÉRIE

0584 - Manaus, Santarém, Boa Vista, Macapá, Aramiz, Caramuru, Porto Velho, Jiparaná e Rio Branco (via aérea) Cr$ 62,00 - Portugal ESC 70$00

VENDA PROIBIDA PARA MENORES DE 18 ANOS

Sanyo apresenta a nova concepção em áudio conjugado.

O potente Conjunto Musical Stereo Trisom Sanyo GXT 4545K.

O novo Trisom Sanyo combina tecnologia e bom gosto como você sempre desejou encontrar num conjunto musical de alto nível. Foi projetado para aumentar o prazer daqueles que fazem do som um acontecimento em sua vida.

O "design" exclusivo do novo Trisom segue as novas tendências criadas pela era espacial. Por trás do painel metalizado está uma perfeição técnica que faz do som, som, da sintonia, sintonia, da gravação, gravação e da reprodução, reprodução mesmo. Tudo se deve ao sistema "STK", que é a mais aperfeiçoada tecnologia eletrônica para circuitos integrados para áudio.

E mais: com sua nova concepção para conjuntos musicais 3-em-1, o novo Trisom atende a duas finalidades: satisfaz às exigências dos "experts" em matéria de som e empresta à decoração ambiente aquele desejável toque de atualidade.

É beleza, qualidade e perfeição num conjunto musical que você vai gostar de ouvir e de ver em sua sala.

SANYO

Produzido na Zona Franca de Manaus.

AM/FM/FM Stereo. 80 Watts (EIA) de potência. 110, 127 e 220 volts (AC, 60 Hz). Gravador cassette stereo. Toca-discos automático.

Insaite

PRA COMEÇO DE CONVERSA

Chegou a hora de escolher os seus presentes de Natal (é claro que estamos falando dos que você merece receber). Para ajudá-lo nessa agradável tarefa, providenciamos um tentador *show de presentes*. E iniciamos esta conversa de dezembro com uma sugestão: convide sua garota para dar uma olhada nesse show, dando a ela, assim, uma chance de fazer você ainda mais feliz . . .

Aliás, depois de ler as confissões de Papai Noel (pág. 54), "captadas" pelo humorista Carlos Eduardo Novaes, você verá que ter uma garota generosa é sempre muito melhor do que ser amigo do bom velhinho. Estamos tão convencidos disso que, ao passar os olhos pelos melhores momentos que tivemos nos últimos doze meses, as garotas são o que primeiro lembramos. E por isso nos reunimos nesta redação para eleger as *Melhores de 1978* entre todas as sedutoras garotas publicadas por PLAYBOY. Sônia Braga, Lenilda "Te Contei" Leonardi, Ann Pennington, Betty Faria e Debra Jo Fondren estão entre as eleitas — como não poderia deixar de ser. Idêntica perícia aplicamos para selecionar as mais bonitas e esculturais chacretes da equipe do Velho Guerreiro, que aqui estão bem mais *à vontade* do que na televisão.

Comandando suas chacretes, atirando bacalhau à platéia, buzinando os calouros e repetindo outras de suas divertidas — e bem-sucedidas — loucuras, Chacrinha também comparece a este número, num perfil de Roberto Manera e Fernando Pessoa Ferreira. Outro exemplo de sucesso, mais recente e muito mais milionário, é o de John Travolta. Como se fez e o que pretende fazer esse novo mito da juventude internacional é o que mostra — sem meias palavras — sua entrevista exclusiva a PLAYBOY (ela custou ao entrevistador, o jornalista *free-lancer* Judson Klinger, mais de dois meses de trabalho e várias viagens entre Nova York e Los Angeles).

Enquanto Travolta fatura prestígio e dólares entre os adolescentes, a "pantera" Farrah Fawcett-Majors — o mais resplandecente mito sexual da década de 70 — faz o mesmo em todas as faixas de idade. Neste número ela está na capa e em alguns de seus melhores momentos como atriz e como modelo (pág. 59).

Se o PLAYBOY dá a você o máximo em mulher, por que não haveria de lhe dar também o máximo em jornalismo e cultura? Duas respostas definitivas a essa pergunta estão neste número. Uma delas é o conto de Isaac Bashevis Singer, Prêmio Nobel de Literatura de 78. A obra desse escritor polonês naturalizado americano ainda é pouco conhecida no Brasil, mas, com a publicação de seu conto *Mendel, o Distraído,* PLAYBOY corrige esse lapso. Nossa outra resposta, na área do melhor jornalismo, é a reportagem *Ascensão e Queda do Baader-Meinhof,* que conta a história fantástica mas cruelmente verdadeira do grupo terrorista mais famoso do mundo. Seu autor, John Bradshaw, é editor da revista *Esquire* e colaborador de outras importantes publicações.

Agora, reúna as garotas e navegue por mares mais tranqüilos . . .

Foto/N.M.Passos

NOVAES

Todos a bordo, o saveiro vai partir. E não deixe de convidar, para essa aventura de sonho, alguém compreensiva como Gail, a garota do poster deste mês. Se isso provocar uma cena de ciúmes de sua namorada titular, este número de PLAYBOY lhe traz sólidos argumentos em sua defesa, baseado nas conclusões de uma nova ciência, a sociobiologia. Ela explica por que *sempre traímos e vamos continuar traindo.*

Foto/Abril Press

CHACRINHA

Foto/N.M.Passos

MANERA

Foto/Raoul R.Gatchalian

TRAVOLTA

Foto/Newsweek

SINGER

Foto/Lichfield

BRADSHAW

Foto/Hiroto Yoshioka

MATSUMOTO

Foto/Antonio Andrade

BARBOZA

Se você ainda pensa que viagens maravilhosas e outros desejos caros são pretensões muito grandes para suas possibilidades, anime-se, amigo! Leia o artigo do administrador de empresas Celso Luiz Barboza, *controller* financeiro de um grupo de companhias na Bahia. Ele tem aplicado com sucesso, em sua vida pessoal, aquilo que aconselha a você: *Organize seu dinheiro.* Outro especialista em dinheiro, Emílio K. Matsumoto, editor de Economia de *Veja,* comparece na seção Doce Vida, com um recado sobre cartões de crédito, mostrando o que deveria ser feito para que eles de fato facilitem a vida de quem os usa.

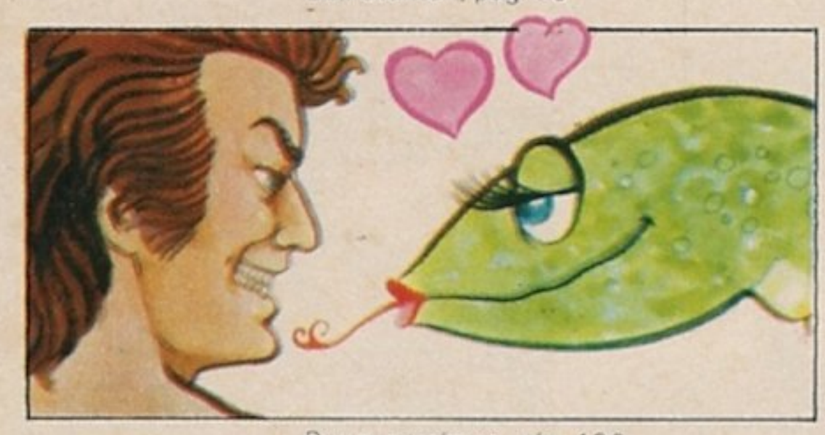
Foto/Playboy

MORRIS

Eis, portanto, o cardápio de nossa festa no mês das festas, enriquecido também com uma sugestão diferente e apetitosa para sua ceia de Natal. Bom apetite, boas festas, um excelente *réveillon.* E até janeiro.

CAPA: FARRAH FAWCETT-MAJORS
FOTO: CLAUDE MOUGIN

Gail Stanton, pág. 78



Por que traímos, pág. 120

"Acredite em mim", pág. 54

Um sonho de terror, pág. 108

Os saveiros vão partir, pág. 102

Ano IV - nº 41 Dezembro/78

PLAYBOY

Mulher

Farrah Fawcett-Majors 59
As melhores do ano 66
As confissões de Gail - **poster** 78
As chacretes 94

Playboy entrevista ..... JOHN TRAVOLTA 43

Ficção

"Acredite em mim, doutor" ..... CARLOS EDUARDO NOVAES 54
Mendel, o distraído ..... ISAAC BASHEVIS SINGER 64
Como guardar uma bela mulher - **lenda** 88

Perfil

Chacrinha ROBERTO MANERA E FERNANDO P. FERREIRA 90

Artigos

Organize seu dinheiro ..... CELSO LUIZ BARBOZA 74
Por que traímos as mulheres ..... SCOT MORRIS 120

Documento

Ascensão e queda do Baader-Meinhof ..... JON BRADSHAW 108

Serviço

O saveiro vai partir 102
Uma ceia de sonhos ..... EMANUEL GREENBERG 113
Um show de presentes ..... FERNANDO DE BARROS 115

Teste

O que você guardou de 68? 100

Doce Vida

Recado ..... EMÍLIO MATSUMOTO 29
Moda ..... FERNANDO DE BARROS 29
Comida ..... PANTA & GRUEL 30
Noite ..... DIONÍSIO MADRUGA 32
Viagem ..... LEN BERG 32
Esportes ..... OLÍMPIO FORTES 34
Cinema ..... RUBENS EWALD F.º 35
Música brasileira ..... TÁRIK DE SOUZA 37
Música internacional ..... EZEQUIEL NEVES 37
Leitura ..... GERALDO GALVÃO FERRAZ 39

Seções

Pra começo de conversa 3
Caro Playboy 7
Pontos de Vista 14
Assessoria 21
Bazar 24
Transas 159
As piadas do PLAYBOY 168

PLAYBOY É UMA PUBLICAÇÃO DA EDITORA ABRIL LTDA./GRUPO MASCULINO/REDAÇÃO, PUBLICIDADE, ADMINISTRAÇÃO E CORRESPONDÊNCIA: RUA DO CURTUME, 585, TEL.: 262-6222/CEP 05065 CAIXA POSTAL 2372, TELEX 011-23227, SÃO PAULO/ESCRITÓRIOS: BELÉM: R. XV DE NOVEMBRO, 226, SALA 1313, EDIFÍCIO CHAMIÉ, FONE 22-5507 BELO HORIZONTE: AV. ALVARES CABRAL, 908, TELS.: 337-0351 E 335-0163, TELEX 031-1085, TELEGRAMAS: ABRIL PRESS/BRASÍLIA: SCS PROJETADA, 6, EDIFÍCIO CENTRAL, 13.º ANDAR, SALAS 1 301/8, TELS.: 24-9150, TELEX: 061-1464, TELEGRAMAS: ABRIL PRESS/CURITIBA: R. FERNANDES DE BARROS, 491, TEL.: 62-8942, TELEX: 041-5278, TELEGRAMAS: ABRILPRESS/FLORIANÓPOLIS: R. FELIPE SCHMIDT, 51, EDIFÍCIO JACQUELINE N.º II, SALA 201, FONE: 22-8630/PORTO ALEGRE: R. VIEIRA DE CASTRO, 285, TELS.: 23-9502 E 23-9446, TELEX: 051-1092, TELEGRAMAS: ABRILPRESS/RECIFE: R. SIQUEIRA CAMPOS, 45, EDIFÍCIO LYGIA UCHOA MEDEIROS, CONJS. 24/5, TEL.: 24-4990, TELEX: 081-1184, TELEGRAMAS: ABRILPRESS/RIO DE JANEIRO: R. DO PASSEIO, 56, 6.º/11.º ANDARES, TELS: 244-2022, 244-2107 E 244-2152, CAIXA POSTAL 2372, TELEX: 021-22674/SALVADOR: R. ITABUNA, 304, PARQUE CRUZ AGUIAR, BAIRRO DO RIO VERMELHO, TEL.: 247-3999, TELEGRAMAS: ABRILPRESS/DISTRIBUIDOR NOS EUA: M&Z REPRESENTANTES, 112 FERRY STREET, NEWARK, N. J. 07105, TEL.: (201) 589-2794/PREÇO DO EXEMPLAR AVULSO: O CONSTANTE NA CAPA. NINGUÉM ESTÁ CREDENCIADO A ANGARIAR ASSINATURAS: SE FOR PROCURADO POR ALGUÉM, DENUNCIE-O ÀS AUTORIDADES LOCAIS/NÚMEROS ATRASADOS: AO PREÇO DA ÚLTIMA EDIÇÃO EM BANCA, POR INTERMÉDIO DE SEU JORNALEIRO OU NO DISTRIBUIDOR ABRIL DE SUA CIDADE. EM SÃO PAULO: AV. TIRADENTES, 1 391, TEL. 227-5636; RUA SÃO DOMINGOS, 212/214, S/LOJA, TELS. 37-1665 E 37-993; R. ANTONIO DE BARROS, 841, TEL. 296-8812; R. JOÃO PEREIRA, 197, TEL. 260-4460; R. CLODOMIRO AMAZONAS, 896, TEL. 543 4207; R. DOMINGOS DE MORAES, 1851, TEL. 71-3501; R. BARÃO DE CAMPINAS, 452, TEL. 221-1867; R. OIAPOQUE, 91/99, TEL. 92-1446; NO ABC: AV. INDUSTRIAL, 117 (SANTO ANDRÉ), TEL. 449-9411; NO RIO DE JANEIRO: R. SACADURA CABRAL, 141; PEDIDOS PELO CORREIO: CAIXA POSTAL 945, SÃO PAULO/TEMOS EM ESTOQUE SOMENTE AS ÚLTIMAS SEIS EDIÇÕES/TODOS OS DIREITOS RESERVADOS/IMPRESSA E DISTRIBUÍDA COM EXCLUSIVIDADE NO PAÍS PELA ABRIL S.A. CULTURAL E INDUSTRIAL, SÃO PAULO. **PLAYBOY** NÃO ADMITE PUBLICIDADE REDACIONAL/AS OPINIÕES DOS ARTIGOS ASSINADOS NÃO SÃO NECESSARIAMENTE AS ADOTADAS PELA REVISTA, PODENDO SER ATÉ CONTRÁRIAS ÀS MESMAS. REGISTRADA NA D.C.D.P. DO D. P. F. SOB O N.º 1439 – P. 209/73

© 1978 EDITORA ABRIL
© 1967, 1976, 1977, 1978 PLAYBOY AS TO MATERIAL PUBLISHED IN THE FEBRUARY 1967, NOVEMBER 1976, JANUARY 1977, JUNE, AUGUST, SEPTEMBER, NOVEMBER, DECEMBER 1978 ENGLISH ISSUES OF PLAYBOY.

IVC INSTITUTO VERIFICADOR DE CIRCULAÇÃO

Aprenda Fotografia e cinema Super-8

Cursos por correspondência Camera

Fotografia

Um curso extremamente dinâmico escrito por especialistas no assunto para você aprender os mais valiosos segredos da fotografia. Uma obra atual com numerosos testes e centenas de fotos e desenhos explicativos.

Os nossos professores analisarão pessoalmente as suas fotos e lhe darão todas as indicações necessárias.

E tudo sem sair de casa. Dois volumes impressos a cores e branco e preto que não podem faltar na sua bibliteca fotográfica.

Super-8

Este curso, único no Brasil, está escrito numa linguagem simples e agradável para que você aproveite ao máximo seu valioso equipamento de cinema. Você vai aprender todos os segredos de montagem, iluminação, focalização e zoon e os mais espetaculares truques cinematográficos. Sonorização e filmagem de títulos não serão mais nenhum mistério para você.

Um curso imprescindível para quem possue uma máquina de filmar. Grande ofèrta de lançamento.

INSCRIÇÕES: NA NOSSA SEDE—RUA AUREA, 65 VILA MARIANA — S. PAULO OU PELO CORREIO.
GRATIS: ESCREVA-NOS AINDA HOJE OU PREENCHA O CUPOM
ABAIXO E RECEBA GRATUITAMENTE UM FOLHETO INFORMATIVO DOS CURSOS CAMERA

CAMERA

Nikon School

CAMERA PHOTOAGENTUR
CAIXA POSTAL 22260 CEP 01000 - SÃO PAULO, SP

Desejo receber o folheto do curso.....por correspondência

Nome.....

Rua.....N.º.....

Cidade.....CEP.....

Estado.....

PB-1278

Sua vida merece um filme assim:

Uma mulher.

O frio, branco e imenso.

Um homem. O calor.

A saudade. Forte e urgente.

A lembrança dos bons momentos.

A espera.

Um nó na garganta.

O encontro.

O fogo.

House of Lords. Quando chega na sua vida é para ficar.

WILLIAM WHITELEY & CO. DISTILLERS PITLOCHRY. SCOTLAND.

ART PLAN

Editora Abril
Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Edgard de Silvio Faria, Richard Civita, Roberto Civita, Rubens Vaz da Costa

Diretor de Publicações Femininas: Thomaz Souto Corrêa

PLAYBOY

Hugh M. Hefner
Editor and Publisher
U.S. Edition

REDAÇÃO
Diretor: Mário Escobar de Andrade
Redator-chefe: Ruy Fernando Barboza
Chefe de reportagem: Wilson Palhares
Editores: Fernando de Barros, Fernando Pessoa Ferreira, Geraldo Galvão Ferraz
Secretário de Redação: Carlos Roberto da Costa
Repórteres: Fabiano Villanova, João Pedro Bara Filho, Maria Lucília Oliveira Santos, Cecília Ribeiro (produtora)
Assistente de Redação: Junko Yamanaka

ARTE
Chefe: Carlos Grassetti; **Chefe de paginação**: Lúcio Seiji Segawa; **Assistentes de Arte**: Mauro Massayuki Kawamura, Bernadete Durães

PRODUÇÃO
Secretário de Produção: Néio Lúcio C. Nobre; **Produtor de Texto**: José Glugoski

Ilustradores: Abrahão Lincoln Bacarat, Alberto Naddeo, Avelino Paiva, César Lobo, Dennis Magdish, Gilberto Miadaira, James McMullan, João Xavier de Campos, Julian Allen, Leroy Neiman, Nilton Ramalho, Suzanne Seed
Colaboram neste número: Alberto Naddeo, Edney Silvestre, Emílio K. Matsumoto, Ezequiel Neves, Len Berg, Luigi Mamprin, José Antônio Arantes, Marcelo Corção, Odillo Licetti, Ramón Mosquera López, Rubens Ewald Filho e Tárik de Souza

ESCRITÓRIOS REGIONAIS
Rio: Nélson Silva (chefe de redação); **Porto Alegre**: Luís Cláudio Cunha (chefe de redação); **Belo Horizonte**: Carlos Lindenberg S. Castro (chefe de redação); **Curitiba**: Hélio Teixeira (chefe de redação), Amilton Vieira (fotógrafo); **Recife**: José Maria Andrade (chefe de redação); **Salvador**: Carlos Libório (chefe de redação); **Correspondentes, Paris**: Pedro Cavalcanti, Pedro de Souza, **Bonn**: Carlos Struwe, **Londres**: Jader de Oliveira, **Washington**: Roberto Garcia, **Nova York**: Odillo Licetti, **Tel-Avive**: Alessandro Porro, **Genebra**: Claudius Ceccon, **Madri**: Eric Nepomuceno, **México**: Wladir Dupont, **Roma**: Marco Antonio de Rezende
Matérias internacionais: via Varig, Air France e Aerolineas Argentinas

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press: Judith Baroni (gerente) e **Nova York**: Odillo Licetti (gerente), 444 Madison Avenue, Room 2201 N.Y. 10022, telex Edabril 423-063, tel. (212) 688-0531 - **Paris**: Pedro de Souza, 33, Av. Champs Elysées, 2.º, Bureaux 213 Bis 214, Paris 75008, tel: 225-5865, telex: 660731, ABRIL PA, França/**Milão**: Lydia Strafurini, Via Setembrini 45, 20124 Milano, tel: 278-659, telex: 320070 LEOABR Itália/**Documentação**: Marilia S. J. França, Vicente Roig/**Laboratório Fotográfico**: Jussi Lehto (gerente)

DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE
Diretor: Leopoldo Amorim. **Supervisor**: João de Mattos Smith Jr. **Representantes**: Geraldo Negrão de Lima, Luiz Alberto S. Santos. **Coord.ª de Publicidade**: Sadako Sigematu

DEPARTAMENTO COMERCIAL
Gerente de Produto: Sylvian Mifano
Gerente de Promoções e Propaganda: Maria Luiza Volponi
ADMINISTRAÇÃO
Gerente: Aydano Roriz

ESCRITÓRIOS REGIONAIS
Belém, gerente: José M. Alves Fernandes; **Belo Horizonte, gerente**: Marisa T. Parreiras; **Brasília, gerente**: Luiz Edgard P. Tostes; **Porto Alegre, gerente**: Elcenho Engel; **Recife, gerente**: Edmundo Morais; **Rio, gerente**: Álvaro Ceciliano F.º; **Representantes**: Francisco Mattos; **Curitiba, gerente**: Aldo Schiochet; **Florianópolis, gerente**: Geraldo Nilson de Azevedo; **Salvador, gerente**: Juracy Costa; **Diretor de Publicidade e Escritórios Regionais**: Sebastião Martins

CENTRAL DE PUBLICIDADE
Diretor: Oswaldo de Almeida Filho; **Gerentes**: Emil Teixeira, Luiz Celso F. do Amaral
Representante: Norberto Cagnacci; **Assistente Comercial**: Luiz A. Madio Sanchez

Diretor Responsável: Edgard de Silvio Faria

CARO PLAYBOY

ESCREVA PARA CARO PLAYBOY
CAIXA POSTAL 2372, CEP 01390
SÃO PAULO, SP

O PRÊMIO DE JORNALISMO

Li nos jornais a notícia do Prêmio Telesp de Jornalismo, categoria Economia e Ecologia, para a reportagem *Por Onde Eles Passam . . . Não Nasce Grama,* do Wilson Palhares. Podem crer que me senti orgulhoso: sou leitor de PLAYBOY desde os tempos em que ela não tinha ainda assumido esse nome e, portanto, posso considerá-la a *minha* revista. Também me considero premiado. **Adherbal O. Siqueira,** Recife, PE.

Nossos sinceros parabéns ao Wilson Palhares e a equipe de PLAYBOY pelo merecido Prêmio Telesp de Jornalismo. **Paulo Machado de Carvalho Neto** — Diretor do Dep. de Rádio da Rádio Record, São Paulo, SP.

E AS CEARENSES?

Agora que vocês já nos ofereceram uma coleção de cariocas (divinas!), outra de gaúchas (magníficas!) e, finalmente em novembro último, de brasilienses (divinas, magníficas, etc., etc.), por que não nos brindam agora com uma amostra bem farta das garotas do Ceará? Ou vocês são daqueles que pensam que aqui só dá mesmo seca, ex-votos e jangadeiros? **Ari S. M. de Barros,** Fortaleza, CE.

Nunca pensamos assim, Ari. Aliás, já estamos de olho no Ceará.

NÍDIA DE PAULA

De todas as garotas maravilhosas que gostaria de rever nas páginas de PLAYBOY, nenhuma me deixou tanta saudade quanto Nídia de Paula (foi em setembro do ano passado, lembram? E ela estava toda molhadinha de espuma, aquela coisinha lindinha, fofinha, matreirinha, gostosinha). Voltarei a vê-la? **Jasão R. Macedo,** Rio de Janeiro, RJ.

Ei-la, Jasão. Fofinha, lindinha e todos os demais "inhas" que você queira lhe dar.

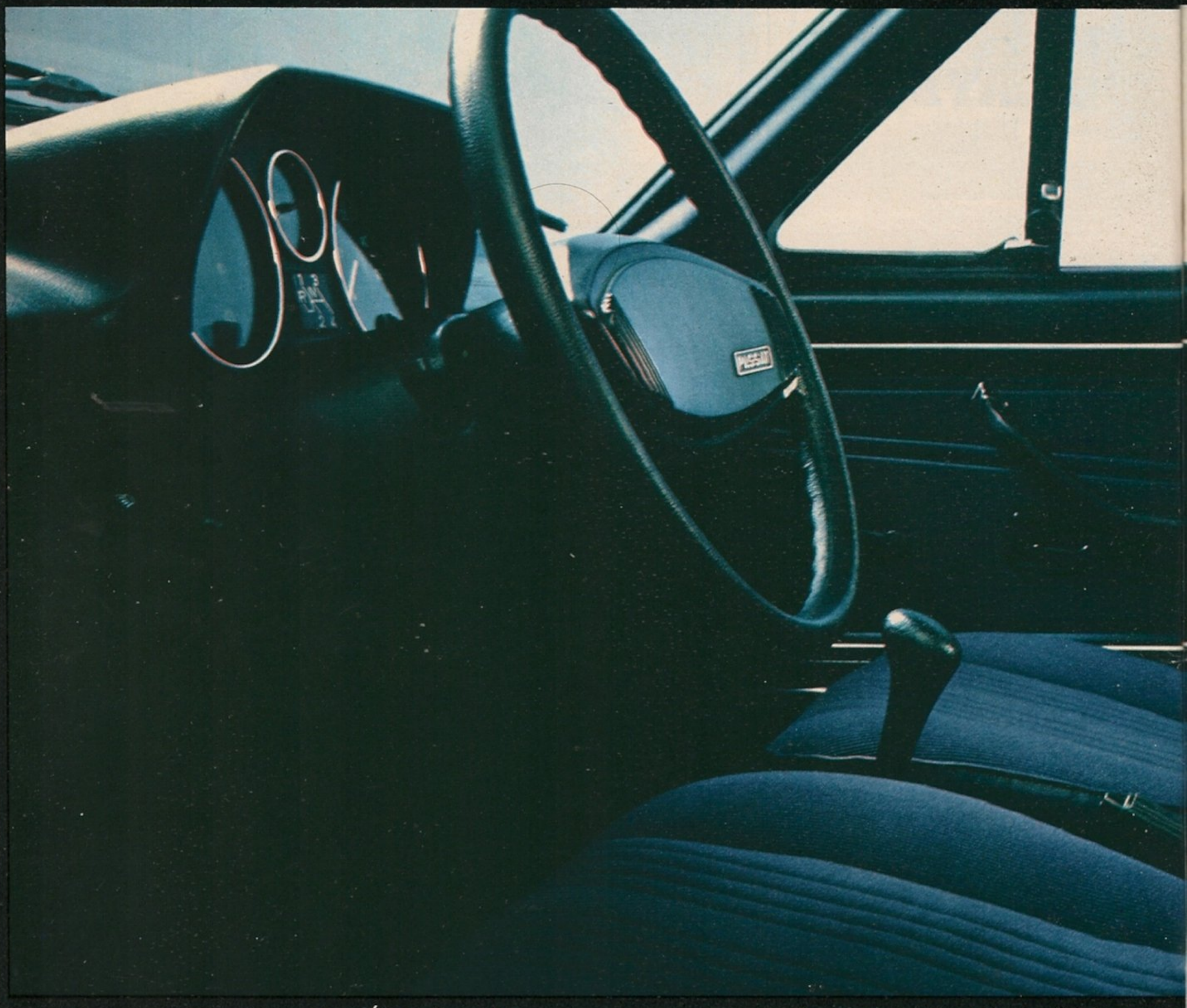
ELE MERECE

Quando eu soube por amigos que tinha sido distinguido com o Prêmio Playboy de melhor instrumentista (cordas) da Música Popular Brasileira em 1977, saí à procura da revista (número de agosto) em Brasília, Rio e São Paulo. Mas a resposta que me davam era sempre a mesma: "está esgotada". Meus sinceros parabéns. Se Deus achar que continuo merecendo, no próximo ano estarei com vocês, para agradecer pessoalmente. **Waldir Azevedo,** Brasília, DF.

OS CONTATOS IMEDIATOS

Tendo lido, no PLAYBOY de outubro, o artigo de Carl Sagan *(O Golpe do Paranormal),* não posso deixar de comentar algo. Acho que Sagan perdeu uma boa oportunidade de ficar calado. O mais estranho é que ele, em 1961, junto com vários cientistas prê-

Por dentro, os outr



É hora de mudar.

Olhe para o interior do novo Passat 79.

Entre e sente-se.

Você vai ver o que é conforto, beleza e prazer. O Passat 79 está realmente muito por dentro.

São muitos os detalhes que formam uma categoria, uma classe como você jamais imaginou. Veja a nova roupagem dos bancos, revestidos de tecido, com desenho todo especial.

As novas cores internas. O atraente acabamento Unicromático nas tonalidades azul, marrom e preta.

As novas laterais internas, com bolsa porta-objetos nas portas dianteiras e descansa-braço redesenhado.

Pequenos detalhes. Alguém tinha que pensar nos pequenos detalhes.

Novo painel de instrumentos, agora de uma só cor. Velocímetro reestilizado.

Volante de menor diâmetro e melhor empunhadura, totalmente espumado. Sentiu a diferença?

Olhe a esportividade da manopla da alavanca de câmbio, com formato inspirado na pega dos tacos de golfe. Tapete inteiriço em buclê. Agora examine o novo Passat 79 por fora. Demoradamente.

As novas cores acompanham as tendências mais modernas. São emocionantes.

A frente traz algo de novo e forte. Observe o estilo. Nova grade com faróis retangulares e luzes direcionais envolventes.

os estão por fora.

Pára-choques redimensionados com lâmina de borracha e protetores nas extremidades. Um perfil mais elegante com os novos frisos laterais. Esse é o Passat 79.

Seu motor continua a mais avançada conquista tecnológica em motores refrigerados a água. Sua mecânica é aquela que todos os outros carros gostariam de ter.

Venha para o Passat 79.

Seria triste você ficar por fora, dentro de qualquer outro carro.

PASSAT 79

VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

mios-Nobel, criou a famosa "Equação Greenbank". Essa equação, estabelecida em reunião secreta na cidade de Greenbank, West Virginia, revela que no *mínimo 40 e no máximo 50 milhões de Civilizações Inteligentes, somente na nossa Via-Láctea, já tentaram alguma vez, de algum modo, estabelecer um contato com o nosso planeta.* Bolas, quais são as provas que Sagan quer então? **Eduardo B. Chaves,** Rio de Janeiro, RJ.

ALÔ, BIBLIÓFILOS!

Lendo o artigo *Ganhe Dinheiro e Divirta-se com Esses Investimentos,* publicado em PLAYBOY 36, de julho de 78, fiquei sabendo que a primeira edição de *O Guarani,* de José de Alencar, vale Cr$ 100 mil. Eu tenho esse livro e estou interessado em negociá-lo. Deixo o meu endereço para leitores que se interessem. **Paulo Roberto Alves Vieira,** rua Washington Luís, 263 C., CEP 25600, Petrópolis, RJ.

A CARÓTIDA DE LISA

Como estudante de Medicina, não poderia deixar de escrever-lhes sobre o depoimento de Lisa Southern (PLAYBOY de agosto último), sobre os *Sete Segredos para Você Dar o Máximo de Prazer a uma Mulher,* onde ela diz: "Você notará que a veia jugular de sua garota começará a pulsar mais rapidamente...". Lisa pode entender muito de sexo, mas em anatomia ela é uma negação. Em primeiro lugar, porque as veias não pulsam e sim as artérias; e, em segundo lugar, porque deveria ter escrito *artéria carótida,* em vez de veia jugular. Caso ela queira mais alguns conhecimentos de anatomia (prática e aplicada), estou às ordens. **Wagner de Freitas,** Marília, SP.

CARO PLAYBOY

SEM CERIMÔNIA

Nunca resisto à tentação de ler o PLAYBOY, que meu irmão compra sempre. E, em geral, gosto, embora ache que a revista trate as mulheres com certa sem-cerimônia. Aproveito, com algum atraso, para cumprimentar vocês pela reportagem sobre o Hélio Costa. Por que PLAYBOY não publica mais artigos desse tipo, mostrando a face humana e *verdadeira* dos chamados ídolos da televisão? **Laura Gomes Cerdeira,** Porto Alegre, RS.

Publica sim, Laura. Neste número, temos o Chacrinha. Quanto às mulheres, temos por elas o maior respeito. Mas cerimônia, pra que cerimônia?

ATENÇÃO, COLECIONADORES!

Tenho a coleção completa da revista, desde o seu primeiro número. Só está faltando o n.º 24, de julho de 77. Algum leitor tem duplicata? **Evaldo Carvalho Fernandes,** Vila da FAB, casa 06, Aeroporto, CEP 64000, Teresina, PI.

Preciso apenas o n.º 29, dezembro de 77, para completar a coleção. **Tales O. de Oliveira,** rua Ruy Barbosa, 8, CEP 37235, Coqueiral, MG.

O n.º 27, de outubro de 77, é o único que me falta. Algum leitor está interessado em vender? Escreva-me. **Ivanildo Correia,** av. Princesa Isabel, 312, CEP 28100, Campos, RJ.

Estou procurando os n.ºs 11 e 13 (de junho e agosto de 76). Quem tiver e quiser vender, escreva para **João Carlos R. Leite,** av. 20, n.º 1081, CEP 13500, Rio Claro, SP.

BAR ILUMINADO
A ARTE ITALIANA PROJETOU UM BAR SUPER REQUINTADO PARA O SEU ESCRITÓRIO OU RESIDÊNCIA.

Bar executivo em aço inox escovado com fundo de espelho bronze e a parte iluminada em kirglass. A equipe de decoradores da Arte Italiana tem sempre um projeto ideal para sua casa e ambiente de trabalho. Conheça os requintados móveis da Arte Italiana. Todos com design e acabamento internacionais.

ARTE ITALIANA

Avenida Cidade Jardim, 870 - Fone: 210:6882 - São Paulo.

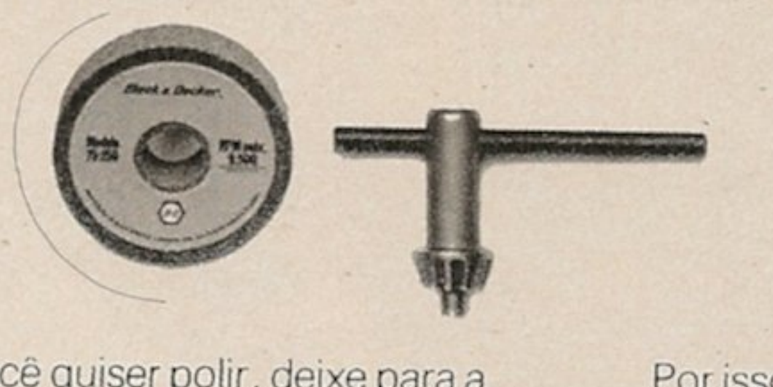
Algumas maneiras de incentivar a sua mulher a dar este presente para você.

Diga que você vai descontar da mesada dela, o preço do polimento do carro.

Mande ela fazer um orçamento num marceneiro, para ver quanto custa dar um jeito naquela gaveta que não fecha direito.

Dê um quadro de presente para ela.

Diga que ela ainda vai ficar com um muque maior que o seu, de tanto afiar facas na pedra da cozinha.



O argumento final é que o Kit de Natal da Black & Decker, que vem com tudo o que você está vendo neste anúncio, custa a mesma coisa que uma camisa, uma gravata, e um cinto.

Mas é um presente que tem tudo para agradar tanto a você, como à toda a sua família.

Com a broca, ela fura paredes, madeira, ferro, alumínio, e materiais em geral.

Com a pedra de esmeril, ela afia facas, tesouras, espetos de churrasco e similares.

Mas se você quiser polir, deixe para a furadeira Black & Decker: coloque o disco de borracha e o boné de pele, e use em carros, geladeiras, pratarias, móveis de madeira ou aço, e por aí afora.

E finalmente, ela lixa: removendo tintas, vernizes, esmaltes, e deixando a superfície de qualquer material mais lisinha e uniforme.

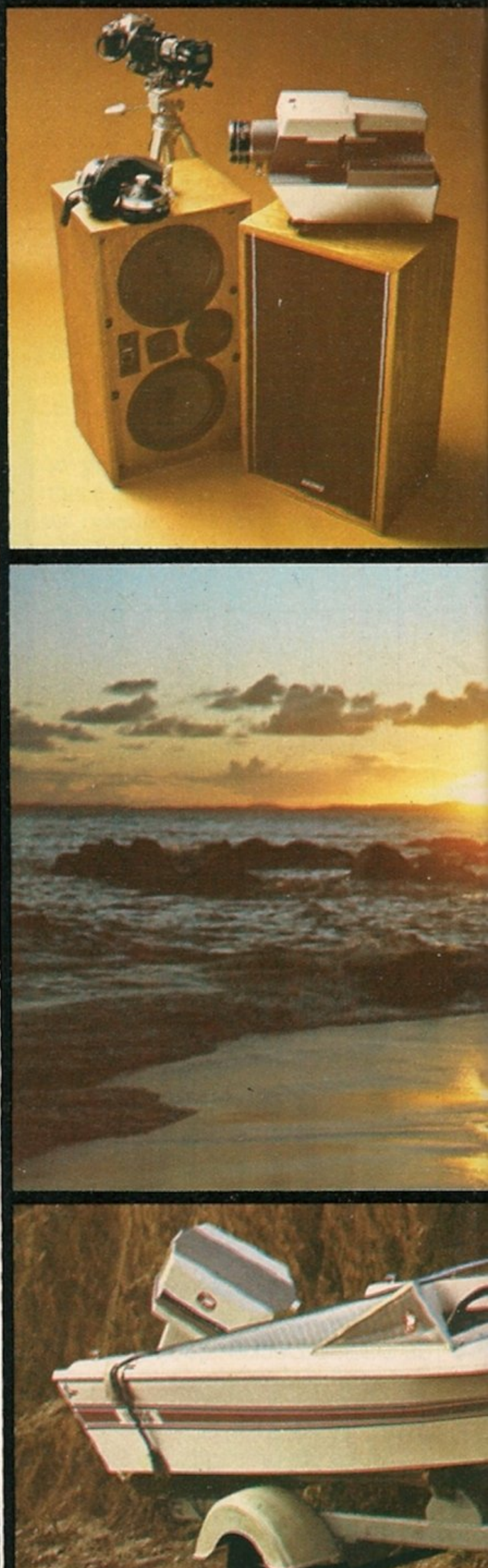
E você ainda pode escolher a furadeira certa para a sua casa: de 1/4 ou 3/8 de polegada, para 110 ou 220 volts.

Por isso tudo, se as sugestões aí em cima não forem suficientes para despertar a sensibilidade da sua mulher, temos uma que certamente funciona: decida que você merece, e dê este presente para você mesmo.

B&D Black & Decker

Lage, Stabel & Guerreiro

JÁ QUE VOCÊ SABE O QU
SAIBA COMO CONSEGUIR.



Denison

UE QUER,

O Crédito Direto do Unibanco financia tudo o que você quiser.

Talvez você queira um carro novo.
Ou uma geladeira. Uma TV a cores.
Ou mesmo fazer uma viagem de turismo.
Não importa o que for, o Crédito Direto do Unibanco financia.
Para consegui-lo, não tem segredo, é só falar com o gerente de uma de nossas agências.
Aí, tudo fica fácil. Seu crédito sai rápido, sem burocracia.
Com ele, você poderá comprar a vista, pelo melhor preço. E o pagamento é suave - em até 24 meses.
Se você já está sabendo o que quer, por que adiar a compra?
Aproveite o Crédito Direto do Unibanco.

UNIBANCO
Financeira S.A.

PONTOS DE VISTA

Troque idéias com Playboy sobre os temas do nosso tempo

BONECOS PORNOGRÁFICOS

Outro dia, ouvi no rádio do carro um pregador protestante dizendo besteiras sobre aquelas bonecas e bonecos que têm órgãos sexuais. Ele falava que tais bonecos são pornográficos e deveriam ser proibidos, pois dariam maus pensamentos e exemplos para nossas crianças. . . Comecei a pensar no assunto e cheguei à conclusão de que uma representação de um ser humano sem órgãos sexuais é que é obscena. E, afinal, ninguém obriga esses pudibundos a comprar os bonecos e bonecas assim; por que eles desejam impedir que pais esclarecidos os dêem aos filhos? — Artur J. de Moraes, Porto Alegre, RS.

CONTRA "A OUTRA"

Gostei muito da seção que vocês criaram para debater questões sexuais e me animei a escrever, para avisar e prevenir as pessoas. Sou enfermeira e já vi coisas terríveis: uma mulher que corta os pulsos ao descobrir que o marido a trai, uma criança emocionalmente perturbada devido à separação de seus pais, homens e mulheres esfaqueados ou atingidos por tiros de maridos ou esposas traídos. Por isso, acho que a mulher que se torna sexualmente envolvida com um homem casado é uma criminosa. Quero dizer que não sou nenhuma puritana: sou favorável ao sexo pré-conjugal, mas os resultados do adultério são tão terríveis que não vejo como alguém possa defendê-lo. — Suzana R. T. Medeiros, São Paulo, SP.

O PRAZER DO BANHO

Minha garota me contou a história de uma amiga que teve um problema curioso, que nos levou a discutir sobre a singularidade dos grilos sexuais das pessoas. Aí vai a história: caloura numa faculdade, a moça, juntamente com três colegas, alugou um apartamento antigo, com uma banheira decrépita. Passados alguns dias, ela percebeu que uma de suas colegas tinha um verdadeiro caso de amor com a banheira. Entrava nela e ficava horas, entregando-se com pouquíssima discrição a certas práticas auto-eróticas. Curiosa de sentir a deliciosa sensação aquoerótica, a amiga da minha garota esperou o dia em que estivesse sozinha no apartamento e mergulhou nos prazeres da banheira. Quando estava próxima do auge, a banheira partiu-se de repente e desprendeu-se dos canos, causando uma míni-catástrofe. Até conseguir resolver tudo, ter tudo seco e colocado nos seus respectivos lugares, a moça passou do pânico à histeria. E agora, ao que parece, é incapaz de dissociar qualquer atividade sexual de um sentimento de frustração e culpa. Isso seria anormal ou é perfeitamente normal? — Dario Tomás Kemery, Belo Horizonte, MG.

A garota tinha um verdadeiro caso de amor com a banheira. . .

Achamos que, de modo geral, normal e anormal são palavras que nada têm a ver com sexo. De qualquer modo, diga à amiga de sua garota para meditar sobre este velho adágio: pior só do que bem acompanhada.

QUEM NÃO É O MAIOR. . .

Li a carta de Luísa Augusta Guimarães ("Pontos de Vista", PLAYBOY de novembro) sobre o tamanho do pênis. Eu sou um homem com pênis relativamente pequeno e concordo com ela. Da minha experiência pessoal e em conversas com amigos, concluo que os sujeitos que têm pênis grande não ligam muito para o aperfeiçoamento de sua técnica sexual. Já os homens que não foram abençoados tão grandiosamente pela natureza precisam refinar suas estratégias de cama para se tornarem desejáveis. Acrescento apenas que tal esforço para melhorar tem sido amplamente recompensado. . . — Ricardo S. Barreto, Salvador, BA.

INSEGURANÇA É A QUESTÃO

Li no número de novembro de PLAYBOY a carta de Ricardo Boghosian Auad, *Maior é melhor*. Com o devido respeito, acho que a tese dele de que as mulheres preferem homens com pênis maiores é uma bobagem. Sou hoje uma mulher casada, mas, antes disso, tive uma série de experiências em camas diferentes. Assim, posso falar de homens com vários tamanhos de pênis. A variação é bem pequena. A maioria dos pênis têm aproximadamente o mesmo comprimento e o mesmo diâmetro; porém nunca encontrei um homem que não achasse seu pênis pequeno demais. Na minha opinião, os mitos sobre a eficácia de um pênis grande parecem nascer de uma insegurança muito comum, mas completamente infundada. — M. A. L., Rio de Janeiro, RJ.

PREFERÊNCIAS FEMININAS

Não estou de acordo com os caras que perseguem os homossexuais. Não sou homossexual e conheço várias garotas que me dizem preferir tratar com eles em vez de transar com um

B

COLEÇÃO

Baroncelli

Mido. Un nuovo stile.

Coleção Baroncelli. A sofisticação
e o bom gosto italianos na mais nova linha
desenhada especialmente para a Mido.
Modelos em quartzo ou em corda manual para
homens e para senhoras. E uma nova concepção
com caixas ultra finas, pulseiras de couro
ou aço trabalhado.

Coleção Baroncelli. Molto Stile.
Precisione Mido.

Mido

Não importa quando

ESQUIRE

60 Watts RMS
95 Watts IHF*
120 Watts Pico**

Qual a potência real deste amplificador?

Na verdade, a potência é a mesma.
Poderíamos indicar a potência do Energizer Infinity em Watts IHF, Watts Pico, ou simplesmente não especificar o tipo de potência. Mas quem respeita o seu mercado não pode enganá-lo com informações equívocas. Watt RMS (Root Mean Square) é o único padrão de potência para amplificadores de áudio hoje adotado pelos mercados mais sofisticados em todo o mundo. Para você, que deseja no seu carro um amplificador estéreo de classe e qualidade internacional, é muito importante saber disso.

* Watt IHF - Medida de potência instantânea do "Institute of High Fidelity", U.S.A. antigamente usada para amplificadores de áudio sem fonte regulada.
** Watt Pico - Medida de potência instantânea não reconhecida internacionalmente em áudio.

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS: 60 Watts RMS (4 Ohm) de potência contínua; proteção total contra curto-circuito; distorção harmônica de 0,3% THD, 1 Watt, 1 kHz; chave by-pass "liga-desliga" e de Loudness; chave de controle Graves/Agudos; rede de assistência técnica em todo o Brasil.

Energizer infinity
- O MAIS AVANÇADO AMPLIFICADOR ESTÉREO PARA CARRO JÁ CONSTRUIDO NO BRASIL

GENERAL ACOUSTICS - IND. ELETRÔNICA LTDA.
Rua Paranapanema, 256 - Tels. 270-1693 e 270-1549 - Ramos - Rio

PONTOS DE VISTA

cara que, numa festa ou num jantar, começa a se mostrar, a contar piadas sujas e dar gargalhadas um tom acima do aceitável, sobretudo se já está com dois ou três uísques na cuca. Dizem minhas amigas que elas detestam esse tipo de homem que as fazem se sentir "um pedaço de carne no balcão de um açougue". Sei que elas preferem a companhia de homossexuais porque eles as tratam simplesmente como seres humanos. As mulheres que odeiam os homossexuais, segundo sua opinião, devem ser as que adoram ser insultadas, humilhadas e escravizadas por "machões", com quem mantêm relações sadomasoquistas.

Essas mulheres que odeiam homossexuais não teriam no fundo desse ódio a frustração de que os homossexuais seriam homens que não estariam sempre pensando em levá-las para a cama? Afinal, sobra um número mais do que suficiente de homens para — sem os exageros grotescos do machão típico —, satisfazerem essas mal-amadas, não é? — Rolando de Souza, Fortaleza, CE.

SEXO, TREMENDO MISTÉRIO

Estou desapontado com sua revista. Ela não passa de um sintoma de uma preocupação generalizada e doentia com a simples sensualidade. Felizmente há quem não considere o homem um ser redutível ao que se pode quantificar e ao emocional; há quem vê no homem mais do que vocês jamais verão. Para os que aceitam o mistério, é inconcebível o sexo a não ser que aconteça com uma pessoa à qual se dedique uma sensação de comunicação profunda e de responsabilidade mútua. Para os que não aceitam o mistério, nunca haverá o verdadeiro prazer sexual. — Raimundo Nonato dos Santos, Fortaleza, CE.

Belos sentimentos, mas é bom frisar que a abstinência em relação a garotas nunca ensinou ninguém a amar. Na verdade, a solidão pode ser uma prática perigosa, que pode levar a hábitos exóticos e, dizem os mais radicais, ao crescimento de cabelos na palma da mão . . .

Escreva para Pontos de Vista, *Revista Playboy.*

Realmaster não foi feito para tirar você do aperto. Foi feito para não deixar você ficar apertado.

Entendeu a diferença?

Realmaster é mais uma vantagem que o Banco Real coloca à disposição de clientes muito especiais. Porque o Banco Real sabe que quando acontece algum problema na sua vida, na vida de sua empresa, da sua fazenda, do seu negócio, da sua família, você sempre pode chamar alguém para ajudar. Menos quando o problema é dispor de dinheiro imediatamente, para ninguém ficar apertado.

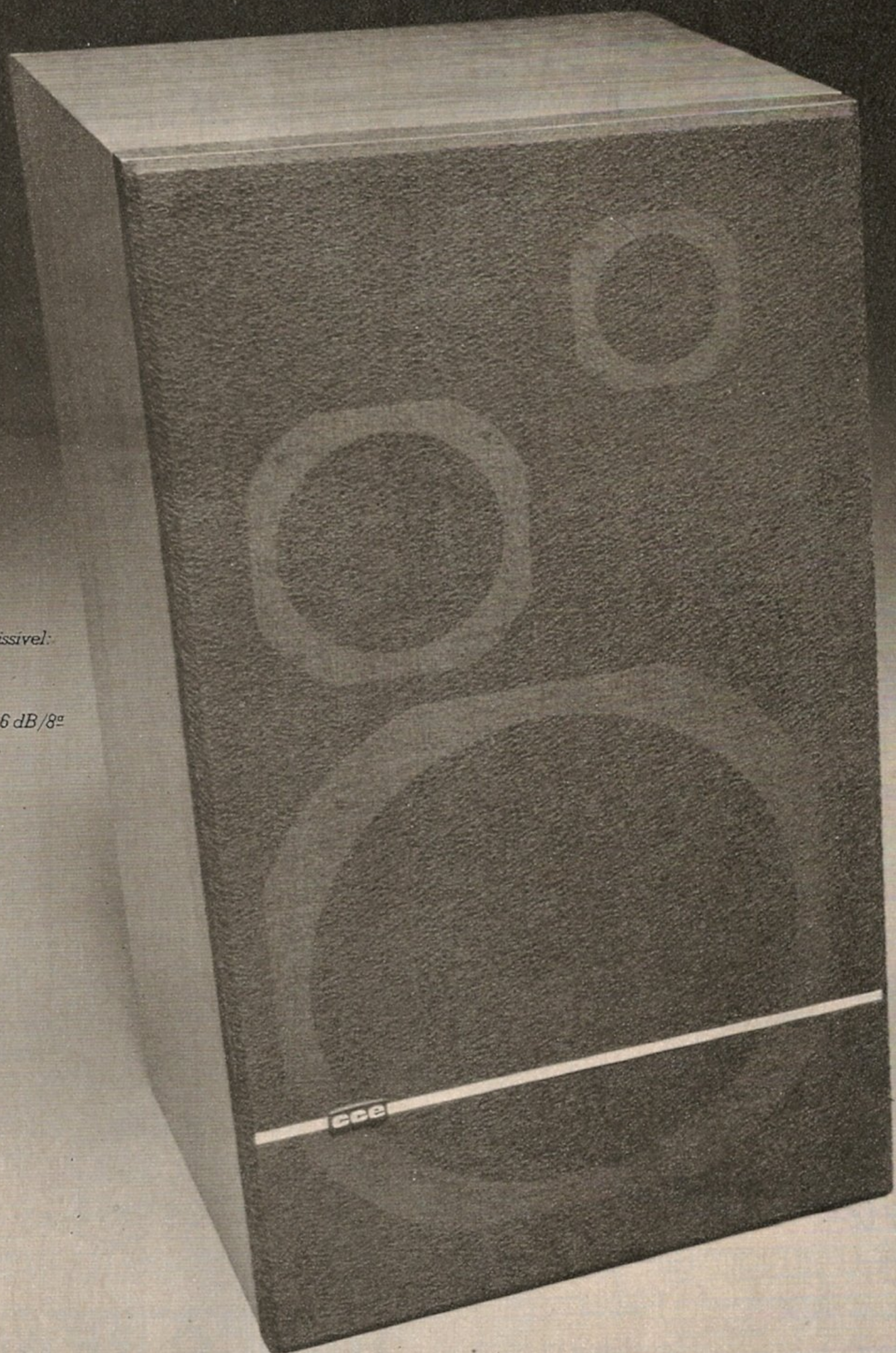
Aí é que entra o Realmaster. Dinheiro que você pode usar até sete dias sem pagar absolutamente nada por isso, dependendo do seu caso. Depois desse prazo, o Banco Real cobra apenas os juros do período utilizado. E tem mais: você não precisa de nenhum avalista para ter Realmaster. Basta a sua assinatura. Com uma arma dessas na mão, meu amigo, até agora não apareceu ninguém capaz de ficar apertado. Realmaster, só o Banco Real tem.

BANCO REAL

O banco que faz mais por seus clientes.

Ziegelmeyer

Quando está quieta é bonita.



Modelo CL-990
Sistema Bass-Reflex.
Potência máxima admissível: 90 W (IHF).
Gama de resposta: 15 Hz a 20.000 Hz.
Divisor de freqüência: 6 dB/8ª

A CCE está lançando uma nova geração de caixas acústicas com qualidade sonora e eficiência a níveis nunca antes atingidos. São vários modelos cuja potência varia de 25 a 150 watts.

A mesma equipe de engenheiros e técnicos responsável por lançamentos com o prestígio e o aval de marcas internacionais, como a Kenwood, pesquisou e criou a mais avançada linha de sonofletores.

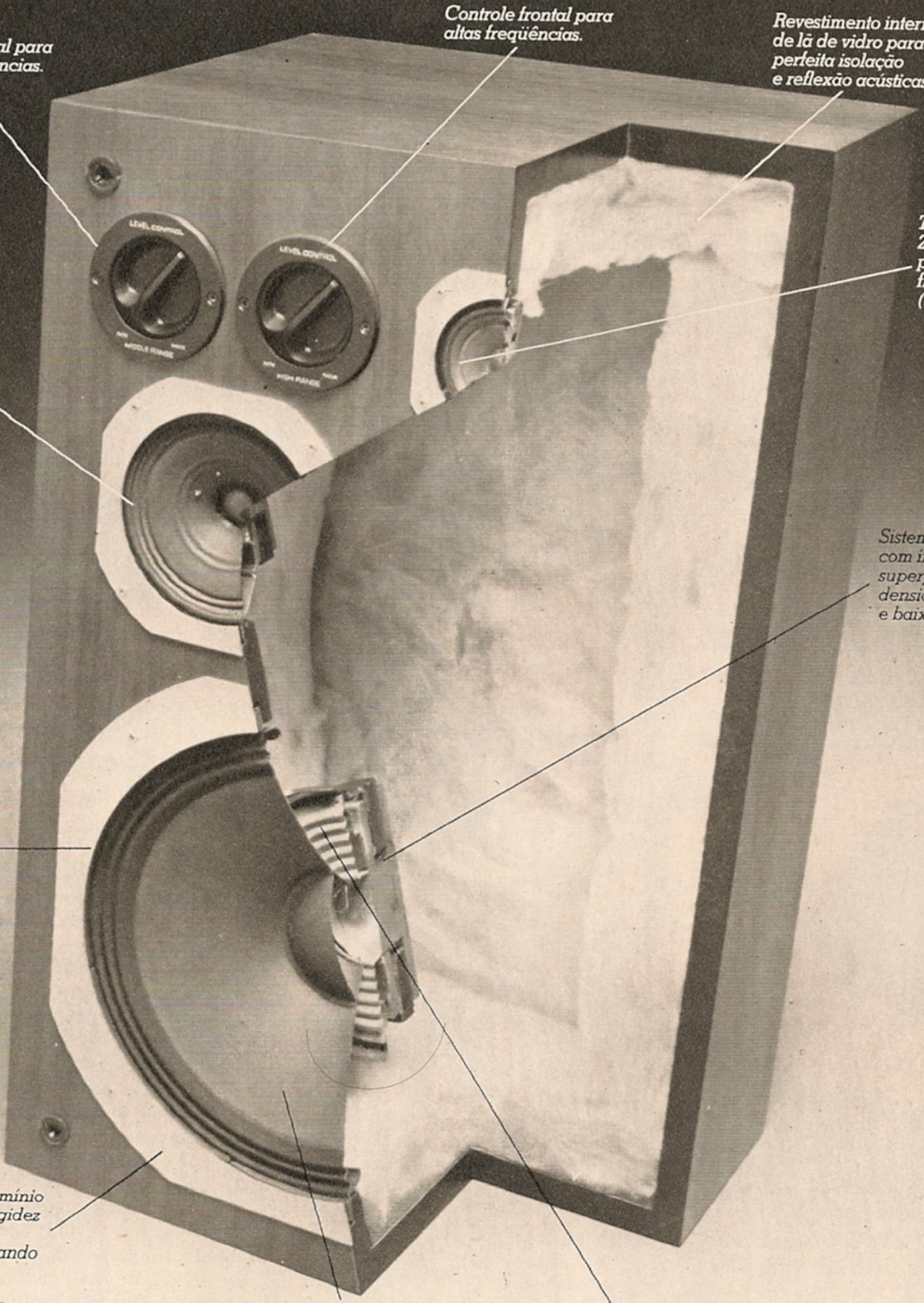
Todos os detalhes foram estudados. O design de linhas puras e arrojadas faz das caixas CCE as mais bonitas.

A concepção dos alto-falantes, sua distribuição equilibrada, o acabamento esmerado são a prova viva da inteligência a serviço da qualidade acústica.

Para que os sinais elétricos de seu sistema de som se transformem em vibrações audíveis, transmitindo todas as nuanças da música em todas as freqüências, escolha as caixas acústicas CCE.

Você vai ver e ouvir a diferença.

Quando fala é inteligente.



Controle frontal para médias freqüências.

Controle frontal para altas freqüências.

Revestimento interno de lã de vidro para perfeita isolação e reflexão acústicas.

Tweeter de 2 polegadas para altas freqüências (agudos).

Midrange de 5 polegadas para médias freqüências (médios).

Sistema magnético com imã de ferrite superpesado com alta densidade de fluxo e baixa relutância.

Woofer de 12 polegadas para baixas freqüências (graves).

Molduras de alumínio proporcionam rigidez à montagem dos alto-falantes evitando vibrações.

Cones especialmente projetados de alto rendimento acústico.

Estrutura rígida de alta resistência, isenta de vibrações.

cce

Gang

É claro que você pode viver sem Chivas Regal. Mas viver com êle é bem melhor.

NO MUNDO INTEIRO, ENVELHECIDO 12 ANOS. PRODUZIDO POR CHIVAS BROTHERS LTD., NA ESCÓCIA.

O GRANDE PASSO

Tenho 19 anos, ainda sou virgem, mas quero mudar tal estado de coisas. Já tive algumas garotas bem dispostas a cooperar, mas na hora H sempre dou um jeito para ficar apenas nas preliminares. Faço isso porque não estou seguro de que tudo vá correr bem. Não quero que a primeira vez seja um fracasso completo. Também quero que a garota tenha o maior prazer possível e não seja vítima da minha inexperiência. Como posso me preparar para o "grande passo?" G. H. L. — São Paulo, SP.

Já que você está na posição de mudar sua condição virginal, sua garota deve saber se você tem experiência ou não. Tendo passado pelas "preliminares" com você, desconfiamos que ela gosta de você do jeito que você é. Assim, a única preparação para "o grande passo" é a disposição para dá-lo. Nada impede, aliás, que você converse com a garota sobre isso. E você verá como a garota se sentirá feliz por ser a primeira.

PROCURE O SOM DO CRISTAL

Quero comprar um jogo de copos de vinho: o preço não importa, mas a qualidade sim. Vocês conhecem alguma maneira garantida de testar o cristal, além de uma análise química? H. M. — Campinas, SP.

Um teste comum é procurar o som do cristal: bata com o dedo no cristal e ouça o retinir. Quanto mais parecido com o tinir de um sino, melhor é o cristal. No entanto, o peso e a cor são indicadores melhores. O cristal de qualidade, que contém pelo menos 19% de chumbo, é mais pesado que o vidro comum; além disso, deve ter o "brilho de cristal", um brilho que não se encontra no vidro comum. E não deve ter bolhas ou outras imperfeições. Ao julgar cristal lapidado, procure um leve efeito de prisma no cristal e uma uniformidade na lapidação (é claro que se deve descontar alguma variação resultante da fabricação manual). Saiba, entretanto, que o melhor copo é o simples, não-lapidado, já que o vinho — e não o copo — deve ser o centro das atenções.

MELHOR AMIGA DO HOMEM

Sem dúvida, vocês conhecem as experiências de Pavlov, nas quais ele ensinou os cães a salivarem ao som de uma campainha. Eu pergunto: essa experiência já foi feita com seres humanos? Imagino que, se você tocar um sininho toda vez que estiver na, digamos, fase de aquecimento de uma relação sexual, a garota acabará associando o sininho com a relação sexual. E, depois, apenas o sininho já será suficiente para deixá-la disposta ao sexo. O que acham? P. S. M. F. — Rio de Janeiro, RJ.

Já estamos até vendo a cena: você, refestelado numa poltrona, sininho a postos . . . Bem, teoricamente seu devaneio é possível, mas não na prática. Como bem sabemos, uma mulher é um pouquinho mais complicada que o melhor amigo do psicólogo. Ela pode associar o sininho com a excitação, mas sua reação será condicionada pelas lembranças da relação sexual — se foi boa, ela estará disposta a mais, com ou sem sininhos. Senão, esqueça. Ela vai achar você um pirado total ou um cara tarado por sininhos.

NÃO DIGA "NÃO" . . .

Talvez vocês possam solucionar uma discussão que estou tendo, há tempos, com minha mãe e minha irmã. Elas dizem que uma mulher não deve concordar em ter relações sexuais sempre que seu marido se mostre disposto. Afirmam que, dizendo "não" de vez em quando (mesmo que a vontade seja dizer "sim") é um jeito de tornar a relação excitante. Parece-me desonesto inventar desculpas para não fazer amor, só para adiar o que se pode ter hoje com o objetivo de um amanhã melhor. O que vocês acham? L. M. D. — São Paulo, SP.

Diga a sua mãe e a sua irmã que parem de ler colunas de falsos conselhos "para a mulher moderna" em revistinhas e jornalecos por aí. Os estudos de que dispomos demonstram que quanto mais amor se faz, melhor se faz e com mais disposição. É um círculo vicioso — e nós o adoramos não é mesmo?

SOM PARA QUARTO

Gostaria que vocês me informassem qual tratamento acústico devo dar ao meu quarto, com um som de baixa potência, para obter o melhor rendimento acústico. As dimensões do quarto são 5 x 5 m. S. L. — Belo Horizonte, MG.

Para obter o melhor rendimento acústico, as caixas de som devem ser colocadas nos cantos superiores das paredes, exatamente na junção com o teto. As caixas também devem estar inclinadas para a área de audição. Tenha antes o cuidado de evitar materiais absorventes de som na proximidade das caixas — cortinas pesadas e carpetes grossos, por exemplo.

MARGARITAS, SÓ PARA VOCÊ

Ouvi falar de um drinque mexicano chamado Margarita. Vocês saberiam a receita ou é um segredo de Estado? F. M. F. — Recife, PE.

O Margarita, um drinque excelente tanto para mexicanos como para brasileiros, utiliza os seguintes ingredientes: 1 1/2 dose de tequila; 1/2 dose de triple sec ou curaçao; 1/2 dose de suco de limão. Modo de fazer: bata bem todos os ingredientes, acrescente gelo e sirva num copo de coquetel com açúcar na borda (esfregue um limão na borda do copo e enfie no açúcar; tire o excesso cuidadosamente, deixando o

Voe colorido.

MANAUS
TRANS BRASIL
Nº 111999
TRANS BRASIL
Origem Vôo/Data Peso
Nº 11-19-99
MAO
MANAUS

BELÉM
TRANS BRASIL
Nº 128566
TRANS BRASIL
Nº 12-85-66
BEL
BELÉM

FORTALEZA
TRANS BRASIL
Nº 121501
TRANS BRASIL
Origem Vôo/Data Peso
N.º 12-15-01
FOR
FORTALEZA

NATAL
TRANS BRASIL
Nº 631286
TRANS BRASIL
Nº 23-12-86
NAT
NATAL

TRANS BRASIL
Nº 004295
TRANS BRASIL
Origem Vôo/Data Peso
Nº 00-42-95
FEN
FERNANDO NORONHA

RECIFE
TRANS BRASIL
Nº 166926
TRANS BRASIL
Origem Vôo/Data Peso
Nº 16-69-26
REC
RECIFE

MACEIO
TRANS BRASIL
Nº 065788
TRANS BRASIL
Nº 06-57-88
MCZ
MACEIO

ARACAJU
TRANS BRASIL
Nº 040092
TRANS BRASIL
Nº 04-00-92
AJU
ARACAJÚ

SALVADOR
TRANS BRASIL
Nº 260298
TRANS BRASIL
N.º 26-02-98
SSA
SALVADOR

BRASILIA
TRANS BRASIL
Nº 47618
TRANS BRASIL
N.º 14-76-18
BSB
BRASILIA

VITORIA
TRANS BRASIL
Nº 105821
TRANS BRASIL
N.º 10-58-21
VIX
VITORIA

GALEÃO
TRANS BRASIL
Nº 439820
TRANS BRASIL
Nº 43-98-20
GIG
GALEÃO

CAMPINAS
TRANS BRASIL
Nº 018302
TRANS BRASIL
N.º 01-83-02
CPQ
CAMPINAS

SÃO PAULO
TRANS BRASIL
Nº 548118
TRANS BRASIL
N.º 54-81-18
SAO
SÃO PAULO

BELO HORIZONTE
TRANS BRASIL
Nº 013331
TRANS BRASIL
Nº 01-33-31
BHZ
BELO HORIZONTE

LONDRINA
TRANS BRASIL
Nº 110491
TRANS BRASIL
Origem Vôo/Data Peso
Nº 11-04-91
LDB
LONDRINA

CURITIBA
TRANS BRASIL
Nº 321855
TRANS BRASIL
Origem Vôo/Data Peso
Nº 32-18-55
CWB
CURITIBA

FLORIANÓPOLIS
TRANS BRASIL
Nº 053725
TRANS BRASIL
Nº 05-37-25
FLN
FLORIANÓPOLIS

PORTO ALEGRE
TRANS BRASIL
Nº 154654
TRANS BRASIL
N.º 15-46-54
POA
PORTO ALEGRE

FÓZ DO IGUAÇU
TRANS BRASIL
Nº 010393
TRANS BRASIL
Nº 01-03-93
IGU
FÓZ DO IGUAÇU

Venha ver o quanto é bom voar;
Flutuar de Norte a Sul;
Voe colorido junto ao céu;
Venha navegar no azul;
Pegue um jato da Transbrasil;
Vá ver que lindo que é voar;
E ser feliz no céu, do seu país;
Com a Transbrasil.

TRANS BRASIL
Brasil é com a gente

ASSESSORIA

copo franjado de açúcar). Para enfeitar, utilize uma casquinha de limão. Se preferir, pode franjar a borda do copo com sal.

ESTRANHOS MOTIVOS

Minha noiva tem adiado nosso casamento usando os mais variados pretextos, todos muito estranhos. O último foi o fato de ambos termos olhos azuis e ela diz sempre ter sonhado com um filho de olhos castanhos. Vocês não acham isso esquisito? H. T. — Campo Grande, MT.

Não só esquisito como definitivo: embora as possibilidades genéticas realmente mostrem que um casal de olhos azuis não terá um filho de olhos castanhos, devido aos gens recessivos, achamos que ela está tentando lhe dizer, sem ferir seus sentimentos, que não o ama bastante para querer passar a vida olhando para o azul do seu olhar.

TEM PAI NA LINHA

Estou ficando meio maluco com meus pais: parece incrível, mas na época em que vivemos eles querem me obrigar a romper com minha garota. Tenho 18 anos e namoro firme com ela há mais de um ano. Eles insistem em que eu me afaste dela e saia com outras garotas, pois dizem que sou jovem demais para namoro sério. Então, tenho de mentir para vê-la. Não gosto de mentir e, por outro lado, acho que devo tomar minhas decisões. Que acham? A pressão está ficando insuportável. J. L. — Vitória, ES.

Também não achamos boa idéia você ficar tão preso a uma garota na sua idade, embora reconheçamos o seu direito a fazer isso. Mas por que não tentar uma solução conciliatória? Por exemplo: tente sair com outras garotas, sem deixar sua favorita de lado. Em último caso, feche a questão, mas cuidado: veja se não está utilizando o namoro para resolver outros conflitos com seus pais (e eles idem). Não vá ficar com a garota só para ter razão na discussão.

Todas as questões razoáveis — desde moda, comida e bebida, som, esporte, lazer, viagens, sexo, etiqueta e outros assuntos práticos — serão respondidas aqui, ou diretamente, desde que o remetente envie um envelope selado, com o nome e endereço, para resposta.

Fotografe o lado alegre da vida

Nós revelamos e lhe damos outro Filme do mesmo tipo do seu - GRÁTIS!

Mande-nos seu filme a cores e receba pelo correio um filme KODAK inteiramente GRÁTIS, além de cópias do seu filme com toda garantia e qualidade internacional dos laboratórios KODAK. Utilizando o sistema de FOTO COLOR CLUB você vai gravar para sempre a alegria de viver. AGUARDE! Usando os serviços do FOTO COLOR CLUB você terá surpresas muito agradáveis.

FOTO *Color* CLUB

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA

PREENCHA O CUPOM ABAIXO - para receber todas as informações e tabela de preços sobre como você vai se utilizar dos serviços do FOTO COLOR CLUB

À FOTO COLOR CLUB PB-41

Rua Abade Ramos, 65 - Jardim Botânico - Rio de Janeiro -
Caixa postal 34.053 - Tel.: 246-0875 - CEP-22-461

Desejo receber INTEIRAMENTE GRÁTIS todas as informações sobre o sistema FOTO COLOR CLUB, inclusive tabela de preços.

NOME .....

Endereço .....

Cidade ..... CEP .....

Bazar

Mande sua voz pelo correio

Com o sistema Fonopostal, você pode — de viva voz — desejar boas festas às pessoas distantes e "dizer" cartas gravadas em fita.

Você compra o Fonopostal em cartelas avulsas (com um lacre e um envelope-caixa para proteger fitas cassete) e as fitas especiais (5 minutos, Cr$ 16,90; 10, Cr$ 17,70; 15, Cr$ 20,50; e 30, Cr$ 25,30. A cartela custa Cr$ 13. Você grava num cassete a mensagem, coloca-a na caixa, fecha com o lacre e manda pelo correio a Cr$ 4,40 (porte simples para todo o Brasil). Para circulação internacional, há uma tabela especial em função do peso e do país de destino. O Fonopostal está à venda nas grandes lojas e supermercados, como Mesbla, Sears, Eldorado, etc.

Aperte o botão e a minhoca sai

Para quem tem mãos sensíveis e sente repugnância ou não quer pegar em minhoca na pescaria, uma solução muito prática é Instant Worms, uma isca artificial que sai de um tubo aerossol quando você aperta o botão. Em 15 minutos de exposição ao ar, ela está pronta para ser colocada no anzol, semelhante a uma minhoca, em três diferentes cores e sabores. Peça a Chem Source Inc. (P.O. Box 597, Suffern, New York 10901, USA). No Brasil, a minhoca artificial já vem pronta, com anzol e um pedaço de linha. A marca é Fichtex e custa Cr$ 25, 00 na Vinch Esport (av. São João, 331, São Paulo; r. Pedro II, 60b, Santos; r. Lopes Cardoso, 12, Salvador). Na Gonçalves Armas (r. Líbero Badaró, 557, São Paulo), há minhocas artificiais alemãs por Cr$ 36,00 cada.

Canivetes de 1001 utilidades

Além de serem objetos bonitos, os canivetes são extremamente úteis (sem contar o aspecto nostálgico — lembra-se daquele seu canivete de estimação dos tempos de garoto?). Na Casa Fretin (r. São Bento, 176, São Paulo), há canivetes franceses e nacionais. Os franceses, com cabo de chifre, têm bússola no cabo,

lâmina de aço, abridor de garrafa e chave de fenda (Cr$810,00) ou lâminas de aço e saca-rolhas (Cr$735).
Um dos nacionais é o Corneta, com cabo de madeira trabalhada, duas lâminas, abridor de lata, de garrafa e saca-rolhas (Cr$ 315). Na Gonçalves Armas (r. Líbero Badaró, 557, São Paulo), o canivete suíço Victorinox custa Cr$ 2 300. Tem grosa, lixa de unha, tesoura, duas lâminas, chave de fenda, abridor de garrafa, de lata. chave de parafusos tipo phillips, pinça de sobrancelha, palito de dentes de plástico. Este canivete também pode ser encontrado na Roger (av. Rio Branco, 120), no Rio, por Cr$ 2 000. Também no Rio, a Cutelaria Tiradentes (pça. Tiradentes, 23) tem canivete suíço Camping (com cabo de acrílico, duas lâminas, abridor de latas, pinça, palito, chave de fenda, serra, lima, lixa para unha, tesoura, furador e abridor), por Cr$ 1 700.

Sente-se no meio da piscina

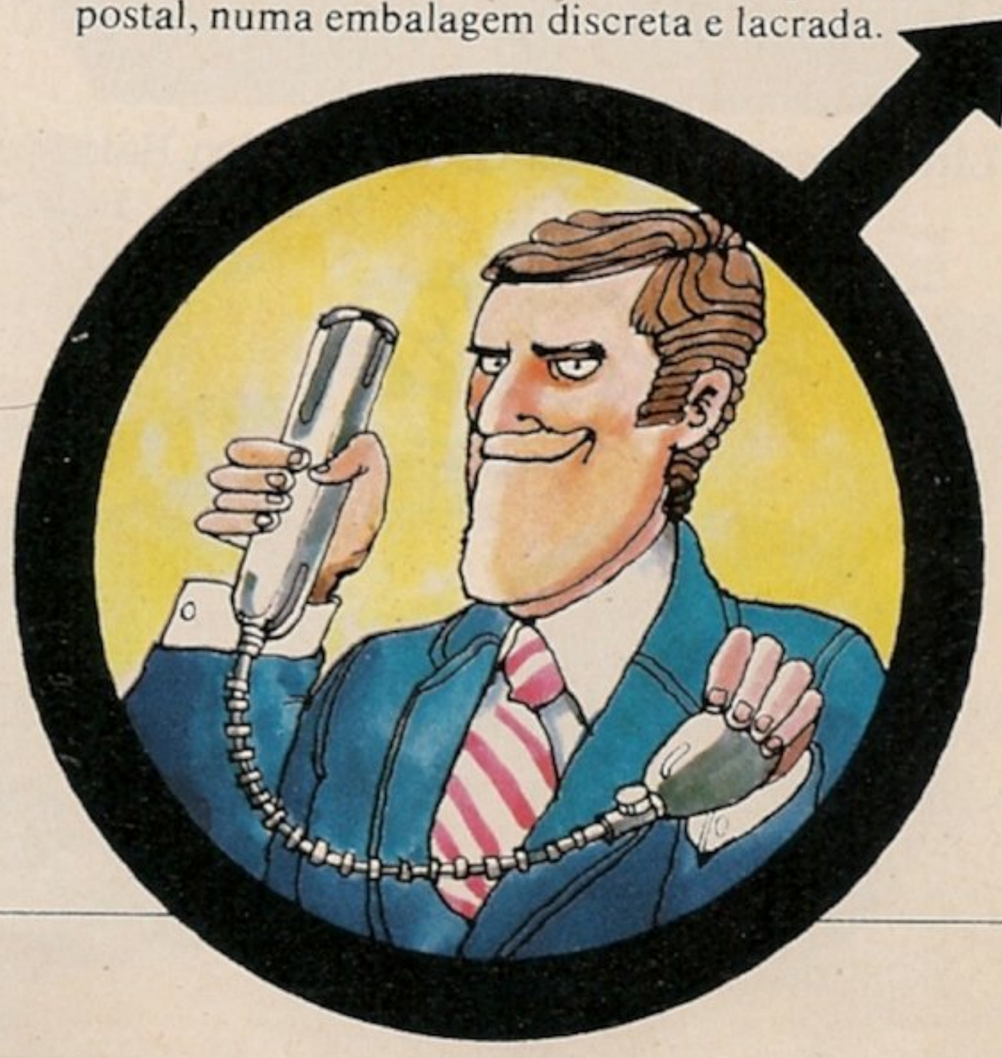
No meio de toda aquela água azul, sob o sol, você sentado numa cadeira flutuante, com a garota no colo e um copo de bebida gelada ao alcance da mão... Esta visão pode se tornar realidade com a cadeira flutuante da foto, marca Fiberlínea (r. do Funchal, 460, São Paulo), de fiberglass, com 1,15 m de diâmetro, capacidade para flutuar com até 300 kg de peso e suportes de copos. Custa Cr$ 6 000. Na Cleusa Presentes (r. Haddock Lobo, 1682, São Paulo), há um modelo quase idêntico, marca Gigi. Custa Cr$ 7 500.

Os raros prazeres da carne

Que tal deixar de lado aquelas ceias tradicionais de Natal e escolher, para a mesa do dia 25, carnes raras que garantirão um sabor especial para sua festa? Elas podem ser encontradas na Raro Shop (r. Pinheiros, 729, telefone: 852-9920, São Paulo); da Argentina, vem a carne de cordeiro: o gigot (pernil) com osso custa Cr$ 169 o quilo; a roli (costela) sem osso, Cr$ 229 o quilo; com osso, Cr$ 139. O filé mignon de cordeiro sai por Cr$ 229 o quilo. Chiurchulines, miúdos de ovelha, e mollera, miúdos de bezerro, Cr$ 190. O salmão canadense fatiado está por Cr$ 2 500 o quilo; as trutas frescas são argentinas (Cr$ 295), as centollas — tipo de siri bem grande — são chilenas (Cr$ 420), como as jaivas (caranguejos enormes, Cr$ 330). O haddock defumado ou fresco é escocês (Cr$ 250 e Cr$ 170, respectivamente). Mas não param aí as opções da Raro Shop. Para enriquecer seu cardápio natalino você pode escolher ainda entre locos — mariscos grandes — do Chile, Cr$ 169; a ova de tainha chilena, Cr$ 390; sardinha portuguesa, Cr$ 109; ou arenque da Noruega, Cr$ 290. Finalmente uma ótima sugestão nacional: enguia defumada, por Cr$ 600 o quilo.

Por um amor maior

O fabricante, Rotez Comercial e Importadora (rua Tavares Bastos, 686, tel.: 62-8692, São Paulo), garante que os resultados são fantásticos: o **Up Most**, aparelho destinado a resolver problemas da área genital masculina (como capacidade sexual em declínio, órgão pouco desenvolvido, ejaculação prematura e impotência) é de máxima eficiência. Ele estimula os tecidos das células da área genital, por meio de um anel de borracha, um tubo transparente e uma pêra de sucção. A Rotez promete que problemas de ejaculação precoce podem ser eliminados em quinze dias, enquanto os relacionados com tecidos de ereção precisam de dois meses de uso do Up Most, cujo preço é Cr$ 800. O Up Most não está em lojas: é vendido por reembolso postal, numa embalagem discreta e lacrada.



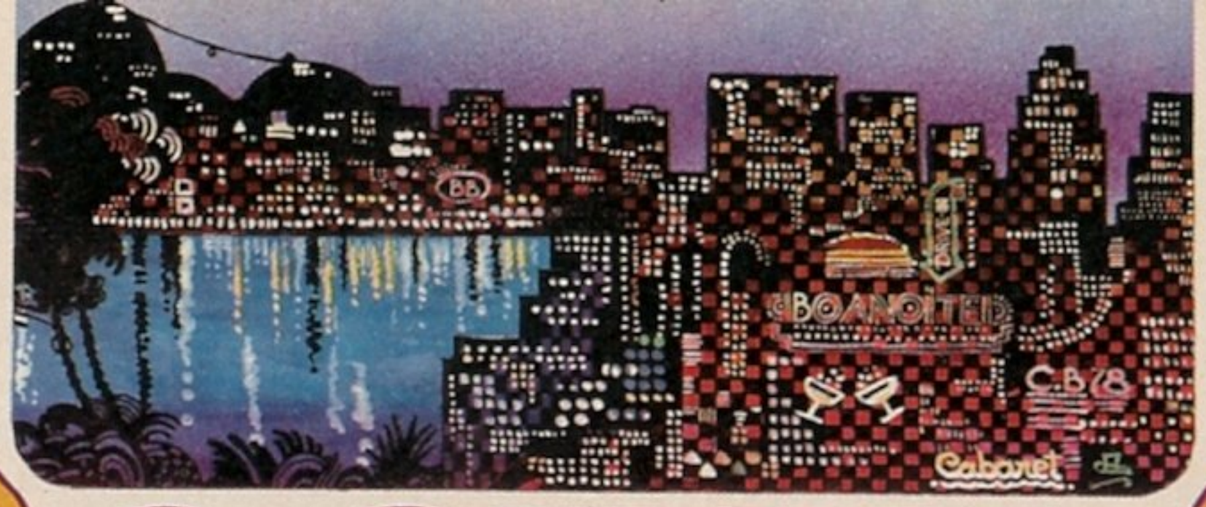
Linha Rastro: Colônia, Sabonete, Talco, Hair Spray, Desodorante, Desodorante Íntimo Feminino, Lenço-Colônia
Rastro aproxima as pessoas.

CONTATOS IRRESISTÍVEIS DE PRIMEIRO, SEGUNDO,
TERCEIRO OU QUALQUER GRAU. RASTRO.

Caio

Eu gosto de beber
do mesmo jeito que eu gosto
de amar, de viver.
De um jeito só meu,
bem pessoal.

Wyborowa.
Antes
que uma moda.



DOCE VIDA

RECADO

É PRECISO DOMAR ESSES CARTÕES

Pelo que se pode ver em certos filmes policiais, o cartão de crédito serviria até para um ladrão destrancar, sorrateiramente, portas alheias. Vá lá que, quando de seu surgimento, nos Estados Unidos, em fins da década de 40, se atribuísse ao inovador retângulo de plástico o mágico poder de "abre-te, Sésamo" da bem-aventurança material. Mas, exageros à parte, o aspecto que preocupa é, justamente, sua utilização frenética e abusiva.

Aceitemos como verdadeira a versão que atribui sua instituição a um grupo de homens de negócios que, na hora de pagar a conta do almoço, descobriu que nenhum deles tinha em sua carteira dinheiro suficiente. Daí teria surgido a idéia do cartão que pudesse resolver o problema em tais situações. Fiel a sua origem histórica, me parece de fato que pagar contas de restaurantes ou hotéis é uma das vantagens mais práticas do cartão de crédito.

A chamada sociedade de consumo, no entanto, foi pouco a pouco ampliando o alcance de sua utilização. Hoje, boa parte das relações de troca ou de prestação de serviços admitem a intervenção do cartão de crédito. Cartão ou dinheiro? Na verdade, muita gente se esquece de que a pergunta oferece uma falsa alternativa. Afinal, um não substitui o outro, apenas adia a efetiva liquidação das contas. Assim, caso ocorra uma embriaguez consumerista, segue-se inelutável a ressaca dos débitos e, eventualmente, dos juros.

Para evitar dores de cabeça, aconselha-se, pois, o uso sóbrio e moderado do cartão, tendo a precaução de considerar se a taxa cobrada é a mais conveniente em comparação com outras formas de financiamento. Mas, acima de tudo, seria desejável, no caso do Brasil, que se tratasse de regulamentar o sistema — de resto, uma providência reclamada do governo desde o início desta década, quando se registrou a proliferação dos cartões também em nosso país. Que venham as normas disciplinando as operações das sociedades que gerem esse tipo de empreendimento, que se estabeleçam critérios para o fornecimento dos cartões, que se limitem as taxas de juros e os limites de financiamento. De preferência, moderando os juros, o que seria mais uma forma de combater a inflação.

A ausência de uma legislação específica para o assunto deixa mesmo o mais previdente dos usuários numa posição pouco confortável. Como, por exemplo, quando perde ou lhe roubam o seu cartão. A partir do momento em que comunica com presteza a ocorrência, só resta ficar torcendo para que a administradora tome as devidas providências para impedir o uso do cartão por terceiros. E durante esse tempo, pobre dele se houver algum espertalhão entregue à fúria consumerista. As despesas serão todas por sua conta.

Emílio K. Matsumoto

MODA

LIBERTE OS PÉS SEM PERDER A ELEGÂNCIA

Fernando de Barros

Confortáveis e elegantes, as sandálias finalmente conquistaram, neste verão, a posição que mereciam na moda masculina. Agora, elas já não são usadas apenas na praia ou em passeios informais: complementam também qualquer traje esportivo na cidade, mesmo à noite. As opções de modelos são muitas e mostramos aqui os mais atraentes.

FOTOS/PAULO ROCHA

A sandália n.º 1 (veja na página anterior), é em tecido cru e foi criada pela Gledson, dentro da nova linha de roupas de verão em que as calças são também em linho ou algodão cru. É uma sandália para ser usada na cidade, especificamente.

Igualmente para uso urbano, a sandália n.º 2 é uma criação de Altemio Spinelli. Na verdade ela é um mocassino "arejado", que combina perfeitamente com conjuntos esportivos, lançando um novo estilo para a moda masculina que tem tudo para se firmar, sobretudo em climas tropicais como o nosso.

A sandália n.º 3, em couro cru, é outra variação de mocassino. Foi criada por Beneduci e é também apropriada para a cidade, substituindo os sapatos convencionais. O salto é de cortiça.

Finalmente, a sandália n.º 4 é o modelo que mais se aproxima dos modelos rústicos mais conhecidos. Confeccionada em couro cru e toda aberta, destina-se a ser usada sobretudo na praia e no campo. Chama a atenção pela elegância de seu desenho e certamente deverá fazer sucesso também por sua comodidade. É outra criação de Altemio Spinelli.

COMIDA

DEPOIS DA PRAIA, OS PETISCOS NATURAIS DO RAIZ

Panta & Gruel

Por incrível que pareça, na Ipanema inundada de acrílicos, aços escovados, veludos e camurças, você encontra um restaurantezinho simples e acolhedor, distribuído por cinco pequenas salas decoradas com verdejantes samambaias que caem do teto e vasinhos de flores — verdadeiras — na mesa. Trata-se do **Raiz** (rua Garcia D'Avila, 99, sobrado), que funciona de meio-dia a meia-noite. Mas o horário ideal é aquele depois da praia tardia. Não apenas porque todas as gatas que curtem comida natural preferem o horário, como também porque você escolhe sua mesa com menos concorrência.

Peça logo um refrescante suco de melão com hortelã (fica aquele hálito sedutor na boca) e passe os olhos pelo cardápio. Se você nunca experimentou comida natural, não se assuste: é igual à que você está acostumado, só que feita com ingredientes menos industrializados. As porções são menores que as dos restaurantes comuns, mas nem por isso você sairá de lá insatisfeito. Muito pelo contrário.

Aliás, no Raiz não existe despotismo ortodoxo, o que lhe permite, por exemplo, beber uma extraordinária "batida de vinho" (tinto com maçã, branco com abacaxi triturado no liquidificador) que custa Cr$ 17 e acompanha muito bem o "ruliet de frango" (a ave desossada, recheada de legumes, acompanhada de palmitos), entrada mais cara do cardápio: Cr$ 105. O mesmo preço tem o "frango alpino", cozido ao molho de vinho branco, cerejas, passas e nozes, acompanhado de arroz e purê de maçã — um verdadeiro banquete.

Você também pode optar pelo saudável prato do dia (Cr$ 42), que tem sopa, legumes cozidos, arroz ou macarrão integral, mais uma surpresinha qualquer, tipo omelete de agrião ou abobrinha recheada. Existe ainda um sanduíche vegetariano (Cr$ 17), um talharim integral ao alho e óleo (Cr$ 25), saladas (de Cr$ 12 a Cr$ 57), peixes (Cr$ 55 a Cr$ 85), sopas, etc., etc. O vinho branco vem gelado e tem decente sabor (Cr$ 13 o copo).

Mas a chave de ouro, mesmo, vem no momento da sobremesa e do licor — que café a casa não tem. O Raiz tem uma panqueca de doce de abóbora e mel que, muito simplesmente, endoidece qualquer paladar. Como se não bastasse, antes de sair, acompanhando aquela menina simpática que estava sentada a seu lado, peça um licor de agrião. Ou de jabuticaba. Ou de melão. Ou de abacaxi. Ou de maçã. Ou de pêssego. Ou de (aí, sim, ninguém vai resistir ao seu papo) hortelã. Como se vê, para ser feliz e bem alimentado, basta não entrar no endereço errado.

Em São Paulo, qual o homem que, em agradável companhia, já não foi assaltado pela dúvida: em que restaurante ir com a garota, para um magnífico jantar, em ambiente suave, à luz de velas, bom vinho e preços, se não irrisórios, perfeitamente justos?

É bom ter sempre em mente um local desses para, em tais ocasiões, evitar que ao assalto da dúvida sobrevenham os sobressaltos do paladar e — para completar — o assalto final, na hora da conta.

O restaurante para quem quer a certeza de tudo isso, mais um serviço perfeito, é o **St. James**, na rua Dr. Renato Paes de Barros, 108, no Jardim Paulista.

Ali, a boa impressão causada pela entrada — uma fachada em cores sóbrias, um jardim lateral, um toldo acolhedor e o indispensável manobrista para o seu carro — não decairá um momento sequer durante o tempo em que se estiver lá dentro. Para começar, são apenas oito mesas. Além disso, as paredes são revestidas de cortiça, para absorver o ruído e agilizar o desempenho do ar condicionado. Em meio a um clima agradável, em cuja composição entram vasos com flores e folhagens em locais adequados e quadros variados nas paredes, movimentam-se com perfeição os garçons sob o comando do experimentado *maître* Salvador, vindo do Vila Destri, da Baiúca e do Bayuvar.

Mas é na hora de comer que você e ela constatarão, uma vez mais, que os melhores cozinheiros franceses são nordestinos, como comprova o *chef* Toninho, um alagoano que se adestrou e ajudou a fazer a fama da cozinha do La Cocagne. De sua criatividade surgiram o ameno Filet St. James (filé de pescada recheado de camarão) e o genial Filé à Roquefort (filé-mignon na chapa, com molho de champignon e roquefort por cima); a alternativa são os Crevettes St. Lo (camarões ao molho bechamel).

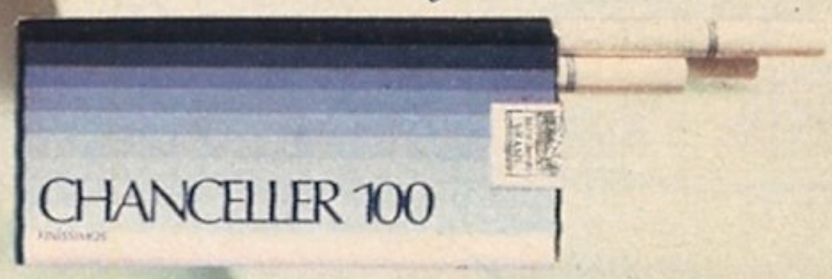
No entanto, Jaime, o proprietário, não se dá por satisfeito e tem uma saudável preocupação: está sempre pesquisando pratos novos, para, como ele diz, "evitar cair na monotonia francesa" — que nos restaurantes do gênero, no Brasil, inclui muitas vezes o condenável hábito de servir porções minguadas. Para os homens de negócios, das 13 às 15, nos chamados dias úteis, há o "almoço executivo" (Cr$ 90), composto de uma entrada, um prato e a sobremesa.

Extremamente fino.
Extremamente gostoso.

As pessoas de muito bom gosto fumam Chanceller porque ele é extremamente fino, elegante, bonito, moderno.

Mas o importante é que Chanceller tem gosto, tem sabor, satisfaz, você sente quando fuma.

Com Chanceller, você fica um pouco mais bonito e muito mais satisfeito.



O único fino que satisfaz.

NOITE

EM SP E RIO, DUAS INCURSÕES À SIMPLICIDADE

Dionísio Madruga

Tenho recebido cartas de leitores paulistas pedindo indicações de lugares "diferentes" para curtir a noite. Alguns estão entediados com a sofisticação de *pubs*, cafés e barzinhos supertransados, cada vez mais em voga. Outros dizem que ao levar certas garotas a esses lugares não notam da parte delas o menor entusiasmo: examinam o local com aquele ar *blasé* de quem está pensando: "Saco! Sempre a mesma coisa..."

Ora, se todo mundo está indo aos lugares badalados, o "original" pode ser ir aos cantinhos secretos — que só *você* e alguns raros garimpadores da noite conhecem. Um deles é o **Bar Fartura** (rua Bresser, 1081), no Brás, São Paulo. Trata-se, literalmente, de um botequim, com amplo balcão de aço, umas poucas mesas com banquetas sem encosto e preços modestos. Basicamente, o Fartura é indicado para começo de noite, pois fecha cedo, por volta de 10 da noite. E no máximo à meia-noite nos fins de semana.

É bom não esquecer que o lugar só vale mesmo se você e sua garota apreciam o lado folclórico da coisa, como a possibilidade de iniciar um papo com algum antigo freqüentador, geralmente dono de românticas e nostálgicas histórias sobre o velho Brás que o metrô está pulverizando. De qualquer forma, o mínimo que se pode curtir são os pasteizinhos de carne, os croquetes e outros petiscos que há anos são feitos por dona Antônia, a cozinheira.

Mas é no capítulo das bebidas que o Fartura tem seu ponto forte, justificando o nome. Lá você vai encontrar desde uma caninha Pitu, um incendiário Fogo Paulista ou um execrável vinho de São Roque até o mais requintado xerez, um champanha francês Don Pérignon, de boas safras, vinhos italianos, vodcas russas ou polonesas... enfim, um paraíso para colecionadores e *dégusteurs*. São milhares de garrafas.

E há ainda batidas de nomes cândidos e sabores muito especiais, inventadas há mais de 25 anos pelo fundador do bar, Gilberto Ferreira de Campos, como a "disco voador", a "tropical" e "Tarzan", esta de fórmula misteriosa e, segundo seus adeptos, de altas propriedades afrodisíacas. Muito adequada, portanto, para quem vai lá, justamente, para iniciar a noite.

Do Rio, meu correspondente Edney Silvestre dá a seguinte dica: o **Cervantes** vem do tempo em que Copacabana — e a av. Prado Júnior, onde se localiza, muito especialmente — era símbolo de uma vida desregrada, com jovens "transviados" em lambretas, chicletes na boca, Elvis no rádio e bolinhas na cabeça. Os tempos e a barra mudaram sensivelmente, mas o Cervantes continuou sendo o ponto de encontro para intelectuais anônimos & jovens zangados à procura de bom papo, chope bem tirado e os sanduíches mais fartos do Rio.

Com a inauguração de um cinema de arte a uns duzentos metros, faz alguns anos, a essa freqüência foram acrescentados outros tipos, como a estudante de comunicação da PUC, a cocota que já não agüenta mais papo de surfista, a jovem senhora que resolveu se atualizar. Raramente, entretanto, entra mulher sozinha no local, talvez devido à velha imagem da avenida (por sinal, uma das menores do mundo: três pequenos quarteirões).

Decoração, o lugar já teve — painéis representando cenas de D. Quixote. Mas tantas foram as camadas de verniz fixador que as pinturas receberam, que hoje mal se consegue distinguir as formas pintadas pelas paredes. Não importa. O bom do Cervantes, além dos máxi-sanduíches, sempre acompanhados por fartas saladas (nenhum custa mais de Cr$ 30) é o ambiente eclético e a descontração. Quem fizer questão de uma refeição mais sólida pode pedir o picadinho, de honestas proporções, ao preço de Cr$ 45.

Outros detalhes: o Cervantes só será divertido se você chegar lá com o espírito aberto para ficar algum tempo de pé aguardando vaga em uma de suas poucas mesas, não se incomodar com a pouca paciência (jamais grosseria) dos garçons, o barulho de alguma sirena da polícia perseguindo alguém lá fora e — *last but not least* — a extrema proximidade das mesas, impedindo qualquer tipo de papo íntimo. Vá ao Cervantes como você iria a um jogo de futebol entre Flamengo e Corinthians. Pode ser meio difícil entrar no clima, mas, uma vez lá dentro, você vai se divertir um bocado.

VIAGEM

UM SOLAR PARA SEU VERÃO EM UBATUBA

Len Berg

O austríaco Kurt Greiner chegou a Ubatuba em 1951, sem planos de ficar. Mas acabou se apaixonando pelo lugar. No verão do ano passado, já transformado num autêntico nativo, Herr Greiner inaugurou o seu **Solar das Águas Cantantes**, um hotel charmosíssimo que tenta reviver a atmosfera de um solar colonial brasileiro.

Apaixonado por arquitetura, Greiner há muito tempo namorava os antigos casarões da vizinha Parati e, aos poucos, foi concretizando seu projeto de construir algo semelhante em Ubatuba, com material (telhas, mourões, grades, etc.) que foi reunindo aos poucos num cuidadoso trabalho, vasculhando cidades antigas como São Luís do Paraitinga, Natividade da Serra, Parati e outras. Um restaurador francês retocou abajures e candelabros; um escultor ubatubense entalhou todas as portas; e o próprio Greiner foi quem decorou o pátio interno do solar com exuberantes samambaias e palmeiras, que convivem com um monjolo, pilões e trinados de pássaros caipiras — um panorama repousante para

As mulheres usam maiôs de Lycra® por sua causa: retribua.

Stabel & Guerreiro
Lage, Stabel & Guerreiro

Aquelas coisinhas lindas usam maiôs de "Lycra" para serem vistas e admiradas. Mas agora o feitiço vai virar contra as feiticeiras: os maiôs masculinos de "Lycra" estão sendo feitos nos modelos mais incríveis, em cores de virar a cabeça das mulheres. E além disso, os maiôs de "Lycra" deixam você com corpo de deus grego: ajustam bem, não deformam, não apertam nadinha, não deixam a areia grudar, secam depressa, e dão toda liberdade de movimentos. Agora sim, as mulheres vão ver o que é bom.

Lycra®
O fio elastano que só a Du Pont fabrica.
DU PONT
MARCA REGISTRADA

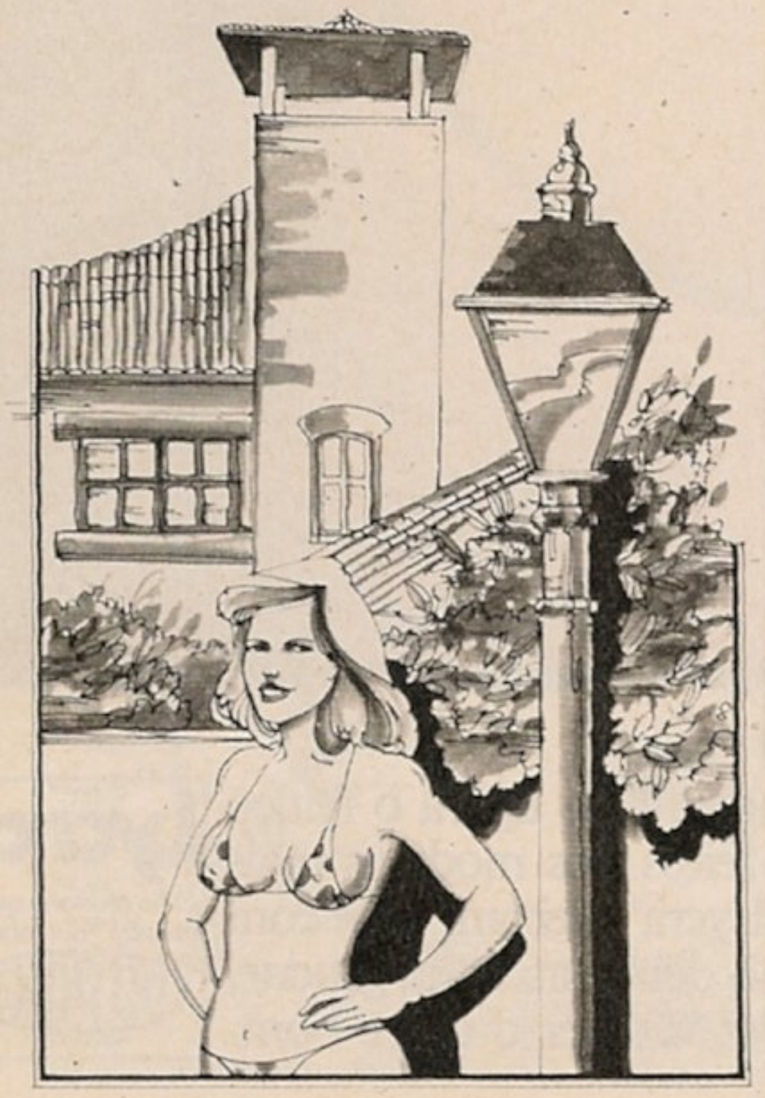
quem está nos amplos avarandados que circundam o pátio do térreo e no primeiro andar.

O Solar das Águas Cantantes fica situado estrategicamente entre duas das praias mais bonitas de Ubatuba: a praia do Lázaro e a Sununga, longe da agitação dos veranistas pouco sensíveis ao seu charme e seu sossego: propositalmente, Herr Greiner não instalou música ambiente nem telefones nos apartamentos, um dos quais já hospedou o rei e a rainha da Suécia. A decoração de cada apartamento (todos têm geladeira-bar e ar condicionado) é enriquecida por tapetes artesanais e, nas varandas, redes preguiçosas convidam à sesta entre bem tratadas folhagens.

O bar — sob uma frondosa trepadeira — fica ao lado da piscina; e o restaurante, sob o comando de um maître experiente, oferece pratos irrecusáveis (experimente a moqueca de camarão, a Cr$ 200) e uma excelente carta de vinhos chilenos, alemães e portugueses. E se você se tornar amigo de Greiner, poderá ser surpreendido com uma deliciosa sopa de funghi feita por ele mesmo.

Neste verão, o Solar tem uma sedução a mais: uma escuna de 18 metros, trazida de Salvador, está à disposição dos hóspedes para levá-los a passeios ao largo do litoral, de Ilhabela até Angra dos Reis.

A diária para casal no Solar das Águas Cantantes fica em Cr$ 900 e as reservas podem ser feitas em São Paulo, pelos telefones 260-2700 ou 260-5760; ou em Ubatuba, pelo telefone 42-0178 (DDD 0124).



ESPORTE

COM TAI CHI CHUAN, RELAXE E APROVEITE

João Pedro Bara F°

Foi graças a uma pelada de futebol que conheci o professor Kwong Ming Lai e fui iniciado nos saudáveis mistérios do tai chi chuan. Eu tinha levado a pior numa bola dividida e machucado o ombro direito. No dia seguinte, amanheci com as costas muito doloridas, a ponto de não conseguir trabalhar. "Por que você não toma uma injeção de vitamina B?" — sugeriu um amigo. "Por que você não consulta o professor Kwong?" — sugeriu uma amiga. Optei pelo palpite dela. E acertei em cheio: com uma ligeira massagem e alguns tapas, o professor fez a dor desaparecer em poucos minutos. Diante disso, ele me convenceu facilmente de que eu só teria a ganhar matriculando-me na Escola Tâo, para praticar a milenar arte chinesa (ginástica?, dança?, luta? Talvez um pouco de tudo isso... e mais alguma coisa) do tai chi chuan, que se pode definir como sendo um conjunto de exercícios para obter o equilíbrio da energia vital do organismo. Seus adeptos consideram as doenças uma conseqüência natural da má distribuição dessa energia vital do organismo, e então procuram redistribuí-la por meio de exercícios físicos, de posturas, do pensamento e da ação. *Tai chi,* aliás, significa *equilíbrio.*

Ao contrário da yoga, que tem uma pronunciada carga mística, o tai chi chuan conduz os seus praticantes a uma atitude claramente realista. E, ao contrário do karatê, do judô e de outras artes marciais de origem oriental, os exercícios do tai chi chuan não são cansativos nem provocam grande desgaste físico. Por isso mesmo, na China, segundo o professor Kwong Ming Lai, ele é muito praticado nos parques e jardins pelas pessoas que têm de enfrentar longas jornadas de trabalho logo em seguida. É recomendado também para pessoas idosas ou convalescentes, que precisam recuperar suas forças mas não podem fazer grande esforço muscular.

O primeiro passo, no tai chi chuan, é o relaxamento do corpo, a fim de se conseguir aumentar sua sensibilidade.

Aumentando-se a sensibilidade, aumenta-se a consciência do próprio corpo. Aí então se consegue avaliar onde há excesso ou falta de energia. Em mais ou menos quatro meses de exercícios, duas vezes por semana, eu já conseguia localizar alguns pontos de forte tensão em meu corpo, passando então a praticar os exercícios apropriados para "dissolver" essa tensão, regulando meus fluxos de energia. Meus pontos de tensão estavam localizados sobretudo nos ombros e na cabeça. Segundo o professor Kwong Ming Lai, isso é muito comum entre as pessoas que trabalham em atividades intelectuais.

Note-se bem que o tai chi chuan proporciona um estado de grande relaxamento, mas é um relaxamento consciente, e não "preguiçoso". Além disso, ele pode melhorar o seu desempenho sexual. O professor Kwong conta que seu velho mestre chinês, com mais de 60 anos de idade, conseguia manter meia dúzia de relações sexuais numa única noite. "Com o corpo relaxado e a mente concentrada nos órgãos sexuais, isso não é difícil", assegura ele.

Na Academia Tâo (rua Maria Noschese, 165, Aeroporto, em São Paulo), o curso de tai chi chuan, com duas aulas semanais de duas horas cada, custa a módica quantia de Cr$ 500 por mês. Mas o importante, para o professor Kwong Ming Lai, é poder difundir os ensinamentos que trouxe ao emigrar da China para o Brasil, há dez anos. Por isso, todas as manhãs de domingo, às 10 horas, no Parque do Ibirapuera, em São Paulo (junto às palmeiras próximas ao portão 6 do parque), ele dá aulas de tai chi chuan para todos os que queiram participar. Inteiramente grátis.

Coloque esta obra de arte na sua sala de jantar.

San Michel, como toda obra de arte, faz bem para o espírito.
Você sente isso ao abrir a sua garrafa.

Os artistas que fazem San Michel são como os artistas que fazem qualquer outra grande obra: gostam de viver em contato com a natureza.
É num lugar assim em Bento Gonçalves que eles plantam e colhem as uvas, o amor e a inspiração para produzir San Michel.

Você pode escolher a cor da sua obra de arte: tinto, branco ou rosé.

San Michel. Uma obra de arte da Maison Forestier.

A Chevrolet acaba de cruzar duas das coisas mais descontraídas, esportivas e resistentes dos dias de hoje: um jeans com um Chevette. Então aquele Chevette raçudo e econômico, que a gente já conhece, está saindo por aí na maior, vestido de jeans por dentro.

Todo o acabamento interno, os bancos altos, o painel das portas, está tudo naquele clima de fazenda hoje, discoteca amanhã, cinema sábado e faculdade durante a semana.

Novo Chevette Jeans.

Garanta o combustível de amanhã.
Respeite os 80.

O novo Chevette Jeans é um novo e inspirado jeito de rodar, movido a um motor potente e econômico ao mesmo tempo, como o 1400-E. Além de oferecer a opção do novo carburador de duplo estágio progressivo: com ele o Chevette faz 15 km por litro.

15km/l

Assim, o jeitão esportivo que o Chevette sempre teve, do câmbio até as rodas, agora dá uma parada linda lá dentro, todo vestido de jeans.

O negócio é ver um Chevette Jeans de perto, num dos 400 Concessionários Chevrolet, que garante a você um negócio vantajoso. Dê um pulinho lá. O Chevette Jeans foi feito para você.

CHEVROLET

Tome uma atitude Chevrolet.

E montar e sair por aí.

Momentos felizes começam com um presente feliz.

Seiko é um presente feliz. E você pode escolher dentre uma extensa linha de modelos: todos requintados, elegantes e com os mais modernos aperfeiçoamentos; todos com a impecável qualidade e soberba precisão Seiko, líder mundial em tecnologia.

Dê Seiko. Você estará dando momentos felizes para sempre.

SEIKO

Um dia todos os relógios serão feitos assim.

Denison

CINEMA

TUBARÃO MUDOU DE SEXO E SÓ COME GAROTOS

Rubens Ewald Filho

Depois de *Tubarão, Orca* e *Tentáculos,* as multinacionais do cinema tiveram de apelar para a imaginação criadora a fim de evitar que se esgotasse seu estoque de horrores aquáticos. Assim, "importaram" do Brasil cardumes de piranhas que no filme *Piranha* fizeram formidáveis estragos em terras norte-americanas. Com isso, pensava-se, estava terminado o ciclo dos peixes e outros bichos terroristas e todos já pensávamos não haver mais perigo em tomar tranqüilos banhos de mar, como convém no verão. Mas eis que surge, para pavor geral, **Tubarão 2,** ameaçando reeditar a quase neurose coletiva que foi causada pelo esqualo original.

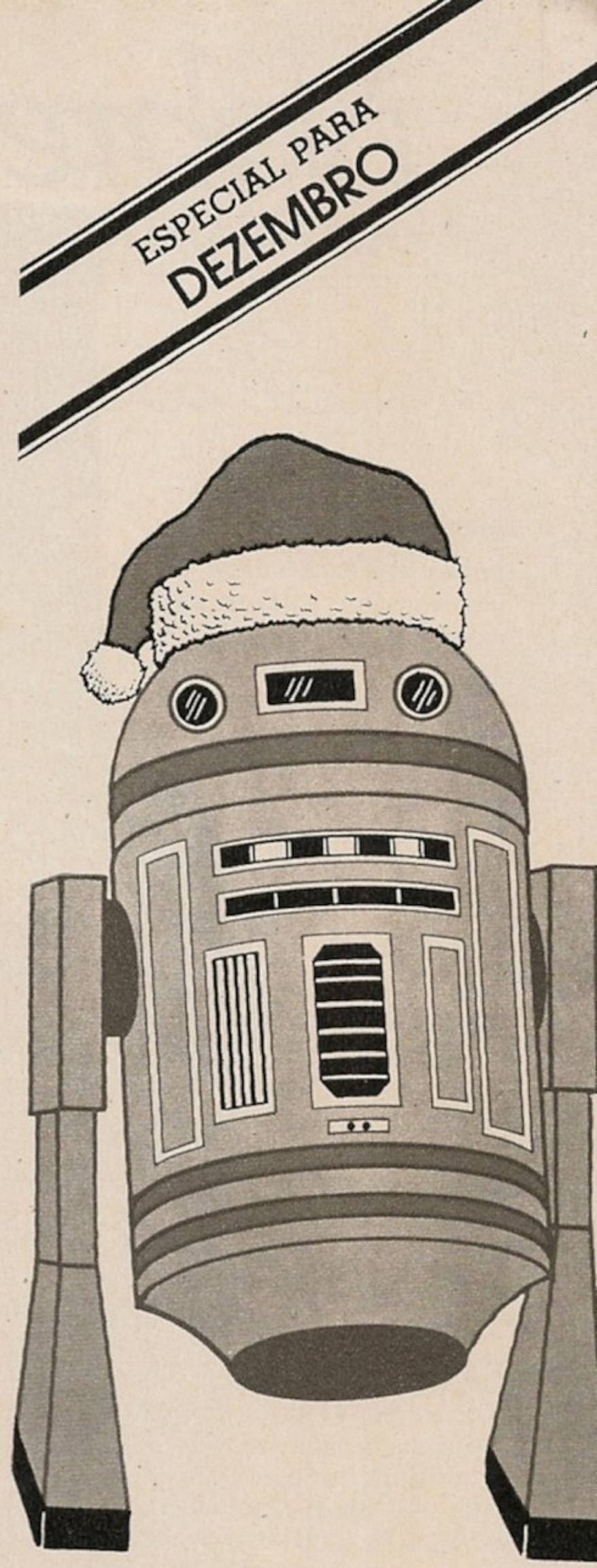
No entanto, essa seqüência do terror dos mares é muito menos convincente, pois sua realização foi um festival de problemas: o mau tempo atrapalhou quase todas as tomadas de cenas no mar, o tubarão mecânico insistia em não funcionar direito e o diretor John Hancock foi substituído pelo francês Jeannot Scwarc no meio das filmagens. E, em parte por causa dos atrasos da produção, Scwarc não teve controle sobre a edição do filme.

O certo é que *Tubarão 2* acabou sendo violentamente arpoado pela crítica nos Estados Unidos. E certamente, também, causará menos impacto que seu irmão mais velho — por razões puramente biológicas. Ocorre que Bruce II — uma fêmea — revela especial apetite por carne tenra, aplicando suas devastadoras mandíbulas de preferência em adolescentes. Afinal, alguma coisa teria de mudar na tranqüila praia de Amity, quatro anos depois dos estragos causados pelo primeiro tubarão.

O que não se entende é por que, passado tanto tempo, o prefeito continua o mesmo. Como teria conseguido reeleger-se, depois de ter feito tanta besteira no primeiro filme, permitindo a freqüência de milhares e milhares de pessoas às perigosas e nefastas praias, mandando tanta gente para a morte quase certa? Ou teria ele conseguido que só os eleitores da oposição fossem à praia? Mistério... Dessa forma, as mandíbulas de Bruce II dificilmente conseguirão saciar o próprio apetite e, principalmente, o dos produtores, que esperavam ganhar tanto quanto com o primeiro filme (200 milhões de dólares). Nos EUA, rendeu apenas 80 milhões, o que se pode considerar um fracasso. Lá, pelo menos, o mar não está para esse tipo de peixe...

Mas a contribuição brasileira para os filmes de catástrofes não se limita à exportação de piranhas. Agora, as nossas mal cruzadas abelhas africanas estão voltando dos Estados Unidos em fitas como a modesta *Abelhas Selvagens* e como a milionária **O Enxame.** Esta última, dirigida pelo criador do gênero catástrofe Irwin Allen *(Destino de Poseidon)* reúne um punhado de astros e muitos punhados de insetos. As abelhas atacam piqueniques, helicópteros e chegam até a invadir um laboratório subterrâneo de mísseis, onde ameaçam provocar a cidade de Houston. Os efeitos especiais nada têm de especial e todo o possível sucesso de *O Enxame* deve ser creditado unicamente ao prestígio de seus astros: Michael Caine, Katharine Ross, Olivia de Havilland, Henri Fonda, Richard Widmark, José Ferrer, Fred MacMurray.

Uma notícia que deixará seu irmão mais novo feliz, e agradará você também: está chegando um desenho novo de Walt Disney. Chama-se **Bernardo e Bianca em Missão Secreta** *(The Rescuers)* e mostra dois ratinhos que vão salvar uma órfã raptada — Penny — das garras da desprezível Madame Medusa, que utiliza a menina para encontrar um diamante. Segundo os críticos, é o melhor desenho animado saído dos estúdios de Disney desde *Mowgli, o Menino Lobo.*



merry Company

COMPANY

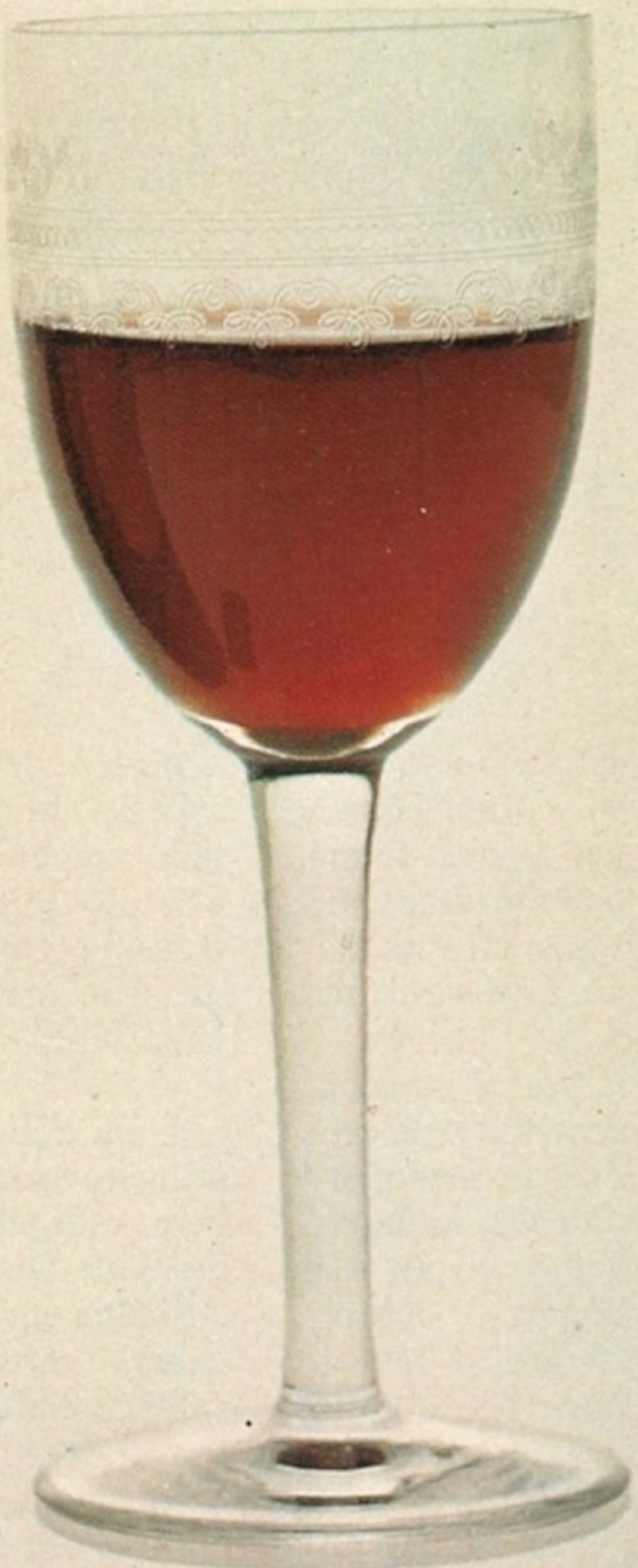
Ipanema-Rio
Iguatemi-S. Paulo
Icaraí - Niterói

Nobre como poucos

LOUIS XIV - Le Roi Soleil
Toile de H. Rigaud - Musée du Louvre - Paris

A nobreza sempre soube cultivar em cada detalhe a finesse e o requinte.

O vinho Baron de Lantier revela um sabor tão nobre quanto as mais tradicionais estirpes européias.



BARON DE LANTIER

Vinho fino de origem controlada

MÚSICA BRASILEIRA

POR QUE NÃO DAR UM POUCO DE NOSTALGIA?

Tárik de Souza

Um pouco de boa nostalgia, ou um pouco da nossa música fiel às suas raízes, ou ainda os mais recentes experimentos de um dos nossos músicos mais criativos, qualquer uma dessas opções podem ser ótimas sugestões para você presentear sua garota — ou ser presenteado — nestas Festas.

No primeiro caso, há uma reedição de antigos sucessos de um cantor que desapareceu recentemente: Orlando Silva. Quem era ele afinal e por que foi chamado "O Cantor das Multidões"? Essas perguntas podem parecer óbvias aos mais velhos. No entanto, procedem em relação aos ouvintes dos últimos trinta anos de carreira do cantor. Com a voz deteriorada, recorrendo à impostação para sustentar as notas, Orlando desmentia o intérprete ágil e comovente das décadas de 30 e 40 em seu cantar exato, curto e sensível. Agora — somente por ocasião de seu falecimento — é possível apreciar esse luminoso cantor através de reedições cuidadosamente montadas com a colaboração dos colecionadores. **Orlando Silva dos Anos 40** (Odeon) traz o cantor em plena forma, entre os anos de 1942 e 1947, deslizando sua entonação macia por sambas, valsas, canções e os modismos importados da época — fox e beguine. Deste último, a definitiva versão de Orlando Silva para o célebre *Beguin the Beguine* mereceu elogios até do autor, Cole Porter. Entre todas as gravações internacionais de sua música ele preferiu a gravação brasileira.

Baby Consuelo: dos Novos Baianos às raízes

Fiel descendente da melhor música brasileira (inclusive por hereditariedade: seu pai tocava com Jacob do Bandolim no "Época de Ouro"), Paulinho da Viola, principal responsável pela volta do choro, reúne em seus LPs dosadas misturas de novidades e recriações antológicas. Às vezes, dá novas cores a um sucesso mal explorado como o belo *Apoteose do Samba,* de Mano Décio e Silas de Oliveira. Outras, desencava um motivo popular como *Miudinho,* recolhido, adaptado e versejado — de viva voz — pelos lendários "estacianos" Bucy Moreira e Raul Marques e por Monarco, da velha guarda da Portela. Também cai no samba rasgado, com seu inseparável parceiro Elton Medeiros *(Sentimento Perdido)* ou discorre sobre as escaramuças do amor transfiguradas num jogo de sinuca *(Pelos Vinte,* parceria com Sérgio Natureza). As composições citadas aqui estão em seu mais recente disco: **Paulinho da Viola.**

Puxando outro fio da tradição, que passa pelo forró de Luiz Gonzaga *(O Fole Roncou),* o "sambinha batucada" de Alvaiade *(O Que Vier Eu Traço)* e o samba exaltação de Ary Barroso *(Aquarela do Brasil),* a cantora Baby Consuelo, chega à eletrificação de seu estilo bem contagiante. Em seu disco de estréia **O Que Vier Eu Traço** (WEA) acontece o que diz o título, ou conforme define a *Eu Sou Baby Consuelo*: "Eu sou fé em Deus e pé no mundo/ e sem carta, e sem selo".

Igualmente destituído de rótulos ou limitações de época e gênero, o novo LP de Egberto Gismonti, **Nó Caipira** (Odeon) tanto se embrenha pela densa selva erudita quanto discorre sobre a variedade de ritmos brasileiros *(Frevo, Maracatu, Nó Caipira),* utilizando-se até mesmo do estilo rudimentar das bandinhas de pífanos do interior nordestino *(Esquenta Muié).* Premiadíssimo em todo o mundo por seu *Dança das Cabeças,* Egberto Gismonti atualmente acumula duas carreiras: uma no Brasil e outra no exterior. Ambas audaciosas e inovadoras. Internacionais, sem prejuízo do sotaque deliciosamente caipira.

MÚSICA INTERNACIONAL

LOUCURAS QUE TODOS GOSTAM DE GANHAR

Ezequiel Neves

Ao elaborar minha lista dos melhores discos de música internacional lançados este ano — a lista que recomendo a qualquer um que queira presentear no dia de Papai Noel — notei neles um ponto comum: os melhores lançamentos de 78, com raras exceções, refletem de forma caleidoscópica as angústias e desvarios deste final de década. Mas nem por isso deixam de ser excelentes presentes. Aqui estão minhas recomendações:

Lou Reed, o "Frankenstein do Rock", abre a lista com o apavorante **Street Hassle** (Odeon). Valsas fúnebres, rock-rasgado e litanias são as molduras para letras que traduzem a própria *overdose* do pavor. Os ensandecidos Sex Pistols (o grupo *punk* de Joãozinho Podre) investem contra tudo e todos nas doze pulverizantes faixas de seu primeiro (e único!) LP, o genial **Never Mind the Bollocks** (Gravadora Phonogram).

Abrindo seu **Some Girls** (Odeon) com um número discothèque, os imbatíveis Rolling Stones apenas disfarçaram o que viria depois: violentos e autobiográficos rocks onde três guitarras detonam balanço e desespero, em doses assustadoras. E o ex-maluquete David Bowie não deixou por menos. Gravou **Heroes** (RCA) na Alemanha, inventando o disco mais lúgubre de música anglo-americana.

Nem mesmo o cinismo e o romantismo presentes nas nove canções do eufórico **Street Legal** (CBS) salvaram Bob Dylan. A certa altura, o ex-profeta dos anos 60 confessa, na ótima *Senor:* "Este mundo não faz o mínimo sentido para mim".

Ainda bem que o sol da Califórnia abrandou um pouco o desespero de seus músicos. A deliciosa Linda Ronstadt parou de cheirar cocaína e nos deu o apetitoso **Simple Dream** (WEA), repleto de esbaldantes canções. O cantor/compositor Jackson

INTERNATIONAL

*Poesi

Maiôs para um amor de verão

Lycra.

SAYONARA TECIDOS

CIA. SAYONARA DE ROUPAS

Rua Bolivia, 39 - Tel.: 261-7312

Filiais:

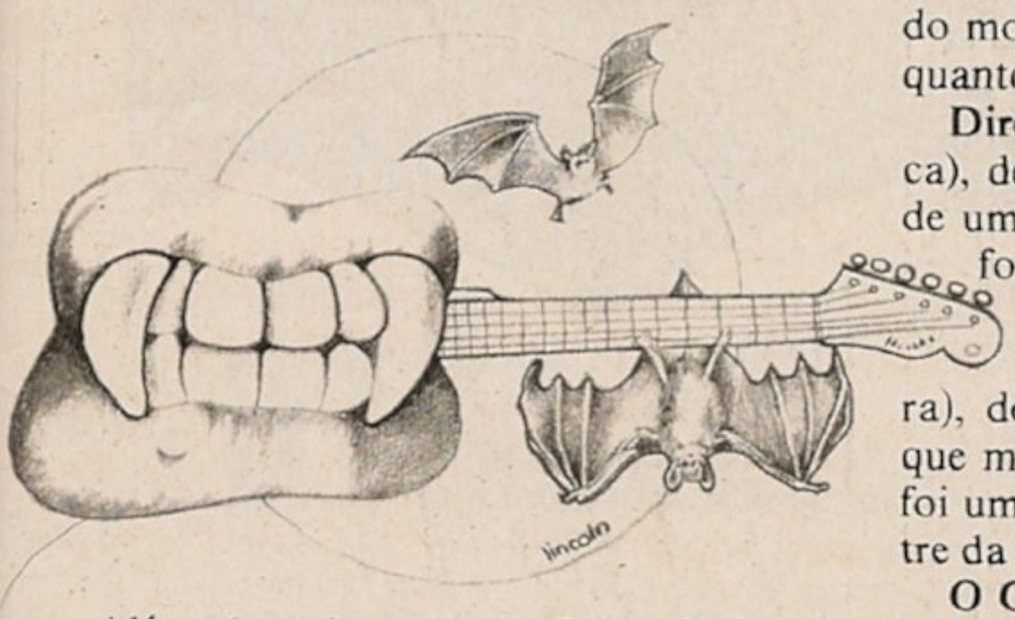
RIO DE JANEIRO:
Rua Grajaú, 210 - Tel.: 268-2576 - RJ

SÃO PAULO:
Rua Campevas, 611 - Tel.: 65-7068 - SP

Browne foi buscar inspiração em Jack Kerouac, gravando "on the road" seu magnífico **Running on Empty**. E ainda teve tempo para produzir **Excitable Boy** (WEA) para o seu pupilo Warren Zevon, a grande revelação de compositor do ano. Embora suas letras sejam a própria ferida aberta, Zevon faz uma música que arroja alegria.

Bob Marley, o Rei do Reggae jamaicano, deixou de lado o protesto social para celebrar a marijuana (ou kaya), que é a hóstia da religião rastafari. O LP tem justamente o título de **Kaya** (Phonogram) e esbanja balanço em todas as direções. O soul progressivo do grupo negro Earth, Wind and Fire continua sendo um autêntico convite à dança. Isso ficou mais uma vez provado nas muitas faixas do esbaldante e irresistível **All'n All** (gravadora CBS).

No setor do jazz, o Primeiro Festival Internacional de São Paulo motivou uma avalanche de lançamentos.



Além do substancioso **One Night in Birdland** (CBS), com o genial Charlie Parker, surgiram coleções como **That's Jazz** (WEA), seis LPs que trazem nas capas os nomes de Ornette Coleman, Art Blakey e Telonious Monk, Modern Jazz Quartet, Ray Charles, Errol Garner e Herbie Hancock. A Odeon lançou também a imprescindível série **Jazzology.** São dezesseis LPs de gigantes como Louis Armstrong, Fats Waller e Kjango Reinhart (deste guitarrista cigano, belga de nascimento, autêntico desbravador de seu instrumento, *Jazzology* oferece cinco soberbos volumes). E de Armstrong reúne, em quatro volumes, suas gravações entre 1926 e 1929, restauradas com um surpreendente e gratificante bom nível de qualidade.

E o sempre jovem/veterano Charles Mingus, ao fundir a música colombiana com o jazz de vanguarda em **Cumbia and Jazz Fusion,** lançado agora pela WEA, nos presenteou com o mais criativo LP instrumental do ano.

LEITURA

LIVROS, SÓ PARA OS AMIGOS

Geraldo Galvão Ferraz

Alguns dos livros, saídos este ano, que eu daria de presente de Natal aos amigos e que nunca recomendaria aos meus inimigos:

ROMANCES: **O Sonho de Dom Porfírio** (Ática), de Sílvio Fiorani, a melhor estréia em romance do ano, onde é criado um país digno do Eldorado de Glauber Rocha, uma visão do Brasil através do espelho deformante do ridículo.

Terror e Êxtase (Codecri), de José Carlos Oliveira: a realidade está ultrapassando a ficção, mas vale a pena ler esta *love story* entre um marginal do morro e uma cocota Zona Sul, enquanto o Rio ainda existe.

Direita, Esquerda, Volver (Nórdica), de Plínio Cabral: cinco fugitivos de um asilo descobrem que o lado de fora do manicômio é que abriga a loucura e o absurdo.

Um Copo de Cólera (Cultura), de Raduan Nassar: uma novela que mostra que *Lavoura Arcaica* não foi um acaso e que Raduan é um mestre da ficção psicológica.

O Grande Processo (Nova Época), de Louis Nizer: a história do caso Rosenberg, com um leve colorido ficcional. Uma demonstração de como a Justiça pode ser obediente a poderes mais fortes.

Xógum (Nórdica), de James Clavell: como os ocidentais chegaram ao Japão e enfrentaram o choque de duas culturas. Muita ação e uma aula de história.

Henderson, o Rei da Chuva (Nova Fronteira), de Saul Bellow: um milionário americano parte para a África em busca do significado da vida.

O Retrato Falado da Corrupção (Nova Época), de Luis Spota: ascensão e queda de um humilde pastor nos meandros da vida política, econômica e social de um país latino-americano.

Carapau (Rocco), de Chico Anísio: um excelente romance regionalista, que não recebeu a acolhida que merecia. Por que será? Preconceito?

Pássaros Feridos (Difel), de Colleen McCullough: o amor entre um padre e uma filha de uma família de criadores de carneiros, através de várias gerações. Um romance absorvente.

CONTOS: **Crimes da Paixão** (Record), de Dalton Trevisan. Dalton, na melhor forma, sensual, sutil, implacável na tarefa de fazer a radiografia da classe média curitibana e, por extensão, da brasileira.

O Conto da Mulher Brasileira (Vertente): Edla Van Steen escolheu, e bem; o livro é um panorama da melhor ficção brasileira, incidentalmente escrita por mulheres como Nélida Piñon, Lygia Fagundes Telles, etc.

Filhos Pródigos (Cultura), de Lygia Fagundes Telles: dominando como nunca a arte da história curta, Lygia revela mundos insuspeitados em personagens do cotidiano.

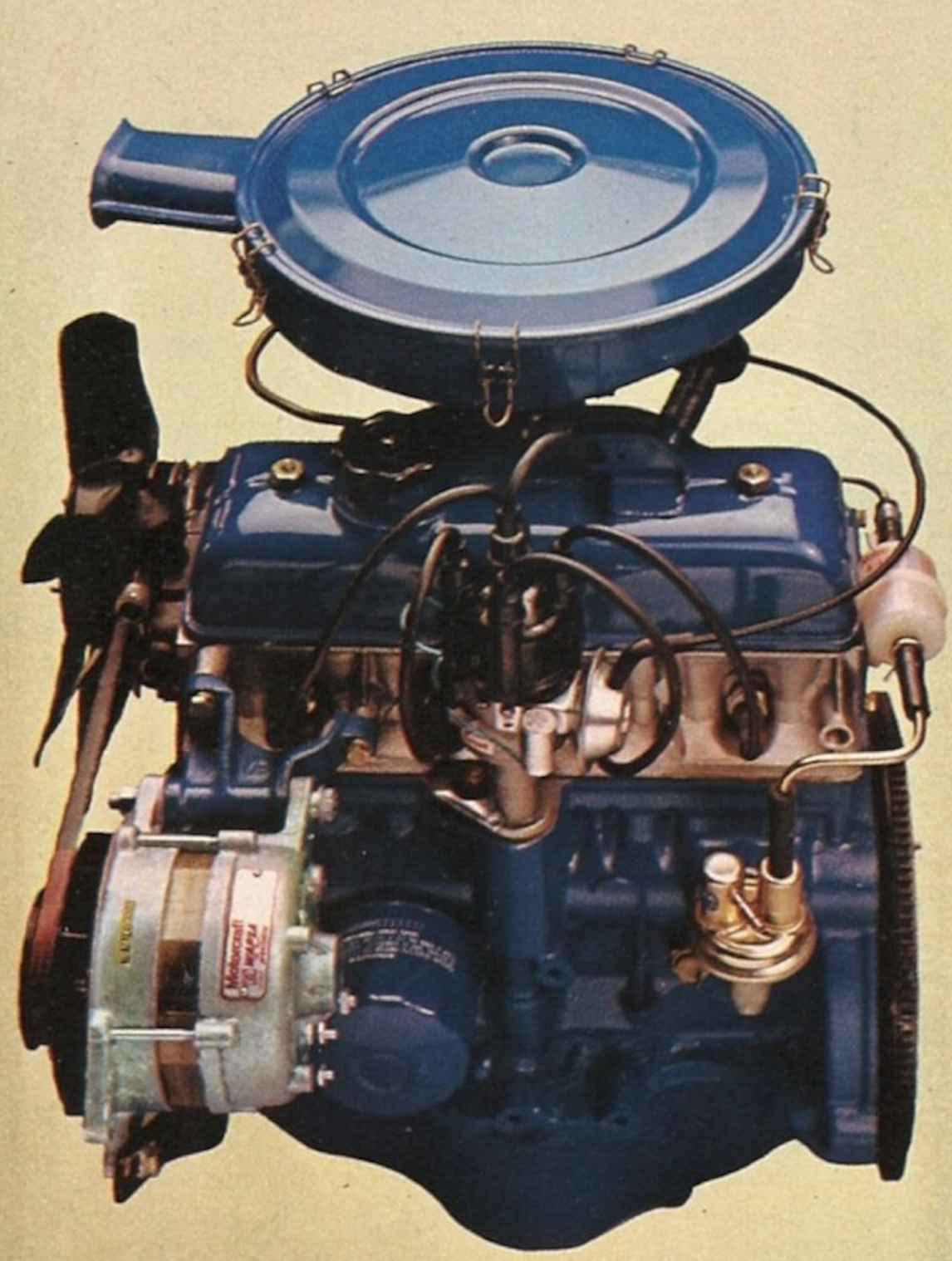
A Casa do Girassol Vermelho (Ática), de Murilo Rubião: o mestre do conto fantástico-realista surpreende o leitor com temas e imagens insólitas.

Contos de Andersen (Paz e Terra), de Hans Christian Andersen: para reler, agora com a visão adulta; o encantamento perdura.

FICÇÃO CIENTÍFICA: **F de Foguete; E de Espaço** (Hemus), de Ray Bradbury: dois volumes dos melhores contos jamais escritos por um autor do gênero.

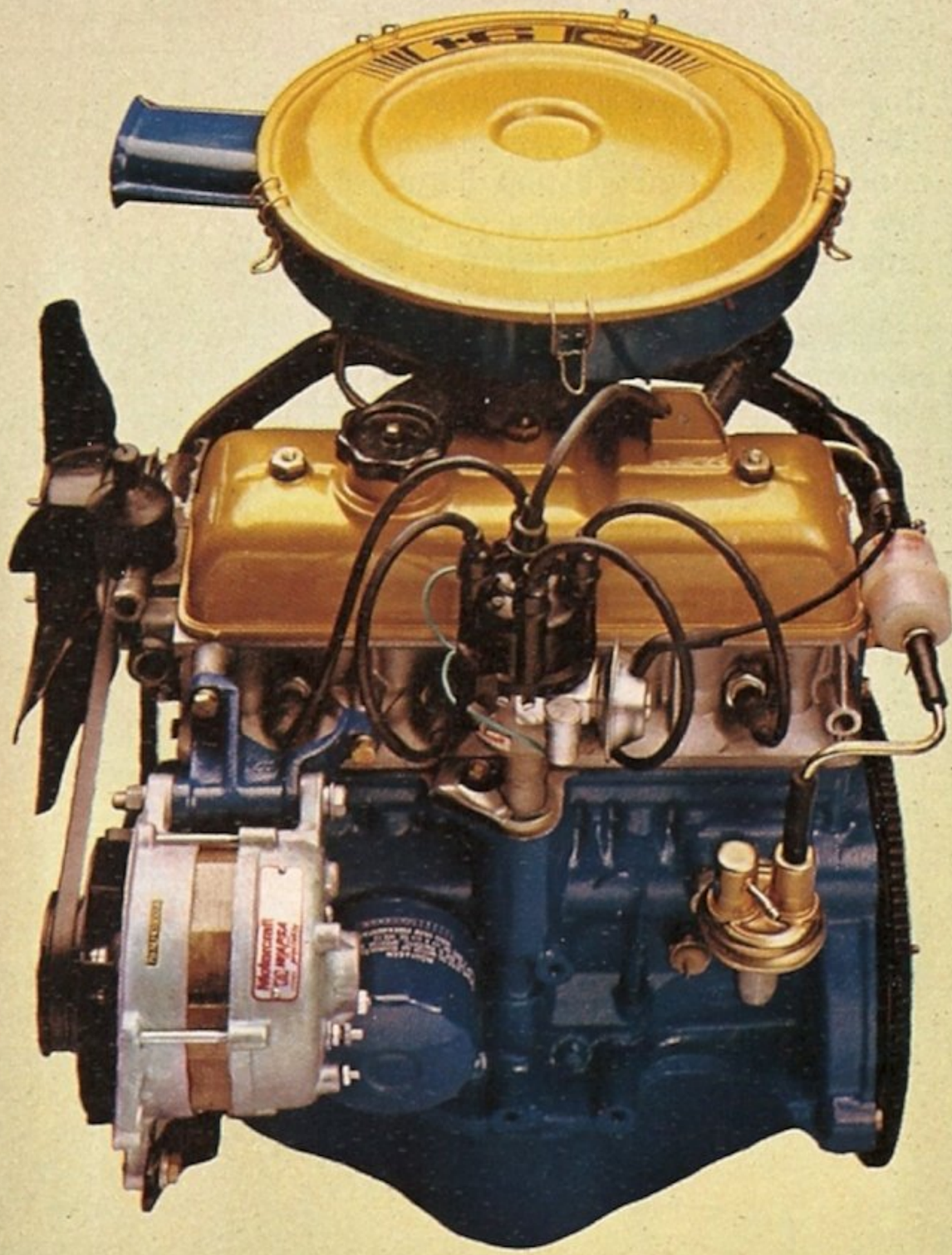
O Homem Demolido (Nova Fronteira), de Alfred Bester: um policial ambientado no futuro, em que a luta entre criminoso e detetive é travada no domínio da telepatia.

SUSPENSE: **A Hora do Vampiro** (Record), de Stephen King: um vampiro invade uma cidadezinha americana.



O Corcel II com motor 1.4 tem agora novo sistema de escapamento, coletor de escape duplo, bomba de óleo com maior capacidade, novo bloco de motor com mancais de maior diâmetro, virabrequim com duplo contrapeso, para maior suavidade de funcionamento e outros aperfeiçoamentos.

1.4



O motor 1.6 dá mais 18 cavalos do que o 1.4. Maior aceleração, mais torque, melhor desempenho, com economia. Apresenta, ainda, válvulas de admissão maiores, carburador com duplo venturi, coletor de admissão aquecido a água.*

1.6

A escolha do ano.

Um ano depois de lançar o Corcel II, a Ford vem com outra novidade sensacional. Dois motores para você escolher. O 1.4 litros você já conhece. É um dos motores de maior sucesso no Brasil. Com um pequeno detalhe, que já era de se esperar: está ainda mais econômico. A grande novidade é o motor 1.6 litros. Um motor 18 cavalos mais potente. E, como não podia deixar de ser, o mais econômico da categoria. Mas antes de você escolher, vamos completar os carros. Tanto o 1.4 como o 1.6 são Corcel II. Por aí você já sabe que eles ganham em conforto, em espaço, em resistência, em estabilidade, em tudo. E você pode contar também com uma moderna ignição transistorizada, que elimina os platinados e condensadores e diminui o custo de manutenção, e embreagem eletromagnética no ventilador do radiador. Ainda mais: a linha Corcel II 79 vem com um spoiler dianteiro (um defletor de ar) que melhora sua penetração aerodinâmica e aumenta a economia de gasolina. E então, qual vai ser o seu carro em 79: Corcel II 1.4 ou 1.6?*

CORCEL II 79

*Disponível para os modelos Luxo, LDO e GT.

É sempre bom lembrar: o que vale para o Corcel II 79 vale também para a Belina 79.

FORD CORCEL II

Ford

Um passo à frente

PLAYBOY ENTREVISTA JOHN TRAVOLTA

Uma conversa muito franca com o garotão que, com apenas dois filmes, tornou-se o mais famoso, mais imitado e mais rico ídolo da juventude.

Dentro de poucos dias, John Travolta poderá estar começando a surpreender o mundo inteiro outra vez: Moment by Moment, *seu filme mais recente, estará sendo lançado nos Estados Unidos. E esse filme poderá provar, de uma vez por todas, que esse astro de 24 anos é bem mais do que um rosto bonito que sabe dançar bem e que personifica os temores adolescentes. Nele, Travolta faz o papel de um jovem que foge de casa e vive um romance com uma mulher bem mais idosa (Lily Tomlin), e deverá conquistar a credencial de ator dramático que merece ser levado a sério.*

Há três anos, John Travolta tornou-se um popular mas inócuo ídolo dos adolescentes norte-americanos, por seu papel como Vinnie Barbarino, no bem-sucedido seriado de televisão Welcome Back, Kotter *(ainda inédito no Brasil). Um ano depois do lançamento do seriado ele assinou contrato com a RSO Films, do produtor Robert Stigwood, para estrelar três filmes. Com a estréia do primeiro deles,* Embalos de Sábado à Noite, *Travolta tornou-se, indiscutivelmente, o astro cinematográfico do ano. E também o mais novo símbolo sexual do Ocidente. Sem contar a contribuição que deu para estimular o florescente negócio das discotecas.*

O fato é que Embalos de Sábado à Noite *quebrou recordes de bilheterias no mundo inteiro. Em menos de um ano, os lucros brutos estão se aproximando da marca dos 200 milhões de dólares (Cr$ 4 bilhões), ao mesmo tempo em que a trilha sonora do filme já se tornou o disco de maior vendagem de todos os tempos, em qualquer gênero.*

Nascido em 1954 em Englewood, Nova Jersey, John Travolta é o caçula dos seis filhos de uma atriz, Helen. E os seis são atores. Travolta deixou o colégio aos 16 anos e, encorajado pelos pais, iniciou sua carreira como ator em Nova York. Depois de conseguir vários pequenos papéis em peças de teatro, fez uns quarenta e poucos comerciais de TV para sobreviver. Mas sua primeira boa chance surgiu com o contrato para o seriado Kotter. *Pouco depois, ele faria também um filme para televisão,* O Garoto na Bolha de Plástico, *um trabalho sem importância — a não ser porque, durante as filmagens, ele se envolveu profundamente com a atriz Diana Hyland, de 40 anos. No ano passado, durante as filmagens de* Embalos, *ela morreu nos braços dele, sucumbindo a uma longa luta contra o câncer.*

"Não é que eu seja um sujeito frugal, mas acontece que não sou extravagante. Sou vidrado em aviões e automóveis e já fui extravagante nessas duas áreas. Entretanto, depois de comprar alguns aviões e alguns carros... bem, a verdade é que a coisa acaba perdendo a graça."

"Será que você fica pensando na vida sexual das outras pessoas? Eu não faço isso. O que não significa que não tenha minhas fantasias sexuais. Jane Fonda, por exemplo. Nunca procurei imaginar a vida sexual dela, mas gosto de pensar como seria manter relações sexuais com ela."

FOTOS/PLAYBOY

"Se sou capaz de atrair sexualmente tanto mulheres como homens, isso é uma coisa muito boa. É excitante saber que o poder que a gente tem está acima da média. Assim, a gente não é colocado numa só categoria, mas numa categoria universal. Você pode fazer qualquer pessoa amá-lo."

O relacionamento entre John Travolta e Diana foi impiedosamente explorado pelas revistas e jornais de fofocas. Em conseqüência disso, ele se tornou muito amargo com relação à imprensa e muito zeloso de sua vida privada.

Logo depois de Embalos, *foi lançado o segundo filme do contrato de Travolta com a RSO* — Nos Tempos da Brilhantina (Grease) — *uma versão cinematográfica medíocre de um musical da Broadway. Ao contrário de* Embalos, *onde pelo menos havia uma certa aparência de realismo,* Nos Tempos da Brilhantina *é um lubrificante destinado aos fãs adolescentes e pré-adolescentes. Mas está tendo um sucesso de bilheteria ainda maior do que o filme anterior (105 milhões de dólares, apenas nos Estados Unidos, durante os primeiros setenta dias de exibição).*

Com a finalidade de descobrir como é a sensação de ser o mais novo rei do cinema, PLAYBOY *encarregou o jornalista* free-lancer *Judson Klinger de entrevistar John Travolta. "Acreditem", nos relatou Judson (que já havia publicado um excelente perfil de Travolta para o* New York Times), *"pessoalmente ele é ainda mais atraente do que nos filmes."*

"A primeira parte desta entrevista", conta Judson Klinger, "foi feita durante um jantar. Travolta se mostrou excessivamente tímido. Tivemos outros encontros de junho a meados de agosto, quando combinamos uma semana inteira de entrevistas noturnas numa suíte do L'Ermitage Hotel, em Beverly Hills, Los Angeles (seria impossível nos encontrarmos em público com tranqüilidade). Na primeira noite ele ficou uma hora fazendo perguntas sobre o que tenho feito ultimamente. Surpreendentemente, seu interesse parecia ser sincero — e ele se orgulha de ser uma pessoa que gosta de ouvir e de observar os outros. Num determinado momento, exclamou: 'Aposto que seria capaz de fazer uma boa imitação de você antes que a noite chegue ao fim'."

A última sessão da entrevista foi realizada no escritório de Travolta, em sua nova companhia produtora. Judson estava certo de que não havia conseguido romper todas as suas defesas. Mas também se convencera de que ninguém jamais o conseguirá. "Nem o próprio Travolta", ele diz.

●

Playboy — Você parece estar um pouco apreensivo com esta entrevista. Você tem medo da imprensa?

Travolta — Não. Na verdade, desde *Embalos de Sábado à Noite* a imprensa tem sido muito boa comigo. O que receio é que a imprensa comece a desconfiar de todo esse papo de que sou uma pessoa ultra-maravilhosa [*risada*]. Os jornalistas são sempre programados para pensar que toda coisa boa também deve ter seu lado negativo. E quando esse lado negativo não aparece, eles começam a questionar . . .

Playboy — O lado positivo?

"Às vezes, chego a achar que o pessoal só está esperando eu cair, começar a beber, tomar tóxicos . . ."

Travolta — Exato. Às vezes, chego a achar que o pessoal só está esperando eu cair, começar a beber, tomar tóxicos . . . Eu acho que não faço uma porção de coisas que se espera de alguém que esteja na minha situação. Sei que isso pode parecer muito quadrado, mas adoro meu trabalho e ele é o que mais me interessa.

Playboy — O comportamento da imprensa com relação a você mudou depois de *Embalos de Sábado à Noite?*

Travolta — E como! Antes do filme eu recebia o pior tratamento possível dos jornalistas. Ninguém conseguia entender por que me tornara famoso com o seriado de TV *Welcome Back, Kotter.* E isso me deixava muito preocupado. Mas como eu, em geral, fugia das entrevistas, cada um procurava me interpretar à sua maneira . . .

Playboy — E agora você está decidido a deixar tudo bem claro.

Travolta — Espero que sim. Eu acho que o público está um pouco confuso quanto à minha personalidade. Embora eu não ache que a minha vida deva ser um livro aberto. De repente, ficou tão importante conhecer todos os detalhes da vida de John Travolta que às vezes me sinto compelido a inventar coisas para poder responder às perguntas.

Playboy — Você quer dizer que não devemos acreditar em tudo o que lemos a seu respeito nos jornais e revistas de fofocas?

Travolta [*ri*] — Já me relacionaram com praticamente todas as mulheres da minha profissão. Estou sempre sendo envolvido nesses triângulos amorosos. Quando vou a Paris é com a intenção de me encontrar com Marisa Berenson, enquanto Olivia Newton-John's fica me esperando em casa, ninando meu filho. Ou então é o Lee Majors que fica enciumado porque Farrah anda saindo comigo. Esses fofoqueiros inventam coisas tão absurdas que o remédio é rir. Houve uma reportagem realmente fantástica. O título era qualquer coisa assim como "As orgias sexuais de Travolta".

Playboy — Um dos motivos pelos quais estamos entrevistando você é que o público parece considerá-lo, aos 24 anos de idade, como o mais novo de todos os símbolos sexuais surgidos ultimamente. O que é o *sex-appeal* masculino? Você seria capaz de definir isso?

Travolta — Não, não sou capaz. Esse é o meu problema quando vejo meus filmes. Eu os vejo como ator e sempre esqueço de que as pessoas acham que eu tenho um certo *sex-appeal.* É muito difícil a gente perceber a própria sensualidade. Sei que eu me sinto muito sensual. Sei que me considero uma pessoa muito sensual, pois acho que sou um sujeito de sangue quente — embora isso não signifique que eu seja promíscuo. O que quero dizer é que realmente curto coisas de sexo, a idéia de sexo e as minhas fantasias [*pausa*]. Então sou um cara sexualmente impetuoso, mas isso não aparece necessariamente na tela.

Playboy — Muitos acham que o seu sensualismo atrai ambos os sexos. Você se considera um astro sensual andrógino — talvez como James Dean, Montgomery Clift ou mesmo Mick Jagger?

Travolta — Eu não me sinto assim, mas sem dúvida a idéia me agrada. Acho que, se sou capaz de provocar esse tipo de sentimentos em mulheres

Ninguém paga uma página de revista para dizer que é pior. Lógico que não. Aqui todo mundo é bonito, inteligente, só usa roupa de domingo. E isso às vezes confunde. É por isso que a Gradiente está aqui: para acabar com a confusão. Veja bem: um som puro, limpo, perfeito, não acontece por acaso. É um processo que vai desde a concepção do projeto até um laboratório que mede o resultado deste esforço, sem piedade. Se está certo, passa, se não está certo, não passa. Quem não faz isso simplesmente não pode fazer o melhor som. E não é nem o problema do tamanho do equipamento, não. Um receiver de AM e FM estéreo como este aí da foto, o Model 900, é o menor que a Gradiente fabrica - 58 watts IHF. Você nem imagina o som que ele tem. Responde de 10 a 31.000 Hz, tem distorção menor que 0,2% dB (DIN B), uma relação sinal/ruído de 60 dB (Phono) e daí pra fora. Também, pudera, ele foi projetado, produzido e testado como todos os aparelhos Gradiente. Sem tirar nem pôr. Para alguns, tanto esforço parece desnecessário. Mas não é. Porque é exatamente por causa dele que a Gradiente tem a liberdade de estar aqui, agora, tocando neste assunto. Não tenha dúvida.

Todo equipamento de som se diz o melhor. Só um diz a verdade.

gradiente

*Fabricado na Zona Franca de Manaus

Bauer & Associados

e em homens, isso é uma coisa muito boa. É excitante saber que o poder que a gente tem está acima da média. Assim, a gente não é colocado numa só categoria, mas sim numa categoria universal. Você pode fazer qualquer pessoa amá-lo.

Playboy — Isso significa que você se tornou também um ídolo entre os homossexuais.

Travolta — Repito mais uma vez: se estou criando esse efeito, isso significa um maior poder para mim; se exerço esse efeito sobre todas as pessoas — heterossexuais, homossexuais, sei lá o que mais — para que eu iria discriminar? Para que vou dizer: "Puxa, eu preferiria que estas ou aquelas pessoas não entrassem na minha"? Se eu fizesse isso estaria cuspindo na minha própria cara.

Playboy — Há um número muito grande de homossexuais ligados de alguma forma com a sua carreira?

Travolta — Não sei se essa ou aquela pessoa é homossexual ou não e realmente não me preocupo com isso. Nunca investiguei as preferências sexuais das pessoas que me cercam. Se há alguém perto de mim que seja *gay*, essa sua característica nunca chegou a interferir no trabalho que realiza. Se existirem, são bons artistas e bons profissionais e é o que importa. Se a preferência sexual de alguém começa a interferir no seu trabalho, aí sim, é quase certo que haverá mil problemas.

Playboy — Voltemos a falar do seu *poder sexual*. Você acha que pode tirar vantagem pessoal desse poder?

Travolta — Eu nunca uso isso. É apenas uma coisa que sinto, mas não manipulo. Quero dizer, eu poderia usar isso numa cena de filme, mas não na minha vida particular.

Playboy — Então você tem consciência de seu *sex-appeal?*

Travolta — Eu sei quando estou me sentindo sensual e também sei quando me sinto assexuado.

Playboy — Você sentiu essa sensação de poder sexual durante o seu solo de dança em *Embalos?*

Travolta — Certamente. Uma boa parte disso veio da excitação do que eu estava fazendo, do que eu estava prestes a mostrar para todo o mundo. [*Travolta se levanta e começa a recriar aquela cena de dança, enquanto continua falando.*] É o seguinte: eu conheço os passos tão bem que quando os faço [*movimenta os braços*] eu sei que posso ter confiança nos meus movimentos. Está vendo? Todos esses movimentos significam "veja só o que sou capaz de fazer" [*faz uma pirueta*]. Mas isso não significa também: "Puxa! Eu estou deixando todo mundo excitado!" É o ar, a habilidade ou a confiança que uma pessoa tem quando possui talento... e às vezes isso é muito *sexy*. No entanto, não significa ter consciência da sensualidade existente dentro da coisa. [*Ele faz um complicado passo de dança e depois volta a se sentar.*]

Playboy — Quantas horas gastou ensaiando aqueles números de dança?

"Nunca investiguei as preferências sexuais das pessoas que me cercam. Nem quero saber se são homossexuais ou não"

Travolta — Eu recebi o roteiro do filme com muita antecedência e fiquei treinando umas três horas por noite durante cinco meses, num estúdio. Depois dos ensaios, eu ia para uma discoteca qualquer e experimentava meus passos. Fiz um treinamento intenso para o filme, mas me senti maravilhoso fazendo isso. Sempre gostei muito de dançar, desde garoto.

Playboy — Quando você aprendeu a dançar?

Travolta — Acho que descobri a dança quando vi James Cagney em *A Canção da Vitória*. Eu tinha uns 5 ou 6 anos e costumava imitar os passos de Cagney. Depois freqüentei uma escola onde metade dos alunos eram negros e lá a gente dançava muito. E eu gostava mais de dançar como os negros do que como os brancos. E acho que fiz um pouco isso em *Embalos*.

Playboy — É verdade que, mesmo na vida real, os melhores dançarinos das discotecas realmente dançam com a pista vazia?

Travolta — É. É uma espécie de ritual, sabe. Eu mesmo já fiz isso na vida real, já dancei sozinho na pista. E eu ainda não era um ator conhecido. No filme, aquela cena era mesmo indispensável: o personagem, Tony, precisava mostrar que era realmente o bom, que de fato seria capaz de esvaziar a pista.

Playboy — Dizem que Fred Astaire comentou que você é um dançarino muito bom. O que você acha desse elogio?

Travolta — Se Fred Astaire disse isso, acho que ninguém deveria duvidar, não é mesmo?

Playboy — Que mais você fez para se preparar para o filme?

Travolta — Freqüentei discotecas e fiquei observando as pessoas. Sou muito bom em captar situações e imitar pessoas. Nessas ocasiões também procurei bater papo com os rapazes que encontrava. Isso me deu confiança no que estava fazendo.

Playboy — Dê um exemplo mais claro dessa preparação.

Travolta — Eu ia a essas discotecas, sentava lá no fundo e ficava observando. Foi assim que acabei descobrindo certas atitudes características. Os rapazes que ficam de pé, no bar, todos eles ficam parados assim [*levanta-se, joga os ombros para trás, separa os pés, mais ou menos uns trinta centímetros, e coloca as mãos cruzadas diante do sexo, a face completamente sem expressão*]. E brincam muito com seus anéis. Bem, essas duas coisas eu usei muito durante o filme: as mãos cruzadas na frente, muito calmo, brincando com os anéis e observando o ambiente. Usei isso, por exemplo, na cena em que fui à casa de Stephanie e encontrei o namorado dela. Eu estava pouco à vontade, vestindo uma camisa roxa e uma jaqueta de couro preto. E quando a gente está pouco à vontade o que é que faz? A gente junta as mãos na frente e procura pisar firme — tentando ficar calmo e sólido. Funcionou maravilhosamente.

Playboy — Então, como acontece com muitos outros atores, a sua técnica é baseada nas observações que você faz na vida real?

Travolta — Como já disse, sou muito bom para fazer imitações. Mostre-me uma pessoa, um tipo com características específicas e eu, provavelmente, vou conseguir imitá-lo com facilidade. Gosto também de descobrir o que

Carpano Punt e Mes.
O gostinho amargo da doce vida.

Punt e Mes é diferente. É o único aperitivo amargo que sempre deixa uma doce lembrança. Punt e Mes conserva o raro sabor de uma longa tradição cultivada em Torino, na Itália, desde 1786. Punt e Mes deve ser servido sempre bem gelado. Puro, on the rocks, com soda ou tônica, Punt e Mes revela um aroma nobre e especial. Punt e Mes é o aperitivo de quem sabe que não é igual aos outros. Quem aprecia os doces momentos da vida reconhece em Punt e Mes um "vero Carpano".

existe por trás das atitudes das pessoas. Quando vivia em Nova York cheguei até a inventar uma porção de personagens. Para mim era a coisa mais natural do mundo adotar um desses personagens em uma loja ou num restaurante. Nunca pensei que isso pudesse ser embaraçoso para mim ou para outra pessoa que estivesse comigo.

Playboy — Mostre-nos um ou dois personagens desse seu repertório.

Travolta — Havia um que eu chamava de Strip — um tipo não muito sofisticado, mas o que eu chamaria de um verdadeiro machão. Eu fazia muito esse personagem. E fazia também um outro que era a figura típica do pai nova-iorquino. Quando eu assumia esse personagem, começava, automaticamente, a ralhar com a pessoa que estivesse comigo. Eu tinha ainda outro personagem, um vagabundo — aquele tipo de vagabundo que bebe vinho ordinário e que quando não recebe a esmola pedida começa a chamar as pessoas de viados ou coisas piores. Considerando os papéis que eu representei, o público provavelmente deve estar pensando que eu tenho uma espécie de arsenal de conhecimentos sobre coisas ruins e que me valho dele para meu trabalho. Veja os filmes de que participei: *Carrie, a Estranha, Embalos de Sábado à Noite* e *Nos Tempos da Brilhantina*. Nos dois primeiros interpretei personagens desbocados, embrutecidos. Mas tudo foi criado apenas com base na observação.

Playboy — Já que você mencionou *Carrie,* eu gostaria de lhe perguntar sobre aquela cena em que praticam sexo oral em você. [*NR: na cópia do filme exibida no Brasil, essa cena foi cortada pela censura.*] Aquela cena foi *verídica?*

Travolta — Para ser justo com a atriz Nancy Allen... não, a cena não foi verídica.

Playboy — Então foi uma ótima representação.

Travolta — Obrigado.

Playboy — Esse foi também um caso em que você simplesmente imitou a experiência de alguma outra pessoa?

Travolta — Não. Foi um caso de memorização perfeita e total [*riso*]. Foi uma coisa que eu já havia experimentado antes e que consegui recriar diante da câmara.

Playboy — Você já tentou analisar alguma vez por que motivo *Embalos* teve um impacto tão grande?

Travolta — Já. O filme é uma coisa fria, uma coisa *verdadeira.* Tudo o que é mostrado nele tem uma realidade fria. Eu me orgulho muito desse filme porque é um dos mais realistas que já vi. Quando o vi pela primeira vez fiquei apavorado, porque me senti como se estivesse invadindo as vidas daqueles personagens. Você acha isso estranho? Pois houve momentos em que senti vontade de olhar para outro lado, porque estava vendo alguém fazendo e dizendo coisas que só se diz e se faz em particular. Tive de assistir ao filme três vezes antes de conseguir vê-lo mais relaxado.

"Quando estava na escola só se falava da guerra do Vietnam. Mas eu achava os meus problemas mais importantes"

Playboy — Ao falarmos sobre impacto, estávamos nos referindo ao fato de que o filme parece ter sido uma espécie de catalisador para o atual fenômeno das discotecas.

Travolta — Entendo isso, pois o filme tem também um lado excitante e chamativo. É divertido sair para dançar e talvez, sob esse aspecto, a mensagem do filme não diga mais do que isso. Creio que, com meu trabalho, contribuí para que os homens se sentissem mais livres. Meu personagem, Tony, é o tipo do garoto machão, direto, com os pés no chão. Ele tem uma família com a qual as pessoas podem se identificar. E tem uma boca suja. Portanto, não há aí elemento algum que leve as pessoas a pensar que esse garoto sabe dançar. Mas depois, quando ele o faz, é com tanta convicção, com tanto orgulho... Não há nada que não seja masculino nessa atitude. É como se ele estivesse praticando um esporte. E, ao mesmo tempo, é uma coisa romântica, sensual. Acho que as pessoas começaram a dizer: "Eu também quero fazer isso, porque parece ser gostoso".

Playboy — Você acha que os Bee Gees são co-responsáveis pelo sucesso do filme?

Travolta — Atribuo a eles 50 por cento do sucesso. Sem os efeitos musicais que eles criaram creio que o sucesso do filme não seria tão gigantesco, tão eloqüente.

Playboy — Você tem participação nos lucros do filme?

Travolta — Tenho.

Playboy — Ele já rendeu quase 200 milhões de dólares. Se sua porcentagem é de apenas 1 por cento, isso já seria o bastante para torná-lo um homem rico.

Travolta — Não gosto de dar dicas sobre o quanto ganho...

Playboy — Você não quer que as pessoas pensem que você é rico?

Travolta — É muito comum as pessoas pensarem que todos os astros são ricos. Como a presença do astro é muito badalada, todos imaginam que sua imagem financeira deve ter crescido proporcionalmente. Mas me aconselharam a não falar desse assunto citando números.

Playboy — O fato é que você ganhou muito dinheiro num espaço de tempo muito curto. Quando você era um garoto na escola, alguma vez imaginou que isso acabaria acontecendo com você?

Travolta — Não. Sobretudo porque nunca fui bom aluno. Passava o tempo todo mais interessado em assuntos que não eram os da aula. Gostava muito de fazer os outros rirem. E muitas vezes fui repreendido por falar demais, ou por dizer coisas engraçadas ou bobas.

Playboy — Você deixou a escola muito cedo. Sente-se inseguro por causa dessa sua falta de educação formal?

Travolta — É claro que sim. No entanto, se não tenho educação formal, tenho instintos e confio muito neles. Muitas das pessoas mais inteligentes que conheço não têm educação formal alguma.

Playboy — Há uma crença no mundo dos espetáculos segundo a qual os bons atores são sempre muito burros...

Travolta — Essa é a crença mais idio-

Este é um
lançamento no Brasil.

Cosmeticas

Viana Gandaia

Um lançamento Já à venda

Gang

ta de que já ouvi falar até hoje. Uma generalização sem o menor sentido. Reformule a pergunta que eu lhe dou uma resposta.

Playboy — Muito bem. Quão inteligente você pensa que é?

Travolta — Esta é a pergunta mais idiota que já ouvi em toda a minha vida. Eu não me considero um sujeito egomaníaco, mas tenho confiança na minha inteligência.

Playboy — E isso já lhe criou algum problema?

Travolta — De certo modo, sim. Quando estava na escola, o único assunto de que todos falavam era a guerra do Vietnam. Eu não tinha tanto interesse assim pelo Vietnam: interessava-me muito mais em descobrir por que a sensação de ir à escola era tão horrível. Por isso, comecei a assistir a aulas de psicologia; eu queria descobrir o que é que me fazia funcionar. E quando meus colegas começavam com todo aquele papo sobre a guerra eu dizia: "Escutem, por que estamos evitando o problema?" E eles me respondiam: "John, qual é o problema?" E eu dizia: "O problema é que nenhum de nós é feliz agora, nesse exato momento. Quando chegamos à escola, nos sentimos infelizes e ficamos aqui conversando sobre os problemas das outras pessoas. Vamos conversar a respeito do que está nos acontecendo aqui mesmo". Mas a coisa era sempre ignorada.

Playboy — E então . . .

Travolta — E então eu sempre achei que, se pudéssemos resolver o que acontece dentro da gente, talvez conseguíssemos uma compreensão melhor do que se passa lá fora. Eu sentia necessidade de resolver meus próprios problemas antes de conseguir entender a guerra do Vietnam.

Playboy — Você tem alguma outra lembrança desagradável desse período de sua vida?

Travolta — Lembro-me de um caso de partir o coração. Na sétima série havia uma garota, chamada Mary Jo. E todos os meus amigos me gozavam, dizendo que essa garota gostava de mim. Ela era uma garotinha de aparência meio estranha, sei lá, e todo mundo vivia caçoando dela. E a toda hora me diziam: "John, a Mary Jo gosta de você"; e inventavam mais uma porção de detalhes. Finalmente, um dia encontrei-me com ela numa reunião, bati-lhe no ombro e falei: "Escute, eu não gosto de você. Pare de ficar falando de mim para todo mundo". Imagine a cara que a coitadinha fez — pois ela estava completamente inocente na história. A expressão do rosto dela foi tão triste que até hoje ainda não me recuperei do incidente. Foi a coisa mais cruel que já fiz em toda a minha vida.

Playboy — Naquele tempo você já era um rapaz bonito?

Travolta — Eu não fui um adolescente bonito. Para dizer a verdade, eu era até bem feio. Meu nariz era grande demais para o meu rosto; e eu era muito magro, desproporcionado. Só comecei a ficar com minha aparência atual há uns três ou quatro anos atrás.

"Se eu não fosse ator, acho que seria um grande jogador de futebol. Afinal, a dança é uma coisa atlética"

Playboy — Você praticava algum esporte na escola?

Travolta — Joguei basquete e futebol americano durante uns três anos. Eu tinha uma certa habilidade, mas nunca cheguei a achar que chegaria a ser um grande atleta. No entanto, dançar é uma atividade meio atlética e, se eu sou ágil o bastante para dançar, talvez pudesse ter sido também para me tornar um grande jogador de futebol americano.

Playboy — Vamos saltar alguns anos de sua vida. Quando você se mudou de Nova York para Los Angeles, em 1974, você estava pensando em fazer carreira no cinema?

Travolta — Naquela época já havia uma porção de diretores interessados em mim, de modo que nem me passava pela cabeça a possibilidade de não fazer cinema.

Playboy — Nesse caso, você deve ter hesitado um pouco antes de assinar um contrato de cinco anos com a TV.

Travolta — De fato, hesitei um pouco. Mas, para ser honesto, eu não estava em condições de recusar uma proposta de trabalho.

Playboy — A decisão final de assinar esse contrato foi sua?

Travolta — Inteiramente minha. Pois realmente eu queria esse trabalho. Raciocinei que nunca se sabe se um seriado de televisão vai mesmo conseguir se manter em cartaz durante cinco anos. Não sabíamos sequer se ele se agüentaria durante algumas semanas. Além disso, antes que o primeiro episódio fosse levado ao ar, Brian De-Palma me convidou para trabalhar em *Carrie*. E isso apesar de saber de meu contrato com um seriado de televisão. Quanto a mim, estava apenas excitado com o fato de estar fazendo parte da coisa, não importa qual fosse o resultado. E tentava aproveitar ao máximo as vantagens da coisa.

Playboy — Entre essas vantagens estava incluída também a possibilidade de se tornar um ídolo para os adolescentes, certo?

Travolta — Exatamente. Isso aconteceu rapidamente, mas é uma coisa que também pode se extinguir com a mesma rapidez. Eu tentei ignorar essa popularidade e continuar representando papéis sérios. Não queria que minha carreira terminasse num repente.

Playboy — Mas essa popularidade lhe trouxe dividendos. Dinheiro . . .

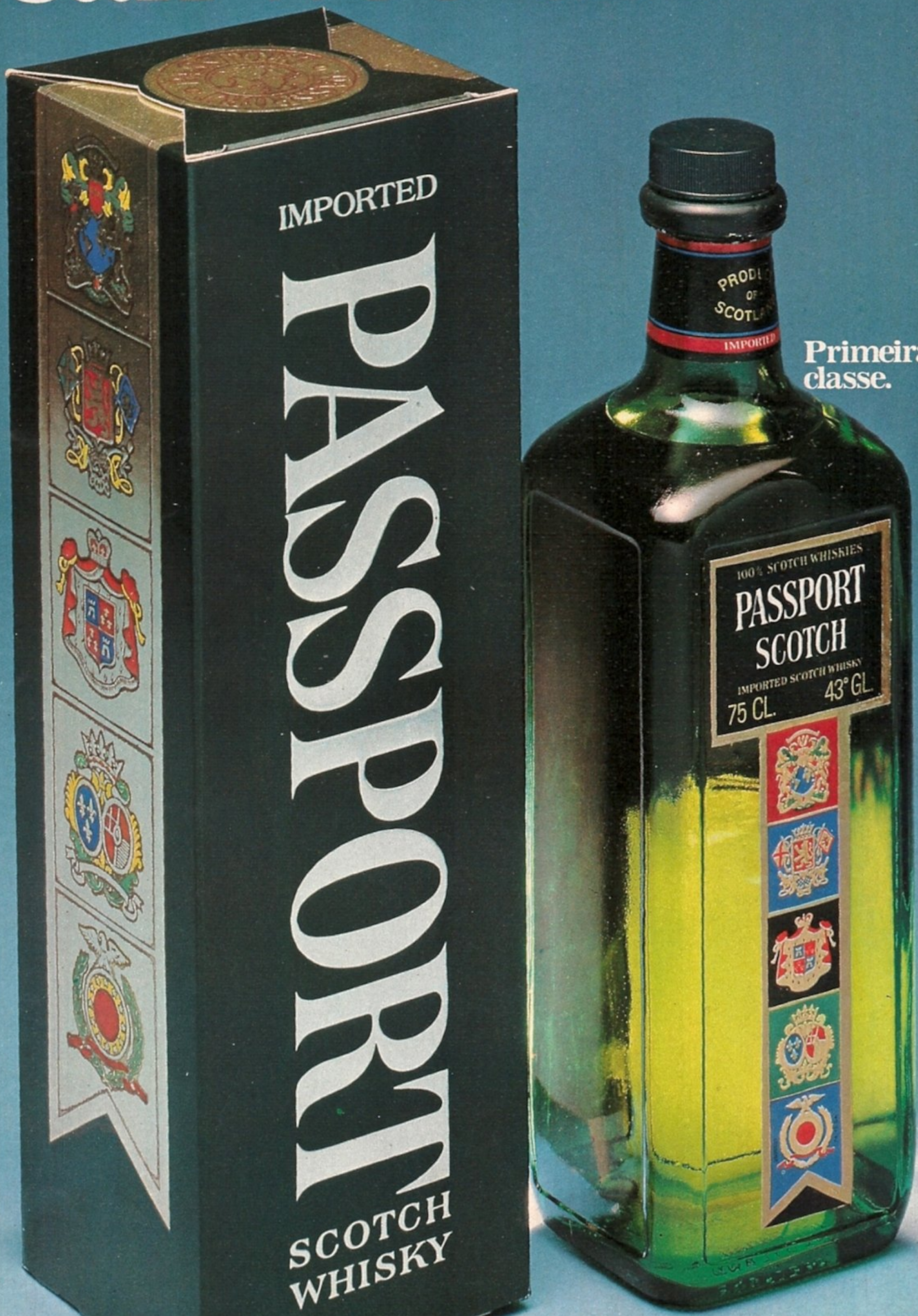
Travolta — Eu não estava bem de dinheiro nesse início de minha popularidade. Ganhava muito pouco para fazer o seriado *Kotter*. Por causa disso, para ganhar dinheiro, aceitei comparecer a duas exposições de automóveis. E acho que nunca me senti tão mal como nessas ocasiões. Foi pavoroso: simplesmente ir até lá para assinar autógrafos. Mas quando a gente está começando uma carreira não tem muitas alternativas. Eu ganhava 700 dólares por semana para fazer *Kotter*, naquele primeiro ano de contrato. Eu pagava um agente, um relações-públicas, toda a assessoria de um astro importante, e aqueles 700 dólares não eram suficientes. Então aceitei aqueles bicos. Mas depois do terceiro eu disse a mim mesmo: "Rapaz, você vai ter de aprender a se virar sem esses extras". E o interessante é que depois disso é que começaram a aparecer as ofertas grandes.

Playboy — Por exemplo.

Nestlé
faz o melhor chocolate.

CN/RV/02-78

Sah-woo-dee!



Primeira classe.

William Longmore & Company Limited. Keith, Scotland.

ARTPLAN

Travolta — Eu já tinha feito *Carrie*, um ano antes. Terry Malick me convidou em seguida para fazer um papel no seu filme *Days of Heaven*, que acabei não podendo aceitar devido à programação do seriado na TV. E quando eu estava na maior fossa por ter perdido essa oportunidade, apareceu-me Robert Stigwood com uma proposta que era realmente irresistível.

Playboy — Você se refere ao contrato no valor de 1 milhão de dólares, além de uma participação nos lucros do filme, que você assinou com a Robert Stigwood Organization?

Travolta — Exatamente.

Playboy — Stigwood não se sentiu atraído principalmente pelo seu sucesso na televisão?

Travolta — Não acredito que Stigwood me contratasse se não acreditasse em mim. Eu só posso me basear naquilo que ele mesmo me disse. Ele havia feito um teste comigo, muito tempo antes, quando eu tinha 17 anos, para *Jesus Cristo Superstar*. E ele me mostrou o que havia escrito numa página de um velho caderno de anotações: "Esse garoto ainda será um grande astro", ou qualquer coisa parecida. Mas admito que, obviamente, Stigwood deve ter pensado: "Bem, o cara está um pouco na moda, e é uma boa opção para o enredo que já foi comprado. Além disso, ele sabe dançar". Seria impossível colocar David Cassidy, Bobby Sherman ou outro ídolo qualquer dos adolescentes no papel do Tony de *Embalos de Sábado à Noite*. Eles não teriam combinado fisicamente com o papel.

Playboy — Se você pudesse ter previsto o sucesso de *Embalos* e os elogios que recebeu como ator sério, você teria preferido não fazer *Nos Tempos da Brilhantina?*

Travolta — Eu não tinha essa alternativa. Os dois filmes faziam parte do mesmo contrato.

Playboy — Isso significa que, quando você assinou esse contrato, você *queria* fazer *Nos Tempos da Brilhantina?*

Travolta — Eu já havia participado do musical na Broadway e realmente queria fazer o filme.

Playboy — Bem, e como é que você encara as péssimas críticas que o filme tem recebido?

Travolta — A peça também nunca recebeu críticas favoráveis, mas o público adorava o espetáculo. Os críticos nunca sintonizaram bem a coisa. O que me deu mais tristeza nas críticas negativas feitas ao filme foi o fato de que todas pareciam levá-lo muito a sério. Não é possível compará-lo a *Embalos de Sábado à Noite* ou a qualquer outro filme dramático. *Nos Tempos da Brilhantina* é um musical leve e divertido, nada mais. Mas os críticos resolveram tratá-lo como documentário sério sobre os anos 50.

Playboy — É verdade que você está deixando Robert Stigwood e formando sua própria companhia?

Travolta — A Travolta Productions é uma oportunidade para que eu possa produzir os meus próprios filmes. Foi criada por diversos motivos. O primeiro: um completo controle criativo. O segundo: a mesma participação nos lucros que Stigwood tem nos filmes que ele faz.

"Meu novo filme poderá acabar com muitos preconceitos. Ele mostra que, no sexo, idade não existe"

Playboy — Nós ouvimos dizer que você ficou irritado com o fato de Stigwood não querer renegociar o seu contrato antes do terceiro filme com você no papel principal, *Moment by Moment*. [*NR: o filme deve estrear este mês nos EUA.*] Depois do tremendo sucesso de *Embalos*, você não exigiu mais dinheiro?

Travolta — Stigwood me deu mais dinheiro.

Playboy — Quanto?

Travolta — Ele dobrou a minha porcentagem e o meu salário.

Playboy — Você poderia traduzir isso em dólares e centavos?

Travolta — A única coisa que posso dizer é que passou a ser o dobro do que era antes e que eu não tenho qualquer tipo de hostilidade com relação a Stigwood.

Playboy — Por que Lily Tomlin foi escolhida para estrelar *Moment by Moment?*

Travolta — Eu fui assistir ao show dela em Nova York e depois disse a Stigwood que gostaria de trabalhar com ela, porque é uma mulher incrível, um dos talentos mais brilhantes que temos ou que já tivemos.

Playboy — Você não acha que o assunto do filme é um pouco controvertido? Afinal, ele trata de um caso amoroso entre um homem mais jovem e uma mulher mais velha.

Travolta — Certo. E, além disso, são dois personagens totalmente diferentes. Eu realmente acho que esse filme poderá ser um marco decisivo para todo o cinema, desde que as pessoas estejam dispostas e preparadas para ver os seus personagens.

Playboy — Você considera o seu personagem em *Moment by Moment* como sendo o protótipo de um novo tipo de ator principal?

Travolta — Eu acho que ele irá chocar muitas pessoas. É um homem jovem, quase sem qualquer tipo de defesa social. A única maneira que ele tem de reagir à falta dessas defesas é emotivamente, diretamente. Ele não tem frescura alguma, simplesmente reage de maneira aberta. E talvez se expresse do modo como uma mulher gostaria que um homem se expressasse: ele trata tudo diretamente, sem se mostrar inibido. Mas é tão impressionantemente honesto e vulnerável... O filme tem ainda outra mensagem, mais ampla: mostra que idade não existe. Ele poderá acabar com muitos pontos de vista preconceituosos.

Playboy — E será que o seu público irá aceitar você representando um personagem que não seja *punk?*

Travolta — Talvez seja esse o momento certo para eu modificar minha imagem. Se eu fizesse mais alguns filmes como *Embalos* e *Nos Tempos da Brilhantina* eu poderia me tornar demasiado familiar. Todos aceitaram meu trabalho em *O Garoto na Bolha de Plástico* e naquele filme não havia qualquer vestígio de alguma coisa que eu tivesse feito antes. Com meu personagem em *Moment by Moment* ocorre exatamente o mesmo. Se o personagem é bom e a gente o interpreta com a necessária convicção, o público acaba aceitando-o.

Playboy — Durante as filmagens de *Moment by Moment* falou-se insisten-

Continua na pág. 128

Desesperado, Papai Noel confessa ao analista as causas de sua terrível crise existencial

"Acredite em mim, doutor, por favor!"

–SER A QUE eu existo, doutor? Papai Noel ou Santa Claus ou Wotan ou Nicolau ou simplesmente Nic, para os íntimos, ajeitou-se no divã do analista, desabotoou seu dólmã vermelho e confessou estar passando por forte crise existencial.

— Diga-me, doutor, eu existo? De repen-

Ficção/Carlos Eduardo Novaes

ILUSTRAÇÃO/ALBERTO NADDEO

"Acredite, por favor!"

"Nunca dei sorte com mulheres: será porque tenho o hábito de fazer amor de botinas?"

te essa dúvida passou a me atormentar, dia e noite. Quem sabe não sou daqueles que já morreu e não sabe? Quase mais ninguém acredita na minha existência. Juro. Nem mesmo as crianças. As crianças!, a quem devotei duzentos anos da minha vida... Mas não tem nada não. Eu também ando desconfiado delas: para mim as crianças de hoje já nascem adolescentes. Felizmente ainda tenho os comerciantes e os publicitários do meu lado. São os únicos que acreditam em mim. Mas são poucos. Alguma coisa mudou. Diga-me, doutor, onde foi que errei? Diga-me antes que eu cometa alguma besteira. Se continuar caindo em descrédito dessa maneira, penso que o melhor que faço é colocar um fim na minha existência... se é que eu existo. Sinto-me tão inseguro. Veja, doutor, olhe bem para mim: estou um trapo. Perdi as bochechas rosadas, perdi aquele ar bonachão, perdi a vontade de sorrir. Olhe só o meu estado. Abatido, pálido, olheiras enormes, sinto palpitações, taquicardia, dor no peito, insônia, hipertensão e sofro da coluna. Às vezes me pergunto como é que eu, Papai Noel, cheguei a essa situação. O senhor não está me achando mais magro? Estou bem mais magro. Olha como a calça está folgada. Estou com problema de colesterol. Bem, é verdade que no passado já tive esse corpo, mas foi fazendo regime, um regime rigoroso para poder descer pelas chaminés. Quando acabaram com as chaminés, relaxei um pouco e cheguei a pesar 130 quilos. O senhor ouviu? 130 quilos! É impossível continuar falando com esse matraquear de britadeiras aqui embaixo. Minha mulher me abandonou, a quinta mulher, por causa do peso, doutor. Saiu de casa dizendo que eu deveria me casar com uma halterofilista soviética. Mas como, doutor? Meu passaporte não é válido para a União Soviética e por aqui não encontro halterofilistas dissidentes. Voltei a me casar, desta vez com uma aeromoça. Lembro-me que a conheci numa noite de Natal quando fui colocar os presentes no seu quarto. Ela deu um salto da cama, me agarrou, e no escuro ficou impressionada com o tamanho de meu saco. Casamo-nos mas também não deu certo, doutor. Ela não queria um homem: queria uma máquina de fazer sexo. Jamais se conformou em ir para a cama duas vezes por semestre. Um dia apanhei-a em flagrante: eu tinha saído para distribuir os presentes, disse a ela que só voltaria no dia seguinte, mas, ao chegar à cidade, dei por falta de meu saco. Voltei, sem avisar, abri a porta do quarto e lá estava ela me traindo, deitada na cama, sabe com quem? Com o Rei Momo. Nunca dei muita sorte com as mulheres. Não sei se porque tenho o hábito de fazer amor de botinas. Minha primeira mulher fugiu com meu criado Peter... Peter, aquele crioulo parecido com o Lothar do Mandrake, que os americanos me arrumaram quando, no século passado, me mudei para os Estados Unidos. Eu nunca deveria ter abandonado Mirra, minha terrinha lá na Turquia Asiática. O senhor está sentindo o chão tremer? Então sou eu que estou tremendo. Minha vida começou a se transformar nos Estados Unidos, doutor. No início, logo depois que desembarquei em Nova Yorque, passava os dias circulando pela cidade no meu cavalo branco. Não usava essas roupas nem essa barba. Acho que eu tenho uma foto aqui. Veja, eu sou esse, não, esse sem barba, o de barba ao meu lado era um cara chamado Karl Marx. Depois que deixei a barba crescer, as pessoas nos confundiam nas ruas. Lembro-me da inveja que Karl tinha da minha roupa vermelha. Seu grande sonho era poder fazer um terno da mesma cor. Um dia levou-me a um banheiro público na 43 e pediu de joelhos, de joelhos, doutor, que eu o deixasse vestir minha roupa por meio minuto que fosse. Recordo-me da sua expressão de prazer, quase êxtase, olhando-se no espelho. Depois sumiu. Não sei que fim levou. Será que dava pro senhor ligar o ar condicionado? Não agüento mais de calor. Essas roupas foram feitas para a Groenlândia, no inverno. Cada Natal eu perco 15 quilos. Já tive 32 ameaças de insolação. Até hoje não entendo por que, no Brasil, continuo dentro delas. O senhor não acha que seria muito mais adequado eu sair de bermudas, camiseta e sandália havaiana? É o que a minha atual mulher vive me dizendo. Se a moda varia a cada estação, por que somente eu sou obrigado a vestir sempre a mesma roupa? Há mais de um século, mais de um século com a mesma roupa, olhando-a todos os dias no guarda-roupa. Às vezes, ao abrir a porta do armário, tenho vontade de vomitar. Já estive várias vezes na Associação dos Lojistas pedindo para alterar o modelo, acabar com esse negócio de neve de algodão, criar um Papai Noel tropical... os lojistas dizem que não podem, que se fizerem uma adaptação para a realidade brasileira as pessoas vão deixar de acreditar em mim. Já viu que loucura, doutor? O senhor me desculpe, mas não consigo parar de roer as unhas. Veja. Já roí todas. Não tem mais nenhuma. Se não fosse pedir demais, será que o senhor poderia me emprestar as suas? Onde é que eu estava mesmo? Ando tão confuso! Sim, falava dos americanos. Eu fazia muito sucesso com as crianças passeando no meu cavalo branco. Penso que foi por isso que eles me convidaram para ser chefe de vendas do país. Trancaram-me dentro de um quarto e disseram que precisavam mudar minha imagem. Enfiaram-me um cachimbo na boca, um cinturão de pioneiro e essa roupa vermelha que, a princípio, por contrato, vinha com uma inscrição nas costas: beba Coca-Cola. Pegaram meu cavalo branco e venderam para Hollywood, onde virou artista trabalhando ao lado ou melhor embaixo de Tom Mix. Aí me puseram dentro de um trenó puxado por renas. Nunca tinha visto um trenó na vida, doutor. Logo na primeira vez que saí, dei uma porrada num poste e matei duas renas. Entrei então para uma escola de motoristas de trenó. Um desastre! Fui reprovado três vezes seguidas. Até hoje ainda não sei dar marcha-ré com as renas. Faz um favor pra mim, doutor, dá uma olhadinha pela janela e vê se meu trenó ainda está lá embaixo. Estou preocupado. Já tive o trenó rebocado quatro vezes. Agora os lojistas me passaram para um helicóptero. Foi uma das poucas modificações que fizeram. Também, se continuo circulando de trenó nesse trânsito, quando terminasse de distribuir os presentes de Natal já estaríamos no *réveillon*. Qualquer hora dessas, o senhor vai ver, vão me botar dentro de um foguete espacial. Aí eu peço demissão. Aí eu peço mesmo. Vou procurar outro emprego. Não sei, vou trabalhar em novela, tenho muita experiência de te-

Ei, Melquior, tá esquecendo da missão outra vez?

PLAYBOY

"Acredite, por favor!"

"Ela se casou comigo só por causa dos brinquedos. Ainda acabo dando-a de presente"

levisão: já fiz 2 678 comerciais. Ou então tiro essa barba, faço uma cara de débil mental e vou fazer concurso para Rei Momo. É o emprego mais mole que conheço: trabalha três dias por ano dando uns pulinhos nos salões. Eu estou a ponto de explodir, doutor. Agora mesmo devastaram minha plantação de pinheiros e ao lado da oficina estão levantando um espigão. O senhor já viu a propaganda? Não tenho mais sossego. A propaganda diz assim: "Eis a sua última oportunidade de morar ao lado de Papai Noel". Não há quem agüente, doutor. Por favor, dá uma olhadinha nas minhas renas. Vê como está a primeira da fila da esquerda. É a Doramunda, minha rena predileta. Adoro Doramunda. Aliás, doutor, quero lhe fazer uma confissão e espero que fique entre nós dois: minha sexta mulher me deixou no dia em que entrou na oficina e me viu abraçado com Doramunda. Abraçado, doutor, apenas abraçado. Juro que naquele momento não estávamos fazendo nada demais. Por isso penso que ela já estava a fim de me abandonar e usou a rena como pretexto. Realmente, doutor, nós tivemos um caso, eu e Doramunda, mas foi um casinho ligeiro, nunca chegou, eu lhe asseguro, a se transformar num compromisso sério. O senhor me desculpe ficar aqui o tempo todo repuxando o pescoço, mas é um tique nervoso que adquiri depois que passei a viver com minha atual mulher. Nossas relações são péssimas. Ela casou-se comigo, eu sei, só por causa dos brinquedos. Dorme com 25 bonecas na cama. O senhor acha que isso tem algum significado psicológico? Bem, ela é jovem ainda. Tem apenas 63 anos. Passa o dia inteiro pregada na cadeira diante da televisão. É incapaz de pegar uma agulha para remendar meu saco. E vive reclamando. Estou com vontade de entregá-la para a primeira pessoa que me escrever pedindo uma mulher de presente. Já recebi duas cartas assim, mas pediam mulheres infláveis. O senhor acha que eu seria mais feliz com uma mulher de borracha? Pelo menos não ficaria tagarelando no meu ouvido. Essa agora vive dizendo que trabalho demais e que deveria fazer uma greve. Não sabe que Papai Noel tá proibido de fazer greve. Talvez ela tenha razão, doutor. Apesar de me sentir forte, faço Cooper todas as manhãs e agora estou aprendendo tênis, sinto sinais de esgotamento. Sou um Papai Noel atrasado. Esse negócio de todo mundo vender em 12, 24, 36 meses, sem juros, sem entrada, com dinheiro só em janeiro, além de aumentar minha produção, tornou insuportável o peso do saco. Sozinho confesso que não sou mais capaz de carregá-lo. Sugeri à Associação dos Lojistas que contratassem os Reis Magos, para me ajudar. Não é uma boa? Os Reis Magos também entendem de presentes. Os caras lá disseram que não era possível, que os Reis Magos só sabiam dirigir camelos, só sabiam se orientar pelas estrelas e com essa poluição que anda por aí não iriam nunca chegar aos destinatários. O senhor tem um copo d'água, doutor? Preciso tomar um antidistônico. Estou com os nervos aos pedaços. Por que será, doutor? Mudei eu ou mudou a cidade? Acho que é porque vivo somente dando e dando e dando sem receber de ninguém. Nunca recebi um presente de Natal na minha vida. Isso me dá uma profunda sensação de rejeição. Estou percebendo que as pessoas, quando me vêem, atravessam a rua. Ontem mesmo um menino, ao me ver andando na sua direção, virou-se para o pai que o segurava pelo braço e comentou: "Lá vem aquele velho chato novamente". Eu ouvi, doutor, eu ouvi com esse ouvido que a terra há de comer. Se é que já não comeu... eu existo, doutor? Rodo por aí pelas ruas e percebo a quantidade de pessoas que não suportam mais olhar para minha cara. Minha popularidade está mais baixa que a do presidente. Por que, doutor? Por quê? Penso que é porque estão vulgarizando demais a minha imagem. Quando vinha para cá, contei 54 papais noéis espalhados pelas calçadas. Então olhava para eles e me perguntava: será que o verdadeiro Papai Noel não é um deles, han? Quem me assegura que sou eu o autêntico Papai Noel? Ninguém. Não tenho como provar, doutor. Minha profissão não é regulamentada. Que que eu posso fazer? Primeiro tenho que acreditar que sou eu o verdadeiro. Depois que estiver convencido — talvez demore um pouco — comprarei um horário na televisão e alertarei o povo para que não aceite imitações. Tem muito Papai Noel por aí, doutor, Papai Noel japonês, Papai Noel anão, Papai Noel hippie, sem contar outros tipos mais perigosos. Outro dia um Papai Noel fajuto entrou numa casa com o saco vazio e saiu com o saco cheio. Talvez isso explique as dificuldades que hoje sinto para entrar em casas, apartamentos. Ninguém abre a porta. Só depois de conferir a lista de presentes. Nos edifícios os porteiros exigem que eu me identifique, quem diria, hein, doutor? Quem diria que um dia iriam pedir carteira de identidade do Papai Noel. Estou arrasado, liquidado, doutor. Dá uma olhadinha nas renas! Eu que sempre fui um homem reto, honesto, bondoso, incorruptível... espere, quem sabe?! Claro! É isso. É por isso que as pessoas não acreditam mais em mim. Lógico. Esse tipo de homem cheio de virtudes não existe mais. Nem eu sou mais assim. Vivo cercado de medos, de incertezas, de ansiedades, de neuroses... então por que os lojistas não vendem a minha imagem real? Por que não me mostrar brigando com a mulher, numa noite de insônia? Por que não fazer os comerciais de TV comigo no divã do analista? Eu dando uma grana ao guarda de trânsito para não multar minha Doramunda? Eu preso num congestionamento? Dependurado num trem? Cumprimentando o Maluf? É isso, doutor. Tem que ser assim. De outra forma, não dá. Agora entendo por que na última pesquisa de opinião pública que encomendei descobri que hoje as pessoas acreditam mais na existência do Kojak do que na minha.

— Seu tempo acabou — disse o analista.

Papai Noel levantou-se, cuspiu um pedaço de unha, repuxou o pescoço, abotoou o dólmã, puxou a carteira e perguntou quanto era.

— Vinte mil cruzeiros — respondeu o analista.

— Vinte mil? Poxa, é um absurdo! — parou um pouco, pensou e lascou: — Agora diga-me, doutor: e o senhor acredita em Papai Noel?

— É claro que não.

— Então ótimo. Estamos quites. Como eu também não acredito na psicanálise, passe bem.

E saiu sem pagar.

A VOLTA DA MULHER MAIS DESEJADA DO MUNDO

Uma seleção dos melhores momentos de Farrah Fawcett-Majors, o maior mito sexual dos anos 70 — que você verá na televisão e também estrelando seu primeiro filme

E ela diz: "Vim para ficar!"

Cheryl Ladd, a pantera substituta, já era: Farrah, a verdadeira, está de volta!

A única aparição de Farrah num programa sério de TV: vestida de coelhinha, ela participou de um debate sobre feminismo, em 1971. Abaixo, uma série de produtos com a marca Farrah.

Em 1968, aos 21 anos, Farrah Fawcett ainda era estudante na Universidade do Texas. Na foto mais ao alto, feita um ano depois, uma pose pensativa, para um comercial de televisão.

De pasta dental a carrões, tudo vende mais com o sorriso dela

"O MAIOR Símbolo Sexual dos Anos 70": se alguma mulher no mundo merece este título, seu nome é Farrah Fawcett-Majors. E o mais notável é que ela o conquistou sem ter estrelado nenhum filme de sucesso. Seu primeiro papel importante no cinema, aliás, ocorreu somente este ano, em *Somebody Shot Her Husband*, lançado nos Estados Unidos há uns três meses, sem provocar grandes entusiasmos. Mesmo na TV, onde a atuação de Farrah tem sido bem mais marcante, ela se limitou ao seriado policial *As Panteras* (estava afastada dele há um ano mas assinou contrato para reaparecer em breve).

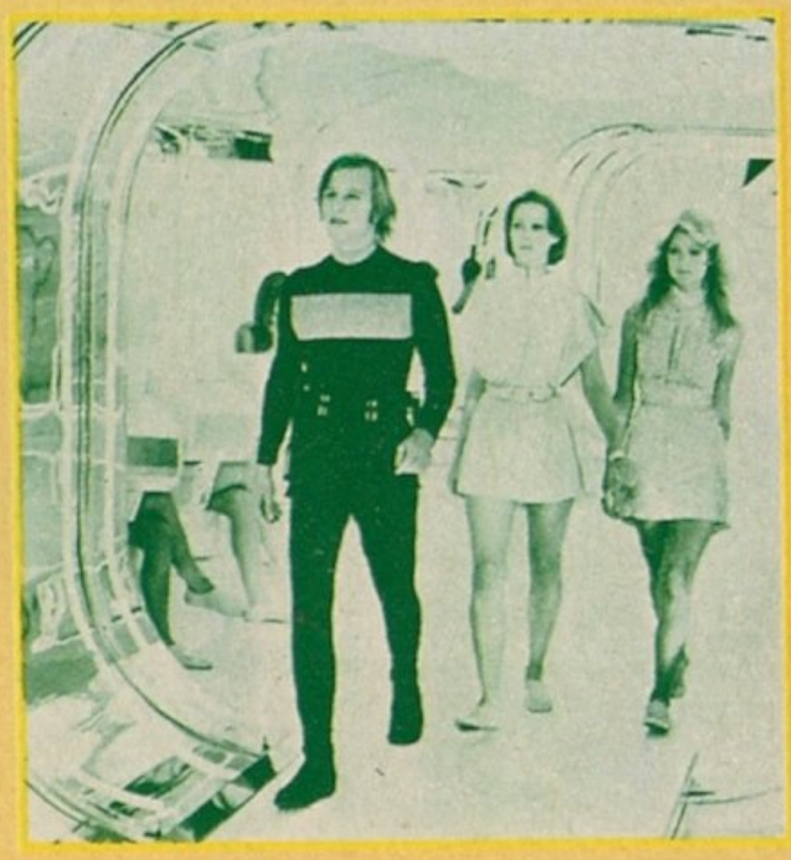
Como explicar então o fenômeno Farrah? Do modo mais simples: ela é tudo o que a maioria dos homens aspira como ideal de beleza feminina.

Uma beleza luxuosa, ardente e cara, resplandecendo de saúde no sorriso de dentes perfeitos, que os mais famosos fotógrafos disputam e que já vendeu nos EUA bilhões de tubos de pasta dental. Seu corpo alto e sinuoso, apioado sensualmente no capô de um Mercury Cougar, fez também as vendas desse automóvel crescerem espantosamente entre os americanos. E seu rosto dourado é garantia certa de vendagem para qualquer publicação: ela já foi capa de mais de trezentas revistas (de onze, numa única semana) e

À direita, todo o esplendor de sua luminosa cabeleira, num recente penteado do famoso cabeleireiro Hugh York. Abaixo, um dos seus cinco posters, que juntos já venderam mais de 6 milhões de cópias.

Ela é a modelo preferida dos fotógrafos mais famosos

Acima, com Raquel Welch no filme feito para a televisão, *Myra Breckinridge* (1970). Mais ao alto, com Claude Lelouch, em uma ponta da pouco conhecida comédia *Love is a Funny Thing* (1970).



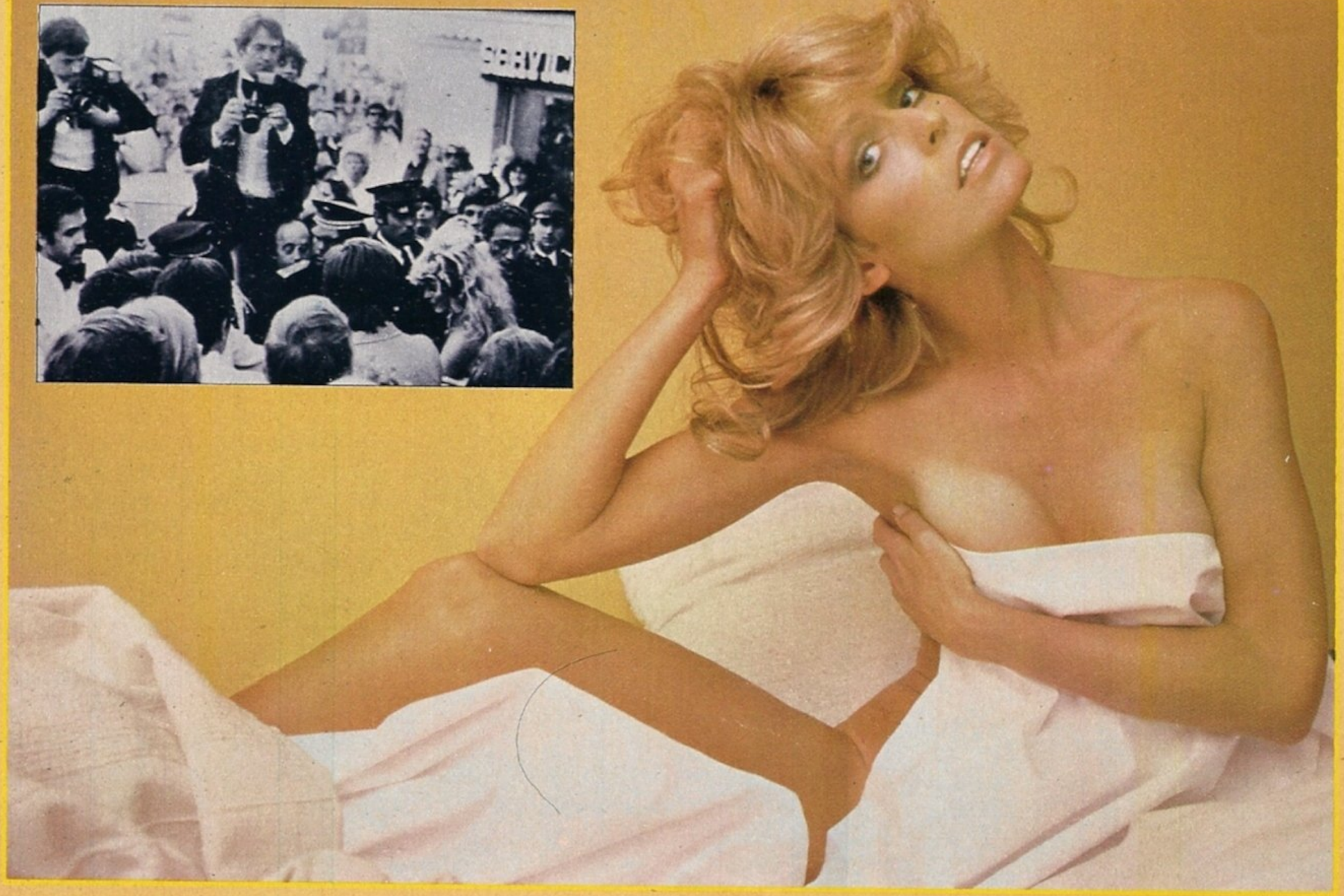
À esquerda, Farrah aparece com Michael York e Jenny Agutter, no filme *Logan's Run*, de 1976. Acima, na comédia *Somebody Shot Her Husband*, seu primeiro papel importante no cinema.

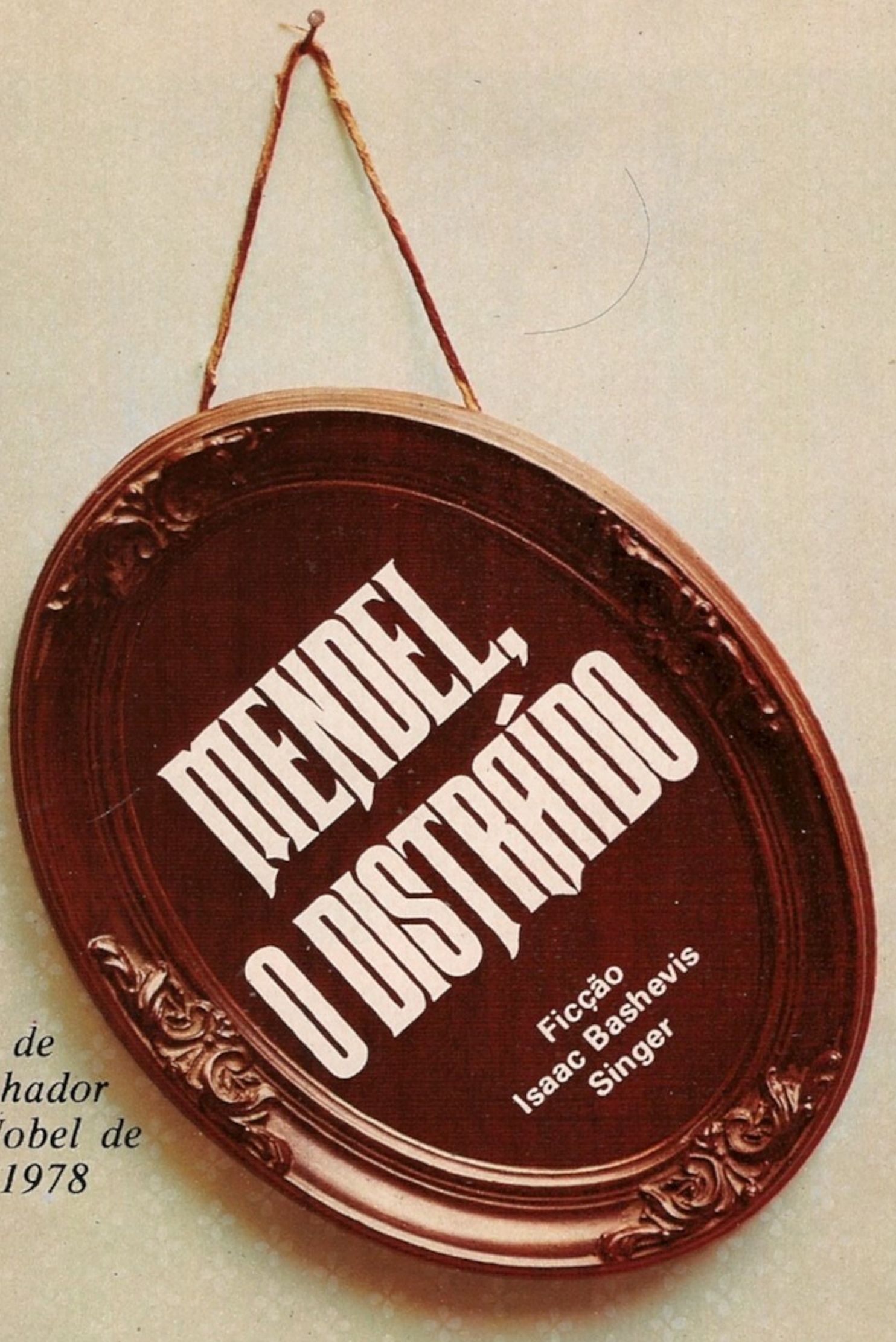
certa vez o *New Times* mostrou-a na capa com a seguinte legenda: "Neste número, nada sobre Farrah Fawcett". E não é só: os posters com fotos suas já venderam mais de 6 milhões de cópias (outras recordistas de posters, como Merilyn Monroe e Raquel Welch, não passaram dos 2 milhões de cópias vendidas).

Quem é, o que pensa e o que deseja a mulher que está por trás dessa imagem cintilante e milionária? Aqui, a resposta se torna mais difícil, apesar dos esforços dos colunistas de fofocas que tentam devassar a vida íntima do fenômeno Farrah. Ela, habilmente, recusa abrir sua intimidade ao público. E nem mesmo se dá ao trabalho de desmentir ou confirmar, quando noticiam transas amorosas suas com celebridades como John Travolta (veja o que ele diz, na entrevista que publicamos neste número) ou com o jovem ator Vince van Patten. E seu marido, o "biônico" Lee Majors, se mantém discretamente solidário nesse estratégico silêncio. Talvez por admitir que um homem de 6 milhões de dólares não chega a ser o máximo para um mito como Farrah Fawcett.

Com os cabelos soprados pela brisa, numa foto de 76, de Bruce McBrown.

Outros quatro momentos do mito sexual desta década: acima, numa foto de John Paschal, em 1977; à direita, numa pose exclusiva para o PLAYBOY (foto de Claude Mougin); abaixo, na foto menor, cercada de admiradores no Festival de Cannes deste ano e, na foto maior, de Douglas Kirkland, publicada pela revista *People* na matéria *As Pessoas Mais Intrigantes de 76*.





Uma história de humor do ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 1978

No colégio judeu onde estudei, em Varsóvia, havia um menino, Mendel, que tinha o apelido de "Pensei". Era assim que os outros o chamavam, e a razão do apelido vinha de Mendel dar sempre a mesma desculpa para todas as besteiras que cometia: "Ah, eu *pensei* que. . ." Certa vez, nos primeiros dias do inverno, Mendel tentou deslizar em cima do poço que ficava bem na frente do colégio. As camadas grossas de neve ainda não tinham caído, e o poço estava coberto apenas por uma película fina de gelo. Mendel saiu correndo e afundou até os joelhos na água gelada e suja. Quando lhe perguntaram por que tentara escorregar sobre uma camada tão fina de gelo, respondeu:

— Pensei que estivesse bem mais grosso.

— Por que você não experimentou primeiro com um pedaço de pau?

— Pensei que não fosse preciso.

— Pare de pensar, seu bobo! — exclamaram os meninos, em coro.

Na rua onde Mendel morava passava o bonde número 22. Muitas vezes ele tomava outros bondes e ia parar em bairros distantes e desconhecidos. Quando lhe perguntavam por que tomava o bonde errado, Mendel sempre respondia:

— Pensei que fosse o 22.

Num domingo, Mendel bebeu tinta. Viu um vidro cheio de um líquido vermelho, encheu o copo e virou-o rapidamente goela abaixo. Sua desculpa:

— Pensei que fosse uma sopinha de beterraba.

Seus pais acharam que ele tinha algum defeito na vista e o levaram a um oculista, mas o médico informou que o menino tinha uma vista excepcionalmente boa. Seu problema era apenas agir afobadamente, sem refletir.

Às vezes, suas distrações eram muito engraçadas. Certo dia foi comprar rosquinhas num armarinho. Depois que o dono mostrou seu erro, Mendel disse:

— Pensei que fosse uma padaria.

Seu pai lhe deu algumas cartas para botar no correio, mas em lugar de depositá-las na caixa apropriada Mendel atirou-as na lata de lixo. Semanas mais tarde, quando o pai percebeu o

ILUSTRAÇÃO/SUZANNE SEED

ocorrido, Mendel tentou explicar:

— Pensei que fosse uma caixa de correio.

Nos sábados não havia aula, mesmo assim Mendel aparecia muitas vezes no colégio nesses dias. A escola, por sinal, ficava ao lado da casa do professor. Mendel batia na porta com as mãos carregadas de cadernos, canetas e lápis, objetos que, pela tradição judaica, não podem ser tocados no dia de sábado. Sua desculpa:

— Pensei que fosse sexta-feira.

Certa vez apareceu na escola com uma boina vermelha, feminina, da irmã.

— Pensei que fosse o meu boné.

Não passava um dia no colégio sem que Mendel não trocasse o livro de religião, os cadernos, lápis ou canetas com os de um outro aluno. No inverno, apanhava sistematicamente o sobretudo errado, assim como as galochas e as luvas. Confundia também os nomes dos outros meninos. Mendel tinha um amigo chamado Velvel, moreno como um cigano. Ele me procurou muitas vezes, me chamando de Velvel. Minha pele sempre foi tão branca quanto a de Velvel era escura. E mais: eu tinha cabelos ruivos. Velvel era muito mais alto e mais gordo do que eu. Nunca pude entender como ele me confundia com o outro. Ele dizia:

— Pensei que você fosse o Velvel.

Não só cometia as distrações mais loucas, como também se machucava com incrível freqüência. Certo dia foi com os pais a um hotel que tinha uma porta de vidro. Mendel se chocou violentamente contra a porta, machucou a testa e o nariz.

— Pensei que não tivesse nada na frente.

Os pais de Mendel moravam no terceiro andar, mas o menino, ao voltar do colégio, tocava muitas vezes a campainha do segundo andar. Quando a dona da casa atendia, chamava-a de mamãe, sentava-se e contava as aventuras daquele dia no colégio. A mulher sempre levava alguns minutos para desfazer o engano. Ao perceber o ocorrido, Mendel explicava:

— Ah, pensei que a senhora fosse a mamãe.

Os meninos brincavam dizendo que

Continua na pág. 132

FOTO/ANTÔNIO GUERREIRO

SÔNIA BRAGA, FEV 78

Muitos não reconheceram Sônia Braga, fantasiada de Surpresa Primaveril. Seus admiradores mais fiéis, porém (nós na primeira fila), acertaram na hora: esse umbigo é inconfundível!

AS MELHORES DO ANO

Agora, alegre-se: você vai reencontrar as 20 garotas mais lindas e sensuais publicadas por PLAYBOY *em 1978*

NÃO FOI FÁCIL: reunimos nosso "colégio eleitoral" e, numa tumultuada votação (na qual o que menos faltou foram os chamados protestos justos), elegemos as 20 mulheres mais belas, charmosas e tentadoras que apareceram este ano em PLAYBOY. A escolha foi perfeitamente democrática e reuniu vencedoras para todos os gostos, nacionais e internacionais. Levamos em conta as preferências que os leitores manifestam em suas cartas, embora certos de que sempre aparecerão os inconformados. Mas, afinal, democracia não é isso?

Ensaio

CHRISTIANE RUCKER, JAN 78

FOTO/POMPEO POSAR

FÁTIMA PORTO, FEV 78

FOTO/PAULO ROCHA

É assim que a carioquinha Fátima Porto (acima) gosta de levar a vida: com a brisa de Ipanema brincando em seus cabelos. Já a berlinense Christiane Rucker (à esquerda) adora experimentar um tapete novo, principalmente se for bem felpudo e fofinho.

A morena Vicky (abaixo) nos chegou fantasiada de bombeiro e disposta a enfrentar calores incríveis. Ei-la agora, aí embaixo, numa roupinha mais suave. Ann Pennington (à direita), "a namoradinha do Brasil", é uma das campeãs em pedidos dos leitores. Tem também nosso voto.

FOTO/MARIO CASILI

VICKY, MAR 78

FOTO/POMPEO POSAR

ANN PENNINGTON, ABR 78

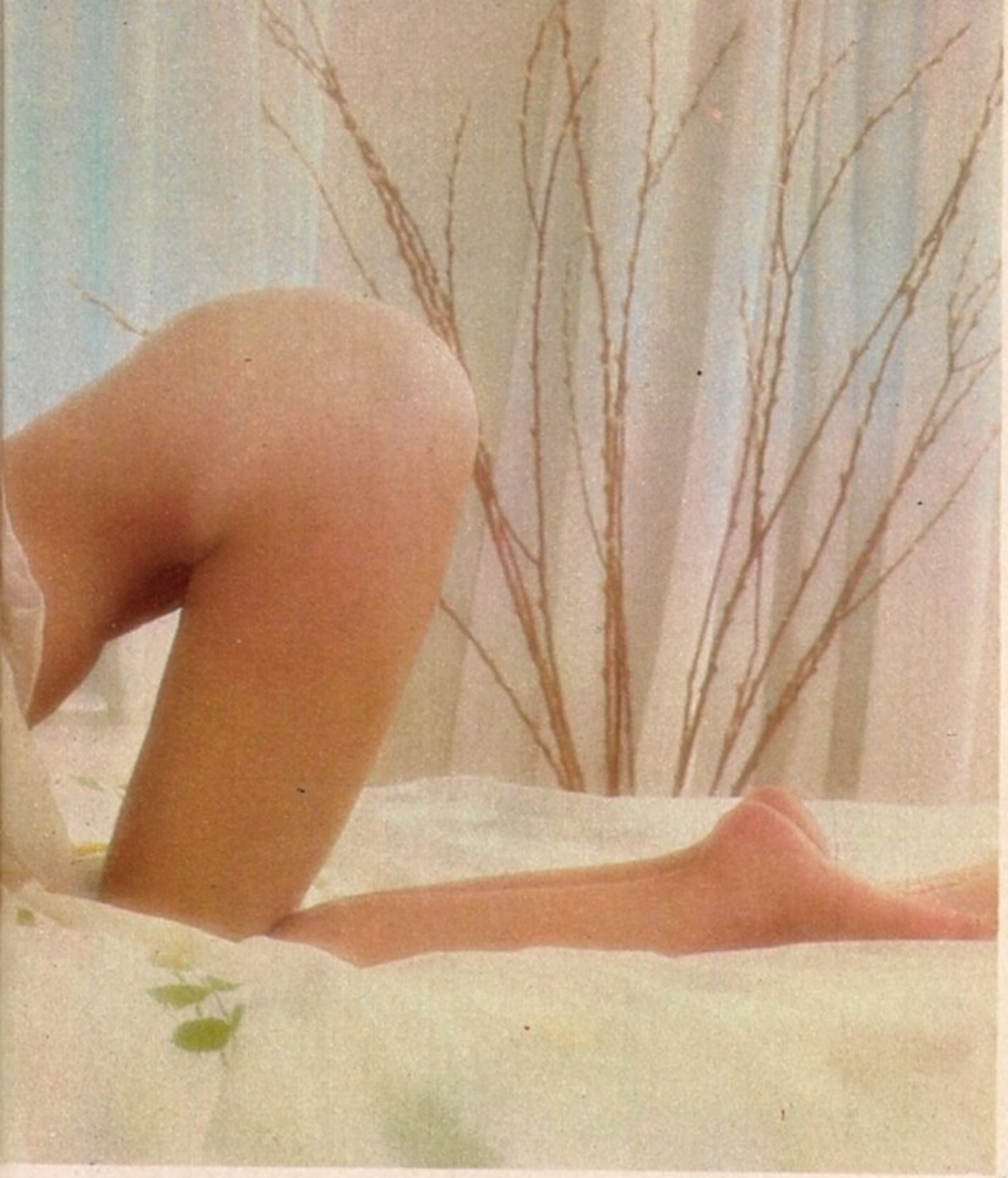
FOTO/PHILLIP DIXON

DEBRA JENSEN, ABR 78

Do sol da Califórnia trouxemos a tentadora e luminosa Debra Jensen (acima). E das águas tropicais do litoral fluminense veio Marneide (à direita), a morena caçadora.

AS MELHORES DO ANO

Entre as 26 lindas carioquinhas (As Garotas do Rio) que reunimos no mês do carnaval, Isabel se destacava, estonteante. E aí está por quê. Mais abaixo, Jill de Vries, com a roupinha que lhe deu enorme popularidade entre os leitores.



MARNEIDE, ABR 78

FOTO/PAULO ROCHA

ISABEL, FEV 78

FOTO/DWITHT HOOKER

FOTO/PAULO ROCHA

JILL DE VRIES, JUN 78

CHRISTINA, JUN 78

FOTO/ARNY FREYTAG

Christina, poster de junho, fazia 21 anos ao ser fotografada. Nosso presente foi bem íntimo, lembra-se?

SUZE RANDALL, MAI 78

FOTO/SUZE RANDALL

Suze Randall é uma competente fotógrafa, e principalmente quando se fotografa, assim . . .

KAREN MORTON, NOV 78

FOTO/KEN MARCUS

FOTO/KEN MARCUS

SANDRA, MAR 78

Duas vezes, antes desta, Sandra (acima) esteve com vocês: foi poster em setembro do ano passado e participou da Festa das Playmates, em março último. Karen (à esquerda) estreou no mês passado. E Debra Jo Fondren (à direita) foi nada mais nada menos do que a Playmate do Ano.

AS MELHORES DO ANO

FOTO/PEDRO HENRIQUE

LENILDA LEONARDI, AGO 78

DEBRA JO FONDREN, JUL 78

FOTO/ROBERT S. HOOPER

FOTO/KEN MARCUS

JANIS SCHMITT, MAR 78

Depois de conhecer Lenilda na abertura da novela Te Contei?, *todo mundo ficou querendo saber mais detalhes (eis alguns, aí no alto, tão alucinantes como no poster de agosto). Janis (poster em março) volta agora, ainda mais convidativa.*

Lívia saiu em nosso número de lançamento e reapareceu em março último. É fácil perceber por que gostamos tanto dela, não? Vicki (à direita) foi logo confessando, com seu jeitinho cínico, que adora provocar os homens.

FOTO/PAULO ROCHA

LÍVIA, MAR 78

FOTO/PHILLIP DIXON

VICKI WITT, OUT 78

AS MELHORES DO ANO

"Durante muito tempo tive preconceito contra posar nua", disse-nos Betty Faria. "Só PLAYBOY *me fez vencer esse preconceito: minhas fotos ficaram tão lindas!" Falou e disse. Na foto abaixo, a prancha de surf de Laura Blears (notem que bela prancha, em contraste com a paisagem ao fundo).*

FOTO/MINDAS

LAURA BLEARS, JAN 78

BETTY FARIA, AGO 78

FOTO/PAULO ROCHA

ORGANIZE O SEU DINHEIRO PARA CURTIR MAIS A VIDA

Férias maravilhosas, aquela viagem a Paris ou um belo carrão esporte podem estar a seu alcance se você souber planejar o que gasta e o que ganha

QUANTAS VEZES você já sonhou com um barco a vela, férias em Palma de Maiorca, os espetáculos do Crazy Horse de Paris ou outras delícias que a vida, aparentemente, só reserva a uns poucos eleitos?

E quantas vezes você mesmo concluiu que *nunca* vai ter dinheiro para nada disso? Agora, responda sinceramente: você já analisou objetivamente o que o impede de realizar um desses sonhos sugeridos pelos anúncios de cigarros, antes de balançar a cabeça, afirmando que suas despesas habituais "levam-lhe todo o salário"? Possivelmente, não. Mas console-se: você age como a maioria das pessoas, acreditando, no fundo, que a realidade deve ser aceita como é, e adotando como filosofia uma espécie de *laissez-faire* pessoal, cujo resultado quase fatal são aqueles momentos de frustração, cada vez que a televisão mostra os clientes "daqueles" bancos... pois bem, é hora de mudar. Você *pode* fixar seus objetivos, traçar rotas, decidir o seu futuro e construí-lo! Afinal,

Artigo/Celso Luiz Barboza

ILUSTRAÇAO/GILBERTO MIADAIRA

ORGANIZE O SEU DINHEIRO...

Numa empresa, o planejamento é a diferença entre viver e morrer. Para você, entre viver e viver bem

certo mesmo está quem diz que a vida é uma só (e é "pra valer", conforme ensina mestre Vinicius). Comece, pois, a pensar "grande", a realizar seus sonhos. Se você consegue se empenhar em atingir os objetivos da empresa em que trabalha, por que não assumir a mesma atitude em relação a seus objetivos pessoais?

Talvez você não tenha ainda percebido, para início de conversa, que os seus sonhos são — ou podem ser transformados em — seus objetivos. É preciso, então, fixar uma ponte entre a realidade de hoje e o seu objetivo.

A esta ponte chamaremos *planejamento pessoal*, um processo que não tomará mais esforço do que o que empiricamente você já desenvolve. Só que o empirismo e falta de sistematização transformam o que deveria ser o seu planejamento num amontoado de conjeturas de reduzida eficácia. O que estou propondo é um "grande salto para frente", ou seja, aplicar à sua vida aquilo que as empresas já se convenceram ser imprescindível: o planejamento sistematizado. Com ele, em pouco tempo, você vai poder me mandar postais de lugares maravilhosos, como Saint-Moritz ou Veneza.

Muito bem! Mas como chegar até lá? O que é necessário fazer para "administrar" sua vida? É o que vou tentar responder, transpondo alguns instrumentos já testados nas empresas para o nível pessoal — que, a rigor, enfrenta problemas e dificuldades financeiras semelhantes, ou seja, recursos escassos e um grande leque de alternativas.

Para facilitar a compreensão, sempre que recomendável, vou fazer um paralelo entre a administração de uma empresa e a administração pessoal. Em ambas, têm a mesma importância tanto o *planejamento* quanto o *controle*.

O PLANEJAMENTO

O planejamento é um instrumento básico de administração e, para uma empresa, pode significar a diferença entre viver e morrer. Ao nível pessoal, representa a existência ou não de um grande volume de problemas ou de vantagens — ter ou não determinado carro esporte, por exemplo. O planejamento possibilita a antecipação de realizações futuras desejadas, partindo do princípio de que o futuro, como já vimos, é construído, e não o resultado do acaso.

Toda pessoa que se envolve em planejamento deve aprender a voar, a olhar o futuro, embora tendo os pés na terra, verdade que os latinos já percebiam, ao recomendar: *pedes in terra, ad sidera visus*. Explicando: qualquer um que planeje não deve ficar muito ligado aos resultados passados, pois assim irá provavelmente repetir os mesmos erros e acertos, atingindo resultados a que sem planejamento iria chegar de qualquer modo. Isso não é planejamento, e sim *reedição*.

O planejamento é feito para, digamos, aperfeiçoar, inovar, aumentar eficiência, melhorar nível de vida, dar maior satisfação e felicidade às pessoas. Pressupõe objetivos ambiciosos, grandes e exeqüíveis. O planejamento ao nível pessoal deve responder a quatro perguntas básicas (igualzinho ao que deve ser feito em qualquer empresa): a) onde estou?; b) caso tudo continue no ritmo atual, aonde vou parar?; c) aonde eu *realmente* quero chegar?; d) como chegar lá?

A resposta ao item d) será, efetivamente, o "fecho" do processo de planejamento, que será composto de programas específicos de ação. Estes irão preencher a lacuna existente entre os itens b) e c), ou seja, entre os objetivos a que *realmente* se quer chegar e os objetivos que seriam normalmente atingidos sem qualquer tipo de interferência. A compreensão, interiorização e prática desta verdade pode significar uma modificação radical na vida de qualquer empresa ou pessoa.

Ao "voar com os pés na terra", o planejamento passa a ser um processo de "trás-pra-frente", na medida em que os objetivos fixados irão condicionar os programas de ação que deverão ser implementados para atingi-los. Agora, um exemplo para esclarecer melhor os pontos *a*, *b*, *c*, e *d*.

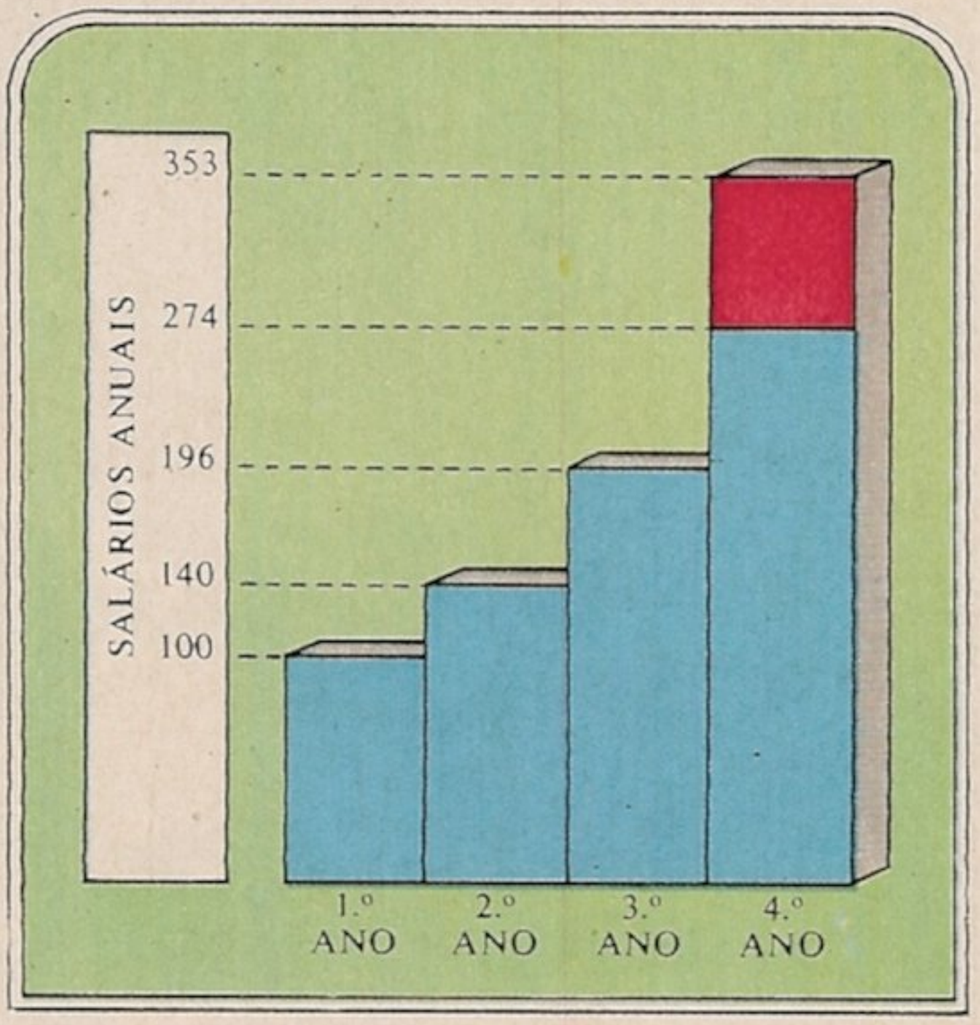
Suponha a evolução, em três anos, do salário de um jovem executivo, para tentar prever qual seria o salário do quarto ano. (Não tome à risca os números deste artigo: eles existem apenas para efeito de desenvolver o raciocínio, e algumas vezes poderão até parecer irreais.)

Ano	Salário anual
1.º	100 mil
2.º	140 mil
3.º	196 mil
4.º	?

Fica logo claro que nos três primeiros anos o salário anual evoluiu 40% ao ano, permitindo prever um salário de **Cr$ 274 mil** como previsão para o quarto ano. Este tipo de exercício nos levaria a responder às questões **a** e **b** ("onde estou" e "aonde irei parar se nada for mudado").

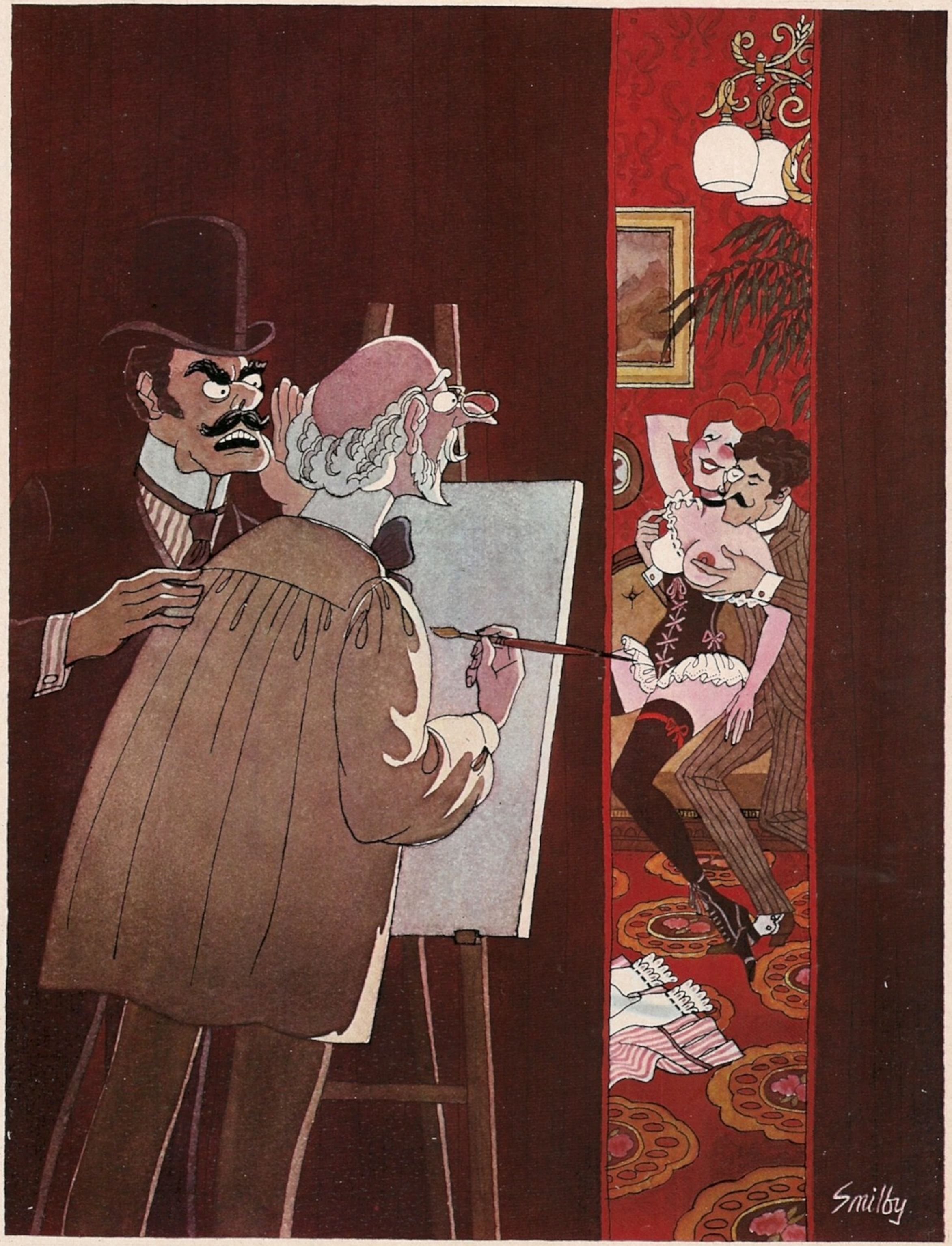
Tendo concluído que estava "marcando passo" e vendo seus sonhos cada vez mais distantes, nosso executivo resolve modificar sua vida para melhor. Tomada esta decisão, ele já assumiu a atitude básica necessária ao desencadeamento de um processo de planejamento: a disposição de influenciar o futuro.

Ele poderia estabelecer como objetivo, por exemplo, comprar um carro esporte, o que implicaria aumentar o salário anual não em 40% mas em 80%, para Cr$ 353 mil, portanto (veja esta evolução salarial e o objetivo para o quarto ano no gráfico à esquerda). Neste momento poderia ter sido dado o primeiro passo no sentido de



Em azul, está a evolução normal do salário; e, em vermelho, o que se pode acrescentar à receita — com planejamento e programas de ação.

Continua na pág. 134



Assim que você tiver pintado detalhes suficientes, dê-me um sinal, para podermos fazer o flagrante!

Veja como esta garota
nos revelou toda a sua intimidade
e o seu segredo mais especial

AS CONFISSÕES DE GAIL

"Tenho uma fraqueza", disse-nos Gail Stanton, "não sei dizer não a um pedido carinhoso." Mas, afinal, não estávamos pedindo muito. Queríamos apenas que ela nos mostrasse como se comporta nos seus momentos de maior intimidade. Por exemplo: nas tardes em que se prepara para um encontro muito especial. Gail então nos revelou a sua receita secreta para antes do amor.

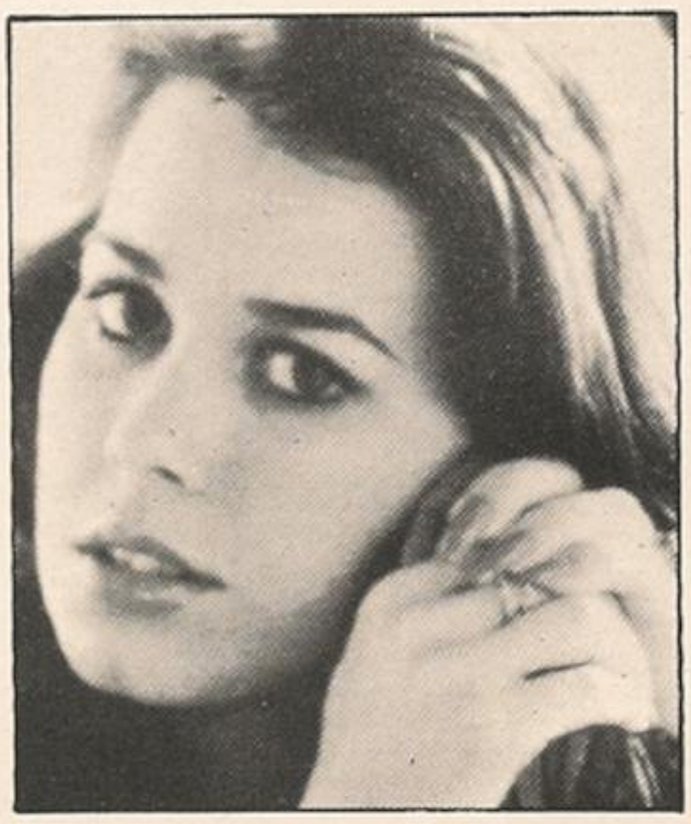
Fotos/David Chan

Ela nos disse que preferiria ser fotografada enquanto estivesse se preparando para um banho de imersão: "É quando eu me sinto mais descontraída e receptiva", explicou. Aliás, Gail tem uma teoria muito interessante sobre as virtudes eróticas do banho de imersão.

"Um longo banho de imersão é ótimo antes de se fazer amor", assegura Gail. Ela reforça esses efeitos mágicos do banho massageando seu corpo, suavemente, segundo os preceitos do Do-In. Nada disso, porém, funciona, se o homem com quem se encontrar não der a ela o carinho que espera. "Eu prefiro transar com um rapaz simples, que nada tenha, mas saiba fazer com que eu me sinta verdadeiramente mulher."

PARA SEU ARQUIVO

GAIL STANTON



FICHA PESSOAL

NOME: Gail Stanton

BUSTO: 88 CINTURA: 56 QUADRIS: 86

ALTURA: 1,54 PESO: 48 SIGNO: Escorpião

DATA DE NASCIMENTO: 19-11-54

LOCAL: Memphis, Tennessee.

ASPIRAÇÕES: Trabalhar pela paz no Oriente Médio.

GOSTA: Homens independentes, jóias, rosas e tudo quanto é lichinho.

NÃO GOSTA: Pessoas ciumentas, gente que tenta impor seus valores (sobretudo os morais).

FILMES: Contatos Imediatos do Terceiro Grau, E o Vento Levou... e À Procura de Mr. Goodbar.

MÚSICOS: Elvis Presley, Stevie Wonder, Bread, The Beach Boys.

ESPORTES: Esquiar na neve e na água, nadar e caminhar ao ar livre.

MAIOR ALEGRIA: Fazer as pessoas felizes.

3 anos: com a boca cheia de panetone

7 anos: mamãe exagerou no corte da franjinha

17 anos: na despedida do meu colégio

PLAYBOY

COMO GUARDAR UMA BELA MULHER

LENDA/*Extraída dos contos chineses de Min-chien*

Era uma vez um rico mercador chinês que decidiu comprar uma mulher bela e jovem. A mulher que ele escolheu amava em segredo um esbelto rapaz, mas teve de se curvar aos costumes: o mercador, velho e barrigudo, pagou alto preço ao pai dela e a levou para sua aldeia.

Ao chegar ali, o mercador foi tomado de pânico. A beleza da mulher era tanta que ele não poderia deixar tal tesouro à mercê do mundo. "O que fazer?", pensou o mercador. Afinal, muito dos amigos dele guardavam suas mulheres a sete chaves e, mal chegavam à rua principal da aldeia, já estavam sendo traídos...

E aconteceu o pior: novos e imprevistos negócios exigiriam que ele viajasse para fora da aldeia com certa freqüência. E essas viagens demorariam um dia inteiro.

Desesperado, o mercador foi procurar uma mulher que, diziam, era possuidora de estranhos poderes. A senhora o recebeu, ouviu sua história e, em troca de uma grande e perfeita pérola, ela lhe entregou uma garrafinha verde-jade.

— Quando você tiver de deixar sua jovem esposa — disse ela —, basta olhá-la e abrir a tampa desta garrafa. Instantaneamente, ela será transportada para dentro e você poderá ir para onde quiser sem se preocupar com a castidade dela. Quando você a quiser de volta, basta tirar a rolha, repetir o processo e lá estará sua esposa, pronta para lhe dar grande prazer.

O mercador ficou exultante e, na manhã seguinte, olhou para sua linda mulher, toda radiante em seu quimono de seda, e tirou a rolha da garrafa. Ela desapareceu, mas um gritinho fraco lá de dentro da garrafa revelou que o encanto dera certo.

Feliz, guardou a garrafa e partiu.

Ao voltar, abriu a rolha e lá estava ela, como a havia deixado. No mesmo momento, surgiu no tamanho normal, linda e obediente.

Certo dia, contudo, o mercador permitiu que sua esposa fosse lavar roupa no rio. A jovem mulher estava muito contente pela chance de ver o mundo exterior, mesmo que para isso tivesse de fazer um trabalho de lavadeira. De repente, ela sentiu algo duro entre as roupas que estava lavando: era uma garrafinha. Ao tirar a rolha, percebeu que era aquele objeto a última coisa que via sempre que o marido saía.

Espantada, soprou para dentro dela e viu que de repente, no interior da garrafa, a noite caíra, uma lua maravilhosa nascera e que lá estava o rapaz que ela amava em segredo na sua aldeia natal. Fechou a rolha rapidamente. Confusa e excitada, voltou correndo para casa, deixando a garrafa onde a achara.

Na manhã seguinte, o mercador, tendo de sair, colocou a mulher dentro da garrafa. Para alegria desta, lá continuavam o luar e o rapaz. Os dois não perderam tempo. E o que era melhor, seu tamanho reduzido não diminuiu seu prazer. Quando o marido voltou, ambos estavam cansados de tanto amar, mas felizes. O mercador repetiu a mágica de tirar a esposa da garrafa e qual não foi sua surpresa ao ver, não só sua devotada esposa, como também um belo rapaz que a segurava nos braços.

— Oh! Então é impossível guardar uma bela esposa? — gritou o velho mercador.

Mas foi tudo que conseguiu dizer. Com a surpresa, deixara cair a garrafa; sua jovem esposa pegara-a e, olhando-o fixamente, fez com que ele desaparecesse na garrafa.

Embora, aprisionado na garrafa, não pudesse ver nada, o mercador podia ouvir. E não havia motivo nenhum para duvidar da natureza dos sons que vinham do seu leito de seda.

Desse dia em diante, o rapaz desfrutou das riquezas do mercador — e de suas propriedades mais íntimas. Mas era tão encantador e viril que jamais precisou restringir a liberdade da sua bela amante.

— *O pior de tudo é que eles vão violar*
e seviciar nossas mulheres! Oh, que faremos? Que faremos?

"NÃO VIM PARA EXPLICAR..."

Há 18 anos ele buzina os calouros e comanda, alegremente, suas chacretes e uma delirante multidão de fãs. Se alguém conseguiu descobrir o segredo do eterno sucesso na televisão, esse alguém é ele, o Chacrinha. Vamos ver, então, qual é a dele

FALTA AINDA quase uma hora para o início do programa, mas o Teatro Bandeirantes, da TV Bandeirantes, de São Paulo, já está superlotado. E na calçada em frente ao teatro uma multidão de retardatários comprime-se junto a um cordão de isolamento, sob o olhar severo de policiais militares com revólveres na cintura. De vez em quando, os funcionários da emissora que permanecem no saguão para recepcionar convidados especiais dão uma demonstração de benevolência permitindo que um ou outro dos aflitos fãs atravesse a barreira com um alegre grito de triunfo. O felizardo atravessa correndo o saguão e logo estará se acotovelando na massa inquieta de suor, perfume barato e risadinhas histéricas que aguarda o grande momento da comunicação.

"Roooda, roooda, roooda!", grita Chacrinha.

A partir de hoje — dia 3 de outubro — o Velho Guerreiro está oficialmente mais velho (só oficialmente, como você verá): comemorou 61 anos de existência, 18 dos quais repetindo semanalmente, sem grandes variações, exatamente aquilo que aquela delirante platéia espera para ver mais uma vez.

Dadas as circunstâncias, é uma espera até bem comportada. Os gritos impacientes que espocam de vez em quando devem ser aceitos como uma espécie de ensaio para o coro, entusiástico mas disciplinado, que dali a alguns minutos, Ele — Abelardo Barbosa, o Chacrinha — estará comandando pessoalmente.

Faltam só quinze minutos. Nos alto-falantes que rodeiam a platéia, a voz de Leleco, filho caçula de Chacrinha e um dos produtores do programa: "Alô, Abelardo, vamos testar o som, pra ver se está em ordem?" Das profundezas de seu camarim, Chacrinha responde e a presença de sua voz deflagra a primeira explosão de aplausos no auditório: "OK, mái bói, acho que está tudo bem, mái bói. Se não estiver você conserta na hora".

Na tela de um aparelho de vídeo-teipe a um canto do palco, começam a desfilar os rostos impassíveis dos candidatos da Arena. Ninguém precisa informar ao público que faltam poucos instantes para *A Buzina do Chacrinha* entrar no ar. Instintos bem ensaiados, semana após semana, aquela massa ansiosa conhece perfeitamente sua deixa. Mesmo porque os fãs mais experientes e treinados, uns cinqüenta ou sessenta, já estão devidamente enfileirados nas arquibancadas instaladas sobre o palco, formando um pequeno anfiteatro. Eles não deixariam, por distração ou ignorância, que a grande maioria menos votada da platéia se esquecesse de seus deveres. É assim que dali, das arquibancadas sobre o palco, é puxado o primeiro coro: "Queremos Rosely! Queremos Rosely! Queremos Rosely!"

Quem é e onde está Rosely, que tem a glória de ser pedida por duas mil vozes? O programa ainda não está no ar, os músicos da orquestra começam a ocupar seus lugares, câmaras deslizam para posições estratégicas, os refletores se acendem sobre o palco. E Rosely aparece, apertada dentro do cintilante e antiquado maiô inteiriço das chacretes, sorriso simpático e cheio de dentes brancos, nádegas generosas e coxas roliças e sem marcas sob as meias cor da pele. "Rosely! Rosely! Rosely!" E, de rosto, ela é mesmo muito bonita, com seus cabelos negros e longos e seu sorriso enorme. Tão bonita que a gente nem repara em suas pernas um pouquinho curtas e nos ombros largos demais.

Nesse momento, a orquestra ataca um furioso rock-discoteca, cujo refrão a platéia canta em coro, mostrando que já está no ponto para entrar no ar: "Bate, vatapá! Bate, vatapá!"

Com o último acorde da orquestra, Elke Maravilha, cheia de plumas roxas, atravessa o palco e avança pela passarela, entre o mar encapelado de fãs. O programa está no ar, Elke abre os braços para o fiel exército de Chacrinha, que a rodeia. "Boa noite, criançada!" Ela começa então um pequeno discurso, dizendo de sua alegria e de "sua honra" em ter sido escolhida para abrir a festa de aniversário do

Perfil/Roberto Manera e Fernando Pessoa Ferreira

ILUSTRAÇÃO/NÍLTON RAMALHO

...E SIM PARA CONFUNDIR!"

Chacrinha, a quem chama carinhosamente de "painho". E, dirigindo-se a ele, que ainda não apareceu em cena, Elke afirma, sob um urro de apoio da platéia: "Painho, você já faz parte da História do Brasil! Faz ou não faz?"

"Faz!", sentenciou o povo, que em seguida entoou ferozmente o *Mamãe, eu Quero Mamar*, enquanto seu comandante de tantas batalhas de auditório — o Chacrinha, o Velho Guerreiro, o Painho — finalmente aparecia, arrastando os pés de 61 anos, vestido com um fraque cor-de-rosa estampado de folhagens roxas. Presa ao teto do palco, uma maquininha começa a soltar uma chuva de bolhas de sabão. "Palmas pro Chacrinha, que ele éééé uma gracinha!"

E o programa segue, com a mesma dinâmica e os mesmos clichês do programa da semana anterior, e do da semana seguinte.

Tem sido assim desde 1960, quando Chacrinha trocou um estúdio de rádio por um auditório de televisão. Claro que nem tudo é sempre igual. Nesta noite, por exemplo, por ser "uma festa de aniversário", não haveria concurso de calouros. Os estribilhos a serem cantados em coro pelos fãs também mudam, de tempos em tempos. Mas o ritmo e a estrutura do programa permaneceram imutáveis, através de todos esses anos. A fidelidade do público idem — pelo menos a deste público que lota o auditório e que parece jamais ser afetado pela volubilidade do Ibope.

Qual então o segredo de tão longa sobrevivência? As chacretes? O humor e a irreverência do Chacrinha? O clima de alegre maluquice que sempre teve o seu programa? Um pouco de tudo isso, certamente. E talvez ainda de um fator que o saudoso cronista Antônio Maria resumiu numa sentença: "O público só ri de piada que já conhece". O fato é que os imprevistos mais alucinantes do Chacrinha são perfeitamente previsíveis. E é por isso que o público nunca se choca com eles. E é por isso que adora o Chacrinha.

"Roda! Roda! Roda!" Agora vamos nos afastar um pouco do Teatro Bandeirantes. Vamos ver o Chacrinha longe dos fãs. Curtindo um belo domingo e amansando a renitente sinusite que o acompanha desde os tempos de estudante. Ele está em sua casa na Barra da Tijuca, no Rio, protegida por altos muros brancos que lhe dão um ar de fortaleza. Pela entrada da garagem chega-se ao jardim dianteiro ou à piscina, nos fundos. Uma piscina que não traz boas lembranças ao dono: foi ali que um de seus três filhos, José Renato, sofreu um acidente que desde então o prendeu a uma cadeira de rodas.

Mais Chacrinha
na pág. 139.
Agora, nas páginas seguintes, vamos ao que interessa — As Chacretes, naturalmente!

A bela mulata de cabelos longos é Lindinalva. Ao lado dela, à direita, está a loura Sônia; e, à esquerda, Fátima. Deitadinha, bem na frente, está a morena Alice, com seu sorriso hospitaleiro. Mais à direita (segurando a perninha), a monumental Rita Cadillac.

CHACRETES À VONTADE

Sem aquele maiô para atrapalhar, sem a vigilância do Velho Guerreiro, audaciosas e excitantes, como elas gostam de ser

TODAS AS terças-feiras, às 9 horas da noite, essas garotas visitam você: elas entram em sua casa e ficam um tempão rebolando na sua sala, sob o comando do Chacrinha, o Velho Guerreiro. Mas, por motivos de força maior, nessas aparições semanais elas estão sempre excessivamente vestidas, com maiôs que escondem alguns dos detalhes mais excitantes de sua beleza. Por isso, PLAYBOY providenciou esta visita especial e íntima das Chacretes — as mais lindas e esculturais — para que você possa curti-las sem os rigores da televisão, bem do jeito que a chacrete Sônia (a lourinha que aparece na foto ao lado) definiu: "É como a gente apareceria para o homem que nos deixasse louquinhas de paixão". Falou.

Realização/Fernando de Barros
Fotos/Paulo Rocha

LINDINALVA

Para a platéia que delira
quando ela samba com
todas essas curvas morenas
que Deus lhe deu, Lindinalva
é a "Índia Marajó".
Convém saber também que
Lindinalva é baiana de corpo
e alma, adora jogar vôlei e dançar,
e está aguardando uma chance
para ser atriz de novela.

SÔNIA

Chacrinha brinca muito com
ela, chama-a de "Loura
Sinistra" ou de "A Mulher que
Matou Dez", mas Sônia
Lírio se diverte muito com
isso: adora brincar e
se você quer ganhar prestígio
com ela é só convidá-la
para um programa bem agitado.
Uma discoteca, por exemplo . . .

RITA

Agora você pode verificar, em detalhes, por que Rita Cadillac tem tanto prestígio com o público do Chacrinha. E não é só: de vez em quando ela faz temporadas no exterior (já foi aplaudida — e desejada — nos Estados Unidos, na Argentina e na Venezuela).

PRODUÇÃO/SÍLVIA CAMARGO

Cabelos/Marcos, Maquiagem/Marcelo (Salão Votre Beauté, SP).
Participação: Anselmo Carello, Art Aplicada, Design, L'Armod, Tok e Stok.
La Belle, Bouquet, Rose Benedetti, Biquinis Euromod

FÁTIMA

Carioca bem tostada pelo sol de Ipanema, Fátima (à esquerda) confessa que as praias são os únicos lugares agitados que freqüenta com prazer. Longe do mar, ela prefere mesmo é um cantinho sossegado, com luz de velas, etc.

ALICE

Licinha (para os íntimos) já foi trapezista de circo, mas hoje só trabalha com o Chacrinha. O que não significa que ela não tenha outras ambições: uma delas é fazer teatro; outra: "encontrar um cara muito especial e carinhoso, e me mandar com ele"

O modo de jogar é fácil: marque um ponto para cada resposta certa. As respostas estão na página à direita (seja honesto, não dê uma espiada disfarçada antes de responder). Se você quiser jogar com sua garota, adapte as regras para o strip-teste: a cada resposta errada, tira-se uma peça de roupa. Podemos até apostar que vocês não conseguirão chegar à última pergunta!

1. Quem eram, na televisão, em 1968, as seguintes pessoas:
   a. Steve Kiley;
   b. Todd e Buzz;
   c. James T. Kirk;
   d. Richard Kimball;
   e. David Vincent;
   f. Ben Cartwright.

2. Complete os slogans publicitários de 1968:
   a. . . . . , Serviço Nota 10!;
   b. . . . . tem o aroma de higiene;
   c. . . . . , pura e gostosa como a que a senhora faz!;
   d. Mulher . . . delirantemente mulher, com . . . . . ;
   e. . . . . sacode!

3. O que tinham em comum, na época:
   a. Elis Regina, Miéle e Boscoli?
   b. Honestino Guimarães, Luís Travassos, Catarina Meloni, José Dirceu, Jacques Sauvageot e Wladimir Palmeira?
   c. Richard Nixon, Hubert Humphrey e George Wallace?
   d. Carlos Imperial e Ataulfo Alves?
   e. Norma Bengell, Elizabeth Gasper e Marília Pêra?

4. De quem são estas frases de 68:
   a. "Este banheiro é pequeno demais para nós dois";
   b. "Sempre que os estudantes brigam com a polícia, quem sai perdendo é o governo";
   c. "Só escrevo quando houver amor entre os homens";
   d. "É esta juventude que quer tomar o poder?";
   e. "Quem sabe faz a hora, não espera acontecer".

5. Quem eram, em 1968:
   a. Ben Silver;
   b. Victor García;
   c. Antônio Maria;
   d. Benvinda;
   e. João Cunha;
   f. A Gata de Vison.

6. Quem interpretou, no cinema:
   a. O Homem Nu;
   b. Papai Trapalhão;
   c. Rachel, Rachel;
   d. Tony Rome;
   e. Romeu e Julieta (de Zefirelli).

7. Quem eram?
   a. Tarso Dutra;
   b. Gigi Rizzo;
   c. Antonin Novotny;
   d. Patrícia Ayres;
   e. Maria Antônia;
   f. Maria da Glória Carvalho;
   g. Marta Vasconcellos.

8. O que ou quem eram:
   a. Pervinc 70;
   b. Leonette;
   c. Blow-up (só para paulistas);
   d. O Pequeno Príncipe;
   e. Realtur;
   f. Lance Maior;
   g. Meias "mágicas";
   h. O galo de ouro;
   i. Kokorono Niji.

9. História breve:
   a. Quais eram os nomes dos homens que iniciaram, a 13 de maio de 1968, as conferências pela paz no Vietnam?
   b. Quais foram os astronautas que deram a volta à Lua no fim de 68 e o nome da nave?
   c. O que aconteceu num lugar chamado Khe Sanh?
   d. O que houve no dia 13 de dezembro no Brasil?
   e. O que aconteceu em Ibiúna?
   f. Quem acompanhava Caetano Veloso em *É Proibido Proibir?*
   g. Quem ganhou o Prêmio Nobel de

TESTE

Faça com seus amigos este teste sobre o ano que abalou o mundo e descubra o que sua memória (e a deles) conservou daqueles tempos de guerra e de flores

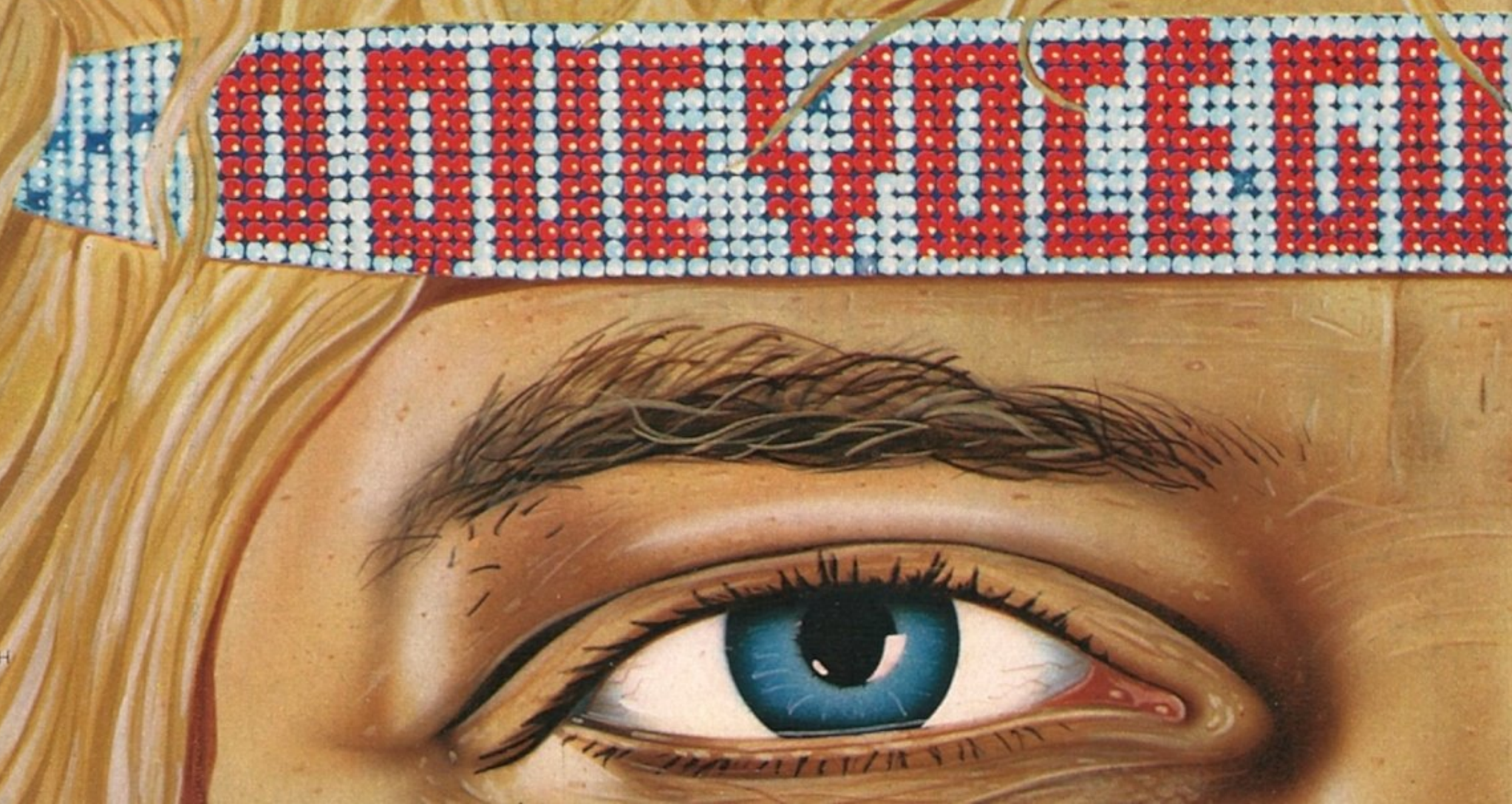


ILUSTRAÇÃO DENNIS MAGDICH

Literatura em 68? Iniciais: Y. K.

10. Em que lugar ficava . . .
a. Onde era Tan Son Nhut?
b. Onde se casaram Onassis e Jackie?
c. Onde foram assassinados Robert F. Kennedy e Luther King?.
d. Onde estava De Gaulle quando os estudantes franceses tomaram a Sorbonne?
e. Onde foram as Olimpíadas de 68?

RESPOSTAS

1. a. O assistente de Marcus Welby. b. Os heróis de *Rota 66;* c. O capitão da nave *Enterprise,* de *Jornada nas Estrelas;* d. *O Fugitivo;* e. O mocinho de *Os Invasores;* f. O pai, em *Bonanza.*

2. a. Atlantic; b. Lysoform; c. Maionese Hellmans; d. Cashmere Bouquet; e. Açúcar.

3. a. O show *Elis Urgente;* além disso, Elis e Boscoli eram casados; b. Todos eram líderes estudantis; Honestino em Brasília, Catarina e Dirceu em São Paulo, Sauvageot em Paris, Palmeira e Travassos no Rio. c. Todos eram candidatos à Presidência dos Estados Unidos. d. Tinham um sucesso em parceria — o samba *Você Passa Eu Acho Graça,* gravado por Ataulfo e suas pastoras. e. Além do fato de serem atrizes, as três foram espancadas por extremistas de direita.

4. a. Ziraldo (era o título de uma coletânea de duas peças em um ato, encenada no Rio); b. O governador da Bahia, Luiz Viana Filho; c. Roberto Carlos; d. Caetano Veloso, vaiado ao apresentar sua música *É Proibido Proibir,* num festival; e. Geraldo Vandré.

5. a. O cantor e ídolo da TV, ex-Benjamim Silva, personagem principal de *Roda Viva,* de Chico Buarque; b. Diretor da montagem de *Cemitério de Automóveis,* de José Arrabal; c. O personagem-título da novela de sucesso da Tupi, interpretado por Sérgio Cardoso; d. A música que Chico Buarque apresentou no Festival da Record; e. O "João Boiadeiro", paciente do primeiro transplante do coração realizado no Brasil, pela equipe do dr. Zerbini; f. Personagem-título da novela de TV, interpretado por Yoná Magalhães.

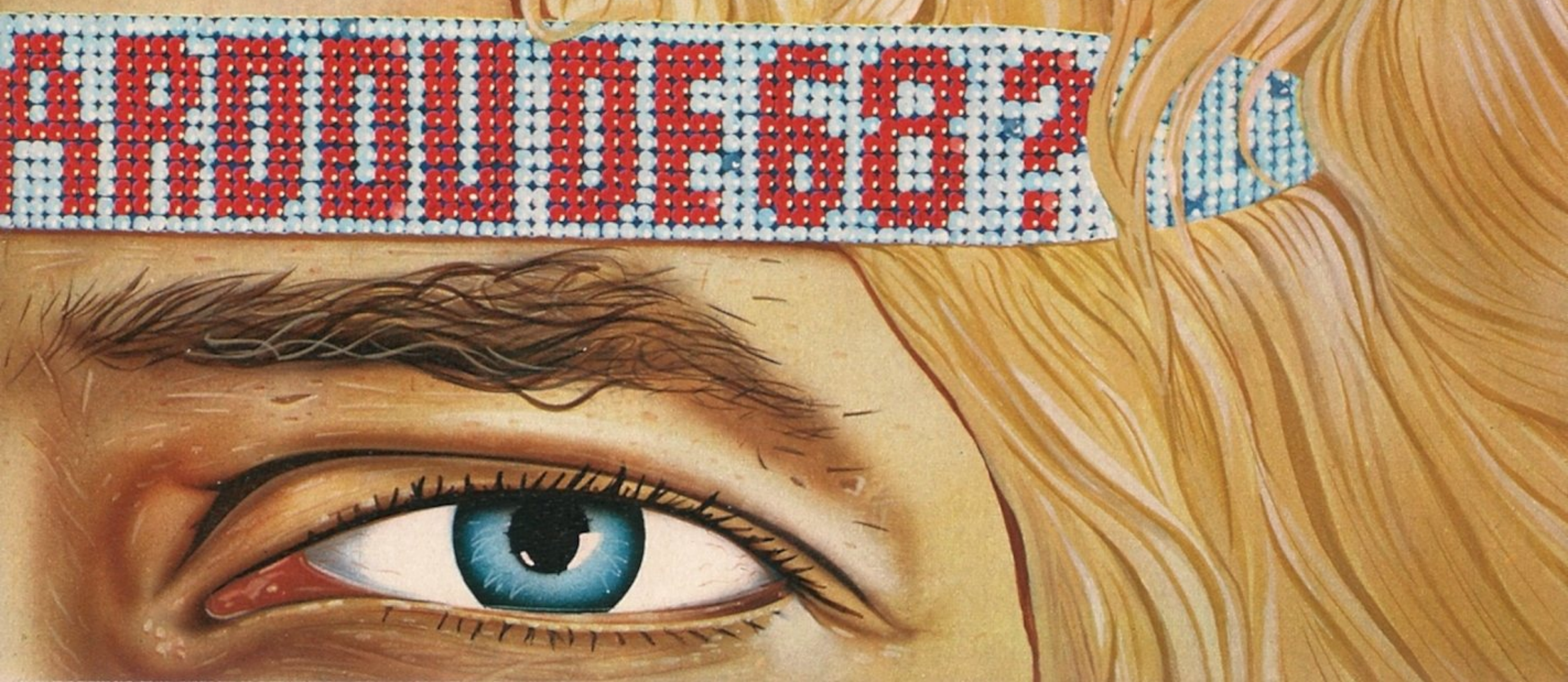
6. a. Paulo José; b. Otelo Zeloni; c. Joanne Woodward; d. Frank Sinatra; e. Leonard Whiting e Olivia Hussey.

7. a. O ministro da Educação; b. O primeiro namorado de Brigitte Bardot, depois que ela se separou de Gunther Sachs; c. O presidente da Checoslováquia, substituído por Ludvik Svoboda, quando da "Primavera de Praga"; d. Ela fazia o papel-título de *A Pequena Órfã,* tremendo sucesso na televisão da época; e. A rua que foi palco da "guerra" entre estudantes da Faculdade de Filosofia da USP e do Mackenzie, um dos episódios decisivos da atividade política dos universitários em 1968; f. Miss Beleza Internacional 68; g. Miss Universo 68.

8. a. Um tipo de tecido, anunciado para "os homens que vencem em toda linha"; b. Uma moto de 50 cc; c. Uma boate famosa, na rua Augusta; d. Apelido de Ronnie Von; e. Nome de um cartão de crédito; f. O primeiro filme de Regina Duarte, dirigido por Sílvio Back; g. Meias que dispensavam o uso de cinta-liga; h. O prêmio maior do Festival Internacional da Canção; i. Um dos maiores sucessos do ano, gravação de Os Incríveis.

9. a. Averell Harriman, pelos Estados Unidos e Xuan Thuy, pelo Vietnam do Norte; b. Frank Bormann, James Lovell e William Anders. A nave era a *Apolo 8;* c. A retirada, por ar, de forças americanas, da base dos fuzileiros ali localizada e cercada por forte continente militar vietcong; d. A decretação do Ato Institucional n.º 5; e. O Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), impedido pela polícia, que prendeu os estudantes ali reunidos; f. Os Mutantes (Arnaldo, Sérgio e Rita Lee Jones); g. Yasunari Kawabata.

10. a. Tan Son Nhut era o nome do aeroporto de Saigon; b. Na ilha grega de Skorpios; c. Em Los Angeles e em Memphis; d. Na Romênia, em visita oficial; e. As Olimpíadas de 68 foram no México.



Sol, mar, garotas,
praias de sonho . . .

TODOS A BORDO, O SAVEIRO VAI PARTIR!

O VENTO está soprando firme, as velas já estão enfunadas, as garotas subiram a bordo. Para que esperar? Faça-se ao mar, como os antigos navegantes, ao sabor da brisa. O sol está perfeito, as garotas já estão de tanga sobre o tombadilho. À medida que a terra vai ficando distante, as inibições caem e, com elas, as peças que ainda cobrem os corpos bronzeados. Lembre-se: você é que dita as normas neste barco!

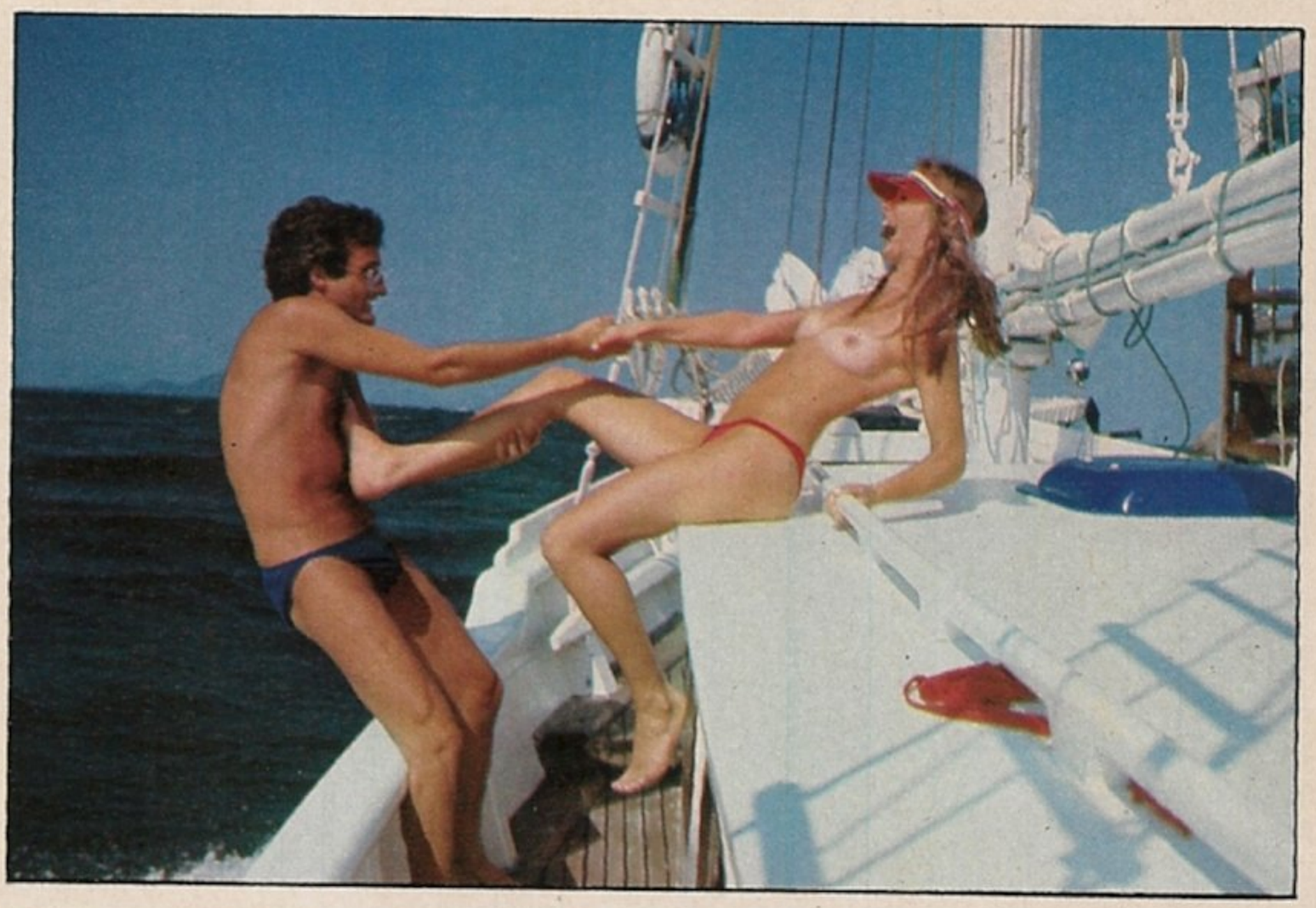
Serviço — Fotos/Pedro Henrique

PRODUÇÃO/CECÍLIA RIBEIRO
SUPERVISÃO/FERNANDO DE BARROS

PTUNO

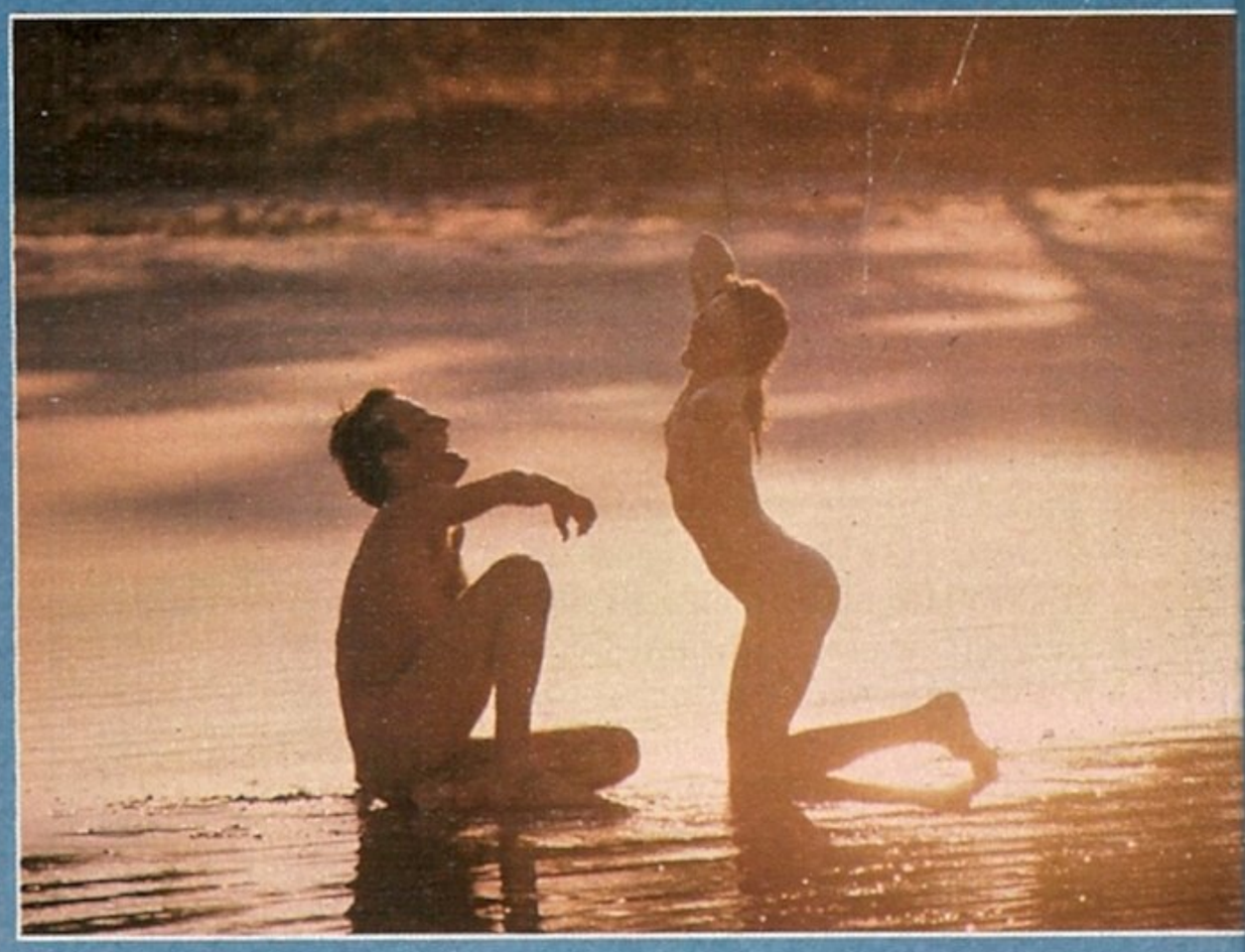
Dê suas ordens, capitão. Banhos de mar, esqui aquático (há um caíque no saveiro, para isso), exploração de ilhas e praias desertas durante o dia; drinques, um bom som, ótimas vibrações sob o luar, etc., à noite. Ou, então, um alegre confinamento a dois ou a três na cabine, interrompido por tórridas diversões na areia da praia ou folias aquáticas sob cachoeiras inesperadas no meio do mato . . .

Para comprar um saveiro como o *Neptuno,* você gastará cerca de Cr$ 1 800 000,00 no estaleiro Brandini, de Itajaí, em Santa Catarina. Seu representante em São Paulo, Antonio L. Ribeiro, aceita pedidos para qualquer tipo e tamanho, com entrega de seis meses a um ano. O saveiro tem 14,5 metros, dois mastros e 24 toneladas de peso. A firma de Antonio L. Ribeiro é a Mediterrâneo Equipamentos

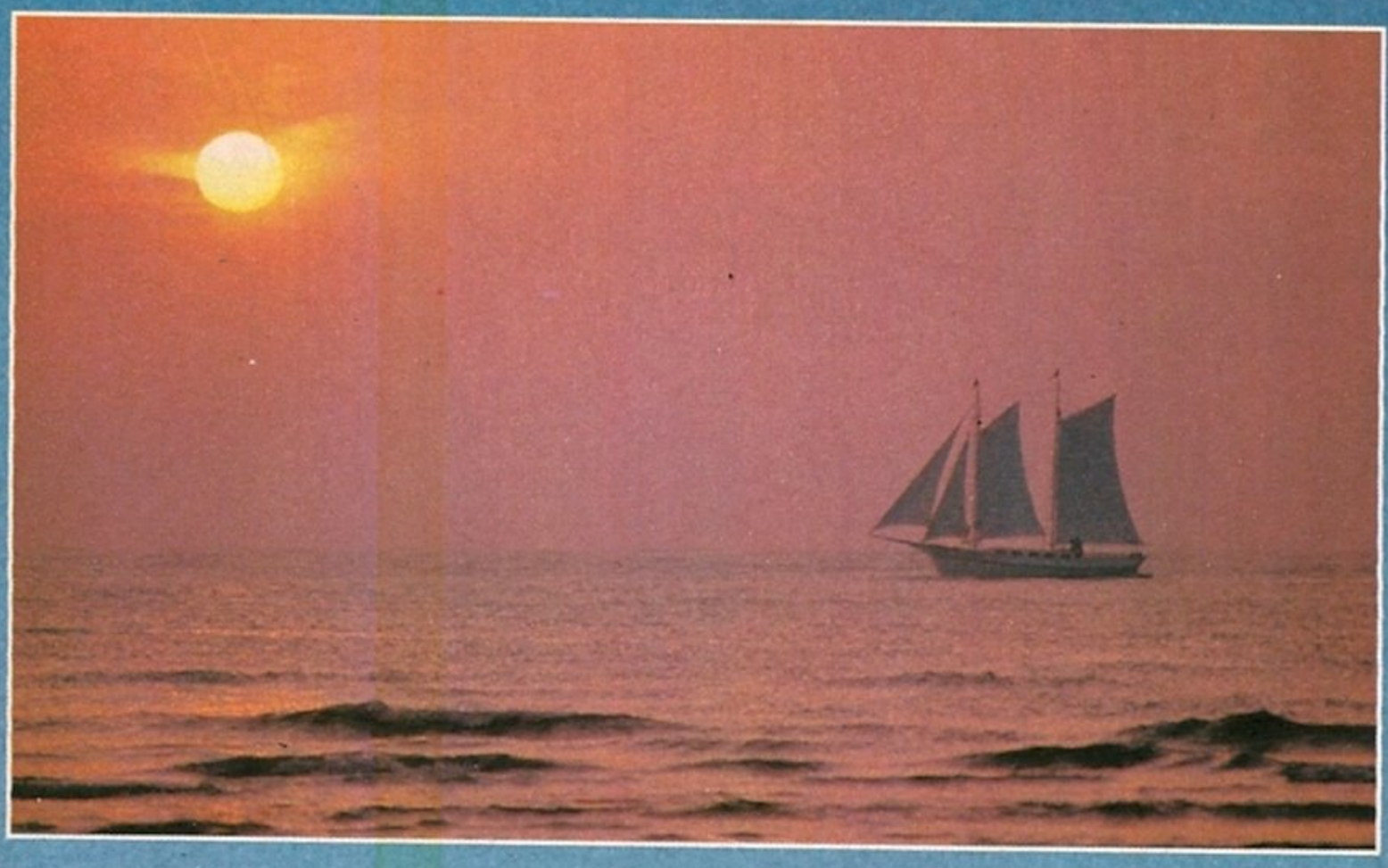


Com o sol por testemunha, Marisa e Ingrid postas em sossego, ao sopro da brisa (na página ao lado); na foto desta página, ao alto: até quando Marisa resistirá a um chamado tão convincente? Na foto central à esquerda: num intervalo entre dois *rounds,* os três descansam na "sala de jantar" da popa do saveiro, observados por uma solene lagosta; na foto central à direita, Marisa e o panorama visto da proa; na foto aqui ao lado direito, o saveiro ferrado na hora de ir descobrir o que é que a praia lá ao fundo tem.

Um banho de cachoeira para tirar a água salgada é pretexto para uma farra aquática (primeira foto à direita). Ao cair da tarde, nada como ficar à beira-mar vendo Marisa ao sol poente (segunda). O saveiro num mar tranqüilo (terceira), quase tão tranqüilo como o lago em cuja margem repousam os companheiros de viagem (foto maior).



Participação especial:
André Laurent, Cerello, Ellus, Gledson, Casarão, Sole-Mio



Náuticos — av. Brigadeiro Faria Lima, 534, 3.º andar, cj. 302, tel. 282-0264. Em Itajaí, Santa Catarina, o estaleiro fica na r. Blumenau do Rosário, 221, tel. 44-3357. Na Bahia, em Salvador, o saveiro pode ser comprado nos estaleiros Gamboa — até pelo reembolso postal. Eles ficam à r. Eduardo Dotto, 175, Caixa Postal 1999. O Gamboa aceita pedidos de saveiros até num prazo de 45 dias; medindo até 12 metros, eles custam de Cr$ 469 mil a Cr$ 540 mil; os de 14 metros vão de Cr$ 629 mil a Cr$ 740 mil; os de 16 metros variam de Cr$ 950 mil a Cr$ 1 275 000,00; e os de 20 metros, de Cr$ 1 275 000,00 a Cr$ 1 500 000,00. Você paga 30% na encomenda e o saldo em até oito vezes.

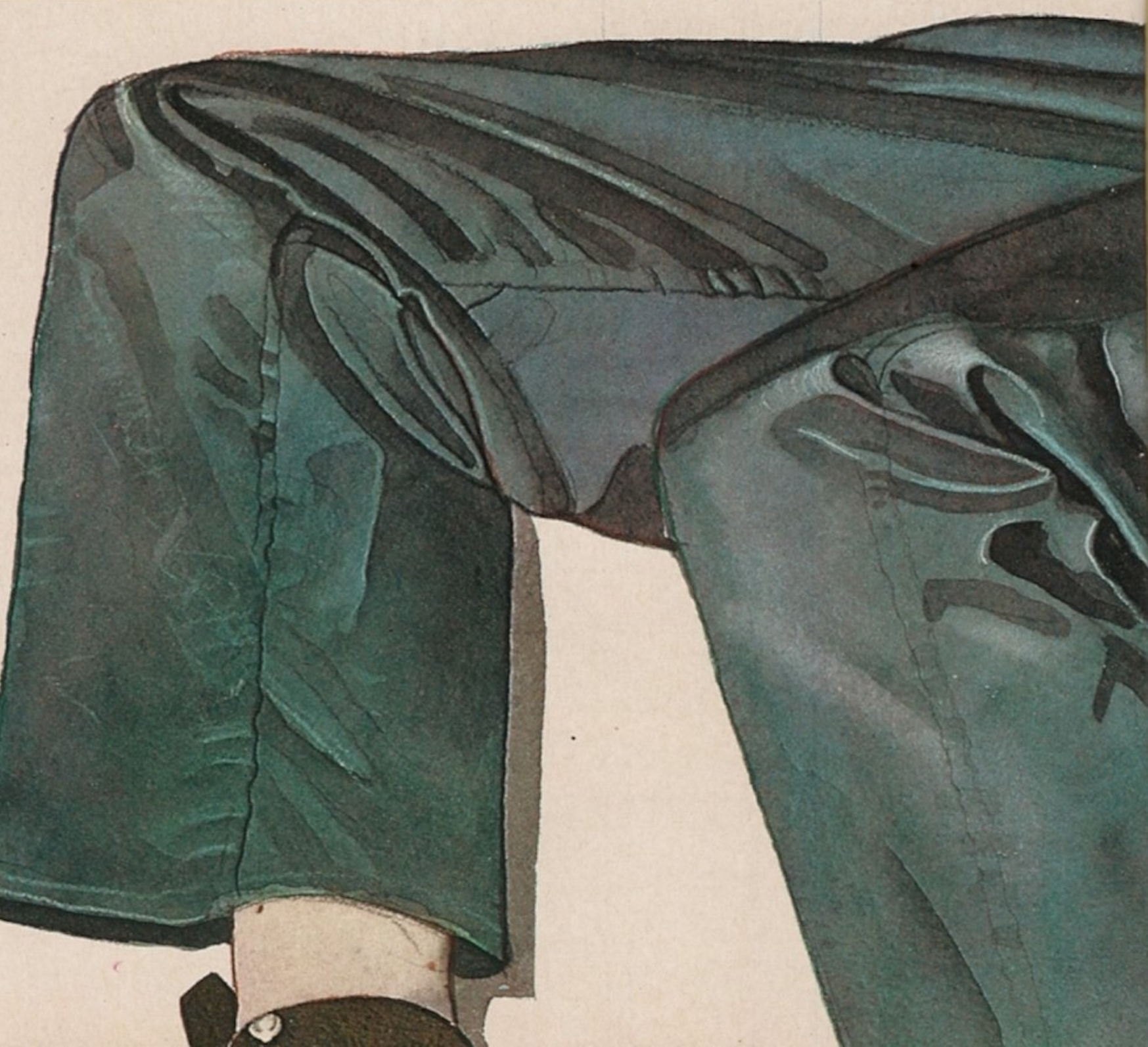
ASCENSÃO E QUEDA DO BAADER-MEINHOF

Andreas Baader e Ulrike Meinhof declararam guerra à sociedade alemã. E pagaram com suas vidas...

O produto do terror é o terror. (LÊNIN)

UMA VISÃO da ascensão e da queda do grupo terrorista Baader-Meinhof, que abalou a Alemanha nos últimos anos —, este foi o objetivo do jornalista e escritor Jon Bradshaw, ao começar suas pesquisas para esta reportagem. Ele trabalhou quatro meses, entrevistando cerca de sessenta pessoas — desde advogados do grupo Baader-Meinhof, simpatizantes, políticos, líderes estudantis, até amigos e companheiros do próprio Andreas Baader e de Ulrike Meinhof, além de remanescentes do grupo, com os quais Bradshaw conversou em Hamburgo, Berlim Oriental, Londres, Paris e "numa ilha do Caribe", conforme ele afirma. Um trabalho que mostra, de forma completa, a evolução e o fim do sonho de Andreas Baader e Ulrike Meinhof: o da destruição de um país — a Alemanha Ocidental —, e talvez de todo um sistema econômico — o capitalismo.

Documento/Jon Bradshaw



ILUSTRAÇÃO/JULIAN ALLEN

BAADER-MEINHOF

A moça entra na sala, para esperar o terrorista. Em sua bolsa, um revólver

14 de maio de 1970. Ulrike Meinhof toca a campainha do Instituto Alemão para Questões Sociais no subúrbio de Dahlen, em Berlim Ocidental. A senhora Gertrud Lorenz, bibliotecária-chefe, deixa-a entrar e Ulrike diz que veio ajudar Andreas Baader nas pesquisas de um livro sobre a juventude marginal.

Nesse tempo, Baader morava, há seis semanas, na prisão Tegel, de Berlim Ocidental. Ali cumpria três anos de pena por sua participação em incêndios em duas lojas de Frankfurt, em 1968. Gudrun Ensslin, sua amante e cúmplice, fora condenada à mesma sentença, mas fugira da prisão e sumira. Mesmo assim, no mês de abril, ela visitara Baader na cadeia, usando o nome de dr.ª Gretel Weitermeier. Em cinco outras ocasiões, no começo de maio, Baader fora visitado por sua nova amiga, Ulrike Meinhof, a mais famosa jornalista de esquerda da Alemanha Ocidental.

Em abril, Ulrike forjara uma carta de um editor dizendo que Baader fora encarregado de escrever um livro para ele; com ela, pediu uma permissão especial para Baader fazer pesquisas no Instituto Dahlen. Curiosamente, não houve problemas e se acertou que Baader começaria o trabalho na manhã daquela quarta-feira de maio.

Acreditando nas palavras da famosa jornalista, a sr.ª Lorenz a conduz à sala principal, Ulrike coloca uma cadeira vazia a seu lado, senta-se e põe a bolsa no chão, entre as duas cadeiras. A bolsa continha cosméticos, chaves, documentos, dois cadernos e um revólver.

Às 9h30, a campainha toca de novo. Andreas Baader, com jeans e um pulôver preto, entra algemado, entre

A fuga espetacular, de uma biblioteca de Berlim: Baader e Ulrike (que antes fingiam ler) preparam-se para saltar a janela, enquanto seus companheiros imobilizam os guardas e a bibliotecária.

ILUSTRAÇÃO/JAMES MCMULLAN

dois guardas. Ulrike indica com um gesto a cadeira vazia a seu lado; as algemas de Baader são retiradas e os dois guardas percorrem a sala, verificando as saídas e as trancas das janelas. Não vêem o revólver de Ulrike, nem reparam num jovem na janela de um apartamento do outro lado da rua. (Ele tinha ordens de colocar uma toalha branca na janela, caso houvesse carros da polícia na vizinhança.) Na mesa principal, os dois pesquisadores folheiam livros e papéis e cochicham.

Um pouco depois das 11, de novo a campainha. O bibliotecário-assistente Georg Linke deixa entrar duas mulheres que, segundo explicaram, precisavam pesquisar alguns fatos para um ensaio sobre delinqüentes juvenis. Linke diz-lhes que não poderiam ficar na sala principal, apenas na sala da frente. As duas sentam-se e colocam suas pastas no chão. A mais nova é Irene Georgens, amiga e protegida de Ulrike Meinhof; a outra, Ingrid Schubert, uma morena bonita.

A campainha toca pela quarta vez. Ingrid Schubert cruza a sala e deixa entrar um homem alto que usa como máscara um capuz verde sobre a cabeça. Seu nome é Hans Jürgen Bäcker, um eletricista que há muito procurava um papel mais romântico na vida. Hans corre para dentro, empunhando uma Beretta com silenciador. Georg Linke também ouvira a campainha. Abre a porta do seu escritório e olha para a sala da frente. O mascarado atinge-o imediatamente, no estômago. Linke cambaleia para dentro do escritório, batendo a porta atrás de si. O homem mascarado entra no escritório da sr.ª Lorenz, aponta-lhe o revólver e grita: "Fique onde está ou atiro". A sr.ª Lorenz fecha os olhos e fica imóvel, na cadeira.

Irene e Ingrid entram na sala principal e disparam cápsulas de gás; os dois guardas, assustados, levantam-se, mas não chegam a sacar as armas, tonteados pelo gás. Ulrike Meinhof corre para a janela, abre-a e pula para o jardim. Baader segue-a imediatamente, enquanto o homem mascarado e as duas moças disparam várias rajadas de balas e de gás na direção do chão.

Quando Ingrid tenta sair pela janela, um dos guardas, aturdido, agarra-a, puxando sua peruca, mas o mascarado atinge-o no rosto. Afinal, as duas e o ex-eletricista pulam a janela e correm pelo jardim até um carro que os espera na movimentada rua Bernadotte. Ao volante, outra do grupo, Astrid Proll. Ulrike e Baader já estão no banco traseiro do Alfa Romeo Giulia Sprint cinza-metálico.

BAADER-MEINHOF

Beretta em punho, o mascarado invade o escritório e atinge Linke no estômago

Algumas horas depois, o carro é encontrado na rua, pelo Kripo, a polícia criminal alemã. No banco da frente, uma pistola de gás, uma lanterna e uma introdução a *O Capital*, de Marx. Mas Andreas Baader e seus companheiros só seriam encontrados dois anos depois.

Três dias mais tarde, uma carta de Ulrike Meinhof sai no jornal berlinense *Agit-833*, estimulando a população à luta: "Comecem a resistência armada agora! Componham o Exército Vermelho!"

E foi aí que começou a organização Rote Armee Fraktion, a Fração do Exército Vermelho, a RAF. Mas foi como Grupo Baader-Meinhof que o núcleo terrorista ficou famoso. Ulrike tornou-se o porta-voz da organização, e Baader se tornou o terrorista mais conhecido da Europa.

2 de julho de 1967. Baader, com 24 anos, vivia com Ello Michel, uma pintora primitiva de certo sucesso. No mesmo apartamento, morava o marido de Ello, o pintor Manfred Hankel, num tranqüilo *ménage à trois*.

Nas reuniões mensais que aconteciam no apartamento, de repente deixou de ser chique ser artista. Agora, a moda era ser político. (O Muro de Berlim fora erguido seis anos antes, as primeiras manifestações contra a guerra do Vietnam ocorreram no começo de 1966 e, a 2 de julho de 1967, durante uma manifestação contra a visita do Xá do Irã a Berlim, o estudante Benno Ohnesorg fora morto a tiros por um policial.)

As reuniões eram freqüentadas agora por estudantes e ativistas políticos que discutiam, falavam em revolução e no proletariado europeus. Como acontecera com a arte, Baader e Ello queriam estar na primeira fila, mas os lugares dali já haviam sido tomados por ativistas de esquerda como Ulrike Meinhof, Daniel Cohn-Bendit e Rudi Dutschke.

Baader passou a se interessar por outra garota. No outono de 1967, encontrou Gudrun Ensslin, membro da União dos Estudantes Socialistas Alemães, três anos mais velha que ele, ativa participante de protestos e conhecida oradora em manifestações radicais. Com ela ele viria a ter um filho, cujo padrinho foi Rudi Dutschke. Quando o estudante Benno Ohnesorg foi morto, Gudrun decidiu-se pela ação radical.

"É a geração de Auschwitz que temos contra nós", dizia ela num dos seus discursos. "Eles têm armas e nós não. Devemos nos armar."

Gudrun queria dar um golpe, estava enjoada de discussões teóricas. E, então, encontrou Andreas Baader, fazendo com ele um pacto inseparável: *auf Leben und Tod* (pela vida e morte). Foram morar no apartamento de Ello e Baader a obcecou, com sua fascinação pela marginalidade. Ele chegou a ensiná-la a arrombar carros, fazendo ligações diretas, assim como a dizer palavrões.

Separadamente, não eram perigosos; mas juntos formavam uma mistura explosiva... Ainda mais naquela época, em Berlim Ocidental, onde 10 mil estudantes eram o público cativo de manifestações de protesto. Na mistura, Gudrun era o idealismo, Baader a prática.

Num dia chuvoso de março de 1968, Baader e Gudrun deixaram o apartamento de Ello e nunca mais voltaram. O casal passou algumas das semanas seguintes em Munique. Foi ali que decidiram que chegara a hora da ação. Roubaram um Volkswagen e foram para Frankfurt, com alguns amigos, "a fim de acender um farol", segundo Baader.

Gudrun e Baader colocaram bombas-relógio em duas lojas de Frankfurt. As bombas explodiram pouco antes da meia-noite e o casal misturou-se à multidão que se reunira para ver o incêndio. Três dias depois, Gudrun, Baader e outros companheiros foram capturados e colocados na prisão Hammelsgasse, em Frankfurt. Numa nota, encontrada no seu apartamento de Frankfurt, Gudrun escrevera: "Incendiamos as lojas para que o povo pare de comprar".

13 de outubro de 1968. Após quase sete meses de prisão, o grupo é levado a julgamento. Ulrike Meinhof cobriu

Continua na pág. 144

A CEIA PERFEITA PARA SUA NOITE FELIZ

Um cardápio original para você brilhar como anfitrião sem ter trabalho — e ainda curtir a festa como se deve

CHEGA A HORA de pensar na ceia do Natal, uma exaltação para os sentidos que vá refletir na mesa a alegria da época. Há quem diga que, se você não tem uma dedicada garota que faça tudo para você (uma raridade, nestes tempos de feminismo e igualdade entre os sexos), o jeito é recorrer aos bufês — um tanto impessoais, embora vantajosos quando o número de convidados é grande demais — ou se tornar um escravo da cozinha, arruinando a festa para você. Será mesmo assim?

Não. Os anfitriões experientes sabem que há uma terceira opção: um cardápio bem bolado. Isto é, pratos que possam ser preparados com antecedência e cujo preparo não dê muito trabalho. Nem por isso eles deixam de ter aqueles toques especiais de bom gosto indispensáveis para uma ceia de sucesso.

Com o cardápio especial que vamos sugerir, além do êxito culinário, você pode cair na farra, exatamente como qualquer convidado, sem ficar imaginando se o molho está no ponto ou se o assado já era. .

Para começar os trabalhos, nada como um arranjo de pequenas delícias do mar, como ostras, mariscos, etc. Calcule uns oito frutos do mar por pessoa. Mais um pouco de caviar, algumas gotas de suco de limão e pimenta para temperar. Cozinhe os mariscos com antecedência, tire as ostras — já abertas — da geladeira o mais perto possível da hora do jantar. Na hora de servir, arrume sobre pratos gelados. Se desejar, decore cada prato com raiz forte fresca ralada e cada ostra com grãos de caviar e gomos de limão. Para acompanhar, vinho tipo xerez gelado ou champanha *brut*.

Comida/Emanuel Greenberg

ILUSTRAÇÃO/TIM LEWIS

A CEIA PERFEITA...

Ela vai adorar este assado e as peras em vinho com perfume de canela

O prato principal é um contrafilé assado, corte de carne prático que pode esperar em forno bem lento enquanto os convidados tomam seus últimos drinques. Para acompanhar, um bom vinho tinto cabernet. Junto com o assado, sirva o Pilau Grandioso (uma espécie de risoto turco) cheio de surpresas e um picles natalino, verde e vermelho (tomates e tiras de pimentão verde, rabanetes e pepinos em conserva, etc.). A salada russa prepara os apetites e, para encerrar, peras perfumadas com canela, cozidas em vinho. É um prato simples, que pode ser feito dias antes, mas de efeito garantido.

Sirva as frutas com a Delícia de Gorgonzola, outros queijos e um vinho Riesling. Complete a mesa com um panetone e um bolo de frutas. Para fechar com alto nível sua ceia, opte por um licor de menta e um conhaque.

As receitas são estas (valem para oito pessoas, cada uma):

ASSADO DE CONTRAFILÉ

3 kg de contrafilé;
sal e pimenta a gosto;
alho em pó (opcional).

Retire o excesso de gordura da carne, mas deixe um pouco para lubrificá-la enquanto assa. Faça cortes superficiais na gordura restante, tendo o cuidado de não cortar a carne. Esfregue o contrafilé com sal e pimenta e o alho em pó. Coloque numa assadeira untada e asse por 1 hora e meia, mais ou menos, para um assado mal passado, ou mais, de acordo com o ponto desejado. Deixe descansar, no forno desligado, por 15 minutos antes de servir.

SALADA RUSSA

3 batatas médias cozidas na casca;
4 cenouras médias, raspadas, cortadas em quadradinhos e cozidas;
1 lata de ervilhas escorridas;
300 g de vagem cozida cortada;
1 lata de 500 g de feijão branco bem escorrido;
2 beterrabas cozidas, descascadas e cortadas em quadradinhos;
1/4 de xícara de picles picados;
2 colheres (sopa) de alcaparras;
1/4 de xícara de cebola bem picada;
1 lata pequena de anchovas bem escorridas;
1 colher (sopa) de líquido dos picles ou de vinagre;
pimenta a gosto;
maionese;
azeitonas pretas sem caroço;
fundos de alcachofra escorridos.

Descasque as batatas ainda mornas e corte-as em quadradinhos. Escorra bem todos os legumes sobre papel absorvente e, depois, coloque numa saladeira grande. Junte os picles, as alcaparras e filés de anchovas para enfeite. Corte as anchovas restantes em pedacinhos junte a cebola e acrescente à salada. Misture o líquido dos picles ou o vinagre com 1 xícara de maionese, tempere com pimenta e sal a gosto. Acrescente aos ingredientes da salada e misture cuidadosamente. Cubra a salada com uma camada fina de maionese e enfeite os fundos de alcachofra e os filés de anchovas com as azeitonas. Cubra com papel de alumínio e leve à geladeira até que esteja bem frio.

PILAU GRANDIOSO

4 colheres (sopa) de manteiga;
2 xícaras de arroz cru;
1/2 xícara de sementes de girassol (opcional);
250 g de cogumelos cortados;
2 colheres (sopa) de cebolinha verde picada;
3 1/2 xícaras de caldo de galinha ou carne;
sal a gosto;
1/2 colher (chá) de curry;
pimenta a gosto;
1/3 de xícara de vinho branco ou vermute seco.

Derreta a manteiga sobre fogo médio numa panela que tenha uma tampa que feche bem. Junte o arroz e as sementes de girassol (opcional). Deixe fritar até que doure, por uns 5 ou 7 minutos. Junte os cogumelos e a cebolinha verde e cozinhe mexendo por mais alguns minutos. Junte o caldo e sal a gosto, bem como o curry, a pimenta e o vinho. Aumente o fogo e deixe levantar fervura. Tampe e abaixe bem o fogo. Cozinhe lentamente por uns 20 minutos. Retire do fogo. Retire a tampa e mexa levemente com um garfo longo. Tampe a panela com um pano limpo e, por cima, coloque a tampa. O pano serve para absorver o vapor e manter o arroz seco e solto. Mantenha quente até a hora de servir.

PERAS EM VINHO

8 peras, grandes e firmes;
1 garrafa de vinho tinto;
2 xícaras de açúcar;
1 pauzinho de canela;
2 colheres (chá) de extrato de baunilha.

Use uma panela larga onde se possa acomodar as peras uma ao lado da outra. Descasque as peras, deixando-as inteiras com o cabinho. Misture o vinho com o açúcar na panela e deixe levantar fervura, mexendo de vez em quando. Deixe cozinhar por 5 minutos. Junte as peras descascadas e a canela. Tampe e deixe levantar fervura novamente. Deixe cozinhar lentamente por uns 10 a 15 minutos até que as peras estejam macias, quando espetadas com uma faca pequena. Não cozinhe demais, pois as peras podem ficar muito moles e se desmanchar. Retire o pau de canela e junto a baunilha. Deixe esfriar na calda. Leve à geladeira até a hora de servir. Despeje um pouco de calda sobre cada pêra na hora de servir.

DELÍCIA DE GORGONZOLA

250 g de gorgonzola;
125 g de manteiga;
1 colher (sopa) de conhaque;
1/2 xícara de creme de leite;
1/4 ou 1/3 de xícara de nozes picadas.

Deixe o queijo e a manteiga fora da geladeira, até chegarem à temperatura ambiente. Coloque numa vasilha. Junte o conhaque e misture bem. Bata até obter uma mistura homogênea. Bata o creme de leite até que fique firme. Acrescente cuidadosamente ao queijo com a manteiga. Coloque numa forma ligeiramente untada com óleo (de capacidade para duas xícaras). Leve à geladeira pelo menos por 3 horas. Mergulhe o fundo de vasilha rapidamente em água quente. Inverta para desenformar. Salpique com as nozes. Leve à geladeira até a hora de servir. Sirva com peras e biscoitos de água ou torradinhas.

Dependendo do número de convidados, opte por servir à americana ou contrate um bufê. Nesse caso, não sirva o xerez: despeje champanha nos copos desde o começo. Afinal, Natal é só uma vez por ano!

UM SHOW DE PRESENTES

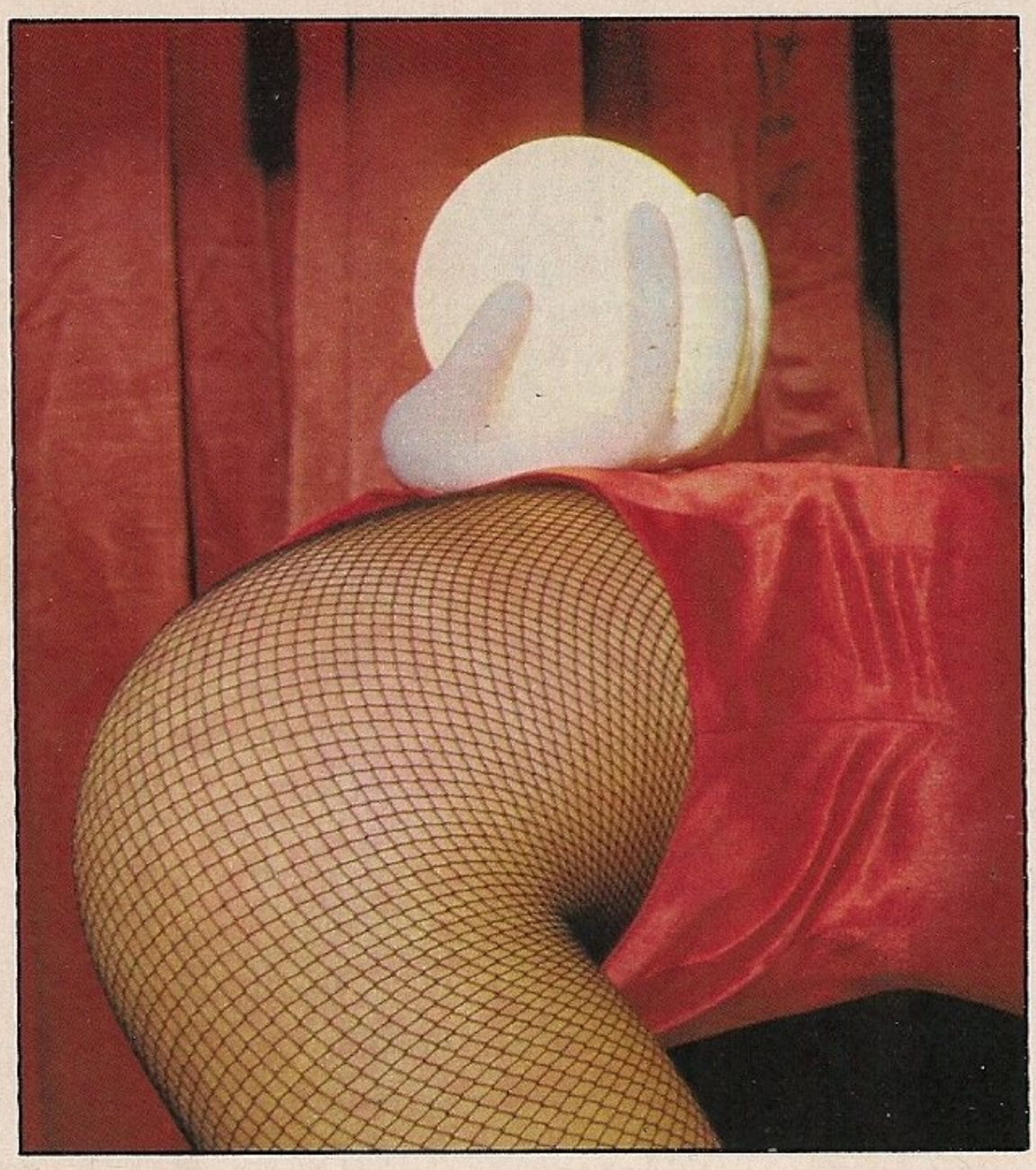
Escolha aqui o que você quer ganhar neste Natal: nossa bela assistente vai mostrar o que há de melhor

Serviço/Fernando de Barros
FOTOS/PAULO ROCHA

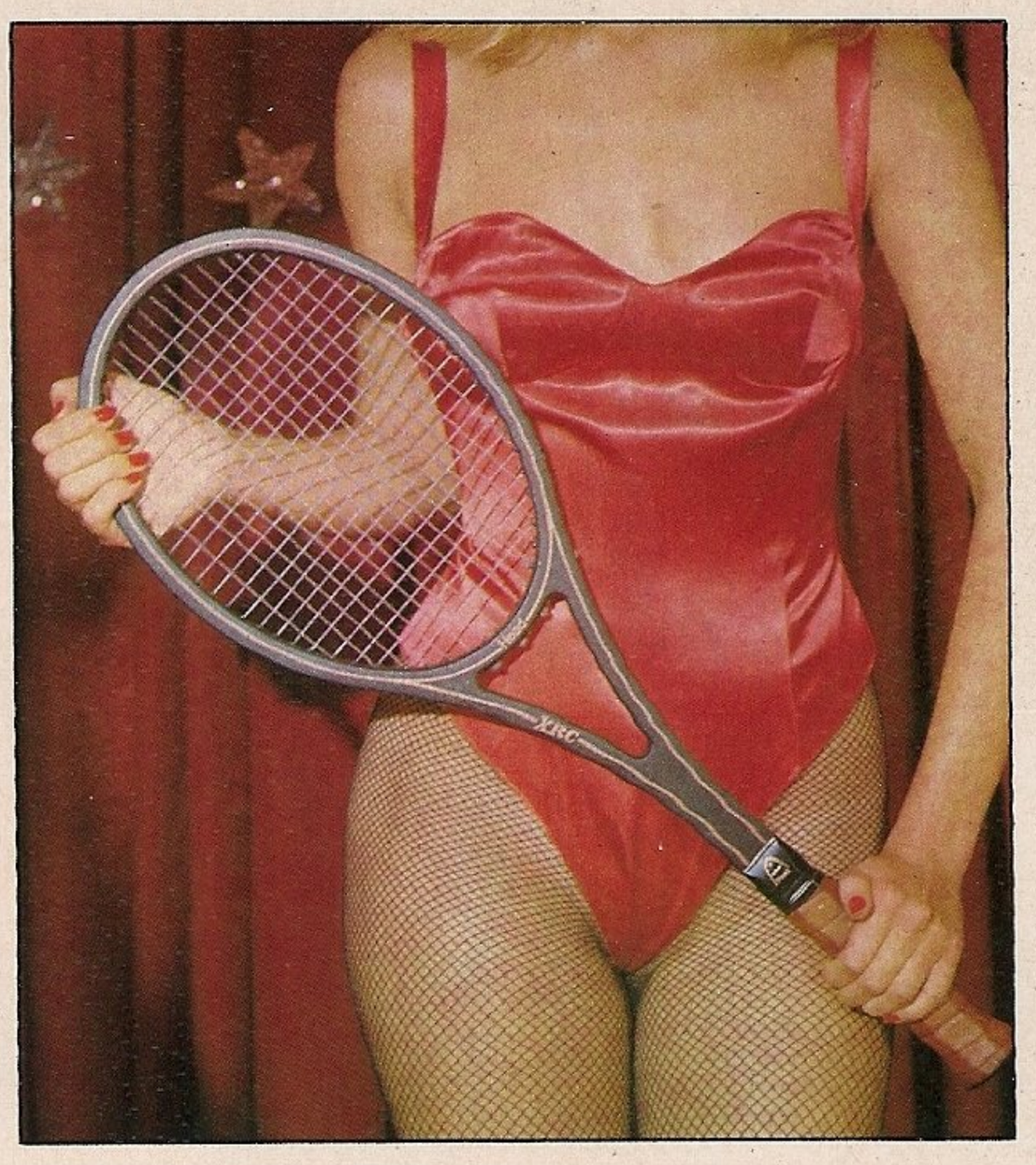
Uma ótima curtição para começar bem o ano novo é este helicóptero Schlüter, Heli-Baby, com flutuadores e rádio de quatro canais. Um belo brinquedo radiocontrolado, que, na loja Mobral (rua Bento Freitas, 124), custa Cr$ 17 000.

UM SHOW DE PRESENTES

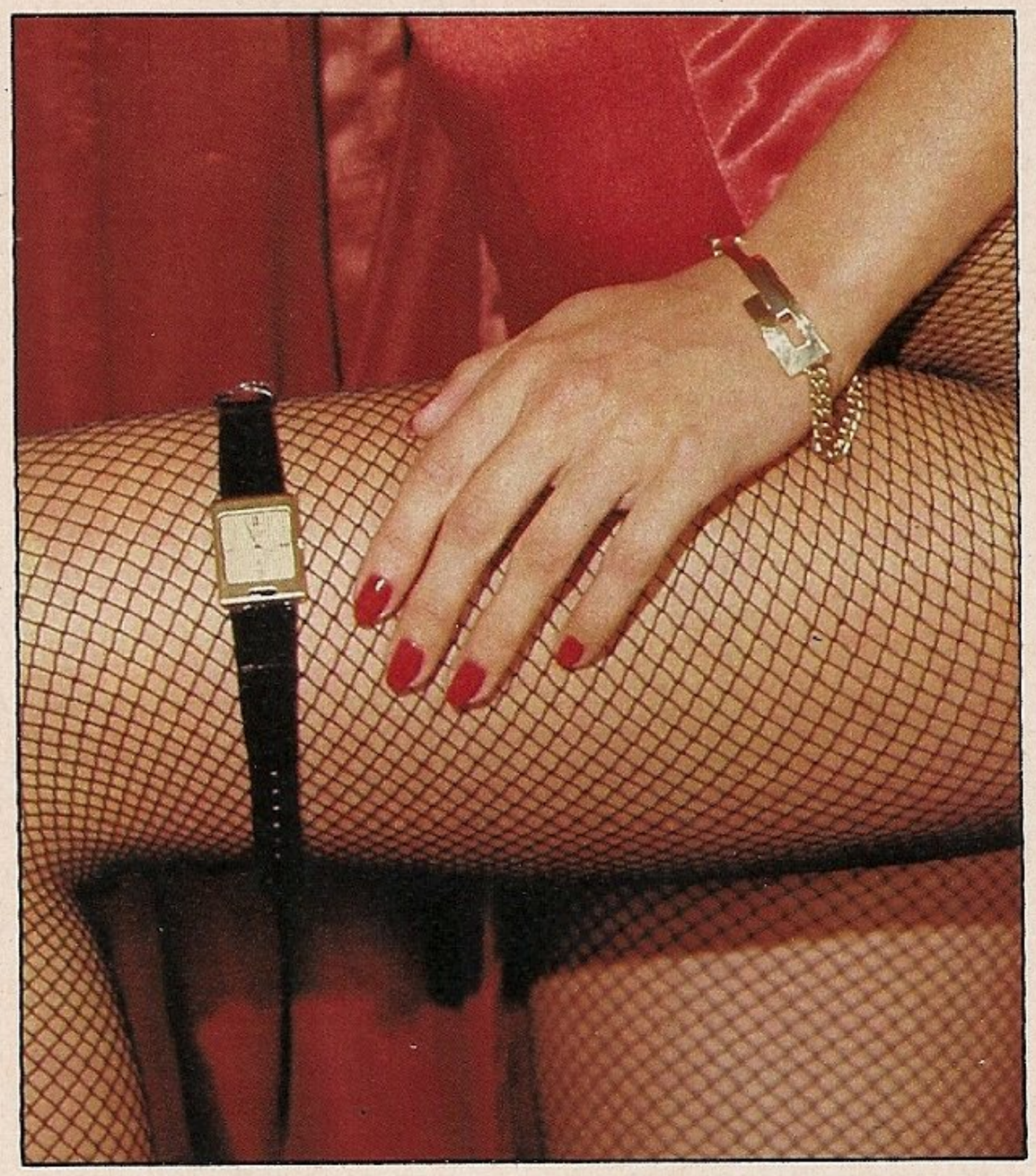
Você e ela no escuro, e de repente se acende esta luminária — já pensou? A bola é de vidro fosco e a mão de um material sintético especial. Custa Cr$ 1 500 na Arte Aplicada (que fica na rua Haddock Lobo, 1406, em São Paulo).



Parece que o esporte da moda, no ano que vem, continuará sendo o tênis. Logo, um presente ideal é a raquete AMF Head, da Procópio. Ela custa Cr$ 6 000 e é em grafite, com rede de tripa. A Procópio fica na av. Bentevi, 66, São Paulo.



Na maleta Lazco (Cr$ 2 000), o risque-rabisque (Cr$ 4 500), agenda (Cr$ 5 700) e caneta (Cr$ 6 000) Cartier; um porta-lápis Inter Design (Cr$ 550) e um abre-cartas Arte Aplicada (Cr$ 450). Na Natan (Shopping Center Iguatemi, SP).



Um relógio realmente fora de série é este Jean Lassale, de ouro, com espessura de 3 mm. Custa Cr$ 109 500 na Natan (Shopping Center Iguatemi, São Paulo), onde há também a pulseira com placa de ouro — esta, por Cr$ 20 700.

Você quer ver estrelas em 79? Use, então, esta luneta Tasco. Acessório importante, permite que mais de uma pessoa possa observar o céu ao mesmo tempo. Na Fotoptica (rua Conselheiro Crispiniano, 49/57, São Paulo) Cr$ 29 500.

UM SHOW DE PRESENTES

Prove para ela que seu taco continua em forma, com esta mesa de snooker modelo semi-oficial tamanho grande, da Procópio. Ela (a mesa) tem 2,22 m x 1,24 m, vem com cinco tacos, dez bolas, marcador de ponto. Tudo Cr$ 9 600.

Um móvel lúdico, para todo tipo de brincadeiras a dois, é o espelho-silhueta, uma idéia original que você pode até usar como objeto de decoração. Pode ser encontrado na Home Store, que fica na av. 9 de Julho, 5955 (SP). Cr$ 5 000.

Saia por aí como um "easy rider", nesta moto Amazonas, a única de grande cilindrada fabricada no Brasil. Faz 180 km/h e sua mecânica é Volkswagen. Cr$ 155 000 na AME-Amazonas (av. Amador Bueno da Veiga, 2180, S.P.).

Produção/Cecília Ribeiro e Sílvia Camargo
Cabelo/Marcos, Maquiagem/Marcelo (Salão Votre Beauté, SP), Roupa/Gledson, Sapato/Rabello

ALBERTO NADDEO

Por que nós sempre traímos e sempre trairemos as mulheres

Uma nova ciência, a sociobiologia, diz que o homem nasce, cresce e vive para ser adúltero. E que isso está claro, desde Adão e Eva.

Você é um homem de verdade? Se puder escolher entre várias mulheres, vai querer todas elas? Antes de destroncar o pescoço com tanta ênfase nos *sins* que você está pensando, saiba que tal coisa não é novidade: já na década de 40, Alfred Kensey — aquele pesquisador americano que ficou famoso com o relatório que ganhou seu nome — chegou à conclusão de que 72% dos homens casados anseiam por casos extraconjugais. "O macho humano", escreveu ele, "seria promíscuo durante toda sua vida, se não houvesse restrições de ordem social." E Kinsey nem precisou estudar muito para chegar a esta afirmativa.

Os homens falam da alegria da conquista, da misteriosa qualidade que faz com que uma nova mulher pareça especialmente excitante, uma qualidade que muitas vezes desaparece após conseguirem levar a nova garota para a cama... Uma nova ciência, a sociobiologia, explica isto e pode lhe fornecer um álibi de primeira, com o que chama de "duplo padrão".

Em resumo, ao ser pego em flagrante de infidelidade, invoque o *duplo padrão:* o homem faz o que faz porque é levado a isso pela natureza. O duplo padrão baseia-se no princípio de que a variedade é o tempero da vida, pelo menos para os homens. Alguém até já disse que o homem é capaz de fazer amor com qualquer coisa que se mova — e a mulher não. E, se houver variedade, o homem vai em frente. Uma prova? Experiências feitas com animais (de quatro patas, não de duas) mostram claramente que até mesmo um macho exausto pode ser excitado outra vez por uma nova fêmea.

Os carneiros (sabe, aqueles bichos lanudos que pastam com um ar ovino?), segundo o psicólogo Gordon Bermant, são um exemplo disso. Se um macho vigoroso for colocado num cercado com uma fêmea receptiva, conseguirá copular com ela cerca de sete vezes na primeira hora. Se a ovelha for retirada depois de cada ejaculação, sendo substituída por outra diferente, ele conseguirá copular catorze vezes na primeira meia hora.

O efeito estimulante da troca de parceiras é conhecido, nas publicações especializadas em psicologia, como o "efeito Coolidge", um termo inventado por Frank A. Beach por causa de uma anedota sobre Calvin Coolidge, o trigésimo presidente americano (de 1923 a 1929). O presidente e sua mulher visitavam uma fazenda. Separaram-se e foram levados por caminhos diferentes. Ao chegar ao galinheiro, a sra. Coolidge parou para perguntar se o galo copulava mais de uma vez por dia.

— Dezenas de vezes — respondeu o caseiro.

— Por favor, diga isto ao presidente — pediu ela.

Quando o presidente passou pelo galinheiro e foi informado do desempenho do galo, perguntou:

— Sempre com a mesma galinha?

A resposta veio logo:

— Oh, não, sr. presidente. Sempre com uma galinha diferente.

O presidente pensou um pouco e disse:

— Por favor, diga isto à primeira dama...

Artigo/Scot Morris

ILUSTRAÇÃO/ALBERTO NADDEO

— Às vezes me dá saudades do bar só com um pianinho!

O "efeito Coolidge" foi verificado em ratos, touros, macacos, búfalos, perus, etc. Todos machos. E não foi nunca observado entre fêmeas. Será que o efeito Coolidge também existe entre os seres humanos? (Não, não são necessários voluntários para experiências, ao menos por enquanto.)

Vamos manter a seriedade: em 1858, Charles Darwin propôs a teoria evolucionista, baseada na seleção natural. De modo geral, esta teoria sugere que a natureza constitui uma grande experiência de criação. Só os mais aptos sobrevivem para o acasalamento e para a reprodução de seus gens. Em outras palavras, os que vencem a competição reproduzem a próxima geração.

É uma teoria bem masculina — o que Darwin sublinhou, realçando as diferenças mais básicas de comportamento entre machos e fêmeas, em muitas espécies animais. Ei-las:

1. os machos, freqüentemente, lutam entre si, por causa das fêmeas;

2. os machos, normalmente, aceitam se acasalar com qualquer fêmea, mas elas se mostram discriminadoras na escolha de um companheiro.

A sociobiologia, um novo ramo da ciência surgido nos últimos anos, apareceu exatamente para explicar essas diferenças inatas em termos de genética. Os adeptos da sociobiologia acreditam que descendemos de uma linhagem de ancestrais que tiveram uma coisa em comum: eram amantes — não lutadores e vencedores.

É bom explicar: nossos antepassados machos, segundo os sociobiólogos, foram os que conseguiram convencer fêmeas relutantes (elas sempre existiram, como você vê) a se acasalar para produzir uma prole. Outros tipos de comportamento que não tenham contribuído para uma sedução bem-sucedida (logo, para a reprodução) tiveram vida efêmera. Somos o que sobrou, porque, até certo ponto, as mulheres controlam o jogo do sexo: elas dizem sim. (Ou não.)

Os machos lutam entre si por causa das fêmeas — e não por gostarem de lutar ou por serem "congenitamente agressivos". E era isso que impressionava nossas antepassadas longínquas; as estratégias que resultaram numa reprodução bem-sucedida foram transmitidas através dos gens.

O objetivo de tudo é mesmo a reprodução. As mulheres tendem a ser mais discriminadoras porque descendem de fêmeas que esperam o macho certo, ou seja, escolheram cuidadosamente o que iria produzir uma prole saudável. Os machos, por seu lado, também são levados por seus gens a reproduzir. Tendem a ser mais promíscuos, pois no passado esta era a melhor maneira de ter o maior número de descendentes. Assim, se sua garota descobrir que você anda dando seus pulinhos por aí, não ponha a culpa no Diabo simplesmente. Diga que foi o diabo que há na sua carga genética.

Por que traímos...

Esta desculpa você já pode usar: a ciência diz que a natureza obriga o homem a não ser fiel . . .

Na verdade, o jogo do acasalamento não é tão unilateral. Os homens não escolhem com quem se acasalar entre mulheres submissas. Com o passar dos anos, as mulheres desenvolveram uma estratégia de reprodução: a união do casal. Assim, convencionou-se que a recompensa pela monogamia é o amor, e o guardião contra a promiscuidade é o ciúme.

A paternidade, arma da fêmea — Os homens podem ser mais promíscuos do que as mulheres, mas são extremamente discriminadores em comparação com, praticamente, qualquer outro tipo de animal macho. A estratégia de fazer amor com a fêmea e ir embora é eficiente na maioria das outras espécies, mas não entre os seres humanos. Entre seus parentes mais próximos — o chimpanzé e o gorila — os machos adultos são pais apenas como instrumentos, pois não participam da criação dos filhos. Normalmente, nas outras espécies de mamíferos, o macho abandona a fêmea depois do sexo e não tem mais nenhuma responsabilidade com os filhotes. Entre os humanos a coisa não é bem assim, bem como entre as raposas, as marmotas, os macacos da Malásia e, talvez, algumas variedades de castores e morcegos . . .

No mundo inteiro, os homens ajudam as mulheres a cuidar dos filhos. A paternidade é uma força altamente motivadora para os homens. E as mulheres sabem disso.

Por que os machos humanos são diferentes? Os adeptos da sociobiologia afirmam que seu comportamento foi desenvolvido assim porque os ajudava a reproduzir mais: os machos que tinham tendência a amar e permanecer com a fêmea, nos primórdios da humanidade, devem ter começado a produzir mais filhos do que os que amavam e partiam.

No reino animal, o sistema de acasalamento mais parecido com o nosso é — pode acreditar — o dos pássaros. Cerca de 95% dos pássaros são monógamos. Um macho e uma fêmea ficam juntos, mantendo todos os outros pássaros à distância, pelo menos durante uma temporada de criação e, algumas vezes, durante toda a vida.

As condições que deram origem à união do casal e as complicações que a acompanham encontram paralelos surpreendentes em ambas as espécies. Por um lado, a união do casal parece ter evoluído por motivos similares: o período relativamente longo em que os filhos e filhotes ficam desamparados e precisam de um cuidado paterno constante, a dieta que inclui proteína animal, que os jovens rebentos não podem obter sozinhos, mas que o pai ou a mãe deve levar para eles, sem falar no perigo constante de predadores que podem matar os filhotes.

Para que exista qualquer espécie animal é preciso que pai e mãe trabalhem juntos. Se um dos dois abandonar o outro antes de os filhotes terem capacidade de se defenderem sozinhos, estes provavelmente morrerão. Asim, ambos os sexos têm interesse maior na união a dois do que em qualquer outro sistema.

Portanto, para um macho — humano ou pássaro — a estratégia reprodutora ideal é estabelecer um laço de união e guardá-lo, ciumentamente, mas sem perder uma oportunidade de cometer um adultério, quando ela surge. A união do casal é um sistema sempre mutável, baseado em um jogo inerente de interesses. Cada membro depende do comportamento do outro — com o objetivo de aumentar seu próprio sucesso reprodutivo, porém os parceiros são de sexos diferentes, com diferentes opções e vulnerabilidades.

Macho e fêmea têm diferentes oportunidades de tirar vantagens do sistema, bem como diferentes castigos por terem prevaricado. As maneiras pelas quais cada sexo trata desses interesses conflitantes — as estratégias, contra-estratégias e contra-contra-estratégias que evoluíram no sentido de um máxi-

Gadgeteer

Reporter

Stowaway

Knick Knack

Minitote

SAMSONITE.
Você acaba de conquistar um privilégio do jet set internacional.

As gogo bags Samsonite agora são feitas no Brasil. E você tem finalmente o complemento certo para sua personalidade, seu status, sua sofisticação.

Você conta com uma qualidade consagrada internacionalmente. E vai descobrindo um toque de luxo e requinte em cada detalhe:

O acabamento, sempre superior e à altura de tudo o que é seu. As divisões internas, bem planejadas e perfeitas para levar os objetos de classe que você tem. Os fechos e zippers, infalíveis. E as alças, reguláveis, para que a sua Samsonite seja sob medida para você.

Samsonite acompanha você por muito tempo: nunca sai de moda e passa incólume pelo sol das Bahamas, pelo fog de Londres, pela neve de Cortina d'Ampezzo, pela garoa de São Paulo ou pelo carnaval do Rio.

Em qualquer lugar do mundo, você faz seu charme brilhar com uma Samsonite. E, aqui entre nós, isso é algo absolutamente natural para você.

Samsonite®

PARA AS PESSOAS QUE ESTÃO ACONTECENDO

Nas principais lojas e magazines do país em 5 modelos e 4 opções de cor para cada um: preta, marrom, café e havana.

DMD

mo de lucros com um mínimo de perdas — constituem as maiores fontes da literatura, das lendas e das novelas.

Para um macho, o maior risco é a contrapartida da traição, com a conseqüente falsa paternidade; para uma fêmea, a deserção dele. Os resultados disso: um homem pode estar contribuindo para manter filhos que não são seus. Uma mulher pode ser abandonada por seu parceiro, ficando com os filhos para criar.

Quando um macho adere a uma união a dois, abre mão da oportunidade de criar várias crianças a fim de concentrar seus esforços em apenas algumas que ele sabe serem suas. A palavra-chave é *sabe*. Qualquer macho que tenha sido enganado no sentido de criar os filhos de outro homem acabou reproduzindo menos a sua "cota" de gens "preestabelecida".

Nós somos, antes de mais nada, descendentes de machos que *não* foram enganados. E herdamos alguma das táticas que ajudaram esses machos a assegurar sua própria paternidade. Ser enganado, mesmo que seja uma única vez, pode alterar, drasticamente, o sucesso reprodutivo de um macho. Logo, é compreensível que os homens sejam tão sensíveis à infidelidade das mulheres. Quando um homem descobre que sua mulher teve um amante, a sociedade *espera* que ele fique irado. Se matar o amante, os tribunais de vários lugares do mundo são condescendentes, o que, como vemos, é de se esperar. O homicídio, embora não justificável, é compreensível, segundo este raciocínio.

E para a mulher, qual é o maior risco? Como já dissemos, é a deserção — não a traição ou a infidelidade. Caso seu parceiro tenha, ocasionalmente, sexo fora de casa, isto não irá, necessariamente, afetar seu próprio sucesso reprodutivo, desde que ele mantenha o compromisso assumido com a união do casal.

O maior prejuízo que pode ocorrer ao sucesso reprodutivo de uma mulher é o de que seu parceiro a abandone e ela venha a precisar criar seus filhos sozinha, sem o apoio do homem. A fêmea foi escolhida para ser mais sensível a sinais de deserção em potencial e fazer todo o possível para evitá-la — inclusive oferecendo a seu parceiro oportunidades sexuais dentro de casa, que ele poderia, de outra forma, procurar fora.

A fêmea humana é a única entre os animais que se mostra sexualmente receptiva, mesmo quando não está fértil

Por que traímos...

Outra afirmação científica: a mulher tem mais medo de ser abandonada do que de ser traída

— durante todo o ciclo menstrual, durante a gravidez e depois da menopausa. A preparação do ato sexual, a relação sexual de frente, os órgãos sexuais muito sensíveis e os orgasmos intensos são características que nos diferenciam de nossos parentes primatas e nos proporcionam um prazer mais intenso do que precisaríamos, caso a procriação fosse sua única finalidade.

E o amor, em tudo isso?

O amor é parte do código genético humano, assim como os laços de união do casal, pois o amor é a "cola" que mantém o casal unido, até mesmo quando não existem filhos. Assim como a fome, o sono e o sexo, o amor é um sistema poderoso de motivação que faz com que *desejemos* fazer aquilo que *devemos* fazer para a nossa preservação, individual bem como a de nossa espécie.

Os pássaros monógamos parecem desfrutar de uma emoção semelhante ao amor — uma união entre os parceiros, mesmo quando não existem ovos. Parecem experimentar uma profunda depressão quando um parceiro está ausente e emitem sons que só podem ser descritos como de alegria incontida ao se reunirem novamente. O amor, aparentemente, evoluiu como parte integral da união do casal. Muitos casais afirmam que continuam juntos, embora não haja mais amor, apenas até que os filhos atinjam uma idade suficiente para cuidarem de si. É irônico que pressões que obriguem o casal a cumprir as obrigações paternais tenham chegado a este ponto.

A força da frágil fêmea — A monogamia é vantajosa para as fêmeas. Porém ela evolui como um sistema estável só quando também é vantajosa para os machos. A poliginia (ter muitas mulheres) é, normalmente, muito mais interessante para o macho, embora exista como um sistema regular de união apenas quando também é vantajosa para as fêmeas.

Em qualquer que seja a sociedade onde a poliginia seja permitida (cerca de 80% das culturas mundiais, segundo uma estimativa), ela é praticada apenas pelos machos mais ricos e mais poderosos.

Nossa cultura ocidental é uma exceção ao padrão mundial, pois a poliginia é proibida por lei. Em vez da poliginia legal, o que nossa sociedade desenvolveu, legalmente, foi uma forma de poliginia seqüencial, em que os machos ricos se divorciam de mulheres de meia-idade e se casam com outras mais jovens.

Do lado da mulher, a escolha de um parceiro é um fator poderoso na evolução. Sempre que as fêmeas escolhem os machos com base num traço particular (como esse critério acima, da escolha das novas mulheres segundo a idade), a evolução produz duas mudanças correlatas nas gerações posteriores: 1) as fêmeas ficam cada vez mais atraídas por aquele traço, porque são descendentes de fêmeas que escolheram seus machos portadores daquela característica; 2) os machos passam a ser portadores dessa característica em uma intensidade maior do que antes, porque são descendentes dos machos que eram mais prontamente escolhidos.

Não é surpresa, portanto, que a fêmea humana, após séculos de uniões, tenha chegado ao ponto de ver dinheiro, poder e posição como características atraentes em um homem.

O produto final de tudo isto é você, o macho de hoje, orientado no sentido de conseguir posição, acumular dinheiro e ganhar poder. Todo macho acredita que estes objetivos são importantes, embora não seja capaz de explicar por que ele luta tanto para atingi-los.

As fêmeas, portanto, não deveriam ser tão cáusticas nas suas críticas aos homens por se empenharem tanto em jogos políticos ou por ficarem tão obcecados pela riqueza e pelo poder. Afinal de contas, estes são exatamente os critérios pelos quais as fêmeas têm escolhido seus homens durante todos estes séculos, desde a pré-história...

Use este argumento quando sua mulher ou sua garota reclamarem daquela reunião extra ou daquela viagem de negócios. E mantenha sempre, no seu arsenal, os ensinamentos da sociobiologia, especialmente o do "duplo padrão", extremamente útil para a hora de um flagra inconveniente.

O Space Shuttle, que nesta foto cavalga um Jumbo, é um dos projetos mais arrojados da tecnolog
órbita terrestre, ele estará transportando 30 toneladas de peças, em cada viagem, para a construção de un
viagens interplanetárias a custos drasticamente reduzidos e fará observações em condições que jama
É a conquista definitiva do espaço.

mericana. Em 1980, em viagens de ida e volta à ataforma espacial, da qual o homem partirá para ncontrou antes dentro da nossa atmosfera.

Se você acha que o mundo mudou muito nos últimos 85 anos, você nem imagina o que vai mudar nas próximas décadas.

Na vida de uma grande empresa como a Philco, que está em permanente avanço, ter chegado aos 85 anos é um bom momento para tornar a dizer que os avanços técnicos conseguidos até agora autorizam a esperar coisas maravilhosas no campo das comunicações, nas próximas décadas. Há 85 anos, a emissão de sons só era conhecida por meio de telégrafo com fio, e as imagens só podiam ser captadas numa estática chapa fotográfica. Na virada do século fez-se a primeira válvula a vácuo, e esse se tornou o meio conhecido de emitir e captar som e imagem, durante muitos anos. Depois, a válvula foi substituída pelo transistor e pelos circuitos integrados. Foi possível fabricar rádios e televisores totalmente transistorizados, de melhor rendimento e vida mais longa. A tecla deslizante tomou o lugar do botão. Hoje, com a sintonia digital eletrônica, a gente muda de canal, num aparelho de televisão, quase sem esbarrar o dedo. O antigo controle remoto com fio não só perdeu o fio, como agora faz todos os controles eletronicamente. Essas são apenas algumas das conquistas técnicas que aconteceram nos últimos 85 anos. E que aconteceram pela primeira vez dentro da Philco. Todos estes pioneirismos deram à Philco a maior lição de sua vida: a de que uma descoberta puxa outra e o futuro pertence a quem participa dele a partir do presente. Os nossos 85 anos são, portanto, um bom momento para repetir o que sempre dizemos: só estamos no começo.

PHILCO Ford

CBBA

 /Continuação da pág. 53

temente de que você brigou muito, criou casos . . .

Travolta — Como todo novo astro, eu tenho fama de ser um sujeito tremendamente egocêntrico. É só isso.

Playboy — Você é egocêntrico?

Travolta — Ser egocêntrico sempre é considerado como uma atitude negativa. Mas, de certa forma, pode ser uma coisa muito saudável. Eu gosto de meu trabalho, gosto de ouvir elogios, gosto de me mostrar. Uma amiga me disse, certa vez: "Você tem um ego maravilhosamente grande". E eu perguntei, já desconfiado de que ela estivesse criticando um defeito meu: "O que você quer dizer com isso?" Mas ela respondeu: "É que você assume o seu ego, ao passo que as pessoas vivem tentando escondê-lo". Mas qual foi mesmo a pergunta?

Playboy — Perguntei a respeito das brigas durante as filmagens.

Travolta — Ah, sim. Como eu disse, os boatos exageraram tudo, porque eu sou um novo astro. Ninguém mais comenta o controle que Warren Beatty exerce sobre os filmes que faz, ou os casos criados por Robert Redford ou Paul Newman. Mas, quando um ator novo e em ascensão tenta fazer alguma coisa para melhorar o produto final, essa tentativa é encarada de maneira exagerada. Isso é chato, pois a única coisa que pretendo é que o filme fique o melhor possível.

Playboy — Você exerceu algum tipo de controle sobre a montagem de *Moment by Moment?*

Travolta — Não. Fiz apenas algumas sugestões.

Playboy — Mas você terá o controle da montagem final no seu próximo filme, *American Gigolo?*

Travolta — O diretor Peter Schrader — que já fez *Motorista de Táxi* — e eu teremos o controle do produto final nesse filme. Se eu não tivesse feito essa exigência no meu contrato, a Paramount ficaria com o direito de controlar a montagem final.

Playboy — Fale-nos sobre *American Gigolo.*

Travolta — É a história de um gigolô de alta classe que opera nos bairros grã-finos de Beverly Hills e Bel Air, em Los Angeles. A sua origem é humilde e para conseguir acesso às rodas mais elevadas ele precisa tornar-se sofisticado, culto, cheio de espírito e de pose. Para isso, estuda outros idiomas. Na verdade, trata-se de um profissional que sente muito orgulho do que faz. Mas, a certa altura, ele tem um problema: deixa de agradar às mulheres. Assim, quando ele encontra uma mulher com a qual possivelmente poderia ficar, ocorre todo um conflito relacionado com o seu estilo de vida. Não quero dizer mais, para não revelar todo o enredo, mas ele gira em torno das tentativas desse homem para sobreviver na sua profissão.

Playboy — Foi Schrader quem escreveu a história?

Travolta — Exato. Aliás, acho que esse é o seu melhor trabalho. E é o único roteiro escrito por ele em que os personagens conseguem se redimir.

Playboy — Você sempre procura personagens que possam cativar a simpatia do público?

Travolta — Não tanto a simpatia. Sabe, eu acho que isso se origina no fato de que eu acredito que o homem é basicamente bom e não basicamente

"Veja o que é ter uma imagem de rico: nas últimas semanas fui enganado em dois grandes negócios"

mau, como outras pessoas acreditam. Não me importo de mostrar coisas ruins, desde que se possa dar um ponto de referência. Para mim, é muito mais excitante ver como alguém ruim, aos poucos, passa a ser bom.

Playboy — Você tem planos de trabalhar numa seqüência de *Embalos?*

Travolta — Não [*risos*]. Mesmo sabendo que poderia ganhar uma fortuna fazendo isso.

Playboy — Deve ser muito agradável a sensação de poder recusar milhões de dólares com uma risada.

Travolta — Artisticamente, eu não sei se teria mais alguma coisa a dizer através daquele personagem.

Playboy — Já pensou em fazer um filme de rock?

Travolta — Sou um cara muito aberto às idéias que pintarem. Já me ofereceram a história de Elvis Presley.

Playboy — Realmente?

Travolta — Um par de vezes.

Playboy — E você desprezou essa idéia?

Travolta — A princípio sim. O problema é que Elvis Presley é uma figura marcada demais, e talvez eu não tivesse muita liberdade para uma interpretação original.

Playboy — Há algum tipo de papel — cômico, romântico ou dramático — do qual você tenha um certo receio?

Travolta — Não. Isso pode lhe parecer pretensioso, mas eu sempre achei que seria capaz de fazer qualquer coisa que eu quisesse, em qualquer área. Quando o roteiro me agrada, não sinto medo algum do desafio.

Playboy — Você recebeu uma proposta para se apresentar em Las Vegas, ganhando 300 mil dólares por semana?

Travolta — Certo.

Playboy — E vai aceitar?

Travolta — É uma oferta fabulosa, mas não é uma coisa que eu queira fazer agora.

Playboy — Qual foi a melhor oferta que você recusou este ano?

Travolta — Ah, a melhor foi feita por carta, por uma mulher que me mandou fotos dela mesma e de sua escola de danças. A carta era bastante bem escrita e dizia o seguinte: "Estou disposta a lhe pagar até 10 dólares a hora para você vir aqui e dar aulas para mim". E depois, no fim da carta, ela dizia qualquer coisa do tipo "eu sei que esta oferta será muito difícil de recusar" [*risos*].

Playboy — Você parece estar muito firme financeiramente. Mas com certeza já deve ter percebido que, na medida em que se afaste do público adolescente, provavelmente nunca mais conseguirá repetir o estrondoso sucesso de *Embalos.*

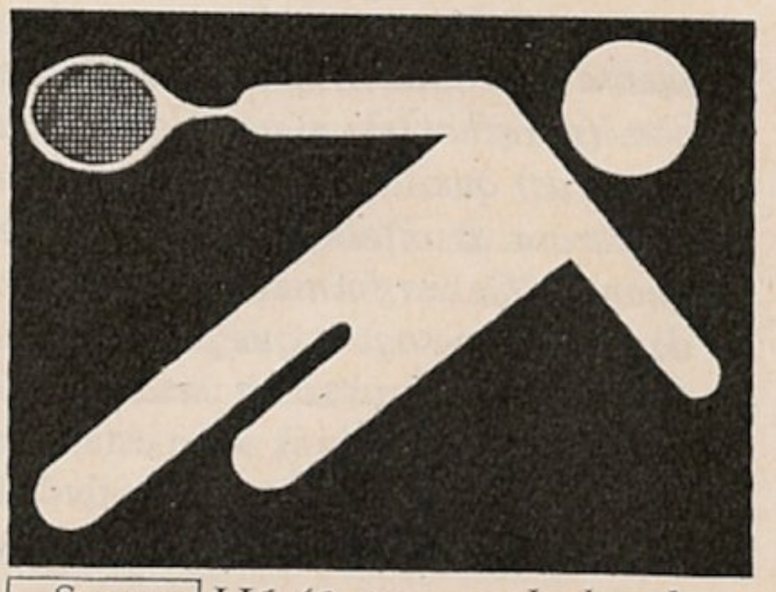
Travolta — Ou de *Nos Tempos da Brilhantina.* Mas acho que seria uma loucura tentar fazer filmes que rendessem tanto quanto esses. Eu estaria entrando em concorrência comigo mesmo, de filme em filme. Os três filmes que fiz com Robert Stigwood — provavelmente o contrato para três filmes mais bem-sucedidos na história do cinema — tinham personagens jovens e orientados para a juventude. Mas, em razão de minha própria idade, quando *Moment by Moment* acabou de ser filmado, esses personagens já pertenciam ao passado, a papéis que já não posso mais representar. O personagem que eu represento em *American Gigolo* é um rapaz de vinte e tantos anos, uma pessoa adulta.

Playboy — Isso significa que seus próximos filmes serão destinados a um público adulto?

Travolta — Isso mesmo. Porém, se aparecer algum projeto destinado ao público adolescente e for interessante, não teria problemas em aceitá-lo.

Playboy — Qual a atriz com quem você mais gostaria de trabalhar em algum filme?
Travolta — Meu principal desejo desse tipo já foi realizado. Eu queria muito poder trabalhar com Lily Tomlin.
Playboy — Você já falou de sua admiração por Lily Tomlin e você se envolveu profundamente com Diana Hyland, que era dezoito anos mais velha que você. Você se sente atraído por mulheres mais velhas?
Travolta — Não acho que a idade tenha alguma coisa a ver. Se eu lhe mostrasse uma relação de todas as mulheres com quem já me envolvi, você veria uma porção de idades diferentes. Veria também que elas não têm coisa alguma em comum.
Playboy — Como é que a maioria das mulheres reage atualmente quando se encontra com você?
Travolta — As reações variam. Muitas vezes, por causa de toda essa propaganda em torno de meu nome, elas ficam bem pouco à vontade. Começam a se preocupar demais com a imagem que estão projetando, a ponto de não perceberem como eu sou. Ficam pensando: "O que será que ele vai pensar de mim?"
Playboy — Você provavelmente tem uma multidão de fãs mais do que dispostas a fazer tudo com você. Alguma vez você já se aproveitou dessa circunstância?
Travolta — Não. E não o fiz porque já existe um número suficiente de mulheres que eu conheço e por quem me sinto verdadeiramente atraído. Não tenho o costume de abordar mulheres desconhecidas.
Playboy — Isso significa que você não está solitário atualmente?
Travolta — Exato.
Playboy — Você tem uma namorada fixa?
Travolta — Um par delas.
Playboy — Acho surpreendente você nunca ter simplesmente abordado . . .
Travolta — Eu, sim, é que tenho sido agarrado.
Playboy — Explique isso melhor.
Travolta — Por exemplo, na noite da entrega do Oscar, uma garota conseguiu passar pelas barreiras e simplesmente pulou em cima de mim. Minha cabeça foi jogada para trás, enquanto as unhas dela arranhavam todo meu rosto. Um incidente semelhante aconteceu na *avant-première* de *Nos Tempos da Brilhantina*.
Playboy — Você já chegou a ter medo das multidões?
Travolta — Já, principalmente porque sinto que é uma coisa que foge ao meu controle.
Playboy — E como são as multidões em outros lugares do mundo?
Travolta — A histeria é mais ou menos a mesma. Descobri isso em Paris e Milão. Em todos os restaurantes tocavam *Fever* e em Milão o filme ficou em cartaz durante sete meses. Em Paris ele ainda está em cartaz e me contaram que em Israel a loucura também é total. Eu achei muito excitante a sensação de fazer sucesso em nível internacional.
Playboy — Mas isso não restringiu sua liberdade de movimento?
Travolta — É verdade. Em Paris eu não pude visitar um único museu, nem fazer outros programas públicos.
Playboy — O sucesso então já se tornou um problema para a sua vida pessoal?
Travolta — Sabe, eu tentei aceitar isso como uma realidade de minha vida atual. Tentar ignorar essas coisas, dizer que elas não existem seria estar mentindo para mim mesmo. Algumas vezes elas são extremamente desagradáveis, em outras é uma situação lisonjeira — tudo depende da quantidade de alimento que o meu ego esteja necessitando [*risos*].
Playboy — Você já chegou a pensar na possibilidade de contratar um guarda-costas?
Travolta — Reconheço que deveria fazer isso. Mas o problema é que ter um guarda-costas ao lado durante o dia inteiro seria o mesmo que renunciar a toda e qualquer privacidade.
Playboy — Voltemos a falar de suas fãs. Você nunca pensou na possibilidade de levar para casa alguma das garotas que ficam horas na fila, apenas para poderem assistir às gravações do seriado *Kotter?*
Travolta — Eu não disse que nunca pensei nisso. Disse apenas que nunca fiz isso. E foram muito raras as vezes em que algumas dessas fãs chegaram a me fazer algum tipo de proposta.
Playboy — O sucesso modificou os seus hábitos ou atitudes sexuais?
Travolta — Provavelmente fiquei um pouco mais solto. Mas que importância tem isso? Pense bem: será que você passa muito tempo pensando na vida sexual das outras pessoas? Eu não faço isso. O que não significa que eu não tenha as minhas fantasias sexuais.
Playboy — Você pode citar uma mulher que tenha sido personagem de suas fantasias sexuais?
Travolta — Bem . . . Jane Fonda, por

MERCUR POINT!



Saque. *Há 40 anos as bolas de tênis Mercur entravam triunfantes nas quadras de tênis de todo o Brasil.*

Resposta. *A resposta foi imediata: total aceitação. As bolas Mercur sempre satisfizeram profissionais e resistiram aos principiantes.*

Smash. *De lá para cá, as bolinhas da Mercur receberam os mais rudes golpes. E nunca deram bola para eles.*

Match point. *A Mercur venceu o desafio. A razão: qualidade. Isto não se fabrica de um dia para outro.*

Mercur. A bola de tênis

Fábrica: Sta. Cruz do Sul - RS

Martins & Andrade

exemplo. Nunca me detive imaginando como deve ser a vida sexual dela, mas gosto de pensar como seria manter relações sexuais com ela... Nós estamos falando muito de sexo nesta entrevista, você não acha?

Playboy — Então passemos para outro assunto. Religião. Você é um cientologista. [*NR: A cientologia se baseia num processo de autoconhecimento que utiliza aparelhos mecânicos (semelhantes a um detector de mentiras) que, ligados a uma pessoa, registram as alterações que ocorrem quando lhe são formuladas perguntas de ordem pessoal, o que possibilitaria conhecer as causas de seus problemas.*] Três anos atrás você estava fazendo psicanálise. Por que motivo diz que preferiu mudar para a cientologia?

Travolta — Descobri que havia nela menos espaço para enganos, devido à sua técnica para localizar experiências passadas e para resolver o caso de cada pessoa. E por *caso* eu entendo os dramas ou os problemas ou seja lá o que for que a pessoa queira resolver.

Playboy — Como é que você começou a se interessar por isso?

Travolta — Por meio de uma atriz amiga minha. Eu fiquei fascinado e resolvi experimentar a coisa. E tive a impressão de conseguir resultados melhores do que com qualquer outra coisa que experimentei antes.

Playboy — Se, para você, a cientologia foi mais eficiente do que a psicanálise, que problemas ela o ajudou a resolver? Você encontrou menos dificuldade em enfrentar a morte de Diana? Ou de lidar com o seu sucesso?

"Algum dia gostaria de ser lembrado como alguém que deu inspiração ao público"

Travolta — Digamos que se eu tivesse tido problemas nessas áreas a cientologia com toda a certeza me ajudaria a lidar com eles. Por exemplo: nas duas últimas semanas uma porção de coisas têm dado errado comigo. Por causa de meu nome e de minha imagem de rico, fui ludibriado na compra de um avião e na compra de um carro. E mais: todas as vezes que atendi o telefone foi para ficar sabendo que alguma coisa aconteceu de errado. Se isso acontecesse há três anos, eu provavelmente teria ficado maluco. Agora, entretanto, estou dando esta entrevista e me comportando de uma maneira normal. Foi nesse sentido que a cientologia me ajudou bastante mesmo. Hoje sou capaz de lidar comigo mesmo cem por cento melhor do que conseguia antes.

Playboy — Você dá uma parte de seus rendimentos à cientologia?

Travolta — Não. Isso não é verdade. Quando alguém quer fazer um curso, precisa pagar por ele. Fico muito contrariado quando ouço esses boatos.

Playboy — Por que você nunca falou sobre as acusações federais contra líderes dessa igreja, atribuindo-lhes crimes como roubo, gravações proibidas e conspirações?

Travolta — Acho que eles não precisam de minha defesa. Sempre existem

O WHISKY MAIS VENDIDO NA ESCÓCIA APRESENTA DOIS IRMÃOS MAIS VELHOS E UM MAIS CHIC.

Na foto, da esquerda para a direita: Bell's Extra Special, o whisky mais vendido na Escócia e em todo o Reino Unido. Ou seja, o whisky mais vendido na terra do whisky; a seguir, Bell's De Luxe, 12 anos, feito com os mais finos whiskies escoceses, com a garantia de que o mais novo deles tem pelo menos 12 anos; logo depois, Bell's Royal Reserve, 20 anos, um raro blend de whiskies de 20 anos, encontrado em quantidades limitadas; e, completando a família, Bell's Decanter, para quem quer a mesma qualidade Bell's sem abrir mão de uma embalagem luxuosa.

BELL'S

dois lados em cada história, e eu não conheço os dois lados. Mesmo se alguém conseguir desmascarar e destruir a cientologia, eu continuaria usando as técnicas que aprendi com ela. São uma coisa real demais para mim, significativa demais.

Playboy — Mas você deve ter também outras maneiras de relaxar, de se livrar da tensão na sua vida diária.

Travolta — Sempre que tenho tempo sobrando, gosto de voar e acho que essa é atualmente a minha única diversão. Antigamente costumava ir ao cinema em minhas horas livres, mas agora os filmes se tornaram parte de meu trabalho em minha companhia de produção. Posso assistir a qualquer filme que queira na sala de projeção do meu estúdio.

Playboy — Você poderia nos dizer em que mais investiu o seu dinheiro?

Travolta — Não é que eu seja um sujeito frugal, mas acontece que não sou extravagante. Sou vidrado em aviões e automóveis e já fui extravagante nessas duas áreas. Entretanto, depois de comprar alguns aviões e alguns carros... bem, a verdade é que a coisa perde a graça.

Playboy — Quando o seu contrato com o seriado *Kotter* terminar, você continuará trabalhando na televisão?

Travolta — Acho que sim. A televisão atinge um público imenso, como nenhum outro veículo faz. Creio que não aceitarei outro contrato para uma série muito longa como *Kotter*, mas acho perfeitamente provável trabalhar em programas especiais ou em minisséries.

Playboy — Muita gente acha que, mantendo uma certa distância da televisão, um ator pode criar uma certa mística, uma aura que aumenta o seu poder de atrair grandes bilheterias.

Travolta — Admito que há uma boa dose de verdade nessa teoria. Mas acho que não se pode desprezar, abandonar a televisão completamente. O importante é saber escolher sempre o momento mais adequado. Há momentos em que não é apropriado estar na televisão ou dar uma entrevista. Mas quando alguém *realmente quente* aparece na televisão, todo mundo assiste — é isso que eu quero dizer. E isso não prejudica a mística, a aura desse ator. Mas se a gente começar a aparecer na televisão três ou quatro vezes por semana, o público, logicamente, vai ficar saturado.

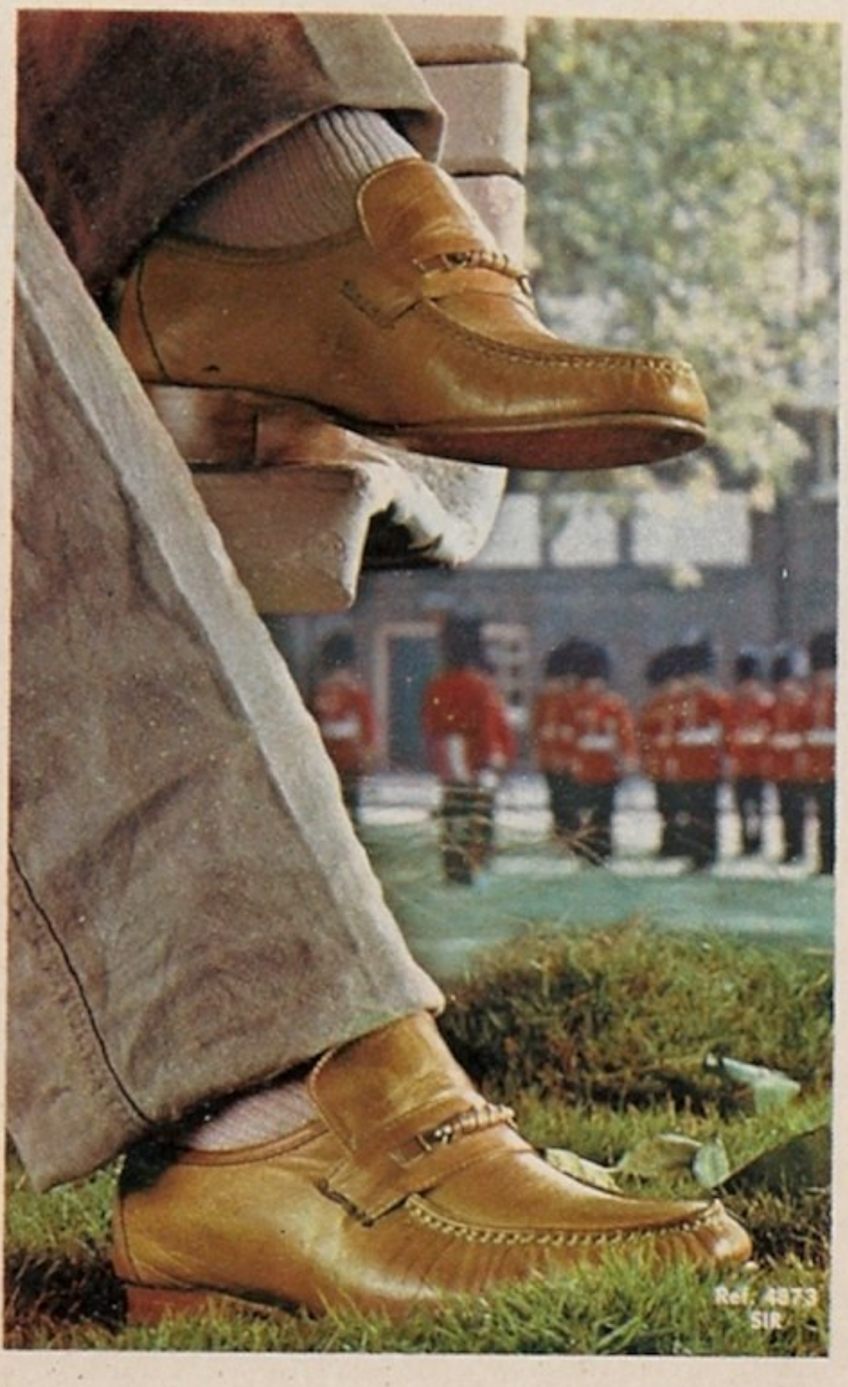
Playboy — Como é que você gostaria de ser lembrado algum dia?

Travolta — Honestamente, acho que gostaria de ser lembrado como um grande ator, que criou tipos marcantes, capaz de transmitir inspirações e conhecimentos ao público.

Playboy — E, para finalizar, qual é a essência de John Travolta?

Travolta — Só consigo ser eu mesmo quando estou trabalhando. Comecei a representar aos 6 anos de idade e sou profissional desde os 16; e sempre me sinto melhor quando estou criando alguma coisa, porque é isso que eu sou. Essa é a minha identidade. Há muitas pessoas que, quando falam de sua vida, procuram separar o que são do que fazem. Isso é besteira, pois o que você faz é o que faz você viver.

Moccasin Samello. O sapato que não tem fronteiras de moda, hora nem lugar.



No verão, no inverno, no escritório, na discoteca, no camping, em casa, de dia, de noite, o Moccasin Samello o acompanha onde quer que você ande.

Use este sapato feito a mão e dê o passo mais leve, macio e descontraído da sua vida.

Escolha seu modelo de Moccasin Samello e saia por aí.

Sem fronteiras.

Moccasin Samello

Qualidade sem fronteiras.

Cavalcanti, Julianelli, Pimentel

quando Mendel crescesse e se casasse não iria reconhecer sua mulher. Outros diziam que iria acabar confundindo um outro consigo mesmo. Foi por isso que nosso professor contou a história do mestre distraído que entrou em casa fugindo da chuva forte que caía lá fora. Em lugar de deixar o guarda-chuva no corredor e aquecer-se perto do fogão, o mestre distraído colocou o guarda-chuva perto do fogão e ficou de pé no corredor. Estava tão ocupado com seus pensamentos que fez confusão entre o guarda-chuva e sua própria pessoa . . .

Trinta anos depois encontrei Mendel nos Estados Unidos. Quando me disse que era professor de Física e que estava fazendo algumas pesquisas que exigiam o máximo de precisão, comentei:

— Sabe, Mendel, pensei que você seria um idiota quando crescesse.

Mendel sorriu, piscou os olhos e disse:

— Se você pensou isso, você se enganou redondamente.

Mesmo assim, quando fomos tomar café, percebi que Mendel despejava o sal na xícara.

— Mendel, isso é sal!

Olhou confuso para mim e disse:

— Pensei que fosse açúcar . . .

— Além disso, você está com uma meia preta e outra vermelha.

— Ah, é? Você tem razão. Pensei que fossem da mesma cor.

Ele ficou meio sem jeito diante de mim e perguntou:

— Velvel, você não quer experimentar este cigarro europeu?

— Eu me chamo Isaac, e não Velvel. Além disso, não fumo.

— Nesse caso vou fumar sozinho.

Apanhou o cigarro, colocou a ponta errada na boca e tentou acender o isqueiro. Mas o isqueiro não funcionou e ele me perguntou o que podia ser. Cheirei o pavio e disse:

— Você encheu o isqueiro com perfume, e não com fluido.

— Ah, pensei que fosse fluido. Você não tem um fósforo por acaso?

— Tenho, mas primeiro mude a posição do cigarro na boca. Você vai acender o filtro.

Ele virou o cigarro e acendeu o fósforo. Depois disse:

— No laboratório onde trabalho, realizei centenas de experiências sem cometer o menor engano. Por sinal, sou considerado um dos melhores pesquisadores nos Estados Unidos. Você pode entender isso? Espere, vou pedir mais café.

Continuação da pág. 65

MENDEL, O DISTRAÍDO

No trabalho, Mendel era muito preciso. Fora, confundia sal com açúcar, a mãe com a mulher . . .

Fez sinal para a mulher que passava e disse:

— Mais café e torta de maçã!

A mulher sorriu.

— Eu não trabalho aqui.

— Ah, desculpe, pensei que fosse a garçonete.

— Não foi nada.

A mulher dirigiu-se para a porta.

— Mendel, você não mudou nada — comentei.

Bebemos o café. Quando a empregada trouxe a conta, tentei apanhá-la, mas Mendel segurou-a primeiro.

— Velvel, você é meu convidado. Sou eu que pago.

Ao sairmos da confeitaria, percebi que Mendel discutia com o caixa. Em lugar da conta, dera ao homem seu cartão de visita.

Finalmente, quando nos encontramos na rua, Mendel enfiou as mãos nos bolsos e exclamou:

— Este não é meu sobretudo!

Esperei-o na calçada enquanto trocava de sobretudo. Andamos pela rua calmamente e ele tornou a insistir no assunto:

— Velvel, você ainda não respondeu minha pergunta. No meu trabalho eu nunca cometo um erro. Certa vez descobri um elemento que só é observado durante alguns milésimos de segundo. Para isso a pessoa tem que ser incrivelmente precisa. Mudando de assunto, faço questão absoluta que você venha à minha casa. Quero lhe apresentar a minha mulher. Estou sempre falando de você, e ela já leu todos os seus livros. Será uma surpresa maravilhosa. Táxi!

Mendel levantou os braços e acenou freneticamente.

Um carro de polícia parou ao nosso lado.

— O que foi, cidadão? — perguntou o guarda.

— Ah, eu pensei que fosse um táxi!

Caímos na risada e Mendel me segurou o braço.

— Você ainda não respondeu minha pergunta. Táxi! Ué, por que ele não parou?

— Porque já estava com três passageiros, você não viu?

— Pensei que estivesse vazio. Velvel, qual é a resposta à minha pergunta?

— A resposta é que meu nome é Isaac, e não Velvel. Velvel também é escritor?

— Velvel é químico e mora em Londres, e não aqui em Washington.

— Mas nós estamos em Nova York, e não em Washington.

— Ah, pensei que fosse Washington. Táxi!

Desta vez o táxi parou e imediatamente embarcamos.

Depois de circular por algumas ruas, o táxi estacionou defronte de uma casa.

— Eu não moro aqui! — exclamou Mendel.

— Este foi o endereço que o senhor me deu — Rua 61, Oeste, n.º 210.

— Mas eu moro na rua 61, Leste, e não Oeste.

— O senhor disse Oeste.

— Pode ser, mas eu queria dizer Leste.

— Então vamos para Leste.

O motorista tomou a direção Leste.

Durante algum tempo não dissemos nada, depois Mendel comentou:

— Não vá pensar que sou sempre distraído assim. Foi a surpresa de encontrá-lo, meu caro Velvel. Por falar nisso, onde estão meus óculos? Perdi meus óculos! E onde está minha caneta? Ah, meu Deus, hoje é um desses dias em que a gente perde tudo . . . Mas valeu a pena encontrá-lo! . . . Ei, onde está minha pasta de couro?

— Você não estava com nenhuma pasta.

— Ah, não? Graças a Deus, pensei que ainda por cima tinha perdido minha pasta. Vamos, mamãe já deve estar esperando.

— Sua mãe está viva e mora aqui?

— Quero dizer, minha mulher.

— Mendel, você não mudou ainda.

— Nem você, Velvel. Não mudamos nada.

Depois de ser apresentado a sua mulher, uma pessoa encantadora, as primeiras palavras que ela lhe disse foram:

— Querido, você esqueceu os óculos e a caneta em cima da mesa.

Mendel suspirou aliviado.

— Puxa! Pensei que tinha perdido no ônibus.

VIVENDO, APRENDENDO, SABENDO.

A Seagram importa da Escócia o mais rico malte whisky, que combinado com destilados envelhecidos durante muitos anos, produz Royal Label Black. O whisky que está entre as melhores coisas da vida, para quem sabe ver.

ROYAL LABEL BLACK. O WHISKY DE QUEM SABE DAS COISAS.

Qualidade Seagram

ORGANIZE O SEU DINHEIRO... Continuação da pág. 76

O corte de uma pequena despesa pode resultar numa grande vantagem final

planejar, direcionando esforços, perseguindo metas específicas e formulando programas de ação. Que poderiam incluir, por exemplo, mudança de emprego; aperfeiçoamento na função atual; desenvolvimento de atividades paralelas; mudar de função; mudar de área na empresa, empenhando-se no preenchimento de vagas de maior responsabilidades, etc. . .

Fica claro, por conseguinte, que o planejamento deverá se constituir nos programas de ação que irão preencher a lacuna existente entre *aonde queremos chegar* e *aonde chegaríamos normalmente.*

O planejamento deve implicar, necessariamente, mudanças de atitude que conduzem à execução das medidas expostas nos programas de ação, razão pela qual o programa de ação deve ser específico no tocante a *quais* medidas devem ser tomadas e *quando.*

Passo a expor, agora, um exemplo de planejamento que, em princípio, seria aplicável a qualquer pessoa.

Lancemos mão das características de vida de um jovem executivo, que vamos chamar de sr. K. V. Vejamos, em primeiro lugar, qual é sua situação financeira:

Itens	Cr$
1. Renda líquida mensal . . .	**30 000**
amortização financ. carro .	3 000
aluguel apto.	5 000
alimentação	7 000
luz, água, telefone	2 000
empregada	2 000
lazer	9 000
2. Despesa mensal	**28 000**
saldo mensal (1 - 2)	2 000

Nota: Além dos desembolsos mensais discriminados acima, o sr. K. V. seria obrigado a fazer um desembolso extra de Cr$ 80 000, em novembro do ano seguinte, referente à última parcela de um terreno, adquirido tempos atrás.

Vamos iniciar o nosso exemplo:

Fase 1: Onde estou? Neste ritmo aonde irei chegar no próximo ano?

Para responder a estas duas perguntas será necessário projetar de forma sucinta as receitas e despesas do próximo ano.

Suponhamos que a única receita de que o sr. K. V. dispõe seja proveniente do salário, e que o referido salário sofra um reajuste sindical de 30% a partir do mês de julho. Suponhamos ainda que os custos mensais sofrerão também (apenas para facilitar o exemplo) um aumento de 50% a partir do mês de julho.

Bem, já temos condições para fazer as contas:

1. **Receita Anual:** (30 000 x 6) + (39 000 x 7) = 453 000.
2. **Despesa Anual:** (28 000 x 6) + (28 000 x 1,50 x 6) = 420 000.
3. **Saldo Anual:** (1 - 2) = 33 000.

Agora o sr. K. V. já tem uma visão clara de que praticamente irá trabalhar para comer, mantendo tudo igual ao começo do ano, permanecendo quase inalterada a sua situação patrimonial.

Fase 2: Aonde eu *realmente* quero chegar? Bem, aqui começa realmente a fase crucial do planejamento: o estabelecimento de objetivos. Suponhamos que o sr. K. V. estabeleça um único objetivo para o próximo ano (ele poderia, evidentemente, estabelecer mais de um): PASSAR 45 DIAS DE FÉRIAS NO TAHITI. Para isso, ele precisará de Cr$ 150 mil.

Fase 3: Como chegar lá? Não nos esqueçamos de que a sistematização é a grande arma. Vamos usá-la, dando os passos um após o outro. Ou seja, vamos planejar, para atingir o objetivo almejado.

Após os primeiros balanços de informações, chega-se à conclusão de que as disponibilidades em dinheiro só iriam aumentar de cinco formas básicas: a) aumentando receitas; b) reduzindo custos; c) liquidando ativos (bens); d) contraindo empréstimos; e) investindo dinheiro.

Vamos detalhar cada uma delas:

a) **Aumentando receitas** — Analisadas as possibilidades de aumento de receitas, concluiu-se pelos seguintes programas de ação:

1. Passar a prestar, em caráter particular, serviços de desenvolvimento de projetos de financiamento. Esta atividade poderia gerar um montante mensal de Cr$ 4 mil, ou seja, Cr$ 48 mil/ano.

2. Pleitear em abril sua transferência para o Departamento de Projetos de Underwriting da empresa. O que iria gerar um aumento de Cr$ 3 mil nos seus rendimentos mensais, ou seja, Cr$ 27 mil/ano.

b) **Reduzindo custos** — Analisados os custos mensais, concluiu-se pelos seguintes programas de ação:

1. Os telefonemas interurbanos para os pais no interior não mais seriam efetuados semanalmente, mas sim quinzenalmente, o que resultaria numa economia mensal de Cr$ 600 por mês, ou seja, Cr$ 7 200/ano.

2. A troca do automóvel atual por

PLANEJAMENTO ANUAL EM Cr$ 1 000

ITENS	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
1. SALDO INICIAL	10,0	17,1	26,2	37,3	49,4	59,5	76,6	82,3	131.0	143.7	192.4	133.1	—
2. ENTRADAS													
Salário	30.0	30.0	30.0	33.0	33.0	33.0	42.0	42.0	42.0	42.0	42.0	84.0	483.0
Serv. projetos	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	48.0
Venda terreno	—	—	—	—	—	—	—	40.0	—	—	—	—	40.0
Venda telefone	—	—	—	—	—	—	—	—	—	40.0	—	—	40.0
Penhora relógio	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	15.0	—	15.0
Invest. Poupança	—	—	4.0	—	—	5.0	—	—	7.0	—	—	10.0	26.0
TOTAL ENTRADAS	34.0	34.0	38.0	37.0	37.0	01.5	46.0	86.0	53.0	86.0	61.0	98.0	652.0
3. DISPONÍVEL POR MÊS (1+2)	44.0	51.1	64.2	74.3	86.4	42.0	122.6	168.3	184.0	229.7	253.4	231.1	—
4. SAÍDAS													
Financ. Carro	3.0	3.0	3.0	3.0	3.0	3.0	4.5	4.5	4.5	4.5	4.5	4.5	45.0
Aluguel apto.	5.0	5.0	5.0	5.0	5.0	5.0	7.5	7.5	7.5	7.5	7.5	7.5	75.0
Alimentação	6.5	6.5	6.5	6.5	6.5	6.5	9.7	9.7	9.7	9.7	9.7	9.7	97.2
Luz, água, tel.	1.4	1.4	1.4	1.4	.1.4	1.4	2.1	2.1	2.1	2.1	2.1	2.1	21.0
Empregada	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0	3.0	3.0	3.0	3.0	3.0	3.0	30.0
Lazer	9.0	7.0	9.0	7.0	9.0	7.0	13.5	10.5	13.5	10.5	13.5	10.5	120.0
Terreno praia	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	80.0	—	80.0
TOTAL SAÍDAS	17.1	24.9	26.9	24.9	26.9	24.9	40.3	37.3	40.3	37.3	120.3	37.3	468.2
5. SALDO FINAL (3-4)	**26.9**	**26.2**	**37.3**	**49.4**	**59.5**	**76.6**	**82.3**	**131.0**	**143.7**	**192.4**	**133.1**	**193.8**	—

um 0 km seria adiada para 1979.

3. Passar a almoçar duas vezes por semana em casa, o que implicaria uma redução de despesas de Cr$ 500 por mês, ou seja, Cr$ 6 000/ano.

4. Passar a fazer viagens de lazer ao Rio de Janeiro somente a cada dois meses ao invés de todo mês. Esta decisão implicaria uma redução de despesas de pelo menos Cr$ 2 mil por mês, durante seis meses do ano, ou seja, Cr$ 12 mil/ano.

Resumindo, o objetivo é identificar, inicialmente, as oportunidades de redução de custos que se constituam em processo "indolor", ou seja, cortar aqueles custos que não venham a piorar o nível de vida.

Além disso, é preciso considerar os benefícios de atingir o objetivo (viagem ao Tahiti), contra a eventual queda do nível de vida atual. Se se conclui que o sacrifício torna-se muito grande, é só reformular a decisão, não é mesmo?

c) Liquidando ativos (bens) — A análise dos bens possuídos conduziu aos seguintes programas de ação:

1. Venda do terreno recebido como herança, localizado em Itu, pelo valor mínimo de Cr$ 40 mil, até agosto.

2. Venda de um dos dois telefones possuídos, ao preço de Cr$ 40 mil, até outubro.

d) Contraindo empréstimos — Penhorar na Caixa Econômica um dos seus três relógios, o que poderia gerar um valor aproximado de Cr$ 15 mil.

Pronto! Os programas de ação estão definidos e o sr. K. V. está apto a fazer a projeção mês a mês das entradas e saídas de dinheiro.

A elaboração dessa projeção se dará pelo preenchimento do quadro que reproduzimos na página à esquerda, "Planejamento Anual".

e) Investindo dinheiro — Feita a projeção, ficou claro que poderia ser feita uma aplicação mensal em caderneta de poupança dos saldos finais mensais, o que resultaria, ainda, numa receita adicional de aproximadamente Cr$ 26 000 (30% sobre um saldo médio de aproximadamente Cr$ 87 000), a ser considerada como entrada de numerário nos meses de março, junho, setembro e dezembro. Resumindo, seria apurada como saldo final do ano a importância de Cr$ 193 800, o que daria, com folga, para atingir o objetivo fixado.

O CONTROLE

Bem, o planejamento terminou e, embora implique "mudar de vida", já

auto·rádio
fm estéreo
motoradio
melhor para você.

ARS-M31

Novo FM Estéreo
OM-OC

Além de ter ondas curtas, dá a V.
os níveis ideais de graves e agudos pelo
exclusivo controle de tonalidade
por Oto-compensação. E nas 3 faixas
V. tem a melhor estabilidade de recepção,
graças ao também exclusivo
Controle Automático de Resposta (ARC).
15 W de saída. Melhor para você.

MOTORADIO
TRADIÇÃO EM SONORIDADE
INDÚSTRIA GENUINAMENTE BRASILEIRA

PRODUTOS COM MAIOR Q.I.
QUALIDADE INTERNACIONAL

ORGANIZE O SEU DINHEIRO...

Uma dica importante: evite pagar em dinheiro vivo. Pagando em cheque o controle é mais fácil

que obriga as pessoas a pensarem no futuro e tentarem moldá-lo, não é uma tarefa tão difícil assim. Trata-se apenas de, paulatinamente, criar um novo hábito, que passa a se incorporar à rotina diária.

Agora devemos começar a estruturar a forma de controle a ser utilizada, mês a mês, no próximo ano.

Caso não seja montado um sistema de controle e acompanhamento do planejamento efetuado, podemos ter certeza de que gastamos tempo e fosfato inutilmente.

Planejamento e controle são irmãos siameses, não podendo ter vidas separadas e independentes.

O controle é a verificação periódica e constante de se a realidade está efetivamente correspondendo ao planejamento efetuado, análise das eventuais distorções e tomada das decisões necessárias à correção dos rumos no sentido do objetivo fixado.

É que a realidade, sob muitos aspectos, se apresenta de maneira totalmente diversa do que previa o planejamento, e o "casamento" entre a previsão e os fatos reais só pode ser feito com o acompanhamento periódico e replanejamento. O planejamento, assim, torna-se dinâmico e se readapta permanentemente.

Mas qual seria a forma prática de fazer o acompanhamento do nosso planejamento pessoal?

É simples: monta-se um novo quadro, *idêntico* ao do planejamento, no qual serão lançados mensalmente os valores *reais* de receitas e despesas, mais as receitas e/ou despesas não previstas (a serem colocadas em linhas previamente reservadas, abaixo dos itens previstos no planejamento, conforme já vamos ver). Apuram-se então os saldos iniciais e finais. Em seguida, procede-se à comparação com o planejado, analisam-se as distorções, tomam-se decisões, gerando novos programas de ação. Explicando melhor: suponhamos que seja ganha a importância de Cr$ 2 mil na loteria esportiva, ou que seja necessário gastar Cr$ 3 mil para arrumar o pára-lama do carro, barbeiramente amassado pela sua garota. Esses imprevistos seriam lançados nas linhas em branco citadas acima, e você já ficará sabendo quanto deverá faturar a mais (ou quanto poderá faturar a menos) nos próximos meses.

Agora, uma dica extremamente simples, mas que sem dúvida vai tornar mais fácil o seu processo de controle: *use um só banco* (os bancos também dizem isso, mas garanto que é verdade).

O seu talão de cheques lhe fornecerá todas as informações necessárias a um controle plenamente satisfatório. Senão vejamos:

- *Saldo inicial:* ser-lhe-á fornecido pelo canhoto do cheque, bastando anotar no quadro de controle o valor constante como "saldo" no canhoto no início do mês.
- *Entradas:* serão fornecidas pelos recibos de depósito bancários, que deverão ser lançados de imediato no quadro de controle, sob pena de no futuro não mais se recordar a que título foi efetuado o depósito.

É lógico que toda e qualquer importância recebida deve ser depositada, para que se possa contar com um controle eficiente. Caso sejam recebidas importâncias em dinheiro vivo, não deverão ser aplicadas em pagamento de despesas, sob pena de perda do controle pretendido. Toda e qualquer importância recebida deve ser depositada.

- *Saídas:* serão fornecidas pelos canhotos dos cheques, no qual deverá ser anotada a destinação de cada pagamento.

Pague tudo com cheque e, obviamente, o controle tornar-se-á muito mais fácil.

Como você já percebeu, o processo planejamento/controle é indivisível e contínuo. O planejador é, ao mesmo tempo, autor intelectual e vítima de sua ações, na tentativa de atingir determinado objetivo.

Administrar a própria vida, porém, não significa torná-la insuportável através de um frenético e interminável computar de tostões, o que evidentemente eliminaria toda a curtição representada por teatros, boates, garotas, praia, música, viagens. Ao contrário, o objetivo é justamente dar condições a cada um de viver a vida ainda mais intensamente, permitindo vôos ainda mais altos, que normalmente não são considerados possíveis. Não dê ouvidos, portanto, a pessoas que apontam a "trabalheira" que dá planejar a própria vida. Esses são os que não querem mesmo nada com nada. Eles não percebem uma verdade absoluta — a de que NÃO HA BENEFÍCIO SEM CUSTO.

Pense bem: seria possível a alguém ir à Escandinávia ou comprar um carro esporte sem sequer pôr a cabeça pra funcionar? Quando você quer transar com uma determinada garota, quanto dinheiro e custo psicológico você dispende? Pois é, é o custo. Portanto, se você quer atingir algum objetivo que irá lhe trazer benefícios de toda ordem, tem de arcar com algum tipo de custo — no caso, o de planejar, organizar e controlar a sua vida. Caso você pese os prós e contras e conclua ser muito trabalhoso o processo, fique ciente de que você também está planejando, só que, neste caso, planeja continuar a fazer tudo o que fez até agora e não realizar nenhum de seus sonhos — uma escolha pessoal e intransferível. Mas desconfio de que sei qual vai ser a sua decisão...

TEMPERATURA IDEAL EM QUALQUER SITUAÇÃO.

Temperatura não é mais problema com o ar condicionado Climauto da Friocenter. Seu carro vai estar sempre na temperatura ideal para qualquer tipo de situação.
Não deixe que nada atrapalhe o seu prazer. Coloque um Climauto no seu carro, feche os vidros e viva a vida!

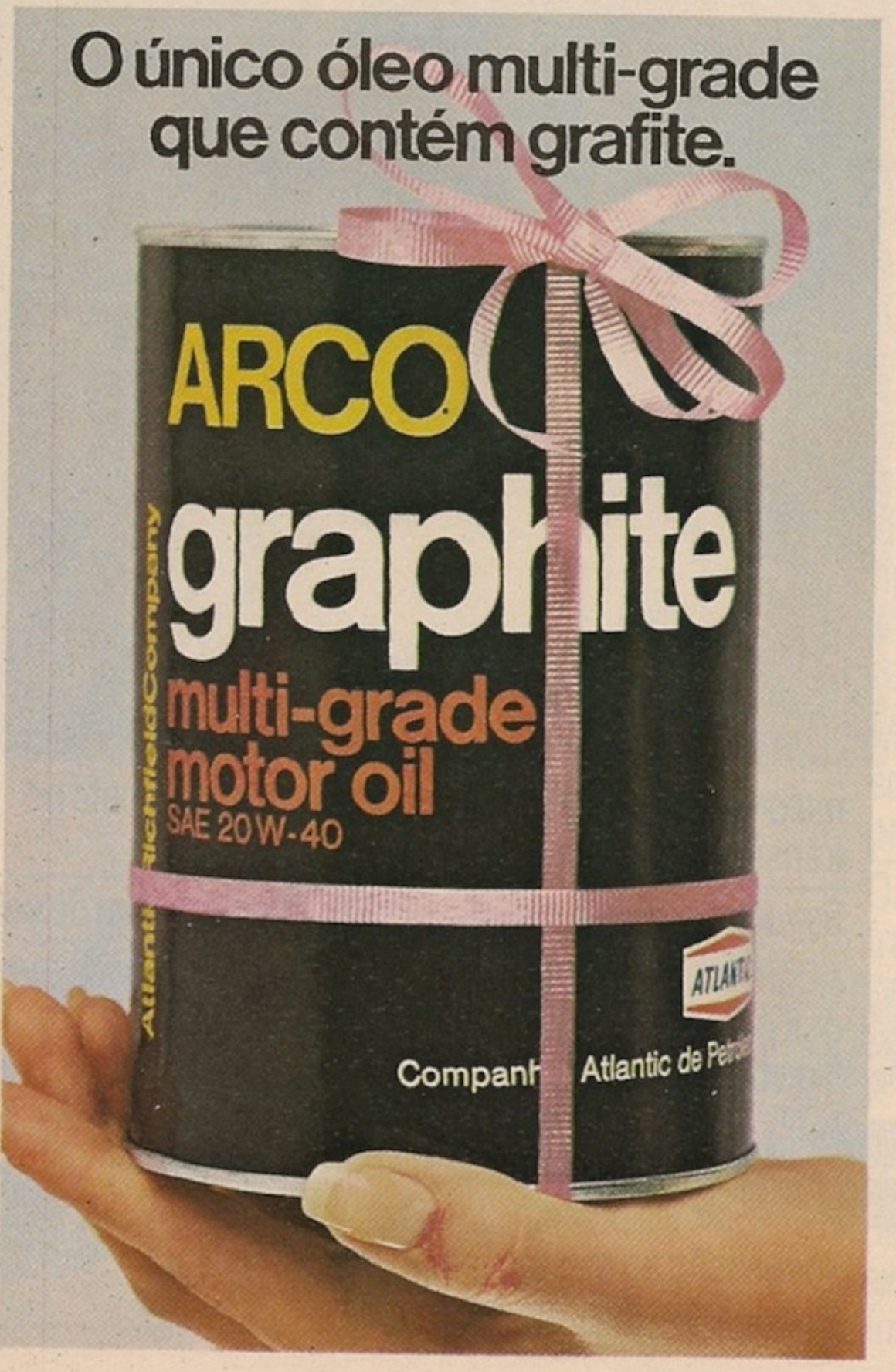
Distribuidor
climauto
AR CONDICIONADO SOBRE RODAS
PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS
friocenter
AUTO REFRIGERAÇÃO LTDA.
Rua Afonso Brás, 518 - Ibirapuera - SP
Fones: 543-9282 - 542-0612

No dia do seu carro dê um presente para ele.

Quando você for trocar o óleo de seu carro, troque por Arcographite.

Logo você vai perceber como seu carro agradeceu o presente. A primeira coisa que você vai sentir é como o motor dele ficou mais suave.

É que Arcographite reduz o atrito, fazendo o motor trabalhar mais fácil. E um motor que trabalha mais fácil, tem partidas mais rápidas, o que economiza a vida útil da bateria, aproveita muito mais a força gerada pela queima da gasolina. O resultado é um aumento de potência, e um torque maior.



Outra coisa que você vai perceber é que o motor ficou mais silencioso.

Porque a maior fonte de ruídos, além das explosões, é o atrito, e este Arcographite reduz muito.

E o mais importante, logo você vai perceber que seu carro está economizando gasolina.

Veja a tabela.

Economia em dinheiro vivo.
Veja o seu lucro em cada 10000 quilômetros usando Arcographite.

	Carro pequeno	Carro grande
Consumo de gasolina	10 km/litro	5 km/litro
Consumo de gasolina em cada 10000 km	1000 litros	2000 litros
Economia de gasolina até 8,7%	87 litros	174 litros
Quilômetros adicionais	870 km	870 km
Economia em dinheiro (Gasolina a Cr$ 8,40 o litro)	730,80	1.461,60

E carro agradecido faz tudo pelo dono. Ele nem liga se você às vezes esquece o dia da troca de óleo. Arcographite atua por muito mais tempo.

Por isso dê um presente ao seu carro. Faça isso hoje mesmo.

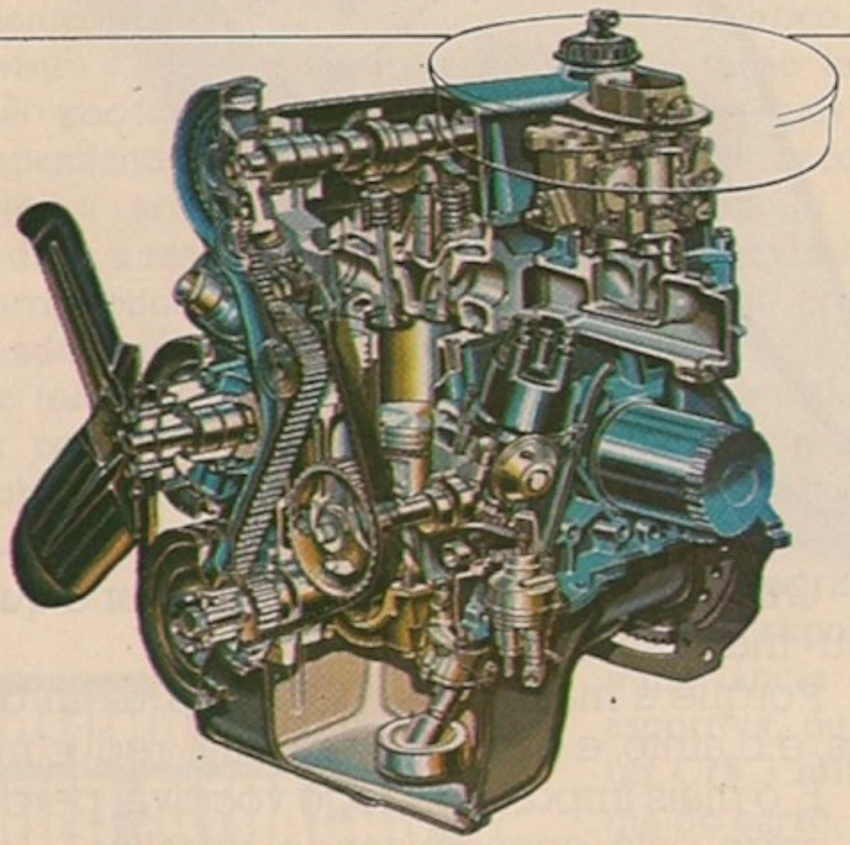
ATLANTIC

Comemore hoje o dia do seu carro, troque para Arcographite.

ENQUANTO OUTROS CARROS FALAM

O Ford Maverick foi planejado, construído e testado para passar pelo Raio X das pessoas mais exigentes. Ele aceita o desafio do conforto, da segurança e do trânsito, e resiste ao desafio da oficina. E por tudo isso, pode mostrar sua qualidade.

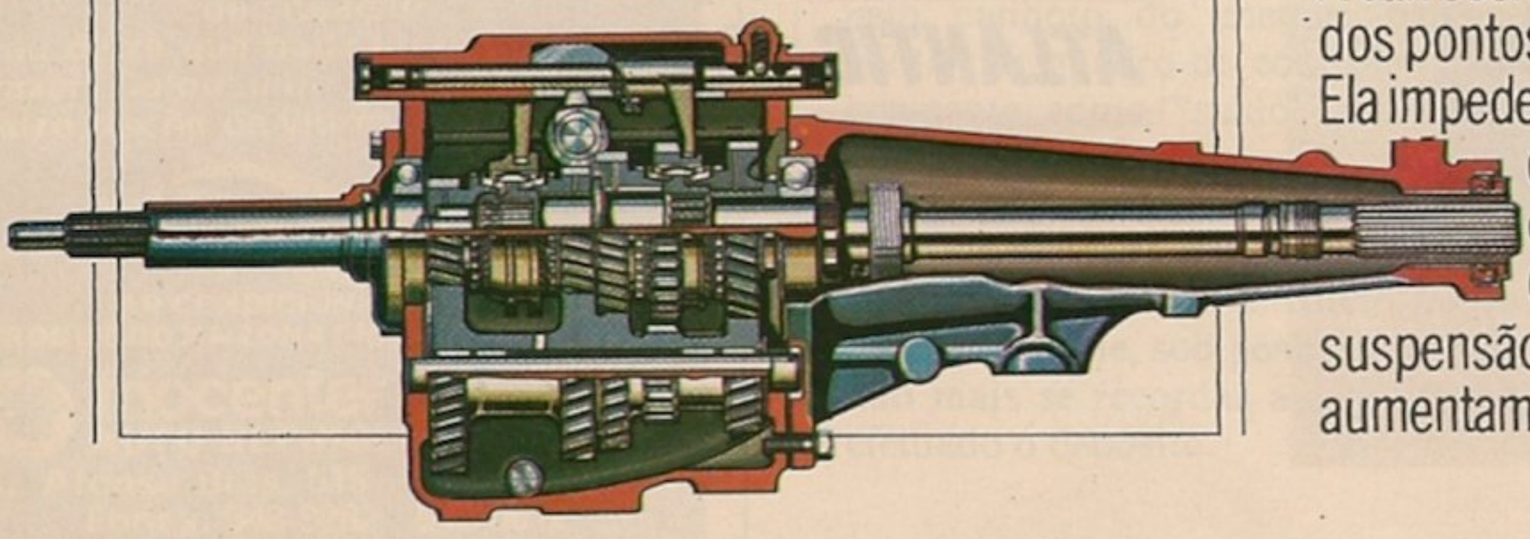
O Maverick tem o motor mais avançado em uso no Brasil.

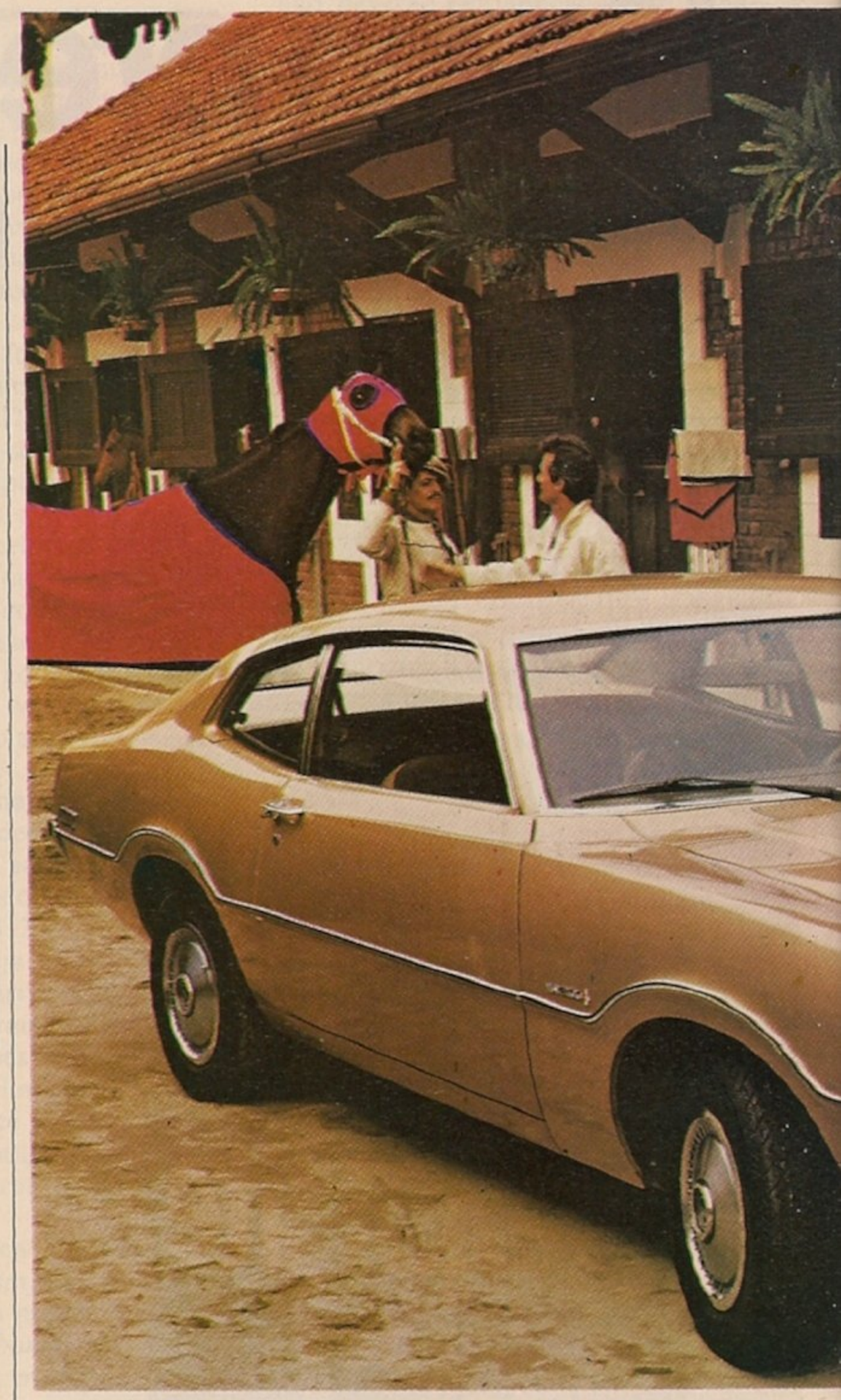


Um moderno OHC de 4 cilindros, 2.300 cc, 99 cv SAE de potência, com comando de válvulas no cabeçote, e sistema "Cross Flow".
Tão avançado que é até exportado para a Argentina, Japão e Canadá.

Câmbio. Uma qualidade que você não vê, mas sente.

A caixa de câmbio do Maverick tem uma relação ideal de marchas, para oferecer muito conforto ao motorista. Mas para quem exige ainda mais, o Maverick oferece a opção de transmissão automática, que utiliza o mesmo sistema adotado para o Galaxie, e significa





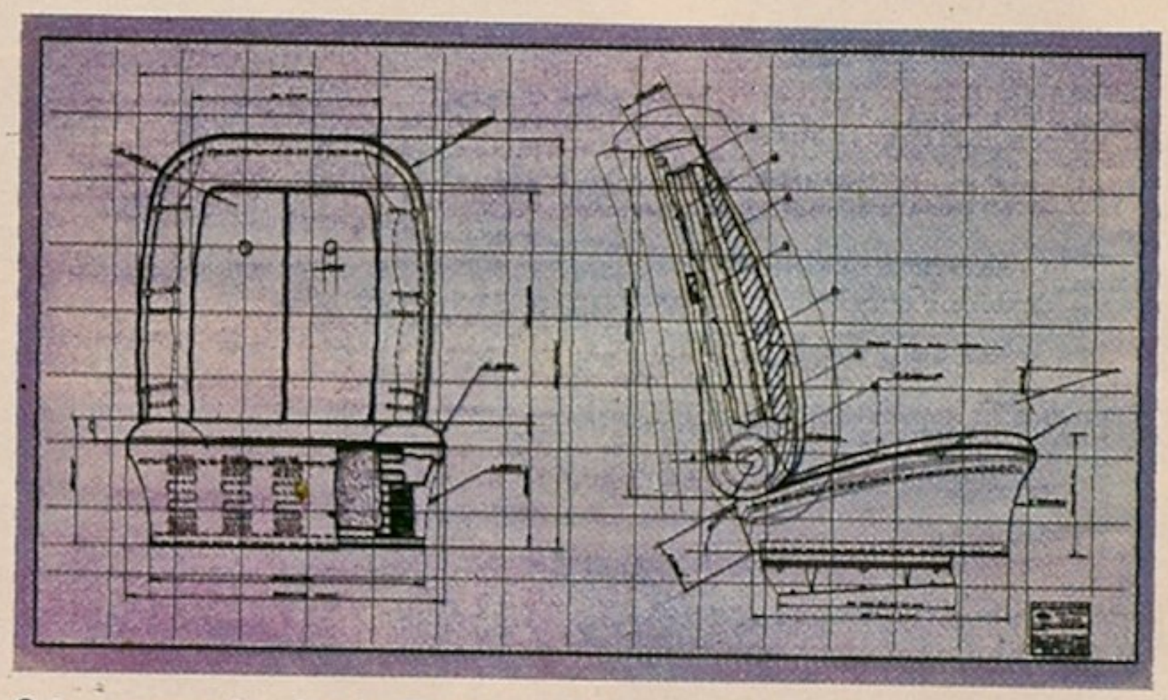
maior segurança e menor esforço, principalmente no trânsito intenso da cidade.

Segurança é uma qualidade que o Maverick tem de sobra

A carroceria monobloco de estrutura diferenciada é um dos pontos fortes do Maverick.
Ela impede danos na cabine, pois, em caso de choque, as extremidades se deformam absorvendo o impacto.
Os precisos freios de circuito duplo e a suspensão ao mesmo tempo estável e macia aumentam a segurança ao dirigir.

DE QUALIDADE, O MAVERICK MOSTRA.

Conforto para quem dirige, uma qualidade a mais.



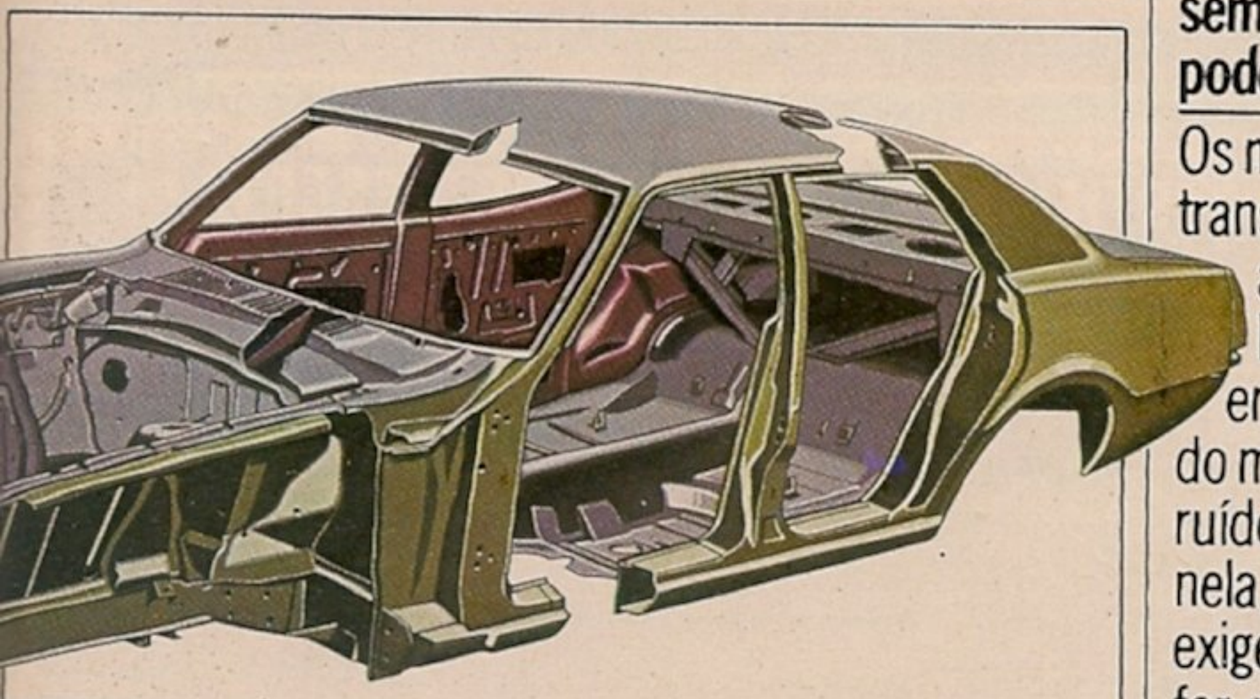
Só a engenharia da Ford poderia projetar bancos como os do Maverick: bancos que agarram seu corpo nas curvas e absorvem qualquer tipo de vibrações porque foram projetados para sentar e dirigir. A direção também é um conforto. O sistema de esferas recirculantes a torna tão leve que até parece hidráulica.

Mas a qualidade do Maverick não fica aí.

Ela aparece no acabamento interno, tão perfeito quanto o do melhor carro brasileiro. No cuidado que é dado à pintura externa e proteção da chapa. No sistema elétrico de circuito impresso. Na embreagem monodisco a seco, tipo "chapéu chinês", que dispensa regulagens freqüentes e dura muito mais. Na economia global que representa o baixo custo de manutenção do carro.

Mesmo quando você não percebe, o Maverick está sempre melhorando. Uma qualidade que não se pode deixar de destacar.

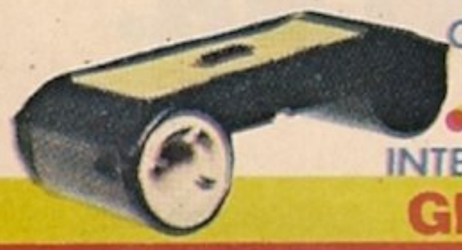
Os modelos 79, por exemplo, têm ignição transistorizada opcional, que proporciona maior eficiência ao sistema e ainda menor custo de manutenção. E oferecem a opção de ventilador do radiador com embreagem eletromagnética, que aumenta a potência útil do motor e a economia de combustível, e diminui o nível de ruído. Se você prefere ter qualidade em vez de ouvir falar nela, vá até um Revendedor Ford, faça perguntas, seja exigente. Quanto mais exigente você for, melhor para o Maverick.



Ford

FORD MAVERICK

COMPRE ESTA MÁQUINA E FOTOGRAFE JÁ !



COM A MÁQUINA VOCÊ RECEBE
- 1 FILME COLORIDO

INTEIRAMENTE
GRÁTIS !

VOCÊ RECEBE AINDA:
- 1 ALÇA PARA SEGURAR SUA MÁQUINA
- 1 LINDO ESTOJO PROTETOR DE PLÁSTICO

INTEIRAMENTE
GRÁTIS !

APENAS Cr$ 239,00

Somente a sonora põe mais fotos em sua vida !

A Sonora envia para você, da zona franca de Manaus, por apenas Cr$ 239,00, esta super máquina fotográfica Kodak Instamatic 11. Basta preencher o Certificado Especial de Reserva abaixo e enviá-lo pelo Correio. Em poucos dias você receberá, pelo Reembolso Postal, sua máquina, seu filme, a alça e o prático estojo protetor.

Agora, para você que já possui uma Máquina...

Tire as fotos que achar mais bonitas. Coloque o filme dentro de um envelope reforçado, juntamente com o Certificado Especial de Reserva, preenchido, e mande para os laboratórios da Sonora, que ela revela suas fotos. Se você mandar um filme, receberá outro grátis; se mandar dois, receberá dois, grátis, e assim por diante, a vida toda. Em poucos dias receberá pelo Reembolso Postal suas fotos reveladas, juntamente com o filme que a Sonora lhe deu e só então você vai pagar!

As super-cópias da Sonora são de tamanho 10 x 15 e sem margens. Se você fotografar com máquinas Instamatic, Tirateima, etc. e filme 126, receberá SUPER-TRICÓPIAS, três cópias pelo preço de uma - exclusividade Sonora.

O endereço da SONORA é C.Postal 822 - MANAUS - AM - CEP 69000

APROVEITE AS FACILIDADES DO ATENDIMENTO PERSONALIZADO !

Se você reside numa das cidades indicadas abaixo, traga o seu filme a uma de nossas lojas e receba, INTEIRAMENTE GRÁTIS, ao retirar suas cópias, tantos filmes quantos você está mandando revelar!

São Paulo	Av. São João, esquina c/ Aurora.
Salvador	Av. 7 de setembro, 1.027 - Mercês.
Recife	Rua do Hospício, 179.
Natal	Av. Deodoro, 614 - Cidade Alta.
Fortaleza	Rua Major Facundo, 365.
Belém	Rua Senador Manoel Barata, 763.
São Luís	Rua de Santana, 470.
Manaus	Av. Eduardo Ribeiro, 76.

••CERTIFICADO ESPECIAL DE RESERVA••

☐ SIM - Quero receber ___ camara (s) KODAK INSTAMATIC 11, pelo Reembolso Postal, com todas as vantagens oferecidas.

☐ SIM - Estou mandando ___ filmes para revelar, tendo direito, portanto, a ___ filmes GRÁTIS.

☐ SIM - Gostaria de receber maiores informações sobre o Sistema SONORA de filmes grátis.

PB-41

Nome _____

Rua _____ Nº _____

Cidade _____ CEP _____

Estado _____

1.300 NÃO MANDE DINHEIRO AGORA !

_____ ASSINATURA

As normas da casa: 20 minutos de descanso para cada 4 horas de volante. 7 horas de volante por jornada. Todo o resto do dia para descansar.

Recoste a cabeça na poltrona e descanse. O seu motorista descansou muito, antes de pegar no volante. E ainda terá um bom descanso, daqui a quatro horas. Por lei.

E esta é apenas uma entre as muitas normas criadas pelo Ministério dos Transportes, através do DNER, para fazer do ônibus o melhor carro da estrada. Tudo para você viajar com segurança. Para chegar pontualmente. No ônibus você tem conforto - a viagem é sempre agradável. Tão agradável quanto saber que custa pouco porque você está dividindo a gasolina com muitas outras pessoas.

E você dispõe de motorista particular, um verdadeiro mestre da estrada. Um profissional não apenas rigorosamente habilitado, mas também com o corpo e a mente em forma. Isto também está dentro das normas do

DNER que, para a sua maior tranqüilidade, exerce uma permanente ação fiscalizadora, para que essas normas sejam respeitadas, item por item.

Vá de ônibus. E boa viagem.

DNER

Departamento Nacional de Estradas de Rodagem.

Pegue tranqüilo o melhor carro da estrada.

DENSION

Para mim, a melhor hora para beber Marjolet é a hora que eu tenho vontade.

Marjolet. Só não combina com tristeza.

Candidata a chacrete não precisa de beleza. Para Chacrinha, "o importante é ser boazuda"

Aos 61 anos (há quem diga que são 62, ou 64), Chacrinha está com boa aparência, sua pele ainda é lisa, e a cabeleira branca é basta. Mas ele anda resmungando através da casa de 600 metros quadrados: "Eu fiz tudo isso para os filhos morarem comigo, mas os putos se mandaram".

Os palavrões não soam agressivos ditos por ele, talvez porque sua voz é velha conhecida de todo bom brasileiro. Afinal, são dezoito anos de palhaçadas em cinco emissoras de TV, sem contar outros quinze anteriores, em várias estações de rádio. Houve épocas em que ele passava até oito horas por semana nas salas de estar de milhões de brasileiros. Essa familiaridade pode provocar surpresas em quem o conheça pessoalmente, fora dos palcos. Uma delas é a de constatar que, vestido apenas com um minúsculo short que ressalta sua barriga de Buda, ele é muito menos o Chacrinha do que o pacato cidadão José Abelardo Barbosa de Medeiros, natural de Pernambuco, onde nasceu sob o signo de Capricórnio, no dia 20 de janeiro (de 1914? 1915? 1916? 1917?) e não na terça-feira 3 de outubro em que comemorou com os fãs o seu aniversário.

Sentado no sofá de veludo sintético da sala de TV de sua casa na Barra, ele explica, com ar sério, o misterioso "toque" que transforma o sisudo Abelardo Barbosa no galhofeiro Chacrinha: "Não sei se é alguma força superior... é alguma coisa que não sei explicar... só sei que só faço tudo aquilo, aquelas brincadeiras todas, quando sinto o 'toque' ".

Ele não sabe dizer também quando sentiu pela primeira vez a tal "força superior". Mas admite que foi muito tempo depois do início de sua carreira na Rádio Clube de Pernambuco, em 1939, onde conseguiu um emprego de locutor comercial — das 3 às 5 da tarde — para ajudar a custear seu curso de medicina. Estava no 3.º ano e nunca chegou a terminar o 4.º.

O emprego seguinte do jovem Abelardo foi como baterista do conjunto musical de um navio de passageiros. Era péssimo baterista, mas foi esse emprego que o trouxe para o Rio, ao final de sua única viagem como músico de bordo. Voltou a ser locutor, mas de um programa de música erudita na Rádio Ministério da Educação. Depois trabalhou na Rádio Vera Cruz, na Rádio Tupi e na Rádio Sociedade Fluminense, de Niterói, sempre como locutor e sem qualquer perspectiva de sucesso. Uma crise de sinusite o deixou desempregado e então, para sobreviver, fez uma porção de coisas:

— Fui secretário do Almirante — a "maior patente do rádio" —, trabalhei como contra-regra do programa de Paulo Gracindo e arranjei serviço também numa loja da rua Sete de Setembro, O Toalheiro.

— O que você fazia na loja?

— Eu ficava na calçada, de megafone na mão, apregoando as vantagens de comprar ali.

A barriga de Chacrinha se encolhe e depois se expande sob o short, quando ele ri de suas velhas recordações.

Logo chegamos a 1942. Após mais uma tentativa frustrada de se firmar como locutor comercial, surge a oportunidade que mudaria sua vida. O inseguro e insatisfeito Abelardo iria finalmente dar à luz o Chacrinha. O dono da Rádio Clube de Niterói, Souza Barros, deu-lhe um emprego como discotecário e ele se saiu tão bem que logo era o responsável por toda a programação da emissora. "Aí eu consegui convencer o homem a me dar um programa de carnaval tarde da noite, às 11, num horário em que naquela época só havia programas de boleros, poesias, coisas assim."

Acontece que os estúdios e transmissores da Rádio Niterói ficavam numa chácara da rua General Pereira da Silva. Daí o nome que Abelardo escolheu para seu programa: *Rei Momo na Chacrinha*. Um programa barulhento e animado, com fanfarras, batucadas e ruídos estridentes intercalando os discos de sucessos carnavalescos. Coisa bem diferente da sussurrante pasmaceira que todas as rádios costumavam transmitir no horário: "Eu apresentava o programa como se fosse um desfile de artistas ao vivo. E o pessoal passou a acreditar que era ao vivo mesmo".

A Rádio Clube de Niterói (hoje, Rádio Continental) tinha boa audiência naquele tempo, mas logo o programa de Abelardo estava entre os mais ouvidos. E continuou assim depois do carnaval, quando seu nome foi mudado para *O Cassino do Chacrinha*. "Os cassinos ainda funcionavam. Havia o cassino Atlântico, o Icaraí, o da Urca. Então, para o *Cassino do Chacrinha* eu mandei gravar um fundo com ruídos de copos, de conversas, de fichas de jogo... e o pessoal continuou achando que aquela coisa era de verdade, feita ao vivo."

Provavelmente foi então que Abelardo teve o seu primeiro "toque" decisivo de Chacrinha: passou a incluir também buzinas, campainhas de telefone, aplausos, vaias e muitas outras novidades exóticas no seu programa. E ao brigar com a Rádio Clube e passar para a Rádio Guanabara já havia conquistado o apelido que o acompanharia para sempre. Já era chamado de "aquele louco do Chacrinha". Passou também a fazer dois outros programas, na Rádio Nacional *(Tarde Dançante Melhoral* e *Noite Dançante Melhoral)*. A essa altura, aliás, os nomes dos programas que fizesse eram o que menos importava. Importante mesmo era o seu estilo, sua estudada e irreverente loucura.

Abelardo Barbosa, esse senhor idoso e sério sentado no sofá de sua mansão, assegura que, independente do êxito comercial de suas maluquices, elas o divertiam de fato. E até hoje o divertem. "A não ser quando doem tanto que eu não consigo rir." Ele dá um exemplo: "Na semana passada eu caí do palco em cima da platéia, onde estava apinhada uma porção de mulheres. Mergulhei e caí. E me machuquei todo. Doeu pacas, mas eu me mantive firme: não ri.

Há uma coisa que Abelardo Barbosa admite — sinta-se ou não sob o efeito do mágico "toque" do Chacrinha: a partir do momento em que trocou o rádio pela televisão, tendo assim de renunciar a uma parte de seus truques, um dos achados mais decisivos para essa nova fase de sua carreira foram as chacretes. No começo era ele mesmo que as selecionava, hoje é o filho Leleco quem se encarrega disso, mas seguindo o mesmo critério.

"Para mim, devido à longa prática, é fácil fazer esse trabalho: eu só dou uma olhadinha na candidata e já digo se ela serve ou não para chacrete."

Os atributos exigidos: em primeiro lugar, a moça tem de saber dançar, pois é exatamente isso o que fará a maior parte do tempo, em todos os programas. E em segundo lugar — condição fundamental — ela tem de

Cara e coragem.

Eis tudo que você precisa para exportar um bom produto.

EXPORTAR É O QUE IMPORTA

Com um volumoso pacote sob o braço, o caixeiro viajante brasileiro entrou na pequena loja de ferragens do interior do Paraguai e começou a falar do produto que pretendia vender.
Olhos arregalados, o paraguaio foi acompanhando os movimentos daquele homem que começava a montar à sua frente um carrinho de mão, desses usados em construções.
O caixeiro viajante era Paulo Matos, diretor comercial de uma empresa de porte médio da Bahia, a Cimba, que, decidido a exportar, saiu por aí batendo de porta em porta, sem qualquer experiência em mercado externo.
É ele quem fala:
"Achamos que exportar seria um excelente negócio, mas acabamos chegando à conclusão de que aquele negócio de só enviar folhetos não era lá muito prático.
Quando comecei minhas andanças pela América Latina, observei as exigências de cada mercado.
Chegando ao Brasil eu procurava adaptar os nossos carrinhos de mão àquelas exigências.
Só quando nosso produto já era conhecido, começamos a impor nossos padrões".
Hoje, com sua experiência, Paulo Matos acha que a exportação

é um negócio como qualquer outro: uma venda.
Só que no exterior.
"Nós brasileiros, de modo geral, temos o hábito de tornar a coisa enorme, espetacular. Não é nada disso. Exportar é o dia-a-dia. O cliente consome, você vai lá e vende de novo, até se chegar ao ponto em que seu produto é tão conhecido que você já pode ter um agente importador.
O Banco do Brasil dá o maior apoio do mundo, mas é preciso que o exportador saiba dizer o que quer.
Quando eu chego ao Banco do Brasil já sei o que quero e digo claramente: Olha aqui, eu preciso falar com estas pessoas, vocês podem me ajudar? Eles sempre podem.
O empresário estrangeiro vê logo que a gente não é nenhum aventureiro, pois afinal foi o Banco do Brasil quem nos apresentou".
Com o mercado fortemente assegurado na América Latina, a Cimba hoje exporta também para os EUA, Inglaterra, Alemanha e Austrália.
Exportar é o que importa.
Atenção, exportador.
Além dos incentivos oferecidos pelo Banco do Brasil, você agora pode contar com o Cheque-Ouro de Exportação, um novo instrumento para financiar a aquisição de produtos brasileiros pelos importadores.

BANCO DO BRASIL

Carteira de Comércio Exterior - CACEX
Exportação é mais empregos, exportação é mais produção, exportação é desenvolvimento.

Resplandecente de suor, a fã salta para o palco e rouba um beijo de cantor de balada

ter "um tipo de chacrete", a saber: busto volumoso, traseiro idem. "Pode até não ser bonita", esclarece o Chacrinha, "mas tem de ser boazuda." Rosely, por exemplo, que é uma das mais populares das chacretes atualmente, não tem um corpo tão bem feito como algumas de suas companheiras. Mas é "boazuda" e se impõe na base do charme e da simpatia.

E quanto à cor? Chacrinha afirma que, nesse aspecto, não faz discriminação, mas dá uma certa preferência às morenas: "Quer dizer... entre elas tenho mulatas, ruivas, louras. Mas a cor mais... é a morena. Porque ela dança com mais vibração do que as outras".

Chacrinha diz que sua larga experiência é que o levou a preferir as morenas. Garante que não se trata de paladar pessoal. E afirma que, além de dançarem com mais empolgação, as chacretes morenas são em geral mais "humildes, mais discretas e mais profissionais". "Em geral", acentua ele, lembrando em seguida que uma de suas melhores bailarinas é loura "e ainda por cima paulista." É que, segundo ele, a paulista não sabe sambar como a carioca. "Paulista dança mais discoteca..."

"É isso aí: tenho lá duas louras e as duas se chamam Sônia — a *Soninha Toda Pura* e a *Loura Sinistra*, que eu chamo de *A Mulher que Matou Dez*. Mas tenho também as morenas, que dançam muito, muito bem."

Todas as chacretes, sejam morenas, louras ou ruivas, ganham exatamente igual: Cr$ 600 por programa. E Cr$ 1 000 quando acompanham Chacrinha em shows pelo interior (ele chega a fazer até cinco shows desse tipo, por semana, em clubes, ginásios de esportes, feiras agropecuárias. Cobra de Cr$ 60 mil a 100 mil cada um e vai sempre acompanhado de um maestro e de cinco chacretes).

E candidata é o que não falta. Basta que a produção do programa anuncie que está precisando de novas chacretes, que logo se forma uma fila em busca da oportunidade. Ainda que elas saibam que nada ganharão enquanto estiverem ensaiando.

As chacretes formam um time numeroso, no qual, como no futebol, há também um "banco" de reservas. "Atualmente temos 36. Mas só umas 22 ou 23 estão em atividade comigo. Duas outras estão numa turnê com o Ivon Cúri, no Panamá. Outras duas foram para a França e tem cinco que estão fazendo shows em Caracas." Perguntamos ao Chacrinha se alguma de suas chacretes conseguiu fazer sucesso. Em sua resposta ele revelou ter um conceito muito peculiar sobre o significado da palavra sucesso. Lembrou que uma das moças, a Heli, é hoje dona de uma das "melhores boutiques de São Paulo, a Rive Gauche". Citou Marlene Morbeck, "que também já foi chamada de Loura Sinistra e que hoje é figurinista da Globo". E finalmente apontou Laís, "que hoje é esposa de Boni, o diretor da Globo", acrescentando: "Pode publicar o nome, que ela não se ofenderá".

Voltemos agora ao Teatro Bandeirantes, onde a "festa de aniversário" do Chacrinha está no auge. Os cantores convidados se sucedem e todos fazem o fiel exército delirar. O programa começou há quase duas horas, mas as chacretes permanecem enxutas e sorridentes em seus postos. E, de vez em quando, uma delas tem chance de fazer um solo, sambando ou travoltando na passarela que prolonga o palco. O público adora. Aliás, o público adora tudo, até mesmo o jurado que faz o papel de antipático e que é recebido com uma alegre vaia quando abraça o Chacrinha para lhe dar os parabéns. Nessa noite, dar os parabéns ao Velho Guerreiro é regra geral. E quando as palavras do homenageante são um pouquinho mais exageradamente elogiosas, a orquestra bem ensinada desfecha o refrão da marchinha "O cordão dos puxa-sacos". E o público adora.

"E agora vamos receber *os olhos que cantam!* Ricardo!"

Assim Chacrinha anuncia mais um jovem cantor de baladas, cabeludo e romanticamente pálido. E provoca um crepitar de gritinhos que se espalha como um rastilho ardente entre as mulheres da platéia. Ricardo parece saber o que o espera, quando se aventura, microfone em punho, até a passarela sitiada pelas fãs. Subitamente, uma delas, mulata gorducha, com as costas nuas resplandescentes de suor e maquilagem vermelha escorrendo pelo rosto, salta agilmente para a passarela e em dois passos alcança o cantor, afogando-o com um beijo. Parte da maquilagem vermelha está agora no rosto de Ricardo e é o próprio Chacrinha quem contém as investidas de outras fãs que também escalaram a passarela para demonstrar seu amor pelos "olhos que cantam". Vamos agora a mais um intervalo comercial: "Roda! Roda! Roda!"

Chacrinha diz que criou esse grito inspirado por Régis Cardoso, diretor de novelas da Globo, que costuma anunciar, durante as gravações: "Vai rodar (o vídeo-teipe), roda! roda!"

Mas, embora de vez em quando acrescente algumas inovações desse tipo, Chacrinha não está nem um pouco preocupado em bolar qualquer "reforma de base" para o seu programa. Por que haveria de se preocupar, se seu público continua fiel e ainda hoje pede que atire do palco pedaços de bacalhau, disputados alegremente, a unhadas e pescoções? "Vocês querem bacalhau?" "Quereeeemos!"

Ele lembra que a história do bacalhau surgiu porque, nos seus primeiros tempos na televisão, o patrocinador do programa eram as Casas da Banha, uma rede de mercearias do Rio, hoje transformadas em supermercados. "Eles não vendiam geladeiras nem televisões. Vendiam bacalhau, cebolas, batatas. Então era isso o que eu podia atirar ao povo." Aquela brincadeira do bacalhau consolidou em definitivo a imagem de cafona que Chacrinha já trouxera do rádio com suas buzinadas e gritarias. Provocou muitas críticas virulentas, acusações de que fazia aquilo para menosprezar o público. Mas não era, ele assegura. Jogava bacalhau porque achava divertido. E porque, afinal, o público adorava. A coisa pegou de tal forma que até hoje, nos shows que faz pelo interior, ele é obrigado a prosseguir jogando bacalhau. "E até aqui, na Bandeirantes, eu tive de voltar a jogar bacalhau. A pedidos."

Mas nem tudo o que ele inventou para agitar o programa dá sempre certo. Há um exemplo curioso de inovação fracassada que gosta de citar. Aconteceu quando estava na hoje extinta TV Rio. Teve a idéia de mandar colocar um balanço no auditório, para criar um clima de emoção, balançando-se sobre as cabeças das fãs. Sabia que todos esperavam que levasse um tombo no fim do espetáculo. Mas

"NÃO VIM PARA EXPLICAR...

A festa do Chacrinha está no auge: agora ele vai cair sobre um bolo com 61 velas acesas

não tentou forçar essa queda, "pois o povo percebe quando a gente faz uma coisa forçada". O tombo, porém, terminou acontecendo, de verdade. Ele não caiu sobre a platéia, mas sobre o palco. E o balanço, na volta, atingiu-o na nuca, deixando-o desacordado. "Nunca mais repeti aquela do balanço, é claro. E passei a tomar ainda mais cuidado com inovações!"

O que interessa de fato, para o Velho Guerreiro e seu fiel exército, é que, no geral, suas fórmulas de sucesso sempre deram certo. Afinal, como ele mesmo já afirmou, numa de suas frases mais badaladas, não veio "para explicar e sim para confundir". Ainda que os tempos sejam outros e que algumas coisas não funcionem como antigamente. Às vezes chegam a funcionar melhor. Como a sua fase atual na TV Bandeirantes, que ele considera uma das melhores de sua carreira, embora ganhe bem menos do que em outros tempos. Em 1972, na Globo, Chacrinha chegou a ganhar Cr$ 400 mil por mês. Hoje ele ganha Cr$ 150 mil, na Bandeirantes. Acontece, porém, que nos tempos da Globo ele fazia até quatro programas semanais, o que quase não deixava tempo para shows no interior, que hoje são sua maior fonte de renda. "E na Bandeirantes eu não sou cerceado", desabafa. "Toco sino, toco bacia, faço as loucuras que quero e ninguém intervém para censurar."

A censura — não a oficial mas a interna, da direção da emissora — foi a causa de sua saída da Globo ("os homens se reuniam e lá vinham com aquele tal de isto pode, aquilo não pode..."). Aceitou então uma tentadora proposta salarial da Tupi ("que acabei tendo de cobrar na Justiça"). E finalmente assinou, em julho, seu contrato atual com a Bandeirantes, por um ano e meio. Diz que agora está dando sorte até com a censura (não a interna, mas a oficial). É que, até bem recentemente, o rigor dos censores era tamanho que as câmaras nunca podiam mostrar as chacretes em close. Hoje podem, desde que não focalizem demoradamente "certos ângulos".

"É verdade que você está pensando em se aposentar quando terminar esse contrato com a Bandeirantes?"

Abelardo Barbosa é apanhado de surpresa e, instintivamente, leva o indicador da mão direita à boca e volta a ser o Chacrinha: "Ah, ah, ah... nada disso. Eu só pretendo largar a televisão no dia em que morrer. Aí eu largo, ah, ah, ah!"

"Roda, roda, roda." É quase meia-noite e o programa roda, roda, roda, no Teatro Bandeirantes. Dentro de instantes, Chacrinha vai se atirar sobre um enorme bolo de aniversário, com 61 velas acesas. Mas antes ele se dirige a seu fiel exército de fãs:

— Vocês querem que eu morra?
— Nãããão!
— Vocês querem que eu morra?
— Nãããão!

E ele vive.

AUTO-BAR o prazer portátil

Auto Bar é portátil e prático (mede 25x15x12cm) para levar seu drink onde você estiver com ela: no carro, no camping, na praia, no barco, no passeio, no motel, nas viagens. Já vem com garrafas próprias decoradas, porta-gelo e outros complementos. Você economiza não pagando o luxo cobrado por aí e tem a certeza de tomar seu legítimo Scotch. No melhor momento e no lugar certo, surpreenda-a com um drink.

Tenha também o seu Auto Bar. Recorte o cupom abaixo e remeta-o à Auto Bar - Rua Lutécia, 428 - Tel: 295-6215 - CEP 03423 - São Paulo
Não Mande dinheiro agora.

Aceitamos representantes.
Vendas em São Paulo.

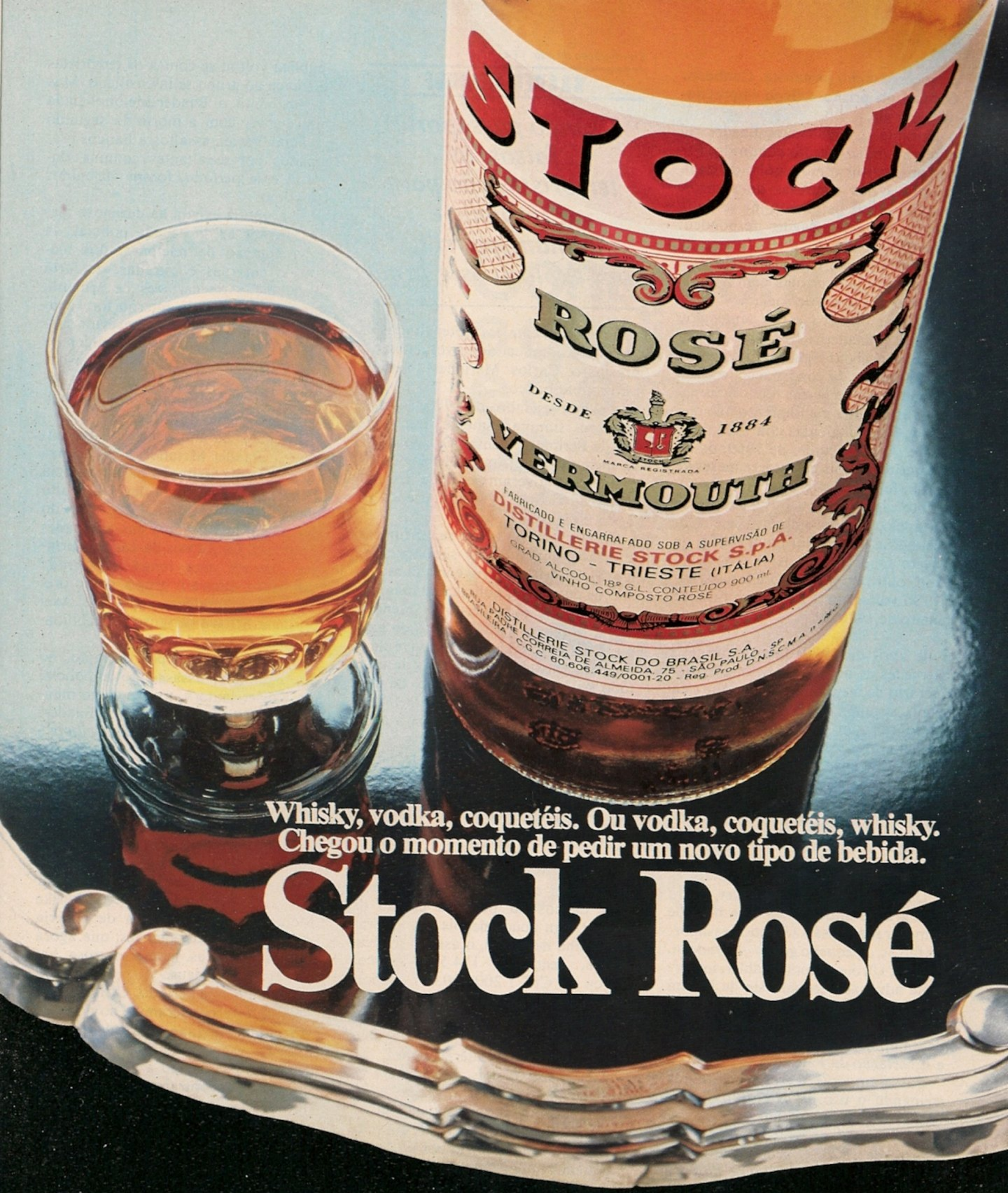
AUTO BAR
AUTO BAR
TO WORLD
BRAZILIAN REFINEMENT

À AUTO-BAR - Rua Lutécia, 428 - CEP 03423 - S.Paulo
Favor enviar-me pelo reembolso postal o Auto Bar pelo preço especial de promoção de apenas Cr$ 880,00 (Oitocentos e oitenta cruzeiros) cada.
PB - 12/78
NOME .....
RUA ..... N.º .....
CIDADE .....
ESTADO ..... CEP .....

MUITO SOL EM SUA VIDA COM PISCINAS FIBERLÍNEA

A Fiberlínea tem o que há de melhor em piscina de fibra de vidro para trazer muito prazer para você e toda a sua família.
E oferece também móveis para jardins e revestimentos em geral.

fiberlinea IND. COM. LTDA.
Rua Funchal nº 460 - V. Olímpia
Fones: 212 1810 - 212 1805



Esta bebida tem um raríssimo privilégio: é única. Stock Rosé. E os prazeres que oferece são exclusivos. Agrada a homens e mulheres. O sabor de Stock Rosé é diferente, suave. Um sabor que você procurou em tantas outras bebidas. Stock Rosé transmite aquela vontade de repetir. De viver novamente o sabor que você esperava. Stock Rosé. Muito mais que um Vermouth. O tipo de bebida que faltava.

STOCK

o processo como jornalista. Conheceu Gudrun na prisão e ficou impressionada por ela.

Durante o julgamento, Baader riu muito e fumou charuto comprido. Falou em destruir o monopólio do capitalismo e das empresas de seguros. Quando o juiz perguntou-lhe se tinha algo a declarar, Baader respondeu: "Não direi nada. Esta é a Justiça da classe dominante e, confrontado com uma Justiça que negocia com a injustiça, não desejo me defender".

A 31 de outubro, o juiz sentenciou Gudrun e Baader a três anos de prisão, por incêndio e ameaça à vida humana. Depois da condenação, o casal ganhou fama de heróis folclóricos entre os estudantes e a imprensa não deixou de fazer analogias com Bonnie & Clyde. A 13 de junho de 1969, os incendiários, depois de catorze meses de prisão, foram postos em liberdade enquanto aguardavam o resultado de seu apelo. Em novembro, o apelo foi rejeitado e se expediu nova ordem de prisão. Gudrun, Baader e Thowrald Proll, outro do grupo, foram para Paris. Só voltariam a Berlim no final de janeiro de 1970.

3 de abril de 1970. Baader dirige o Mercedes de um amigo pelo subúrbio operário de Neuköln. Percebe que está sendo seguido. Não sabia que fora traído por um informante infiltrado em seu grupo. Atrás do Mercedes, três carros sem chapas. Durante mais de uma hora, consegue mantê-los afastados. Quando um bonde pára, de repente, na sua frente, os três carros o cercam. Baader é preso. Seis semanas depois, fugiria da biblioteca do Instituto Alemão para Questões Sociais.

Depois de sua fuga, Baader sentiu uma grande impaciência. Era hora de começar sua missão. Usando passaportes falsos, o pequeno grupo — Gudrun, Baader, Ulrike e Horst Mahler, importante advogado esquerdista de Berlim — viajou para a Jordânia, onde foi convidado a participar de um treinamento de campo, pela Frente Popular para a Libertação da Palestina.

Passaram dois meses na Jordânia treinando o uso de explosivos, bombas e táticas de guerrilha.

Agosto de 1970. O grupo, autodenominado Exército do Povo, volta à Alemanha para atacar a sociedade e, se possível, destruí-la. Conseguiram bombas, dispositivos eletrônicos, documentos de identidade falsos, carros grandes e rápidos. Mas sua necessidade mais premente era obter fundos e, seguindo a tática do revolucionário brasileiro Carlos Marighela, decidiram roubar bancos.

Continuação da pág. 112

BAADER-MEINHOF

Usando passaportes falsos, os terroristas vão para a Jordânia e treinam guerrilha com explosivos e armas

A 29 de setembro de 1970, o grupo assaltou, simultaneamente, três bancos de Berlim Ocidental. Os agora treze membros do grupo, sete dos quais mulheres, obtiveram cerca de 220 mil marcos alemães (cerca de Cr$ 2 140 000,00)

Baader estava feliz: sua primeira atuação tinha sido um sucesso enorme. Mas o triunfo teria curta duração. A 6 de outubro, a polícia deu uma batida no seu esconderijo e prendeu Horst Mahler e quatro moças do grupo. Dois dias mais tarde, houve uma reunião, em que Baader teve de usar todo seu extraordinário poder de persuasão para impedir o desmembramento do grupo, abalado com a ação policial.

No inverno de 70/71, o grupo Baader-Meinhof já era composto de vinte e dois ativistas, procurados por roubos a bancos. Cinco mil policiais estavam atrás deles.

15 de janeiro de 1971. Já fora escolhido o novo alvo do Baader-Meinhof: dois bancos da pequena cidade de Kassel. Um pouco depois das 9 horas da manhã desse dia, o assalto foi realizado, rendendo 114 530 marcos (cerca de Cr$ 1 200 000,00). Depois desse roubo, Hans Dietrich Genseher, o ministro do Interior, ordenou uma enorme caça humana, para acabar com as ações do Baader-Meinhof.

Três meses depois, o saldo era de três membros do grupo presos e um morto pela polícia. A resposta logo viria: a 22 de outubro de 1971, um policial foi baleado e morto por um membro menos importante do grupo, o que atraiu para eles a acusação de assassinato. Dois meses depois, outro policial foi morto a tiros durante um assalto a banco em Kaiserslautern (que não foi praticado por eles). A opinião pública voltou-se contra os terroristas e a caça ao grupo se intensificou. Mas assim como o Baader-Meinhof nada tinha a ver com a morte do segundo policial, vários assaltos a bancos praticados por assaltantes comuns, durante esse período, foram atribuídos ao grupo.

O grupo já existia há dezenove meses. E, apesar da caçada policial, da interceptação de telefones, dos bloqueios em ruas e estradas, da farta distribuição de cartazes de procura, ninguém do círculo interno fora apanhado. Continuavam a conseguir simpatizantes e a atacar seus inimigos — o pior dos quais eram os jornais de propriedade de Axel Springer, um barão de idéias extremadas contra qualquer movimento de esquerda.

Durante seu ano e meio de existência, o Baader-Meinhof fora apenas uma pequena irritação para a polícia e sua ascensão à fama devia-se muito mais às reportagens de Springer do que à real importância das atividades do grupo. Os jornais da cadeia Springer fizeram uma longa e acirrada campanha contra o grupo, como pretexto para condenar tudo que Axel Springer achava perigoso à estabilidade da sociedade alemã.

O Bild Zeitung, por exemplo, no dia seguinte ao assassinato do policial em Kaiserslautern, trouxe como manchete da edição de Colônia: "Baader-Meinhof assassino!" *O Bild Zeitung* é o maior jornal alemão, vendendo cerca de 5 milhões de exemplares por dia. As reportagens sensacionalistas continuaram surgindo por todo o ano em que o grupo ficou na clandestinidade. O Prêmio Nobel de Literatura, Heinrich Böll, chegou a escrever na revista *Der Spiegel* que se deveria dar um salvo-conduto oficial a Ulrike Meinhof, para protegê-la da histeria de 60 milhões de alemães, que agora caçavam bruxas, como outrora haviam caçado judeus.

Durante esse período, Ulrike e seus seguidores esconderam-se no norte da Alemanha, enquanto Baader e Gudrun ficaram no sul. Ulrike e Baader separaram-se devido a uma briga. Os dois só se encontraram no começo de maio de 1972, quando Ulrike foi para o sul, a fim de discutir uma ação que atingiria o âmago do Estado alemão.

11 de maio de 1972. Uma série de quinze bombas explode por todo o país. Três delas destroem a entrada do clube de oficiais do V U.S. Army Corps, em Frankfurt. Ali, treze solda-

Conte com a qualidade e o avanço da tecnologia mundial.

Debaixo do seu carro, só amortecedores Monroe.

AMORTECEDORES
MONROE®
Garantia Mundial de Segurança
Fabricados há 60 anos em 14 países

Divisão da Tenneco Automotive TENNECO

Colucci & Associados

dos americanos ficam feridos e um tenente-coronel morre. O bombardeio é, segundo um manifesto, "vingança pelo dia em que os imperialistas americanos começaram os bloqueios contra o Vietnam do Norte".

12 de maio de 1972. Várias bombas explodem na chefatura de polícia de Augsburgo, ferindo cinco oficiais; um Ford explode num estacionamento da central de polícia criminal em Munique, destruindo sessenta carros.

15 de maio de 1972. Explode o carro da sr.ª Gerta Buddenberg, ferindo-a gravemente nas pernas; seu marido, um juiz federal, assinara a maioria dos mandatos de busca dos membros do grupo Baader-Meinhof.

19 de maio de 1972. Duas bombas explodem no banheiro do Edifício Springer, em Hamburgo. Dezessete empregados ficam feridos e Axel Springer, furioso, oferece uma recompensa de 2 milhões de cruzeiros pela captura dos membros do grupo.

24 de maio de 1972. Explodem mais bombas, em Heidelberg, na Sede das

BAADER-MEINHOF

Atiradores nos telhados, blindados nas esquinas: Baader está cercado e vai ser preso

Forças Americanas na Europa. Três funcionários americanos morrem. No dia seguinte, a represália. O ministro do Interior oferece uma recompensa de Cr$ 900 mil por informações referentes às bombas. Um exército de 150 mil policiais e funcionários são mobilizados para caçar os terroristas. As altas autoridades são colocadas sob proteção policial especial, bem como as instalações de Springer.

1.º de junho de 1972. A polícia esperava mais bombas para 2 de junho, quinto aniversário da morte do estudante Benno Ohnesorg. E teve sorte: dez dias antes, um homem procurou a comissão especial da polícia encarregada do caso Baader-Meinhof e contou que vários jovens haviam carregado cilindros de gás para uma garagem perto de sua casa, no norte de Frankfurt. A polícia foi lá e encontrou bombas e outros armamentos nos fundos da garagem. Os guardas colocaram substitutos inócuos no lugar dos explosivos, instalaram um aparelho de escuta e esperaram.

A garagem tinha sido alugada, por um jovem que se apresentara como Allermann. O dono da garagem contou que Allermann era um jovem "de aparência séria e vestido com elegância", que se harmonizava perfeitamente à vizinhança suburbana, onde eram apreciados os gerânios nas janelas e a paz. Allermann pagou o aluguel na hora e raramente era visto. O único detalhe que poderia atrair a curiosidade das fofoqueiras do lugar era o carro sempre parado, um Iso Rivolta. Com a aproximação do dia 2 de junho, policiais à paisana esperaram pacientemente em carros espalhados pelas vizinhanças e esquinas. Outros policiais emboscavam-se nos apartamentos do outro lado da rua. Estava armada a "Operação Garagem".

Grand Finale.

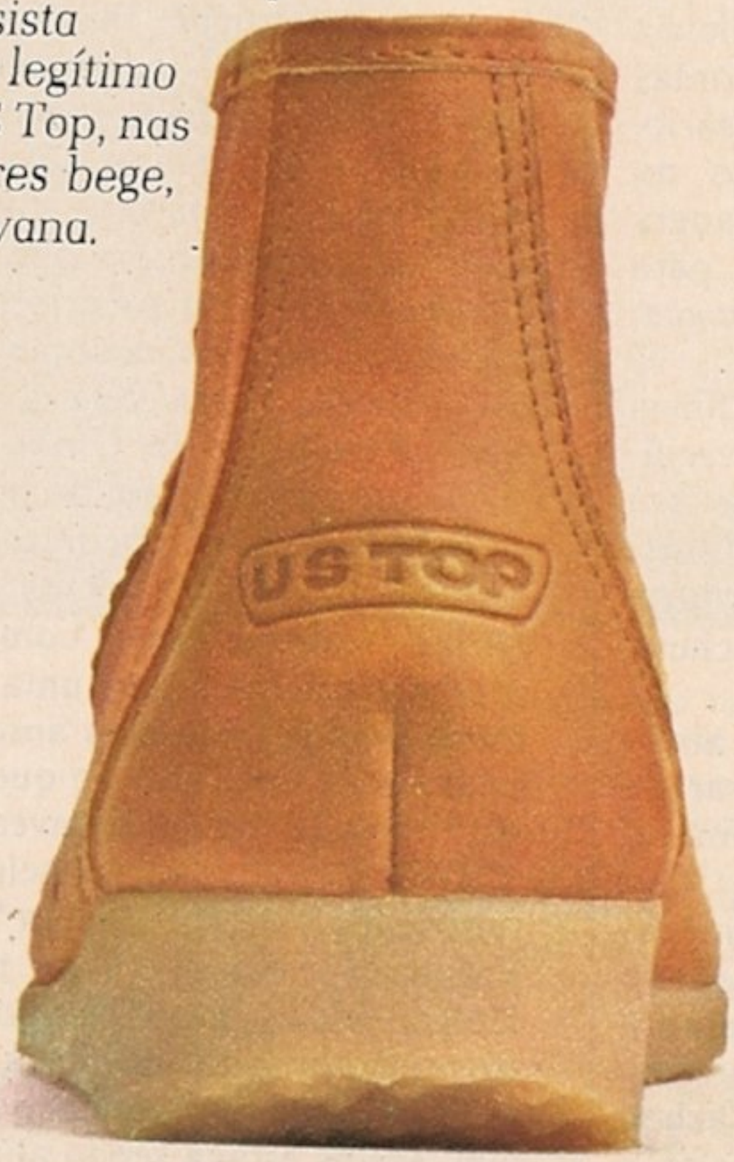
PROEME

Como manter a cabeça fresca:

1 *Cuide bem das suas bases. Entre num calçado leve, feito de couro bem macio. Cano alto ou cano baixo, tanto faz.*

2 *Pise no mundo mas com sola de borracha. É confortável como pisar num tapete bem macio.*

3 *Vá em boa companhia. Insista no legítimo US Top, nas cores bege, whisky e havana.*



4 *Volte. US Top agüenta essa volta.*

5 *Para não esquentar a cabeça, você precisa ter os pés num US Top. O único que combina com o seu jeito de viver. Peça um de presente.*

US TOP®

Jeans Camisas Calçados

Na manhã de 1.º de junho, um pouco antes das 6 horas, três jovens chegam à área vigiada, num Porsche Targa roxo. O carro vem devagar, ainda está bem escuro. Os homens no Porsche são Andreas Baader, Holger Meins e Jan-Carl Raspe. O carro pára, Baader e Meins descem e vão para a garagem. Raspe fica para trás. Estão confiantes em si, não se demoram em verificar os arredores e não vêem os atiradores de elite nos telhados, o forte esquema de carros blindados nas esquinas próximas e nem sequer dão atenção aos helicópteros sobrevoando a região.

Usando roupas à prova de bala, os policiais se aproximam. Baader e Meins, finalmente, percebem que algo está errado. Os dois viram-se rapidamente e correm para dentro da garagem, fechando as portas atrás deles. Mas Raspe foi muito lento. Vira-se e corre, atirando várias vezes, mas é agarrado por dois policiais que o derrubam. Outros deles cercam o Porsche e encontram, lá dentro, granadas de mão de fabricação doméstica e uma grande caixa de pólvora.

Apesar da hora, um grande grupo de espectadores reúne-se nos arredores. Num apartamento do outro lado da rua, uma equipe de televisão toma posição e filma tudo. (O filme, mais tarde, foi mostrado oito vezes por dia na TV alemã.)

O dia começa a clarear. Um capitão da polícia, segurando um megafone, grita: "Saiam um por um e nada acontecerá a vocês. Suas chances de escapar são nulas. Pensem nas suas vidas. Vocês são jovens, têm muito tempo para viver ainda. Não reajam". Mas de dentro da garagem não vem nenhuma resposta. O capitão fala até se cansar. A tensão aumenta. Mais ou menos às 6h30, a polícia leva um Audi até a porta da garagem e o deixa lá. Uma hora mais tarde, dois guardas, correndo em ziguezague, vão até lá e retiram o carro. Para surpresa de todos, a porta se abre. Uma verdadeira chuva de bombas de gás é lançada para dentro da garagem. Os dois terroristas acuados empurram as bombas para fora com tábuas. Baader, com a camisa aberta e óculos escuros, é visto dentro da garagem. Um cigarro Gauloise pende de sua boca, enquanto ele troca o pente de sua pistola. Do outro lado da rua, um atirador de elite faz mira, aponta e dispara. A bala ricocheteia e atinge a coxa de Baader. Gritando palavrões, ele se esconde no fundo da garagem.

BAADER-MEINHOF

A polícia mantém Ulrike numa cela solitária, com a luz sempre acesa e em silêncio total

Novos pedidos de rendição são feitos pelo megafone. Agora, as vizinhanças viram uma verdadeira frente de luta. Os tiros dos policiais são respondidos imediatamente pelos dos terroristas. Algumas horas mais tarde Holger Meins decide render-se: também fora atingido na coxa. Ele atira a pistola na calçada e a voz do megafone ordena: "Tire todas as roupas!" Meins sai da garagem, arrastando a perna ferida. Está só de cuecas e com as mãos sobre a cabeça. Dois policiais correm até ele, agarram-no e torcem seus braços atrás das costas. Meins grita de dor. Os policiais soltam-no e perguntam: "Quem está lá dentro?" Meins, numa careta de dor, responde baixinho: "Andreas!"

Dez minutos mais tarde, um feio carro blindado investe contra a garagem. Atrás dele, agachados e com metralhadoras na mão, uns dez oficiais da polícia, todos com roupas a prova de bala e máscaras contra gases. O carro entra na garagem, os policiais grudam-se às paredes, armas prontas para atirar. Mas não é necessário. Baader é encontrado estendido no chão de cimento. Sua coxa sangra muito, mas ele ainda tem forças para gritar, ao ser colocado numa maca: "Porcos! Vocês são porcos!"

Levado sob guarda para a Clínica da Universidade de Frankfurt, verificou-se que ele perdera 40% do seu sangue: foi salvo por uma transfusão. No dia seguinte, o jornal *Frankfurter Allgemeine* dava como manchete: FINALMENTE, UM SUCESSO.

Mas a guerra contra o terror ainda estava longe de seu fim. Apesar de mais alguns êxitos da polícia: uma semana depois da prisão de Baader, Gudrun foi detida quando fazia compras numa butique de Hamburgo. Resistiu à prisão, mas foi só. Com a captura de Baader, perdera o gosto pela revolução. Na sua bolsa, a polícia achou um revólver, uma identidade falsa e recortes de jornal sobre Baader.

Faltava Ulrike. Mas a polícia conseguiu informações sobre o paradeiro dela por intermédio de um jovem professor esquerdista, ex-simpatizante do grupo, que considerava a ação deste danosa para a evolução política do país. A polícia foi ao apartamento de Ulrike em Hannover. Ao abrir a porta, foi agarrada pelos guardas. Lutou bastante mas foi dominada. No apartamento, três pistolas de 9 mm, uma bomba de fabricação caseira, caixas de cartuchos e documentos falsos. Baader, Gudrun e Ulrike foram colocados em prisões separadas. Gudrun foi transferida de prisão para prisão e acabou em Essen. Lá, começou uma greve de fome contra uma investigação feita para descobrir se seu advogado levava cartas suas para Ulrike. Baader, que estava na prisão Sohwalmstadt, em Düsseldorf, desaprovou a manobra de Gudrun, porque prejudicava a sua capacidade de pensar com clareza.

Ulrike ficou confinada na prisão Ossendorf, em Colônia. Foi mantida numa seção chamada "a ala silenciosa", onde passaria 231 dias em confinamento solitário, numa cela toda pintada de branco luminoso com uma lâmpada de luz fria sempre acesa e uma janela sempre coberta. A cela de Ulrike era virtualmente à prova de som. Os oito meses de confinamento fizeram muito para enlouquecê-la.

13 de setembro de 1974. Por muito tempo as autoridades da Alemanha Ocidental insistiram em dizer que Ulrike, Baader e seus companheiros não estavam sendo mantidos em condições rigorosas. Mas os advogados de Ulrike descobriram uma carta do diretor da sua prisão em que ele dizia: "Como se sabe, a prisioneira Ulrike Meinhof é mantida na seção de exame psiquiátrico, numa cela à prova de som". Pouco depois, Ulrike foi transferida para outra parte da prisão, sendo-lhe permitido encontrar-se com Gudrun Ensslin. A 13 de setembro, Ulrike exortou seus companheiros presos para iniciarem uma greve de fome, pois já fazia dois anos que eles estavam na condição do que a lei alemã chama de "detenção investigativa".

Trinta e nove prisioneiros juntaram-se à greve, sob o lema "Força da Fraqueza". No dia 9 de novembro, Holger Meins, com 33 anos, morreu na prisão-hospital devido a uma "parada cardíaca", segundo o laudo oficial. Meins estava sendo alimentado à força há cinco semanas.

Há relógios que marcam apenas o tempo.
Universal Genève marca uma vida.

Um relógio perfeito tem que ter um passado honroso.
Universal Genève faz parte da própria tradição de Genève, desde 1898.

Sua concepção é tão fora de série que ele é considerado o melhor relógio suíço, na opinião dos próprios suíços.

Sua fabricação é minuciosa, quase artesanal.

É por isso que cada modelo Universal Genève tem o refinamento de uma jóia e a dignidade de uma obra de arte.

Se você faz da perfeição a marca de sua personalidade, escolha Universal Genève.

O relógio que marca com classe todo o tempo de sua vida.

UNIVERSAL GENEVE

ITP

5 de fevereiro de 1975. A greve de fome termina. Ulrike diz: "Nossas vidas são agora nossas únicas armas". Mas a greve de fome e os longos confinamentos tinham deixado suas marcas. Os três estavam agora numa prisão só, a Stammheim, em Stuttgart.

27 de fevereiro de 1975. Peter Lorenz, o candidato democrata-cristão a prefeito de Berlim Ocidental, é seqüestrado pelo Movimento Dois de Junho. As condições para sua libertação vieram numa carta: anulação das sentenças contra os manifestantes que protestaram contra a morte de Holger Meins, libertação de seis companheiros, imediato cessar-fogo por parte da polícia, fim das buscas e dos cartazes de procura.

O governo cedeu. Cinco terroristas, cada um com 20 mil marcos (cerca de Cr$ 200 mil) foram de avião para Aden, no Oriente Médio. Horst Mahler recusou-se a ir. À meia-noite do dia 4 de março, Peter Lorenz foi libertado, ileso, num estacionamento de Berlim Ocidental.

25 de abril de 1975. Pela manhã, nove dos prisioneiros do Baader-Meinhof queimaram seus papéis e juntaram suas coisas. "Eu vou embora hoje", disse um deles a seu carcereiro. Era uma quinta-feira fria e chuvosa. Às 11h30, seis jovens fortemente armados invadiram a embaixada alemã em Estocolmo. Pegaram doze reféns e exigiam a libertação imediata dos 26 prisioneiros.

Desta vez, o chanceler alemão Helmut Schmidt rejeitou as exigências. Em troca, os terroristas mataram os adidos militar e econômico. A polícia sueca atacou-os com gás, mas, pouco antes da ofensiva policial dar qualquer resultado, uma terrível explosão destruiu o terceiro andar. Partes do teto desabaram e todas as janelas voaram em pedaços. O arsenal dos terroristas explodira acidentalmente, matando um deles e um dos reféns. Os outros terroristas sobreviveram e foram presos.

21 de maio de 1975. Foi essa a data marcada para o julgamento dos membros do Baader-Meinhof. Chegou-se a construir um novo tribunal, num campo de beterrabas, perto da prisão de Stammheim; o lugar, de aço e concreto, tinha um sistema de defesa contra ataques aéreos, dispositivos de escuta ao redor, circuito fechado de televisão. Como se não bastasse, as ruas

BAADER-MEINHOF

Para julgar o grupo terrorista, um tribunal à prova de ataques aéreos e de atentados

próximas eram guardadas por 500 homens em tanques, carros de patrulha e motos. Os cinco juízes (não há julgamentos com júri na Alemanha), os réus e as testemunhas iriam sentar-se atrás de vidros à prova de balas.

Esperava-se que o julgamento fosse durar dois anos. Os autos da acusação tinham 354 páginas e a sentença mínima seria a prisão perpétua, pelo que se dizia. Três advogados de defesa foram afastados do julgamento por serem suspeitos de cumplicidade nas atividades de seus clientes; outros três advogados desapareceram na clandestinidade, devido a ações legais contra eles. A menos de um mês para início do julgamento, a Corte apontou novos advogados de defesa — nenhum dos quais tinha trocado uma palavra com os réus nem lido os documentos coletados pela acusação. O cenário estava montado para o que um advogado chamou de "triste e vergonhoso circo legal". No tribunal inviolável, os prisioneiros sentaram-se num banco, vestindo suéteres pretos e jeans. Baader tinha a pele amarela. De vez em quando, xingava os juízes. Gudrun, com o cabelo mal cortado, estava abatida e desfigurada. Soltava gritinhos, às vezes, sem nenhum sentido aparente. Ulrike, com o cabelo numa trança sobre o ombro, olhava para a sala com ar vago e desinteressado.

O julgamento seria realizado apenas por três horas diárias, mas Ulrike reclamou que não poderia concentrar-se por tanto tempo. Meses depois, no fim do verão, após muita crítica ao governo devido ao estado em que se encontravam os prisioneiros, quatro professores de medicina — indicados pela Corte — concordaram unanimemente que eles estavam capacitados para se submeterem ao julgamento "só numa base limitada" e que tinham "necessidade de tratamento". O parecer dos especialistas veio na hora certa: os ouvidos de Baader zuniam e ele tinha perdido 21 quilos. Ulrike tinha dificuldades com articulação, concentração e não reconhecia o que a cercava de longe. Gudrun, por sua vez, estava com pressão baixíssima e perdera 13 quilos.

A decisão do juiz Prinzing, presidente da Corte, foi adiar o julgamento por uma semana e prosseguí-lo sem os réus. Dias mais tarde, sob uma avalancha de críticas, o juiz Prinzing pediu sua demissão. Mas, nesta altura, ninguém acreditava mais na imparcialidade da Corte.

8 de maio de 1976. O julgamento continua. Ulrike Meinhof encontra-se, pela manhã e à tarde, com Gudrun, Jan-Carl Raspe e Baader. O dia está quente e Ulrike não comparece ao período de exercícios. Recolhe-se à noite após o jantar e escreve à máquina, sem parar, a não ser para um breve diálogo com Gudrun, que a foi visitar na cela.

Na manhã seguinte, o policial do serviço abre a cela na hora de sempre, 7h34. E encontra Ulrike morta, enforcada. Seu corpo pende de um travessão da janela; ela está ajoelhada sobre uma cadeira, com a cabeça caída, olhos abertos e arregalados. Não deixou nota alguma.

Uma semana mais tarde, Ulrike é enterrada no cemitério protestante da Igreja da Santíssima Trindade, em Berlim. Sua mãe e suas filhas não estiveram lá, mas outras 4 mil pessoas lotam o cemitério, carregando faixas e distribuindo panfletos, entre eles o que diz: "Ulrike Meinhof morreu: salvemos os vivos".

O julgamento continua. Já está no vigésimo segundo mês. Em março de 1977, os advogados de defesa descobrem que suas conversas com os réus estão sendo gravadas. Um dos juízes se demite, Baader faz nova greve de fome. O povo alemão já não segue o julgamento como antes. Mas uma nova tragédia abala a Alemanha e faz o caso voltar às manchetes.

7 de abril de 1977. Siegfried Buback, promotor-geral da Alemanha, o homem encarregado de toda a acusação do caso, está indo para o trabalho, no seu Mercedes. Ele mal percebe que vai ser ultrapassado por dois jovens em motocicletas Suzuki idênticas. É morto a rajadas de metralhadora, juntamente com o motorista e um guarda-costas. A responsabilidade do crime é assumida por um "Comando Ulrike Meinhof".

Parecia haver um novo grupo de terroristas em operação. Seguem a

Nada como ser amigo de Old Parr...

o whisky de maior distinção

Madurecido e engarrafado na Escócia por
Macdonald Greenlees Ltd., Destiladores, Edimburgo, Escócia.

ENTRE NUM ALFA ROMEO'79. A GTV É A ÚNICA CONCESSIONÁRIA QUE TEM CONDIÇÕES PARA VOCÊ CONCRETIZAR ISSO.

A linha Alfa Romeo 79, TI e B, traz uma nova versão de cores. A GTV aproveita para lançar a sua nova versão de condições.

Condições que aliadas ao atendimento e assistência técnica da GTV, vão fazer de V. um feliz proprietário do melhor veículo brasileiro.

GTV Gran Turismo Veículos S/A.
Rua Teodoro Sampaio, 653
Tels.: 280-4975 - 282-5954

Themag

orientação do Baader-Meinhof, embora sejam seis anos mais novos e de um nível social mais alto. Três semanas mais tarde, em Stuttgart, o julgamento chega ao fim. Andreas Baader, Gudrun Ensslin e Jan-Carl Raspe são condenados à absurda pena de prisão perpétua mais quinze anos, devido ao assassinato de quatro funcionários americanos, cumplicidade em 34 tentativas de assassinato e por formarem uma associação criminosa.

30 de julho de 1977. O dr. Jürgen Ponto, gerente do Dresdener Bank, o segundo do país, é assassinado em sua casa de Frankfurt. Entre os assassinos está Susanne Albrecht, de 26 anos, uma das melhores amigas de sua filha e sua própria afilhada. Explicando suas ações, ela diz: "Estou cansada de me empanturrar com champanha e caviar".

Vários dos mais importantes líderes industriais da Alemanha vão ao enterro de Ponto. Quando tudo termina, o dr. Hans Martin Schleyer, presidente da Federação das Indústrias, vira-se para os amigos e comenta: "É quase certo que a próxima vítima do terrorismo esteja nesta sala, agora".

5 de setembro de 1977. É uma segunda-feira; após um dia atarefado, Schleyer volta para seu apartamento, em Colônia. Está aparentemente seguro, no seu Mercedes, seguido por outro carro com três guarda-costas. Os dois carros entram numa rua de mão única. De repente, uma mulher empurra um carrinho de bebê para o meio da rua. O motorista de Schleyer dá uma guinada e breca. O carro dos guarda-costas bate com o Mercedes. Uma perua Volkswagen se aproxima, devagar. Parece apenas procurar uma passagem, mas subitamente cinco terroristas pulam dela e varrem o carro de trás com metralhadoras portáteis, matando os guarda-costas. Um outro terrorista acerta um tiro na cabeça do motorista de Schleyer.

Este é arrastado para fora do carro, enfiado dentro da perua à força. O carro dá marcha à-ré e foge. Tudo durara 9 segundos. Única testemunha: um menino de 10 anos, que achou que estavam fazendo um filme.

Os terroristas exigem a libertação imediata de Baader, Gudrun e nove outros membros do grupo, cada um com cerca de 43 mil dólares na mão. Enquanto isso, Baader, em Stammheim, pede paciência aos companheiros e espera. As condições da prisão

BAADER-MEINHOF

Os guarda-costas do industrial Schleyer são eliminados em segundos. Agora ele está à mercê dos seqüestradores

haviam melhorado bastante: as celas aumentaram, foi instalado um pequeno ginásio e há privilégios extras como vitrolas, livros e revistas. O seqüestro de Schleyer faz voltar o confinamento solitário. Nos dias 5 e 6 de setembro, 24 agentes da polícia especial revistam o sétimo andar de Stammheim. Não encontram nada. Stammheim continua sendo, como diz um alto funcionário do ministério da Justiça, o dr. Traugott Bender, "a prisão mais segura do mundo".

O tempo foi passando, sucessivos prazos finais iam e vinham, Baader e seus companheiros se desesperavam. Até que não se teve mais notícia dos seqüestradores, durante 5 semanas.

13 de outubro de 1977. O vôo 181 da Lufthansa decola de Palma de Maiorca à tarde com uma tripulação de cinco pessoas e 81 passageiros. Quarenta minutos depois, dois homens tiram revólveres de suas botas e duas moças empunham granadas. Elas dão cobertura, enquanto os dois vão até a cabine e assumem o controle do avião. O líder, que se chamava Mahmoud, diz que seu movimento "quer combater as organizações imperialistas do mundo todo" e exige a libertação de todos os presos políticos da Alemanha. Se não atenderem suas exigências, ele explodirá o avião com todas as pessoas a bordo, à meia-noite de domingo.

O governo de Bonn opta por ganhar tempo. Durante 72 horas, o avião voa sem rumo pelo Oriente Médio. Aterrissa finalmente em Aden, para reabastecer; ali, executam o piloto Jürgen Schumann. Na manhã de 17 de outubro, o avião — dirigido pelo co-piloto — pousa em Mogadíscio, na Somália. Mahmoud amplia o prazo por mais dez horas e meia, tempo que considera suficiente para Baader e seus companheiros voarem de Stuttgart para Mogadíscio.

Enquanto isso, o chanceler Schmidt aprova o uso de um grupo especial, chamado Grenzschutzgruppe-9, ou GSG-9, um comando de elite formado depois do massacre de Munique, nas Olimpíadas. Os sessenta homens do GSG chegam a Mogadíscio à noite, para cumprir a primeira missão alemã em solo estrangeiro desde a Segunda Guerra Mundial, a "Operação Fogo Mágico".

Às 2h da manhã, os sessenta homens cercam o avião. Instantes depois, irrompem pelas saídas de emergência, atirando granadas de concussão na primeira classe, onde os terroristas tinham se reunido. Em poucos segundos, os comandos matam três terroristas e ferem gravemente mais um. Sete minutos depois do início da Operação Fogo Mágico, todos os passageiros estão a salvo no aeroporto. O terror falhara de novo na confrontação com Schmidt.

Às 7h30 da manhã seguinte, menos de oito horas depois de Schmidt ouvir as notícias do sucesso da Operação Fogo Mágico, os guardas do sétimo andar de Stammheim abrem a cela de Andreas Baader, número 719-720. O líder do mais famoso grupo terrorista do mundo está estendido de costas no chão, numa poça de sangue, com os óculos escuros pendendo de sua orelha esquerda. Os policiais arregalam os olhos ao perceberem outros detalhes: três balas no chão — uma ensangüentada perto do corpo, outra perto do colchão e uma terceira perto dos pés. Baader está morto. Baleado na nuca, com uma pistola Heckler-Koch 7.62 mm. A arma está ali, perto do cadáver.

Na cela de Gudrun Ensslin, outra cena trágica. Encontram-na enforcada, pendendo de um travessão da janela da cela, com um pedaço de fio de vitrola enrolado duas vezes no seu pescoço. E Jan-Carl? Baleado acima da orelha direita; ainda vivo ao ser encontrado pelos guardas, mas morreria no hospital antes da meia-noite. Irmgard Möller, outra do grupo, levara várias punhaladas no peito. Levada rapidamente ao hospital, conseguiu sobreviver. O chanceler Helmut Schmidt ordenou uma investigação imediata. O chefe da segurança da prisão, Hans Nusser, foi demitido e o magistrado que chamara Stammheim de a prisão mais segura do mundo foi forçado a renunciar.

O governo procurou neutralizar as acusações que surgiram imediatamente, ao saber da morte dos três na prisão, em celas revistadas diariamente, sob uma preocupação obsessiva com

Benson & Girvan. O whisky menos vendido neste país. Produção limitada.

a segurança. A opinião pública duvidou, imediatamente, da versão oficial de suicídio... Um grupo de médicos foi trazido da Suíça, Áustria e Bélgica, para auxiliar nas autópsias. Concluídos os exames, estes médicos, presumivelmente imparciais, concordaram em que Baader, Gudrun e Raspe haviam se suicidado. Enquanto isso, as investigações nas celas mostraram, de acordo com um porta-voz, que havia dois buracos secretos nas celas de Baader e Raspe. Um deles, poderia conter uma pistola. O segundo tinha elementos elétricos que, reunidos e ligados ao termostato da cela, faziam um eficiente telégrafo. Em outra cela, foram encontradas mais duas armas, 670 g de dinamite e uma quantidade de nitrato de amônia.

Raspe conseguia, ao que parece, transformar seu rádio portátil num microfone e, por esse engenho, é que

BAADER-MEINHOF

O guarda abre a cela e encontra Ulrike: seu corpo pende de uma barra da janela

todos os terroristas teriam sabido do fracasso do seqüestro de Mogadíscio.

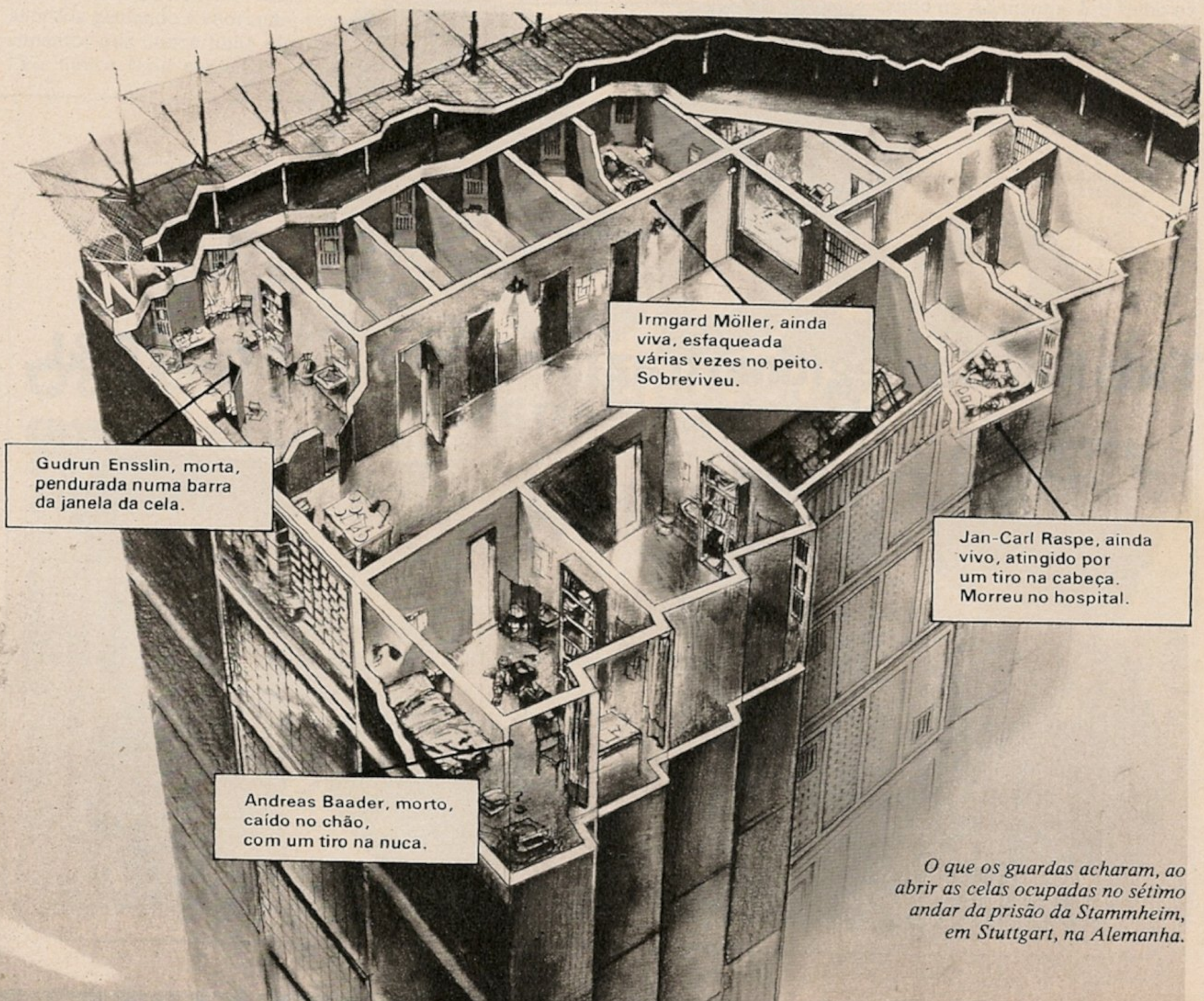
O governo ainda estava na defensiva. Schmidt declarou: "Palavras me faltam diante desse círculo de violência e morte..." O presidente da Alemanha Walter Scheel falou na televisão para pedir a libertação de Schleyer. Mas este já estava morto.

19 de outubro de 1977. Uma mensagem terrorista é recebida pelo jornal de esquerda de Paris, *Libération:* "Depois de 43 dias, pusemos fim à miserável e corrupta existência de Schleyer. Sua morte não está à altura do nosso desgosto e cólera pelas matanças de Mogadíscio e Stammheim. Schmidt pode encontrá-lo na rua Charles Péguy, em Mulhouse. A batalha apenas começou".

A polícia encontrou o corpo de Schleyer no porta-malas de um Audi, na cidade de Mulhouse, na Alsácia, a poucos quilômetros da fronteira alemã. Usava as mesmas roupas do dia do seqüestro e fora morto com um tiro na cabeça.

27 de outubro de 1977. Andreas Baader, Gudrun Ensslin e Jan-Carl Raspe são enterrados numa tumba comum, no pequeno cemitério de Waldfried-

7h30 da manhã, 18 de outubro de 1977

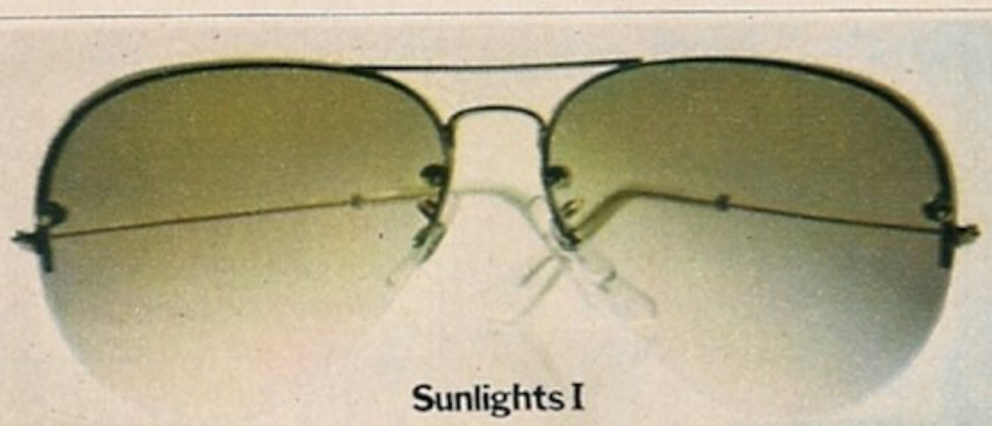


O que os guardas acharam, ao abrir as celas ocupadas no sétimo andar da prisão da Stammheim, em Stuttgart, na Alemanha.

Fique de olho.

MacArthur

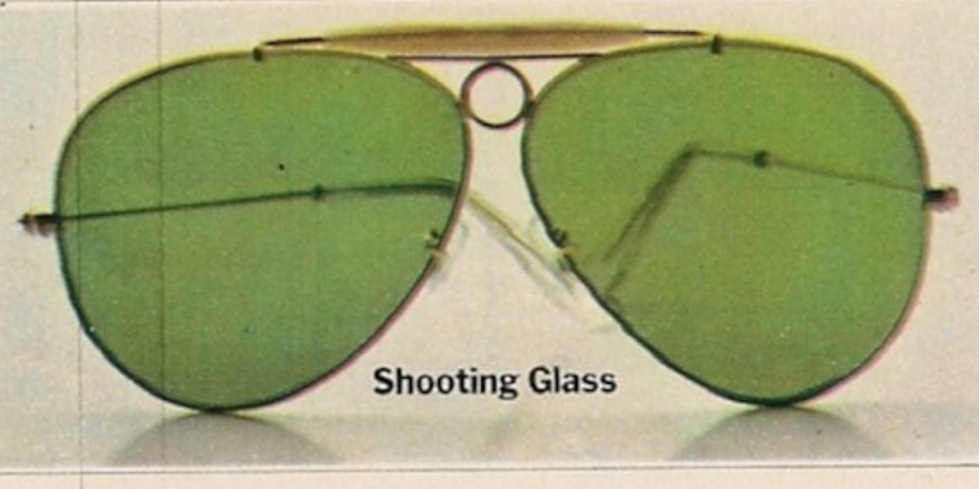
Todo Ray-Ban legítimo traz nas lentes as iniciais B&L, além de um selo adesivo.



Sunlights I

Sunlights II

Caravan



Shooting Glass

Linha Ray-Ban metal da BAUSCH & LOMB

hof, em Stuttgart. Os moradores do local reclamam, alguns até querem que seus corpos sejam jogados nos esgotos da cidade. Quase mil policiais com metralhadoras guardam o cemitério. Os três caixões de pinho, muito simples, são carregados através da multidão. Ouve-se um grande clamor de desafio. Manifestantes encapuzados mostram cartazes, onde se lê: "Gudrun, Andreas e Jan foram torturados na cadeia. A luta continua!" Quando os caixões são, finalmente, baixados ao túmulo, os mil participantes da manifestação erguem seus punhos em saudação. Andreas Baader estaria muito satisfeito com aquilo. Mas não queria morrer. À morte faltava brilho.

Irmgard Möller, a única sobrevivente, recuperou-se dos ferimentos e declarou que nunca tentara suicídio. Passara a maior parte da noite lendo à luz de velas. Pouco antes das 4h da manhã, ouviu estalos no chão ou estouros de lâmpadas, não tinha certeza, pois eram sons baixos. E, então, perdeu a consciência. Mais tarde, acordou gemendo e chorando, com ferimentos que nunca tinha visto antes: "Eu nunca teria cometido suicídio",

BAADER-MEINHOF

Andreas, o subversivo mais procurado da Europa "se suicidou" com três tiros, sendo um na nuca

disse ela. "Há sempre uma maneira de continuar lutando."

Após a morte de Schleyer, o governo fez uma caçada-monstro aos terroristas, adotou novas medidas legais para combate ao terror e aprovou verbas adicionais para a segurança interna. Tais medidas pouco fizeram além de exagerar o poder da polícia. A nova facção do Exército Vermelho, após a morte de Baader, ameaçou explodir aviões, o que não aconteceu. Em novembro, foi seqüestrado o milionário Michael Palmers, libertado em troca de um alto resgate.

A Alemanha continua em estado de alerta. Instigado pela imprensa radical de direita, principalmente a cadeia de Springer, o governo criou decretos nada liberais dentro de um forte sistema repressivo, querendo tratar o caso Baader-Meinhof como uma aberração. Mas Baader foi uma aberração bem alemã. Que produziu, devido à ação de uma imprensa sob as ordens de uma ideologia direitista, uma redução dos direitos civis no país.

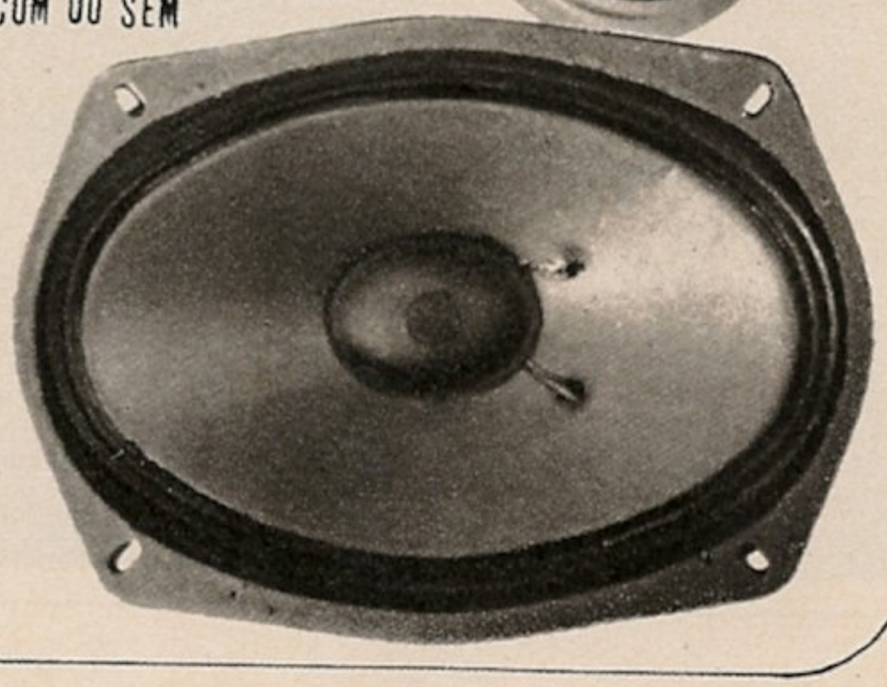
Há dois traços distintos e separados no caráter alemão. Um, imaginativo, romântico, até tirânico. O outro, dócil, sóbrio, disciplinado. Os alemães nunca foram capazes de conciliá-los. Andreas Baader foi um sintoma dessa esquizofrenia. Não foi a causa. Apenas refletiu-a. Foi extirpado, mas a dualidade permanece, produzindo discórdias e desordem. Ou como disse Otto Schily, um dos mais importantes defensores dos direitos civis na Alemanha Ocidental: "Você pode colocar a casa em ordem *ad infinitum*, varrendo o terrorismo e a repressão para debaixo do tapete. Isso não ajudará. Há um novo nazismo crescendo na Alemanha. E o velho nazismo ainda não morreu".

PAGODÃO

O alto-falante que desafia qualquer amplificador para automóvel.

Até mesmo o novo Pagoda de 70 W

SÉRIE 40 WATTS - 6' - 8' E 6 X 9" - COM OU SEM DIFUSOR

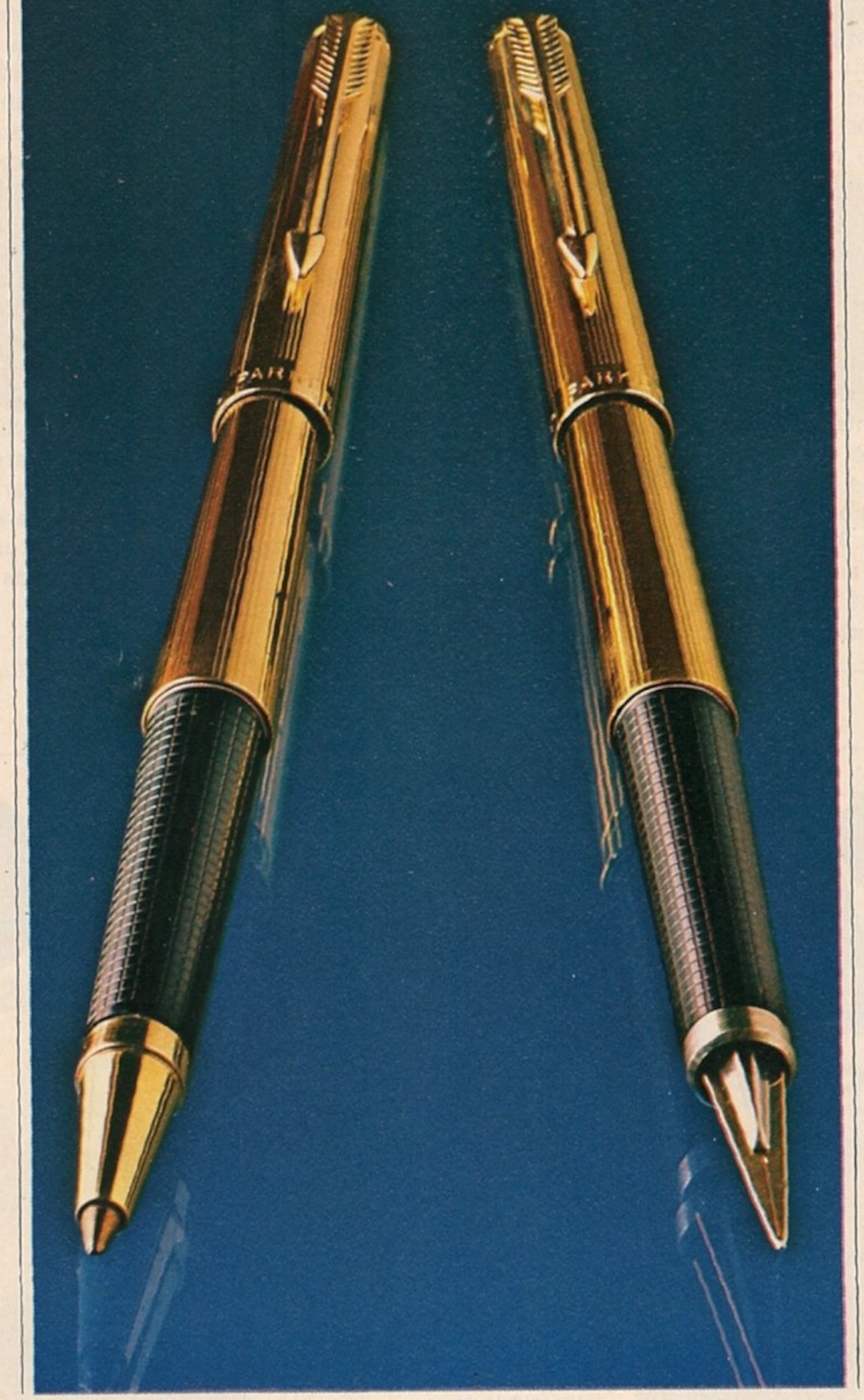


AMPLIFICADOR DE 70 WATTS

PAGODA
QUALIDADE EM SOM

INDÚSTRIA DE PRODUTOS ELETRÔNICOS LTDA.
Av. Rosária, 260 - Fones: 297-0737/297-0877
297-1221 – São Miguel Paulista - São Paulo

À frente do nosso tempo



A classe da caneta-tinteiro, a praticidade da esferográfica, em um só instrumento de escrita: Nova Parker 180. O sistema de cartuchos removíveis torna a Parker 180 quase uma esferográfica de carga líquida. Dois modos de escrita com uma só caneta: traços finos e médios. Com design de linhas espaciais, é o jogo que está à frente do nosso tempo.

PARKER 180

tempo

TRANSAS

Curtições, malandragens e outros papos

O mundo de Playboy

FOTO/TV BANDEIRANTES

FOTO/PAULO ROCHA

Modéstia à parte, PLAYBOY se orgulha de ter apresentado em primeira mão a gauchinha Rosângela Mello, que foi eleita Miss Disco Dance, no concurso promovido pela TV Bandeirantes de São Paulo (foto acima). Ela foi uma das "garotas gaúchas" (à direita) e, na presente edição, apresenta o "show de presentes", (pág. 115).

Wilson Palhares, de PLAYBOY, recebe, sorrindo, o prêmio Telesp de Jornalismo, categoria Economia e Ecologia (no valor de Cr$ 40 mil). À cerimônia, realizada em outubro, em São Paulo, estão presentes (veja a foto) o presidente eleito João Baptista Figueiredo, o futuro governador Paulo Maluf, o atual Paulo Egydio e o presidente da Telesp, Antônio Salles Leite.

FOTO J. FERREIRA DA SILVA

PLAYBOY não poderia faltar à festa dos 70 anos de Angenor de Oliveira, o Cartola, Personalidade do Ano na Música Popular Brasileira, segundo o júri do Prêmio Playboy. Na foto, Cartola recebe PLAYBOY de nosso repórter Fabiano Villanova, em plena quadra da Mangueira, no Rio de Janeiro. O pagode varou a madrugada, com um show monumental de samba.

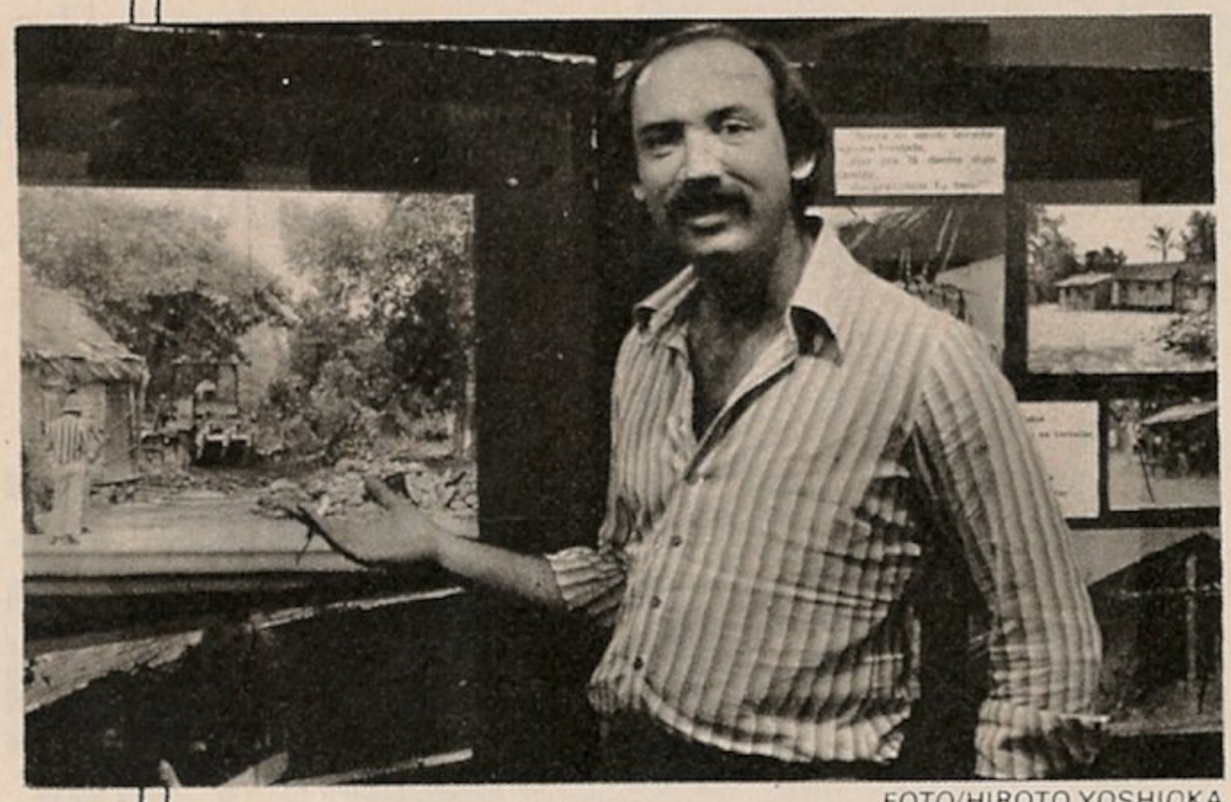
FOTO/TRIX

Como informamos em nossa edição de setembro, **Adele Fátima** (foto), a mulata do Sargentelli que já saiu duas vezes em PLAYBOY, vai ser uma das garotas de James Bond em *007 contra o Foguete da Morte*. As filmagens, aqui no Brasil, vão começar este mês.

FOTO/ADALBERTO DINIZ

Em Cartaz

Um arquiteto cuja maior preocupação é a defesa dos valores da cidade e da natureza está se destacando como presidente do IAB/SP (Instituto de Arquitetos do Brasil): **Pedro Tadei Netto.** Paulista de Lindóia, com 34 anos, formou-se e é professor na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP; sua área específica de atuação é o urbanismo. No IAB, além da defesa do ambiente, ele luta por um melhor mercado de trabalho e por uma definição política de arquiteto. Diz ele: "ao arquiteto compete discutir e afirmar a democracia no plano da habitação, meio ambiente, saneamento, etc."



FOTO/HIROTO YOSHIOKA

"A discoteca é uma festa onde todos se comunicam, um verdadeiro carnaval pop", diz Roberto Lamounier, o maior discotecário do Brasil. Hoje, nome internacionalmente conhecido no setor, ele prepara um show com Alice Cooper, seu "guru e melhor amigo", que vai estrear nos Estados Unidos em janeiro. Idealizador da New York City Discothèque, do Rio, agora ele trabalha exclusivamente para Ricardo Amaral, sobretudo na discoteca Crocodillus, do hotel Rio Othon. Com 28 anos, ele diz que o disc-jóquei tem de ser desde psicólogo até bobo da corte. "Às vezes chego até a parar a música e conversar com Deus."

FOTO/GILSON BARRETO

Defesa do consumidor

Os distribuidores de um filme — só à venda por reembolso postal — chamado *Posições Amorosas*, foram condenados num tribunal londrino por não mostrarem posições suficientes. Um cliente, que havia encomendado uma cópia do filme, ficou decepcionado com sua pouca duração e parco conteúdo. Queixou-se à Agência Britânica de Proteção ao Consumidor e, após este órgão oficial ter examinado o filme, achando que era realmente "decepcionante", o tribunal aplicou uma multa à companhia cinematográfica.

Como poupar o fôlego

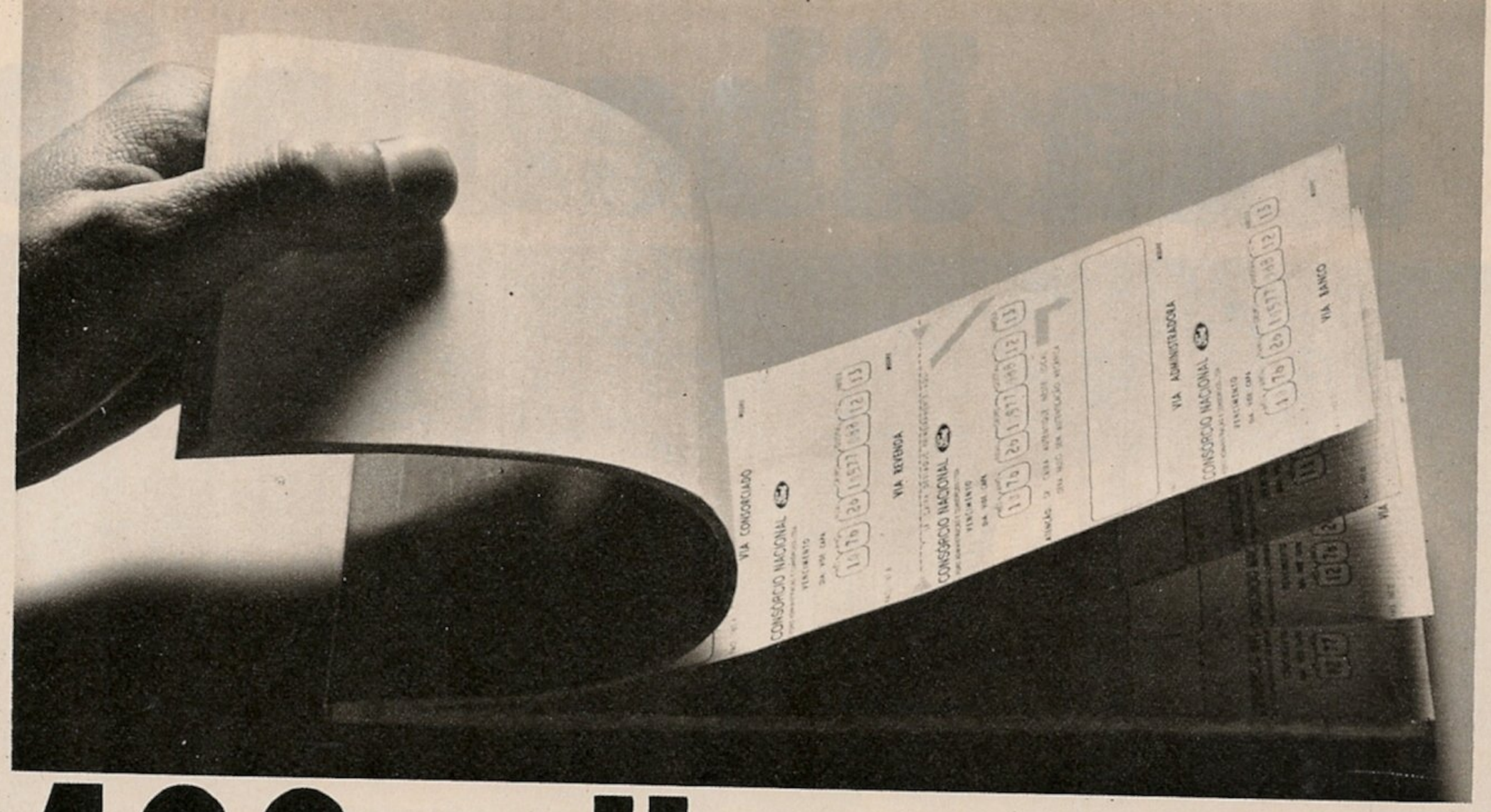
Um brasileiro amigo nosso entrou há dias numa sex-shop de Darmstadt, na Alemanha Ocidental, para ver as novidades. Logo deu de cara com um estranho objeto que parecia uma sanfona pequena, com um tubo anexo. Estava examinando-o, intrigado, imaginando para que serviria aquela coisa esquisita, quando o dono chegou e lhe disse: "Não, isso não é para *qualquer* transa sexual! É um aparelho que serve para inflar nossa boneca plástica especial com vagina extra. Ela serve para poupar o fôlego dos fregueses..."

Castidade à siciliana

Gritos aflitos de dor ecoaram naquela tranqüila rua de Catânia, na Sicília. Como alguém ousava romper o silêncio da hora da sesta — um costume sagrado — dos sicilianos? Os gritos vinham de uma casa e os vizinhos correram até lá, abriram a porta e descobriram uma mulher caída no chão, soltando os gritos. Obra da Máfia? Não. Acontece que ela estava usando um cinto de castidade, colocado por um marido que está viajando. Até aí, nada demais. Só que o cinto, muito apertado, estava machucando a mulher. Levada de ambulância a um serralheiro, ela encontrou o alívio necessário. Só está preocupada com a reação do marido, quando este voltar de sua viagem.

Calças, não; mini, sim

O esquema de segurança do edifício do Tribunal Federal de Recursos, em Brasília, não deixou uma mulher de calça comprida cruzar suas mui dignas portas. Talvez o jeito, para as mulheres, seja imitar a criatividade de uma moça para entrar no prédio do Supremo Tribunal Federal, que tem horror semelhante às calças compridas femininas: ao ser barrada, ela tirou a calça e circulou, muito à vontade, por onde bem quis, vestida apenas com sua bata comprida que virou uma sexy míni-saia.



400 mil pessoas não podem estar erradas.

Quatrocentas mil pessoas é muita gente. Bastante para povoar uma cidade grande. Suficiente para influir em qualquer tipo de decisão, em qualquer lugar do mundo.

Quatrocentas mil pessoas representam uma parcela ponderável de opinião. Capaz de apontar caminhos, registrar uma tendência, ilustrar um comportamento, definir uma questão.

Quatrocentos mil. Este é o número de pessoas que, nos últimos onze anos, elegeram o Consórcio Nacional Ford como o seu consórcio. Não é uma, nem duas, nem mil pessoas. São quatrocentas mil.

Todas avaliaram, pensaram, compararam. E entraram no Consórcio Nacional Ford.

Quatrocentas mil pessoas não podem estar erradas.

CONSÓRCIO NACIONAL Ford

Ford Administração e Consórcios Ltda. Certificados de Autorização da Secretaria da Receita Federal nºs 10/040, 116, 125 e 349.

Sua liberdade

Linha Honda.

começa aqui.

Uma motocicleta para cada temperamento. Dentro dessa filosofia, a Honda criou a primeira linha de motos feita para os dias de hoje: Turuna, CG 125 e 125 ML.

Todas com a mesma qualidade, robustez e beleza, que fizeram o nome Honda respeitado no mundo inteiro.

TURUNA.

A revelação do ano. Olhe como é bonita, dinâmica, moderna. Tem motor mais potente de 4 tempos, 5 marchas, freio a disco, economia e desempenho simplesmente sensacionais.

CG 125.

Acima de tudo, prática e econômica. Com ela você economiza gasolina, estacionamento e tempo.

E como é gostosa de manobrar no trânsito e fácil de estacionar.

125 ML.

Economia modelo luxo. Linhas atualíssimas, ótimo desempenho, acabamento perfeito. Uma grande companheira na cidade e na estrada.

A versatilidade da Honda vai longe.

Sob encomenda, a CG 125 pode ser fornecida em modelos especiais para empresas e para uso policial.

Além disso, a Honda desenvolveu também a Fórmula Honda, exclusiva para competições.

Vamos, escolha a moto certa para o seu temperamento. Finalmente, você tem liberdade para isso.

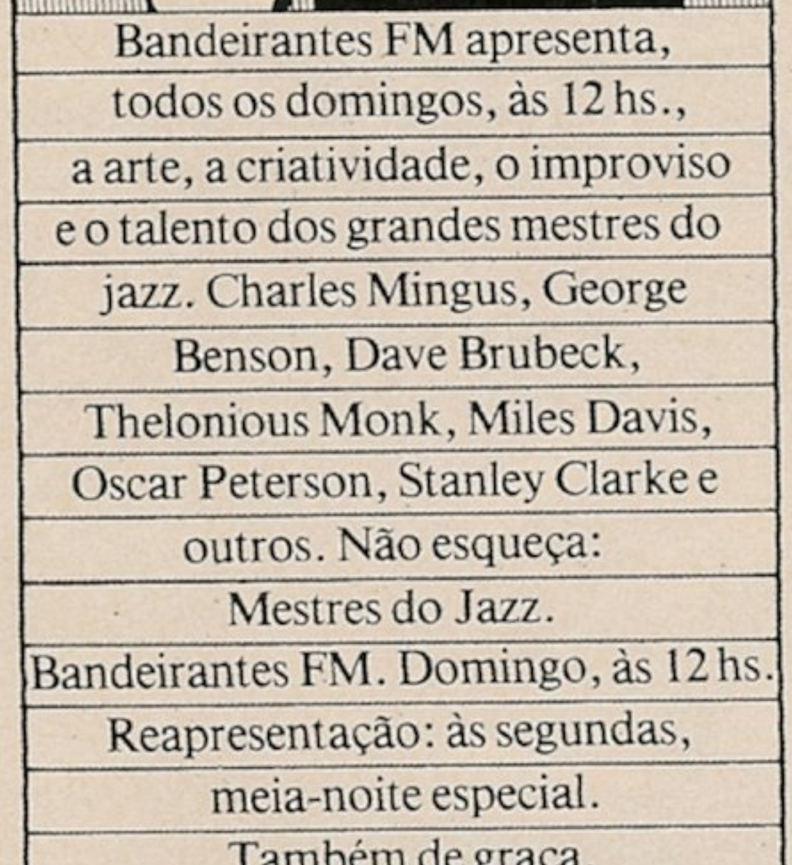
HONDA

Feita para os dias de hoje.

Produzida na Zona Franca de Manaus.

MESTRES DO JAZZ

A CHANCE DE OUVIR MINGUS, BRUBECK, MILES DAVIS E OUTROS MESTRES. DE GRAÇA.



Bandeirantes FM apresenta, todos os domingos, às 12 hs., a arte, a criatividade, o improviso e o talento dos grandes mestres do jazz. Charles Mingus, George Benson, Dave Brubeck, Thelonious Monk, Miles Davis, Oscar Peterson, Stanley Clarke e outros. Não esqueça: Mestres do Jazz. Bandeirantes FM. Domingo, às 12 hs. Reapresentação: às segundas, meia-noite especial. Também de graça.

NPA

BANDEIRANTES-FM

96.1 MHz

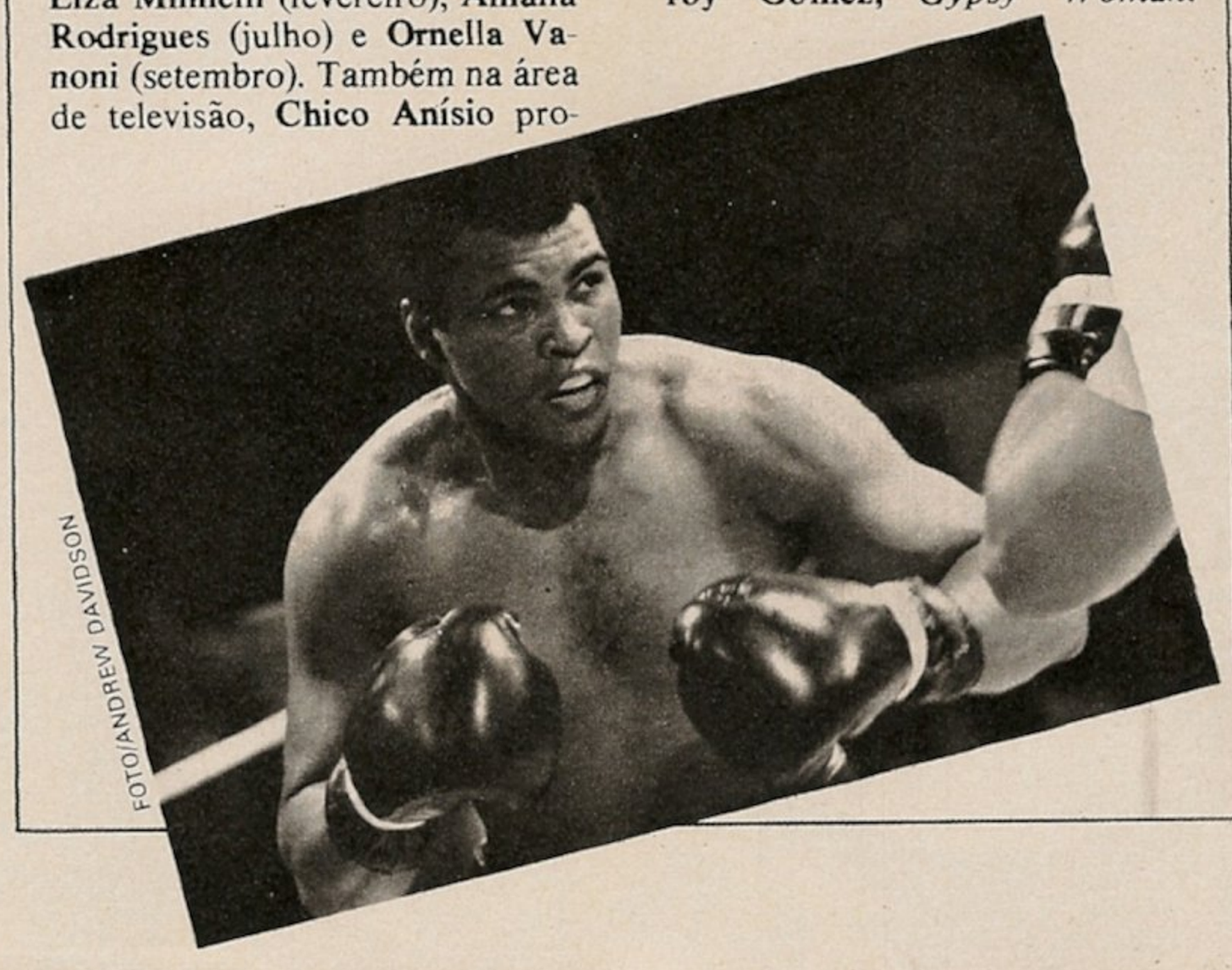
TRANSAS

Cuidado com a poluição

Mais uma razão para a defesa do equilíbrio ecológico: o ar poluído é uma ameaça à potência sexual, diz o dr. Frank Rosen, um perito americano em alergia. Segundo o dr. Rosen, experiências realizadas na Califórnia mostraram que a capacidade da atividade sexual, em diversos tipos de animais, diminuiu muito após serem expostos a gases do escapamento de automóveis. "Não soube de experiências realizadas com seres humanos", diz o doutor. "Mas a possibilidade de que o efeito seja o mesmo existe." Abaixo a poluição!

O quem vem por aí

Muhammad Ali (foto) virá ao Brasil em março para fazer uma das dez lutas de sua despedida do boxe. A luta não será pelo título e quem promove é a Proesa (a mesma empresa que promoveu a partida de tênis entre Bjorn Borg e Adrianò Panatta, em São Paulo). ☆ Falando em televisão, enquanto a TV Globo terá novamente como especial de Natal um programa com **Roberto Carlos** e companhia, a TV Bandeirantes vai fazer um especial com **Chico Buarque de Holanda**, mostrando um trecho da peça *Ópera do Malandro* e a casa de Chico. Por sua vez, a TV Tupi mostrará um especial este mês com **Shirley Mac-Laine** (que adiou sua viagem ao Brasil para janeiro), além de uma programação para 79 que inclui **Liza Minnelli** (fevereiro), **Amália Rodrigues** (julho) e **Ornella Vanoni** (setembro). Também na área de televisão, **Chico Anísio** prometeu três personagens novos (Tetel Meinha, Lord Black e Tadinho) em Chico City no mês que vem. ☆ Também em janeiro, haverá a estréia no Rio de um show-bomba, com **Marlene** e **Emilinha Borba**, dirigidas por **Bibi Ferreira**; em fevereiro, **Liza Minnelli** fará uma série de apresentações no Rio de Janeiro e em São Paulo, da mesma forma que **Gilbert Bécaud** em março, **Shirley Bassey** em maio e **Charles Aznavour** em outubro. Equilibrando a balança de importações, **Gal Costa** irá fazer uma série de shows em Buenos Aires, Mar del Plata e Córdoba. ☆ No disco, acontecerão dois lançamentos de êxito certo, este mês: os LPs de **Donna Summer**, *Live and More* (duplo e ao vivo) e de **Leroy Gomez**, *Gypsy Woman*.



FOTO/ANDREW DAVIDSON

The Good Life.
Um grande Scotch faz parte dela.

Quanto mais você entende de Scotch, mais você gosta de Ballantine's.

Distribuidor exclusivo para todo o Brasil: Interbrands Ind. e Com. Ltda. - Av. Francisco Matarazzo, 843 - Tels.: 62-9841/65-3673/65-2024 - S. Paulo / Filial Rio - Tels.: 243-5065/243-4324/243-2317.

Ballantine's
Superb Scotch Whisky.

forteviron devolve a virilidade da juventude

Pesquisadores da Homeopatia Científica Dr. Waldemiro Pereira desenvolveram novo medicamento que está produzindo excelentes resultados como rejuvenescedor e estimulante sexual, sob o nome de **Forteviron**.

Forteviron, de efeito rápido, atua como regenerador orgânico completo, eliminando o cansaço físico e mental, a indisposição, a impotência e o nervosismo com apenas dois comprimidos diários, ao deitar-se.

Por não ter contra indicações **Forteviron** pode ser tomado por tempo indeterminado.

Peça **Forteviron** hoje mesmo pelo reembolso postal.

DR. WALDEMIRO PEREIRA
HOMEOPATIA CIENTÍFICA

À Homeopatia Científica Dr. Waldemiro Pereira.
Caixa Postal 350 - CEP 80.000 - Curitiba - PR.

Solicito enviarem-me Forteviron para o endereço abaixo.

_____ caixas de Forteviron ao preço unitário de Cr$ 79,50 mais despesas de correio.

NOME _____

ENDEREÇO _____

_____ CEP _____

CIDADE _____ ESTADO _____

ASSINATURA _____

Por aqui você vê o Brasil inteiro.

Quer ver?
Pegue a revista Quatro Rodas e veja os melhores lugares onde passear e passar férias.
Quer conhecê-los?
Quatro Rodas mostra os bons caminhos para você.
Quer saber mais?
Leia a revista

QUATRO RODAS

TRANSAS

A lei do Colt

No Texas, não é culpado de homicídio o homem que mata um outro ao surpreendê-lo na cama com a esposa, mas é homicídio matar também a mulher. Uma recente decisão judicial em Dallas trouxe a discussão esta lei, quando um réu — que matara sua esposa e o "outro" — afirmou ser inocente da acusação de assassínio, já que atirara só no amante de sua mulher, atingindo-a por acaso. O júri absolveu-o, recomendando que, de agora em diante, "os maridos devem disparar seus tiros com maior cuidado"...

Chegou a TV mural

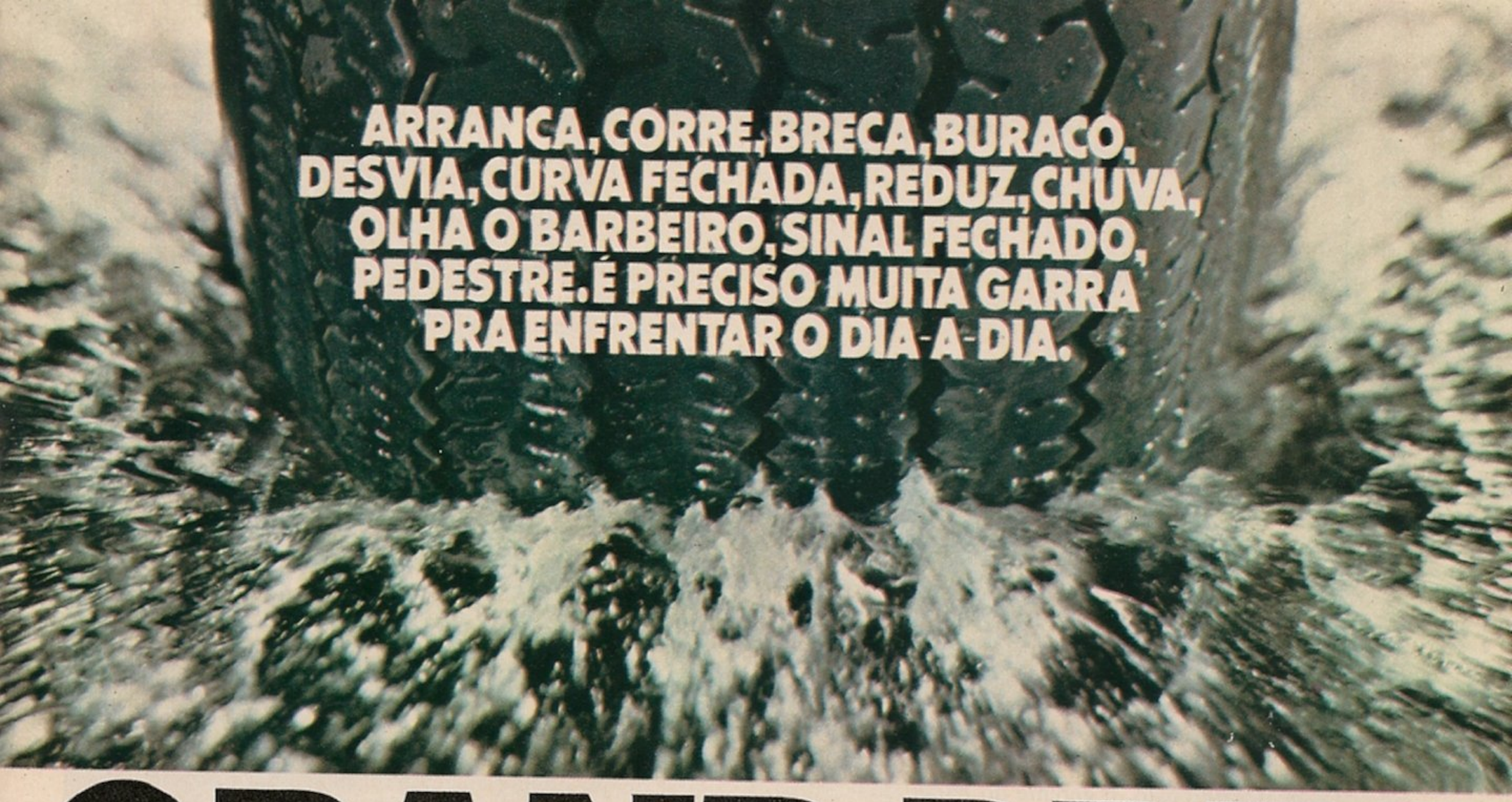
É coisa da indústria eletrônica japonesa: uma TV mural, com 3 cm de espessura, que você pendura na parede como um quadro. Por enquanto, só em branco e preto, mas o modelo em cores está sendo desenvolvido. Também a televisão com dispositivo para receber, ao mesmo tempo, as imagens de dois canais, já está à venda em Tóquio: uma parte da tela, em super-impressão, mostra o outro canal. Com *headphones*, é ótimo para casais que querem ver o futebol e a novela ao mesmo tempo.

Sapatos pelo avesso

Um forte candidato ao prêmio de invenção mais inútil do ano: Cecil Slemp, cidadão americano, que patenteou um par de sapatos com a ponta no calcanhar e o salto nos dedos do pé. A grande utilidade do sapato invertido seria como uma arma secreta para a infantaria. Um batalhão usaria esses sapatos e desnortearia o inimigo, que veria todas as pegadas ao contrário... Apesar dos esforços de Slemp, não há, por ora, notícias de nenhum batalhão que tenha encomendado o tal sapato.

O salvador do time

E, por falar em tiros e violência: a bola passou pelo goleiro e ia entrar no gol, quando Jean-Marc Luchetti puxou sua pistola e disparou. O tiro certeiro "matou" a bola na pequena área, instantaneamente, "eliminando" o perigo de gol. Formou-se uma terrível confusão no estádio e o jogo acabou sendo suspenso. Jean-Marc Luchetti, que assistia ao duro jogo do seu time do coração contra o melhor time da cidade, acabou sendo condenado a três meses de prisão por porte de arma num estádio. Isso aconteceu em Bastia, na Córsega, Itália, — onde, recorde-se, há uma feroz versão da Máfia — a famigerada União Corsa.



GRAND PRIX

Para enfrentar tudo isso, você precisa de mais do que um bom pneu. Você precisa do melhor: radial Grand Prix.

O radial Grand Prix foi criado pela avançada tecnologia Goodyear, para que você consiga o máximo de garra, em qualquer situação.

Mais garra na chuva. Mais garra na hora de parar.

Mais segurança e estabilidade nas curvas. E mais economia, com muita garra por quilômetro rodado.

Troque os pneus do seu carro pela escolha dos campeões. Troque pela garra do radial Grand Prix. No seu revendedor Goodyear.

O RADIAL DE GARRA

GOODYEAR

A escolha dos campeões

AS PIADAS DE PLAYBOY

Quando surpreendeu sua esposa nos braços de seu melhor amigo, aquele marido confessou sua amarga desilusão:

— Nem posso acreditar... você, meu melhor amigo! Eu sim, tenho obrigação. Mas você?

A muito custo, o gerente do banco concordou em receber aquele maltrapilho faminto.

— Em que posso servi-lo?

— Preciso de um financiamento para uma importante invenção minha — disse o homem. — Trata-se de uma pomada: a gente passa no corpo de uma mulher e ela fica com gosto de laranja.

— Ponha-se daqui para fora! — esbravejou o gerente do banco, indignado.

Uns dois anos depois, um elegante cavalheiro entrou no banco e pediu para falar com o gerente. Queria fazer um depósito.

— Tenho a impressão de que já o conheço... — disse o gerente.

— Conhece sim. Estive aqui, há uns dois anos, para lhe pedir um financiamento.

— Ah, agora já lembro. O senhor havia inventado uma pomada. Mas foi com aquela invenção que o senhor enriqueceu?

— Não, aquela não deu certo. Enriqueci com outra invenção: uma pomada que a gente passa numa laranja e ela fica com gosto de mulher.

•

A linda garota foi fazer vestibular de engenharia. Quase não havia estudado e sua única chance é que seu corpo era mesmo maravilhoso. No dia seguinte ela se encontra com uma amiga:

— E então? Deu pra passar?

— Dei.

•

O bar estava cheio de fregueses já cambaleantes quando, de repente, apareceu um ardoroso pregador e começou, aos gritos, a fazer-lhes um violento sermão:

— Arrependei-vos, vis pecadores! Esse líquido pecaminoso que bebeis os levará todos ao inferno! Uni-vos a mim! Todos, dentre vós, que desejarem unir-se a mim na trilha do céu passem para este lado.

Todos, menos um, passaram com ar temeroso para o lado do pregador, que gritou indignado para a ovelha relutante:

— Como? Não queres ir para o Reino dos Céus, irmão?

— Não, não quero ir não — teimou o bebum.

— Então, quando morreres, queres ir para o inferno?

— Ah, é para quando eu morrer? Eu pensei que vocês iam agora...

•

O amigo pediu-lhe emprestada a chave de sua *garçonnière*. Emprestou e, mais tarde, lembrou-se de que havia esquecido de mencionar um detalhe muito importante. Telefonou para lá e o amigo atendeu:

— Desculpe perturbar, Artur. Só quero te avisar que sobre a mesa de cabeceira há um vidrinho de comprimidos...

— Já achei.

— Certo, mas você precisa saber que esses comprimidos são um tremendo afrodisíaco...

— Ah é? Pô, eu já tomei uns quatro!

— Puxa, a dose é um comprimido por semana! Qual o efeito que você já sentiu?

— Tive cinco orgasmos em meia hora!

— Magnífico, Artur! E a garota, o que ela está achando?

— Ela ainda não chegou.

Aquele bem casado marido afirmou ao seu novo colega de escritório:

— Minha esposa é um anjo!

— Você tem sorte — disse o outro. — A minha ainda está viva!

Amanhã cedo você tem que acordar inteiro. Mas não perca o sabor desta noite.

Com Mark One você aproveita a noite. E aproveita a vida. Tudo terá mais sabor.

As pessoas, os locais, os acontecimentos, você mesmo.

O sabor de Mark One - um malte whisky envelhecido até oito anos, com uma rara felicidade. Que você bebe tranqüilo. E bebe porque gosta.

Com Mark One, você terá uma noite muito saborosa para recordar amanhã.

Aproveite. Porque é muito triste acordar lembrando-se de uma noite vazia.

Mark One. O whisky por inteiro.

O importante é ter Charm!

Qualidade Souza Cruz